

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-graduação em Psicologia**

**Margarete Aparecida Amorim**

**O QUE PODE O ESQUIZODRAMA**  
**INOVAÇÕES EM INTERVENÇÕES CLÍNICO-INSTITUCIONAIS:**  
**TRAJETÓRIAS SINGULARES INTENSIVAS**

**BELO HORIZONTE**  
**2023**

**Margarete Aparecida Amorim**

**O QUE PODE O ESQUIZODRAMA  
INOVAÇÕES EM INTERVENÇÕES CLÍNICO-INSTITUCIONAIS:  
TRAJETÓRIAS SINGULARES INTENSIVAS**

Texto elaborado para a defesa de tese do  
Doutorado no Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia da UFMG –  
2017, na área de concentração da  
*Psicologia Social*, sob a Linha de  
Pesquisa *Cultura, Modernidade e  
Processos de Subjetivação*.

**Orientadora: Izabel Christina Friche Passos**

**BELO HORIZONTE  
2023**

150	Amorim, Margarete Aparecida.
A524o	O que pode o esquizodrama inovações em intervenções clínico-institucionais [manuscrito] : trajetórias singulares intensivas / Margarete Aparecida Amorim. - 2023.
2023	230 f. : il.
	Orientadora: Izabel Christina Friche Passos.
	Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1. Psicologia – Teses. 2. Psicologia aplicada - Teses. 3. Psicologia social - Teses. I .Passos, Izabel Christina Friche. II .Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

### ATA DE DEFESA DE TESE DE MARGARETE APARECIDA AMORIM

Realizou-se, no dia 24 de abril de 2023, às 14:00 horas, virtual, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de tese, intitulada *O que pode o esquizodrama? - Inovações em intervenções clínico-institucionais: Trajetórias singulares intensivas*, apresentada por MARGARETE APARECIDA AMORIM, número de registro 2017657667, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). IZABEL CHRISTINA FRICHE IZABEL PASSOS - Orientador (UFMG), Prof(a). Marília Novais da Mata Machado (Universidade Federal de São João Del Rei), Prof(a). Tereza Cristina Peixoto (UFMG), Prof(a). Domenico Uhng Hur (Universidade Federal de Goiás), Prof(a). Saulo Luders Fernandes (Universidade Federal de Alagoas).

A Comissão considerou a tese:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Izabel Christina Friche Passos, Professora do Magistério Superior**, em 26/04/2023, às 14:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tereza Cristina Peixoto, Professora do Magistério Superior**, em 26/04/2023, às 21:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Domenico Uhng Hur, Usuário Externo**, em 28/04/2023, às 10:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marília Novais da Mata Machado, Usuária Externa**, em 25/05/2023, às 15:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Saulo Luders Fernandes, Usuário Externo**, em 29/05/2023, às 18:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2240909** e o código CRC **D9BF94FE**.

## **DEDICATÓRIA**

A Gregorio,  
onde quer que esteja.

**Te perdi**

**no luto (por acaso, masculino)**

**Te (re)encontro**

**na luta (por acaso, feminina)**

**Dentre minhas armas, o que nos**

**uniu – o amor pela vida digna e**

**bela para todos**

**e a força de nossa história.**

## AGRADECIMENTOS

Não chego sozinha  
chego multidão

Agradecer ...

Gesto tão singelo, mas que transborda afetividade, reconhecimento e amor.

“Por tanto amor”:

Vida, “que me ha dado tanto”;

Pacha mama, que acolhe suas filhas e filhos incondicionalmente;

Meu quintal, que me faz florestar diariamente;

Meus netinhos Lhasa, que atualizam em mim a alegria do devir criança;

Linhas flexíveis da UFMG, através da Coordenação de pós-graduação, que me possibilitaram finalizar a tese no tempo que a saúde requeria;

Izabel, orientadora compreensiva e amiga;

Participantes da banca de qualificação – Marília, Tereza e Domenico, pela amizade e ricas considerações, além de aceitarem participar da banca de defesa, à qual Saulo se juntou amorosamente;

Adriana, Renilda, Renata, Margô e Sônia, que auxiliam no meu dia a dia;

Lucas e Raphael, filhos queridos presentes em todos os momentos de minha vida;

Vovó Margarida e vovó Filinha, meu pai Márcio e meu tio Carlinhos (todos *in memoriam*), com os quais reverencio minha ancestralidade;

Encantados, tão amados a me rodear e inspirar sempre;

Doce mãe Irene;

Lena, Miriam, Bolão, Kaká, Marcinho, irmãos solidários e amigos;

Coletivos do Instituto Gregorio Baremlitt com os quais continuo compondo novos mundos;

Pacientes e agentes das organizações com os quais realizo conexões amorosas de trocas e aprendo sempre;

Amigas e amigos, em especial a Jorge Bichuetti (1960-2022) *in memoriam*, pelo aconchego, acolhida e cuidado,

Amigas e amigos que estiveram bem junto de mim, em momentos diferentes, no processo de elaboração da tese: Carmen, Fátima, Kazi, Denise, Kelly, Paulo, Guillermo, Eduardo, Mariza e Carlos, Cid, Rogério, Camila, Raquel, Patrícia, Lídia, Antônia, Quinha, Júlia, Flávia, Mar, Irme, Luiz, Hércules e Clara,

Gregorio (1936-2021), eternamente vivo em meu coração e em nossa luta por um mundo digno e mais belo para todos.

## RESUMO

O esquizodrama é uma proposta de intervenção clínico-institucional criada por Gregorio Barenblitt na década de 1970, na Argentina, e que vem se desenvolvendo até os dias de hoje, através de seu criador e colaboradores, especialmente no Brasil. O presente trabalho é uma investigação sobre o que o esquizodrama traz de inovações e em que elas consistem, examinando-o em sua produção teórica (*esquizodremas*, conceitos), metodológica (prescrições) e técnica (*klinicas*). Pesquisa as contribuições que o esquizodrama pode fazer às intervenções clínico-institucionais da psicologia e de saberes/fazeres afins, que se preocupam com as transformações psicossociodinâmicas – macro e micropolíticas. Trata também de pinçar – de diferentes tipos de vicissitudes/registros (memórias, relatos, vídeos etc), experiências/vivências/casos individuais, grupais e coletivos de intervenções clínico-institucionais esquizodramáticas – “o que pode” o esquizodrama no que diz respeito à construção de uma prática teórica, metodológica e técnica (*klinicas*), bem como de suas relações com outros saberes e fazeres, especialmente a esquizoanálise.

Palavras-chave: esquizodrama; intervenção psicossocial; psicologia social; esquizoanálise.

## ABSTRACT

Schizodrama is a proposal for clinical-institutional intervention created by Gregorio Barenblitt in the 1970s, in Argentina, and which has been developing until today, through its creator and collaborators, especially in Brazil. The present work is an investigation on schizodrama's breakthroughs, examining its theoretical production (*schizodremas*, concepts), methodology (prescriptions) and techniques (*klinics*). It is a research on the contributions that schizodrama can make to clinical-institutional interventions from Psychology and related knowings/makings concerned with psycho-socio-dynamic transformations – Macro/micropolitics. It is about “pinching” – from different types of vicissitudes/records (memories, reports, videos etc), individual, groupal and collective experiences/cases of schizodramatic clinic-institutional interventions – “what can schizodrama make”, regarding the construction of a theoretical, methodological and technical practice (*klinics*), as well as its relations to other knowledge and practices, especially Schizoanalysis.

Keywords: schizodrama; psychosocial intervention; social psychology; schizoanalysis.



## RESUMEN

Esquizodrama es una propuesta de intervención clínico-institucional creada por Gregorio Baremlitt en la década de 1970, en Argentina, y que se ha venido desarrollando hasta nuestros días, a través de su creador y colaboradores, especialmente en Brasil. El presente trabajo es una investigación sobre lo que el esquizodrama aporta de las innovaciones y en qué consisten, examinándolo en su producción teórica (*esquizodremas*, conceptos), metodológica (prescripciones) y técnica (*klínicas*). Investiga las contribuciones que el esquizodrama puede hacer a las intervenciones clínico-institucionales de la psicología y los conocimientos/acciones relacionados, que se ocupan de las transformaciones psicosociodinámicas – macro y micropolítica. También se trata de pellizcar – de diferentes tipos de vicisitudes/registros (memorias, informes, videos, etc), experiencias/vivencias/casos individuales, grupales y colectivas de intervenciones clínico-institucionales esquizodramáticas – “lo que puede” el esquizodrama con respecto a la construcción de una práctica teórica, metodológica y técnica (klínicas), así como sus relaciones con otros conocimientos y acciones, especialmente con el esquizoanálisis.

Palabras clave: esquizodrama; intervención psicossocial; psicología social; esquizoanálisis.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 CONTEXTO HISTÓRICO – A DIMENSÃO ÉTICO-POLÍTICO-ESTÉTICA E O DEVIR CLANDESTINO DO ESQUIZODRAMA .....	18
1.1 O CONTEXTO HISTÓRICO POLÍTICO DA ARGENTINA .....	19
1.2 UM PANORAMA DA SAÚDE MENTAL NA ARGENTINA E O SURGIMENTO DO ESQUIZODRAMA .....	22
1.3 O CONTEXTO HISTÓRICO POLÍTICO DO BRASIL .....	26
1.4 UM PANORAMA DA SAÚDE MENTAL NO BRASIL E O DESENVOLVIMENTO DO ESQUIZODRAMA .....	30
1.4.1 O esquizodrama na atualidade .....	34
2 O QUE PODE O ESQUIZODRAMA, ENQUANTO TEORIA, MÉTODO E TÉCNICA/KLÍNICAS? .....	38
2.1 ENSAIO DE DEFINIÇÃO DE ALGUNS ESQUIZODREMAS DO ESQUIZODRAMA .....	58
2.2 ENSAIO SOBRE O EXERCÍCIO DO MÉTODO E DAS TÉCNICAS/KLÍNICAS .....	69
3 O QUE PODE O ESQUIZODRAMA NA PESQUISA.....	76
3.1 UMA PESQUISA RIZOMÁTICA .....	78
3.2 PESQUISA CARTOGRÁFICA .....	81
3.3 A PESQUISA-INTERVENÇÃO.....	83
3.4 A PESQUISA ESQUIZODRAMÁTICA .....	85
4 O QUE PODE O ESQUIZODRAMA NA EDUCAÇÃO? .....	106
4.1 O ESQUIZODRAMA NA SALA DE AULA – NASCE A PEDAGOGIA KLÍNICA OU O ESQUIZODRAMA NA EDUCAÇÃO .....	107
4.2 NA SALA DE AULA – ESQUIZODRAMA E AUTOGESTÃO PEDAGÓGICA .....	113
4.3 AS TRANSFORMAÇÕES/POTENCIALIZAÇÃO DOS CURSOS DO IGB A PARTIR DESTA PESQUISA-INTERVENÇÃO .....	117
4.4 PROLIFERAÇÃO DO ESQUIZODRAMA NA EDUCAÇÃO – POTENCIALIZANDO CONEXÕES.....	124
5 O QUE PODE O ESQUIZODRAMA NAS INTERVENÇÕES CLÍNICO-INSTITUCIONAIS .....	127
5.1 CONTORÇÃO DA DEMANDA .....	128

5.2 O QUE PODEM AS PERIPÉCIAS DO CAMINHAR ... A POTENCIALIZAÇÃO DE DISPOSITIVOS .....	134
5.3 O QUE PODE O ESQUIZODRAMA NA PRODUÇÃO DE NOVOS DISPOSITIVOS DE INTERVENÇÃO – A ABORDAGEM TRANSDIMENSIONAL .....	140
5.4 O ESQUIZODRAMA NA POLÍTICA DE SAÚDE MENTAL – A DIMENSÃO POLÍTICA NO CUIDADO DA EQUIPE .....	145
5.5 A DIMENSÃO ÉTICO-POLÍTICO-ESTÉTICA DO ESQUIZODRAMA NO CAPS MARIA BONECA.....	148
5.6 O ESQUIZODRAMA NA CRISE E NA VOZ DOS USUÁRIOS DO CAPS MARIA BONECA.....	152
5.7 O CUIDADO INDIVIDUAL NO ESQUIZODRAMA GRUPAL NO CAPS MARIA BONECA.....	154
6 TRANSCLUSÕES – O DEVIR DE UMA VIDA ESQUIZODRAMÁTICA.....	155
6.1 SIM, EU ACREDITO EM BOTOS ROSA! HÁ QUE SE TER UMA UTOPIA – ATIVA!.....	156
6.2 UM NOVO AMANHECER! MICRO-POLÍTICAS COTIDIANAS! .....	158
6.3 DEVIR CUNHATÃS E CURUMINS, DEVIR GUERREIRAS E GUERREIROS... ..	163
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	171
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS .....	178
ANEXOS .....	180
ANEXO 1: Primeiro simpósio Internacional de Psicanálise Grupos e Instituições .	180
ANEXO 2: Programas das imersões Formação de esquizodramatistas.....	187
ANEXO 3: Imersões Formação de Esquizodramatistas presencial e on-line.....	212
a) Imersão Formação de esquizodramatistas on-line .....	212
a.1) Convidados Imersão Formação de esquizodramatistas on-line.....	217
b) Imersão Formação de Esquizodramatistas presencial .....	220
ANEXO 4: Caps Maria Boneca – Fundação Gregorio F. Baremlitt .....	225
ANEXO 5: Memórias Sempre Vivas.....	228

## INTRODUÇÃO

Eis por que Espinosa lança um verdadeiro grito: não sabeis antecipadamente o que pode um corpo ou uma alma, num encontro, num agenciamento, numa combinação. (Deleuze, 2002, p. 130)

Além de expressão artística, intervenção psicoterápica e ação política, o esquizodrama é também uma proposta de intervenção clínico-institucional “disparada” por Gregorio Barenblitt na década de 1970 (Barenblitt, 2019), na Argentina, e que vem se desenvolvendo até os dias de hoje, através de seu criador e colaboradores, especialmente no Brasil. Está constituído de uma ética, uma estética e uma política, e de uma produção teórica, metodológica e técnica/*clínicas*<sup>1</sup> próprias.

O presente trabalho é uma investigação sobre o que o esquizodrama traz de inovações e em que elas consistem, examinando-o em sua produção teórica (*esquizodremas*<sup>2</sup>), metodológica (prescrições) e técnica (clínicas). Pesquisa as contribuições que o esquizodrama pode fazer às intervenções clínico-institucionais da psicologia e de saberes/fazeres afins, que se preocupam com as transformações psicossociodinâmicas – macro/micropolíticas (Kazi, 2004). Ilustro esse propósito, parafraseando a célebre frase de Espinosa – “não sabemos o que pode um corpo...” (Espinosa, *apud* Deleuze, 2002, p. 23) e interrogo: O que pode o esquizodrama?

Espinosa propôs aos filósofos, como crítica à consciência, o corpo como modelo. Para ele, o corpo está definido por duas proposições: uma cinética e outra dinâmica. Na primeira, o corpo está constituído por uma infinidade de partículas que se articulam por movimento e repouso, velocidades e lentidões, o que lhe confere sua individualidade. Na segunda, é a capacidade de afetar e ser afetado por outros corpos que confere a individualidade de um corpo. Não são as formas ou as funções que vão interessar, mas as relações, a imanência de composições diferenciais complexas de velocidades e afetações que constituirão essas individualidades (Espinosa, *apud* Deleuze, 2002, p. 128).

Inspirada na proposta espinosana e tomando o corpo como modelo (segundo esta proposta, não sabemos o que pode um corpo) para pensar o esquizodrama, constato que existem infinitas possibilidades de enunciar as potências e efeitos desse

---

<sup>1</sup> *Klínicas* são os dispositivos de intervenção do esquizodrama (Barenblitt, 2019).

<sup>2</sup> *Esquizodremas* são unidades de significação e sentido inventadas e articuladas pelo esquizodrama (Barenblitt, 2019).

“corpo”/esquizodrama, sendo este texto apenas uma delas, que aspira a uma singularidade.

Início uma incursão por esse “corpo” do esquizodrama, cuja abordagem discursiva o *multiplicita*<sup>3</sup> e o (des)dobra em vários outros corpos. Como método de investigação, tomo a invenção de encontros, agenciamentos e combinações intersticiais. Segundo Deleuze, para Espinosa, o método “não visa a nos fazer conhecer alguma coisa, mas a nos fazer compreender a nossa potência de conhecer” (Espinosa, *apud* Deleuze, 2002, p. 90). Cabe então a pergunta: O que pode minha potência de conhecer o esquizodrama? Para Espinosa a potência (*potentia*) é ato, é ativa, e é inseparável do poder (*potestas*) de ser afetado (Espinosa, *apud* Deleuze, 2002, p. 103). Importa saber, portanto, como afeto ou sou afetada e como afetam e são afetados os demais personagens/corpos presentes na investigação/experimentação do esquizodrama e como construir um plano de consistência em que caibam tais corpos e suas composições. O modo como será construído, em que consistirá e como instalar-se nesse plano “implica um modo de vida, uma maneira de viver” (Espinosa, *apud* Deleuze, 2002, p. 127) e, conseqüentemente, uma maneira de pesquisar. Trata-se de fazer um mapa das peripécias e um registro ou vicissitudes das composições e decomposições desses corpos (Baremlitt, 2019).

Ou seja, trata-se de pinçar – de diferentes tipos de vicissitudes/registros (memórias, encontros, relatos, vídeos etc), experiências/vivências/casos grupais e coletivos de intervenções clínico-institucionais esquizodramáticas – “o que pode” o esquizodrama no que diz respeito à construção de uma prática teórica, metodológica e técnica (clínicas), bem como de suas relações com outros saberes e fazeres, especialmente a esquizoanálise.

Ao constituir esse plano, inauguro um novo tempo, do “presente vivo” – “o único tempo dos corpos e estados de coisas é o presente. Pois o presente vivo é a extensão temporal que acompanha o ato, que exprime e mede a ação do agente” (Deleuze, 1988, p. 126), onde o passado e o futuro se contraem na síntese que “incide sobre a repetição dos instantes” (Deleuze, 1988, p. 128).

Ou seja, desejo que tais experiências/casos “pinçados”, ou melhor, tais instantes vividos, se atualizem, não como memórias descritivas do passado, mas como novas

---

<sup>3</sup> Multiplicitar é repetir como diferença os elementos molares e moleculares em que predominam os aspectos realiteritários (Baremlitt, 2019).

experiências/casos, sínteses dos instantes precedentes retidos na “contração”, tornando-se “dimensões do próprio presente” (Deleuze, 1988, p. 128). Dito de outro modo, trata-se de constituir-se um outro tempo – o tempo do virtual, do acontecimento, da diferença (Pelbart, 1998).

A ideia de uma tal trama temporal é insana. Afirmar concomitantemente todos os tempos, afirmar num mesmo mundo todos os mundos possíveis, mesmo e sobretudo os impossíveis que Deus repartiu em mundos diferentes... É onde o filósofo beira o delírio. Já não se trata de uma mera sucessão de sonhos, mas de uma bizarra arquitetura do tempo, labiríntica, turbulenta, caótica... Imagem de tempo que não corresponde apenas ao caos fantasioso de nosso sentido íntimo ou psicológico, mas também ao da natureza, da história, do clima... A policronia que o pensamento não cessa de perseguir é igualmente aquilo que não cessa de obsedar a própria vida do pensamento. (Pelbart, 1998, p. XVIII)

A pertinência que atribuo a essa pesquisa é o fato de não existirem muitos registros dessas experiências, e os estudos teóricos e metodológicos dos vários casos/vivências/experiências presentes nessas atuações, capazes de dar maior fundamentação a essa prática, são incipientes.<sup>4</sup> A meu ver, essa fundamentação pode possibilitar a ampliação do uso do esquizodrama por profissionais da área clínica (individual e grupal) e da área de intervenções clínico-institucionais, sendo esta última o objetivo primeiro do presente trabalho.

As perguntas disparadoras e emergidas nessa investigação foram as seguintes:

- Qual a concepção do esquizodrama sobre os processos de subjetivância e de intervenção psicossocial e que contribuições ele traz com relação aos mesmos?
- O esquizodrama tem inovações teóricas, de método e técnica? E quais são elas?
- Pode-se falar de uma pesquisa esquizodramática?
- Em que o esquizodrama se diferencia e o que resgata em sua referência a algumas modalidades de intervenção, como a esquizoanálise e a análise institucional, ou outras?

Dessa forma, neste estudo serão pesquisadas as contribuições e inovações do esquizodrama, em especial com relação à esquizoanálise, bem como sua produção de novos conceitos, invenções e criações. Nos primórdios de seu desenvolvimento, seu próprio inventor diz que o esquizodrama é uma modalidade de intervenção esquizoanalítica (Baremlitt, 1998). Mas, no transcurso desta pesquisa, ao debruçar-me

---

<sup>4</sup> Em sua maioria, tais estudos foram realizados no percurso do desenvolvimento desta tese.

na prática do esquizodrama e nos aportes de diversas fontes, pude constatar a autonomia do esquizodrama com respeito à esquizoanálise, uma vez que esta não é tomada por aquele como único ponto de partida – ou de chegada. Constata-se também que o esquizodrama passou a se valer de toda sorte de recursos suscitados pela capacidade inventiva de sua práxis, trazendo contribuições teórico-metodológico-técnicas(klínicas) que lhe são próprias.

O objetivo do presente trabalho foi, portanto, a partir do exame de textos, gravações, filmagens e experimentações esquizodramáticas em diferentes campos, pesquisar as possíveis proliferações e transmutações teóricas, metodológicas e técnicas dessa nova práxis, elaborando “pistas” para novas investigações e produções de modos de intervir – desejantes, produtivos, inventivos e libertários, capazes de produzir formas singulares de individuação e subjetivação, que transformem radicalmente a realidade vivida.

Ao longo de trinta anos, como companheira e colaboradora de Baremlitt e ao lado de muitos outros colaboradores, participei/participamos juntos, em termos teóricos, metodológicos e técnico-klínicos, ajudando seu criador na produção do esquizodrama, bem como na reflexão sobre o mesmo. A essa reflexão veio se somar a experiência que acumulei nesse período, mediante:

- dezenas de intervenções institucionais que realizei em organizações/estabelecimentos tanto públicos como privados;
- a coordenação e docência em onze cursos de pós graduação *latu senso* de “Análise institucional, esquizoanálise e esquizodrama: clínica de indivíduos, grupos, organizações e movimentos sociais” e em cursos livres;
- a organização de cinco congressos e vários eventos sobre o esquizodrama (como também sobre esquizoanálise, análise institucional e práticas afins)
- e meus 40 anos de clínica psicoterápica (30 deles, experimentando a clínica esquizodramática).

Essas peripécias me permitiram testemunhar a potência inventiva inerente à sua experimentação, assim como perceber as questões a serem investigadas e que propiciou a invenção deste percurso-tese, e que considero como parte de meu fazer/devir esquizodramático.

Tais peripécias foram se transformando em capítulos (incluindo a introdução) que funcionam como platôs, entendendo cada um “como uma superfície, cujo conjunto aberto constitui uma ‘mil folhas’ ou plano de multiplicidades intensivas que se transversalizam e são imanentes aos demais” (Amorim, 2008).

No primeiro capítulo, faço uma apresentação do esquizodrama desde sua origem até os dias atuais, a partir de minha própria perspectiva. Trago uma contextualização histórica mais ampla, desde quando o esquizodrama foi criado, caminhando até os dias atuais, considerando como ele foi dialogando com os acontecimentos de seu tempo.

No segundo capítulo, faço um percurso pelas principais bases teórico-metodológico-técnicas do esquizodrama e por algumas implicadas em sua constituição, em especial a esquizoanálise, nas quais fui buscar inspiração. Procurei investigar as reformulações que tais bases sofreram, à medida que o esquizodrama foi delas se apropriando e as experienciando, não somente no campo de onde foram tiradas, como em suas práticas clínicas.

Esse processo não consiste apenas em descrever tais temas, mas em render-se, através da escrita do presente texto (assim como de recentes publicações das quais participei), aos fluxos inventivos que podem reformular e agregar novas contribuições a essa práxis. Dito de outro modo, faz parte da metodologia esquizodramática desta tese (capítulo 3), colocar-se aberta às potências de composição teórico-metodológico-técnica presentes no caminho que se percorre ao (re)encontrar as diferentes experiências investigadas.

Nesse sentido, procurei ser profundamente fiel a esses fluxos e “não atrapalhar” (Guattari, 1981, p. 139) o modo como se ia constituindo essa individuação-escrita, ou seja, procurei “liberar os fluxos, ir longe no artifício, cada vez mais” (Guattari, 1981, p. 143).

O terceiro capítulo trata da emergência, “descoberta/invenção” e conceituação do processo singular de se inventar um modo esquizodramático de fazer pesquisa, além de exemplificar, a partir da experiência do fazer desta tese, uma das possibilidades de como pode ser – ou melhor, devir – uma pesquisa esquizodramática. No início, meu projeto de doutorado tinha a proposta de ser uma pesquisa-intervenção cartográfica. Mas, da formulação/aprovação do projeto até o desenvolvimento da escrita da tese, dois anos se passaram, tempo em que pude estudar e investigar mais a respeito. Dessa maneira,



constatando limitações na forma de investigação, tive que inventar uma outra, que considereis esquizodramática e na qual a escrita passou a fluir e se tornar mais clara.

Caso pudéssemos imaginar uma *epistemologia da descoberta*, ela nos levaria, talvez, às construções teóricas referentes à invenção e à reinvenção. Se, na ciência moderna, descobrir é responder às perguntas, a reinvenção da ciência nos traria a ideia de que responder é inventar e de que inventar, por sua vez, é permanentemente reinventar. (Hissa, 2019, p. 31)

Ainda no terceiro capítulo, explico como isso se deu e fundamento essa “descoberta/invenção/reinvenção”, bem como investigo, através dessa experimentação de escrita, sua legitimidade ou não. Para isso faço um percurso sobre algumas metodologias de pesquisa de cunho institucional e esquizoanalítico até chegar a essa proposta.

O quarto e quinto capítulos tratam da investigação realizada em diversos tipos de intervenção esquizodramática, a partir de memórias atualizadas, fotos, vídeos e relatos/depoimentos de coordenadores e participantes de intervenções clínico-institucionais, entre os quais me incluo. Por se constituir no campo de mais registros e experimentações, e por sua importância no desenvolvimento do esquizodrama, a educação mereceu um capítulo à parte, o quarto. Já o quinto tem como base as intervenções realizadas no campo das Políticas Públicas relacionadas aos Direitos da Criança e do Adolescente e à Saúde Mental.

O sexto e último capítulo propõe uma reflexão sobre o percurso realizado, na perspectiva de um passeio por todo o processo de implicação/metamorfose da autora, à medida que realizava tal percurso. Trata-se não de conclusões, mas de *transclusões* – um *intermezzo* (Muylaert, 2000) de onde se espera que o leitor possa eleger linhas prováveis para um percurso singular, construir suas pontes, proliferações e possa avaliar o quanto a tese conseguiu seu objetivo esquizodramático, ou seja, mutativo, desterritorializante e agregador de novidades e potências às práticas da psicologia e à atualização da sociedade que desejamos.

Trata-se de ativar micropolíticas produtivo-desejantes revolucionárias que militam para atualizar virtualidades que metamorfoseiem os panoramas das relações entre o *real*, o *possível* e o *impossível*... o *virtual* e o *atual*, novas *dobras*, *desdobras* e *redobras*, em cujo conteúdo prevalece não apenas o *pensamento do fora*, senão, “*parte*” da *infinita variedade de fluxos e partículas do fora*, novas *nômadadas nômadades*, novos territórios existenciais e universos de valores, novos modos de devir e semiotizar (de “ser, de existir e de exprimir”). (Baremlitt, 2019, p. 7)

Em síntese, constituíram objetivos deste trabalho:

1. Ampliar o arsenal teórico e metodológico de intervenções clínico-institucionais das práticas psi;

2. Investigar e aprofundar teoricamente as diversas práticas que compõem o esquizodrama;
3. Contribuir com a publicação de algumas intervenções clínico-institucionais e
4. Pesquisar as diferenças e contribuições entre esquizoanálise e esquizodrama.

## **1 CONTEXTO HISTÓRICO – A DIMENSÃO ÉTICO-POLÍTICO-ESTÉTICA E O DEVIR CLANDESTINO DO ESQUIZODRAMA**

Aos que, não estudando seu passado, estão fadados a repetir os mesmos erros.  
(Dreifuss, 1981, dedicatória)

Começarei meu passeio esquizodramático dramatizando – no sentido de se abrir às des/reterritorializações das afetações/fluxos/peripécias/vicissitudes – a atmosfera e o percurso do esquizodrama, desde seu surgimento até os dias de hoje.

O esquizodrama foi “disparado” (Baremlitt, 2019) por Gregorio Baremlitt em 1973 na Argentina, a partir de um trabalho grupal com célebres amigos, realizado na clandestinidade e resistência política, em um dos períodos mais escuros da América Latina, quando era proibido agrupar-se. E vai eclodir com mais potência a partir da década de 1990, no Brasil, período em que participei e participo ativamente até os dias atuais.

Historiar o surgimento e desenvolvimento do esquizodrama pode ter várias entradas e percursos. Escolho o das peripécias e vicissitudes que destacam os acontecimentos que mais me afetaram e que ainda me afetam, tanto ao ouvir relatos do próprio autor ou de amigos e colaboradores participantes dessa história – como Gregorio Kazi, Eduardo Losciser, Alfredo Martin e Antonio Lanceti (argentinos que tiveram que se exilar no Brasil e que tiveram participação ativa na prática *psi* da Argentina e do Brasil) – como em sua mescla com a narrativa da minha própria experiência e implicação, considerando os reflexos da situação que vivemos atualmente no Brasil e no mundo. Agrego a isso, a investigação bibliográfica dessa história.

Historiar é um processo de conhecimento que pretende reconstruir os acontecimentos nos tempos, mas que o faz assumindo que qualquer reconstrução é feita desde uma perspectiva, que qualquer registro inclui os desejos, os interesses, as tendências de quem faz história. (Baremlitt, 1992, p. 37)

Início o percurso pelas vicissitudes da história política da Argentina dessa época, seu impacto na práxis de saúde mental e na vida de Baremlitt, e seus reflexos no processo de

constituição do esquizodrama. Isso porque considero importante ressaltar a dimensão ético-política-estética do esquizodrama, desde suas origens. Nessa época, a “atmosfera” política de Buenos Aires era produto da convergência de uma série de fenômenos, eventos e acontecimentos que foram compondo as condições de possibilidade do surgimento (24 de março de 1976) de uma ditadura feroz que torturou, matou ou fez “desaparecidos” mais de trinta mil pessoas, muitas delas não inclinadas a nenhum tipo de pensamento, publicação ou ativismo de esquerda. Crianças obrigadas a ver pais sendo torturados, ou raptadas para serem apropriadas como botim de guerra pelos militares ou outros segmentos de direita (Ángel et al., 2006), completam a ideia do que significava estabelecer um grupo clandestino para inventar algo repleto de política revolucionária como o esquizodrama.

La desaparición de 30.000 compañeros, las violaciones, el arrancamiento de bebés, las torturas, fusilamientos, los exilios, los campos de exterminio, la infusión de horror a gran parte de la ciudadanía, etc, es una de las dimensiones de la acción criminal de los terroristas argentinos, aliados obsecuentes de los terroristas del imperialismo, que se articula directamente a la consumación del proyecto económico del neoliberalismo. (Kazi, Luciaro & Baremlitt, 2006, p. 174)

Em seguida, continuo esse percurso pelo exílio de Baremlitt no Brasil, o contexto político e da saúde mental no país nessa época e sua influência no desenvolvimento e consolidação do esquizodrama.

## 1.1 O CONTEXTO HISTÓRICO POLÍTICO DA ARGENTINA<sup>5</sup>

A história da Argentina é caracterizada por fortes conflitos de poder, reações populares e golpes de Estado. Isto é consequência de uma confluência de acontecimentos que vão, desde a distribuição de terras entre a elite do país, aumentando a desigualdade social; a hipertrofia de Buenos Aires, aumentando o poder central em detrimento das províncias, que se tornaram mais pobres; as relações conflituosas entre patrões e empregados, no desenvolvimento industrial do país, cujas condições de trabalho eram precárias e injustas; a forte aliança entre elite, Forças Armadas e a igreja católica, dentre outros. O país viveu, desde 1930, seis golpes militares de Estado – 1930, 1943, 1955, 1962, 1966 e 1976 – caracterizados pela repressão a todo tipo de manifestação política e cultural de grupos organizados de trabalhadores, estudantes etc. A partir dos golpes de 1966 (momento em que assume como presidente o general Juan Carlos Onganía) até 1976 (momento em que assume o poder o general Jorge Rafael Videla) instituiu-se o modelo de Estado burocrático

---

<sup>5</sup> Neste subcapítulo e no seguinte, fiz uso, além das consultas bibliográficas, de conversas pessoais com dois participantes ativos dessa história, Gregorio Kazi e Gregorio Baremlitt.

autoritário. Em 24 de março de 1976, por meio de um golpe militar e a deposição da então presidenta da República María Estela Martínez de Perón (Isabelita Perón), inicia-se o que os militares denominaram de “Processo de Reorganização Nacional”. Esse “Processo” foi conduzido por 4 juntas militares, que tiveram como presidentes, respectivamente, os ditadores Jorge Rafael Videla (1976-1980), Roberto Eduardo Viola (1980-1981), Leopoldo Galtieri (1981-1982) e Reynaldo Bignone (1982-1983). Foi um dos períodos mais sanguinários e perversos da história argentina, quando se aprofundaram as violações dos direitos humanos por meio de um dos mais ferozes terrorismos de Estado – perseguições políticas, prisões, torturas, assassinatos e desaparecimentos de mais de trinta mil pessoas que efetiva, ou supostamente, se opunham a esses governos, invasões e repressões violentas a várias universidades e serviços públicos e privados (Zaffaroni, 2006; Assis, 2019; Vezetti, 2009a).

Tanto o governo de Onganía, como os subsequentes, tiveram o apoio das oligarquias argentinas e a participação ativa do Departamento de Estado dos Estados Unidos, que impulsionou a Operação Condor – fundamentalmente uma aliança entre as ditaduras da Argentina, Brasil, Uruguai, Bolívia, Paraguai e Chile (CNV, 2022) – e forneceu treinamento a militares de diversos países da América Latina, na então criada Escola das Américas, situada no Panamá (Wikipedia, n.d.).

Terrorismo de Estado incompreensible sin la consideración de la complicidad y apoyo de parte de la “población civil”, de los capitalistas, muchos políticos y jueces, los medios masivos de comunicación, la intelectualidad orgánica y funcional a la hegemonía y el apoyo irrestricto del gobierno de los Estados Unidos. (Kazi, Luciaro & Baremlitt, 2006, p. 172)

Nessa escola, os militares tinham acesso às experiências acumuladas e sistematizadas de combate a insurgências, tanto dos americanos (no contexto da Guerra Fria), como dos franceses (que as usaram na intervenção na Argélia) – repressão, tortura, fuzilamento/execução e a configuração de serviços de inteligência (bases do terrorismo de Estado) (Ángel in Ángel *et al.*, 2006). Adicione-se ainda o recrudescimento de formas de exploração de trabalho de prisioneiros, típica da história de violação de direitos humanos que visa, de distintas formas, a coisificação e desvalorização da vida.

El gobierno de Videla llegó a establecer la esclavitud. A tal punto eran esclavos los prisioneros clandestinos que se podía disponer a voluntad de su capacidad laboral, de sus cuerpos y sus vidas. A tal punto que los hijos que nacían en cautiverio nacían esclavos y se podía disponer de ellos. (Ferla, 1985, p. 155)

Uma das invenções mais cruéis desse período foi a criação da figura do “desaparecido”, um eufemismo para sequestro e execução, como eram tratados pela ditadura os prisioneiros, torturados e mortos, cujos corpos eram eliminados, de forma a

não serem encontrados. Cabe citar uma das declarações históricas de Videla, respondendo à pergunta de um jornalista do Clarín em uma coletiva de imprensa realizada a 14 de dezembro de 1979:

...frente al desaparecido en tanto éste como tal, es una incógnita el desaparecido. Si el hombre apareciera, tendría un tratamiento X. Si la aparición se convirtiera en certeza de su fallecimiento, tiene un tratamiento Z. Pero mientras sea desaparecido no puede tener un tratamiento especial, es una incógnita, es un desaparecido, no tiene entidad. No está ni muerto ni vivo, está desaparecido...<sup>6</sup>

A insatisfação, mobilização e resistência popular à situação do país já vinha desde a década de 1930, o que levou, inclusive, à realização de eleições que levaram ao poder, em 1946, um dos representantes que se destacava em defesa das pautas sociais, Juan Domingo Perón – reeleito em 1951 (e deposto por um golpe de Estado, em 1955) e em 1973. Este governou até 1974, quando seu mandato foi interrompido pelo seu falecimento, sendo substituído por sua esposa e vice-presidente, Isabelita Perón, destituída em 1976 pelo golpe militar. A força das ideias de Perón fez surgir um grande movimento político, nacionalista e populista: o peronismo e o Partido Justicialista. Em seus sucessivos mandatos, pode-se ver algum desenvolvimento e afrouxamento das repressões. Aqui, o que mais nos interessa foi o fortalecimento das estruturas sindicais, do campo educacional, cultural e de saúde, inspirado em valores humanistas e marxistas.

Esse fortalecimento e a presença e atuação cada vez mais forte da resistência popular foi um importante fator no enfraquecimento das ditaduras vigentes (1976-1983). Dentre as várias manifestações populares destaca-se, em 1969, o *Rosarioazo* (na cidade de Rosario) e o *Cordobazo* (na cidade de Córdoba), realizadas por estudantes, trabalhadores, sindicatos e a população em geral, insatisfeitos com a ditadura, a violência e a crise econômica dela decorrentes (Assis, 2019). Outro tipo de manifestação são os movimentos guerrilheiros (principalmente os peronistas montoneros e o Exército Revolucionário do Povo – ERP, com facções marxistas-leninistas, guevaristas e trotskistas). A pressão popular aumenta com o fracasso da Guerra das Malvinas e a emergência de um novo ator social, as organizações de direitos humanos. Dentre elas, a organização das *Madres de la Plaza de Mayo* (1977) que, até a atualidade, clamam pela volta de seus filhos desaparecidos:

Aprendí “aparición con vida”. Las palabras que elegían las Madres no eran cualquier palabra. Eran palabras irrenunciables. Eran palabras portadoras de sentido y creadoras de realidad. “Aparición con vida” era eso, no había sinónimo posible. Cualquier otra forma de decir, era decir otra cosa. Era claudicar, era entregarse y entregar a los 30.000. (Kogan, 2006, p. 23)

---

<sup>6</sup> <http://tapas.clarin.com/tapa.html#19791219>

## 1.2 UM PANORAMA DA SAÚDE MENTAL NA ARGENTINA E O SURGIMENTO DO ESQUIZODRAMA

O desenvolvimento da saúde mental na Argentina sofreu as consequências dessa atmosfera de repressão, que só não foi capaz de impedir alguns de seus avanços graças à luta e resistência de seus protagonistas e militantes. Com o predomínio da lógica manicomial (Vezetti, 1985), as intervenções militares opunham-se frontalmente a quaisquer inovações contrárias a essa lógica que, no geral, eram consideradas subversivas. Assim também eram considerados seus protagonistas, agentes ativos de resistência e, por isso, muitos deles perseguidos, torturados, desaparecidos ou foragidos, tendo que exilar-se em diferentes países, entre os quais o Brasil (Assis & Oliveira, 2010).

Nos pequenos intervalos de governos democratas, antes de sofrerem golpes militares e serem destituídos, é notável a emergência de avanços progressistas no campo da saúde mental, tanto em termos teóricos quanto práticos. O que não deixou de acontecer, embora de forma mais lenta, é claro, nos períodos de ditadura. Alguns deles podem ser citados, bem como seus principais precursores, sempre levando em conta, principalmente, aqueles mais propensos a evidenciar como se constituiu uma atmosfera transformadora do *status quo*, da qual o esquizodrama é um dos expoentes. Observe-se, no entanto, que, tal como no subcapítulo anterior, as várias fontes bibliográficas consultadas (Vezetti, 1985, 2009a, 2009b; Ferla, 1985; Kazi, 2004; Pavlovsky, 2006a, 2006b; Assis, 2019) passaram a fazer mais sentido após longas conversas realizadas sobre o tema com Gregorio Kazi e Gregorio Baremlitt.

Em primeiro lugar, devem-se mencionar as ações contrainstitucionais (Lourau, 2001), ou seja, as mudanças instituintes realizadas dentro dos hospitais gerais com alas para pacientes com sofrimento mental, ou dentro dos manicômios, nos que predominavam as lógicas de reclusão e organicista. Dois precursores foram Goldemberg – que introduziu diferentes formas terapêuticas no hospital geral com alas de atendimento ao paciente com sofrimento mental, como estratégia de desconstrução da lógica dominante – e Pichon-Rivière – que introduziu grupos e assembleias dentro dos manicômios em que trabalhou, além de uma circunstancial experiência de autogestão em que os pacientes assumiram as funções dos profissionais, num momento de greve (Dagfal, 2015).

Em seguida, as ações e contribuições, não menos importantes, de teóricos e movimentos mundiais da reforma psiquiátrica, da psiquiatria comunitária, da antipsiquiatria

e da luta antimanicomial (como Laing e Cooper, T. Szasz, Goffman, Basaglia, Foucault, Deleuze e Guattari e outros).

Outro acontecimento importante daquele período foi a entrada da psicanálise nos cursos de psicologia da Universidade de Buenos Aires através de quatro analistas didatas da Associação Psicanalítica Argentina (APA), dentre eles, José Bléger, precursor da tendência freudomarxista na Argentina.

Também importante no período foi o rompimento com a APA, por razões teórico-políticas, de um grupo de alunos e membros que criaram na Argentina o Grupo Plataforma. Dois formandos da associação, Armando Bauleo e Héran Kesselman estiveram na Itália no congresso da Associação Psicanalítica Internacional (API), quando se fundou o Grupo Plataforma Internacional por dissidentes da psicanálise “oficial” da API, e levaram para a Argentina as inquietações e aspirações desse grupo. Foi essa dissidência que, aliada às insatisfações daquele primeiro grupo ainda na APA, estimulou seu rompimento com a mesma e a fundação do Grupo Plataforma Argentino – cuja tendência era mais democrática, freudomarxista e de atuação militante e do qual Baremlitt também fez parte. Foi o primeiro grupo na América Latina a separar-se de uma associação oficial ligada à API, o que trouxe repercussões ético-políticas nos movimentos de saúde mental, especialmente nessa região. Posteriormente, outro grupo também sai da APA por razões similares e cria o Grupo Documento (Vezetti, 2009b).

Importante espaço de formação foi a Escola de Psicologia Social de Pichon-Rivière, que disseminou suas ideias sobre trabalho grupal (denominado grupo operativo) e sua teoria dos vínculos. Outra vertente importante é a de Héctor Fiorini, com a psicoterapia breve, através da qual tentava tornar acessíveis os dispositivos de acolhimento em hospital público geral. Outra frente é a daqueles que davam formação e atendiam em terapia de grupo, o que não era bem visto pela formação hegemônica que priorizava atendimentos individuais com viés privado. Dentre esses formadores e psicoterapeutas de grupo estão Emilio Rodrigué, Armando Bauleo, Hernan Kesselman, Eduardo Pavlovsky, Gregorio Baremlitt, Ricardo Malfé, Alfredo Moffat, León Grinberg, Marie Langer, Alvares de Toledo e muitos outros.

Outros dois eventos foram a fundação do Centro de Docência e Investigação dos Trabalhadores da Saúde Mental, que reunia psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais, artistas e voluntários, com atuação ampla na área de Saúde Mental e a fundação (por Baremlitt) da Escola de Psicanálise e Socioanálise (EPSO):

Em 1974, alguns desses profissionais, como Gregorio Baremlitt, fundam a EPSO (Escola Psicanalítica Freudiana e Socioanálise), que envolve uma mistura de psicanálise, análise

institucional e militância política. As aulas são trabalhadas por intermédio de “grupos operativos” ... Uma vez por mês ocorre o Ateneu Clínico, em que se pensa e se debate como a psicanálise se articula com o marxismo. Durou pouco pois duas bombas são colocadas na EPSO a qual foi fechada pela polícia antes do golpe de 76. (Coimbra, 1995, p. 149)

De alguma maneira, todas essas iniciativas sofreram algum tipo de repressão militar e muitos de seus agentes tiveram que sair do país, ou foram presos e torturados. A essa situação, em que muitas dessas figuras e suas linhas de trabalho e pensamentos foram abandonados ou esquecidos, ou melhor, “desaparecidos” por razões políticas, Kazi denomina de “epistemicídio”, termo hoje trabalhado em outra perspectiva por Ramon Grosfoguel (2016). Gregorio Kazi, como coordenador da Universidad de las Madres de Plaza de Mayo, na década de 1990 tentou reparar esse dano, dando lugar de destaque em suas atividades a esses grandes personagens da história de resistência da Saúde Mental da Argentina (Kazi, 2004). Foi através dos eventos dessa universidade que o esquizodrama foi introduzido novamente na Argentina.

Gregorio Baremlitt participou ativamente dos movimentos de transformação mencionados acima, sendo autor, co-autor ou ator (Ardoino & Lourau, 2003) na maioria desses acontecimentos, o que contribuiu, direta ou indiretamente, para a concepção e consolidação do esquizodrama. Pode-se vislumbrar como várias de suas experiências de vida vieram convergindo para a constituição do esquizodrama: inicialmente o seu envolvimento, desde criança, com a luta dos indígenas de sua região (Santiago Del Estero) pelo Movimento de Libertação Indo-americano, o que o sensibilizou com relação à luta desses povos e outros minoritários, assim como à riqueza dessas culturas – especialmente a música e a dança; sua vivência corporal, desde a prática profissional de esporte até sua terapia com Alberto Tagliaferro, um discípulo direto de Reich, que o fez ver/sentir a potência da expressão corporal e de sua participação no processo terapêutico (o que defendeu em plena hegemonia das terapias verbais, principalmente, psicanalíticas).

Além dessas vivências, sua consistente formação freudomarxista possibilitou a ele uma passagem crítica pela APA, tornando-se um reconhecido crítico e desconstrutor dos princípios da psicanálise. Para essa formação, vários elementos contribuíram, dentre eles: sua pós-graduação em sociologia e, posteriormente, seu encontro com a análise institucional e sua prática como analista institucional; sua formação na Escola de Psicologia Social de Pichon-Rivière e sua experiência com terapia de grupos, especialmente sua experiência em terapia grupal com uso de psicodélicos (com Alvares de Toledo e outros); seus estudos de literatura e sua preferência pelo teatro; sua atuação como professor e terapeuta em vários países da América Latina e da Europa, o que possibilitou trocas e consolidação de suas



ideias; sua atuação em manicômios e na militância na saúde mental e nos movimentos de resistência política de seu país e, claro, seu encontro com a obra de Deleuze e Guattari (Amorim, 2008).

Todo esse ambiente e essas experiências constituíram um rizoma teórico, prático e militante que foi se transmutando e corroborando para consolidar um caminho próprio: o da esquizoanálise – sendo Baremlitt pioneiro em sua introdução na Argentina em 1973 (Assis, 2019) –, da análise institucional e do esquizodrama, completamente inédito para a época, conforme relata Gregorio Kazi (2021) em comunicação pessoal:

E justo que Gregorio esteja trabalhando o esquizodrama, o agenciamento maquínico de corpos, a destruição do campo representacional, a produção de novas sensibilidades, mas, sobretudo, sair do extenso para fazer uma reivindicação de intensidades, do intenso, do dispositivo de enunciação coletiva, ali onde estava se pontificando o ego uno que, claramente, foi o ponto de inflexão, de ingresso da primeira onda do liberalismo, aí tem um valor político incontestável, acompanhado das outras formas de lutas, revolucionárias, e que não está trabalhado, não está pensado, na sua real profundidade. Tudo que falamos coloca o esquizodrama naquele momento da destruição extrema da vida, onde a máquina de guerra tinha sido fagocitada pela máquina de Estado, produzindo macro e microfascismos por tudo quanto é canto, há aí um valor único.

Essa rica experiência de Baremlitt, assim como a dos participantes do primeiro grupo de esquizodrama, denominado nesta época (1973) de fluxodrama, foram utilizadas em seu desenvolvimento, principalmente, o estudo que faziam das obras de Deleuze e Guattari – *O anti-Édipo e Mil platôs* (Kelsseman & Pavlovsky, 1989).

A denominação fluxodrama se devia à referência aos fluxos intensivos de produção da esquizoanálise. Depois, foi denominado de esquizodrama, por relação aos processos esquizontes da esquizoanálise.<sup>7</sup> Infelizmente, não se tem registros dessa prática, devido aos riscos de efetua-los no período em que estava sendo constituída a maquinaria de identificar, perseguir e assassinar, operada por grupos paramilitares (AAA – Aliança Anticomunista Argentina), e que preparariam as bases do aparelho letal da ditadura. Um exemplo da potência dessa experiência grupal é que a mesma foi inspiração para que, posteriormente, dois de seus participantes – Pavlovsky e Kelsseman – criassem o trabalho grupal denominado por eles de “multiplicação dramática” (Kelsseman & Pavlovsky, 1989), no qual, depois, Baremlitt se inspirou para criar uma das cinco clínicas do esquizodrama – a clínica da multiplicação dramática.

Infelizmente, Baremlitt, como tantos outros, teve que fugir do país em 1977 e sua invenção não tinha amadurecido o suficiente para deixar continuadores, principalmente

---

<sup>7</sup> Processos esquizontes: processos de atualização da realteridade, moleculares e, por isso, mais suscetíveis a propiciar mudanças e transformações. (Baremlitt, 2019)

naquele ambiente em que esse tipo de trabalho não era aceito. O esquizodrama só retorna à Argentina na década de 1990 (como dito acima), através dos congressos da Universidad de las Madres de Plaza de Mayo. Seu maior desenvolvimento veio a ser no Brasil, onde Barembliitt se exilou.

### 1.3 O CONTEXTO HISTÓRICO POLÍTICO DO BRASIL

Assim como a Argentina e vários países latino-americanos, o Brasil viveu uma ditadura nas décadas de 1960, 1970 e parte dos anos 1980. Em conjunto com a Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile e Bolívia, participou da sangüinária Operação Condor, planejada e financiada pelo departamento de Estado dos Estados Unidos da América. Através dessa operação, esses países se comprometiam a trocar investigações e colaborar com a repressão aos militantes perseguidos que se refugiavam em um ou outro desses países (Alves, 1984).

Em 1964, o Brasil sofreu um golpe militar contra o presidente democraticamente eleito João Goulart e seu governo nacional-reformista, havendo instauração de uma ditadura que perdurou por 21 anos (1964-1985). As propostas de reforma agrária e reforma econômica de Goulart eram demasiadamente ameaçadoras ao projeto estadunidense de influência na América Latina, pois se tornaria um péssimo precedente e, portanto, teriam que ser extirpadas (Ribeiro, 1997).

As análises tradicionais ... interpretaram a intervenção militar de abril de 1964 como uma resposta ao impasse criado pela crise estrutural e pela decadência política, uma intervenção que foi estimulada pela adoção da doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento da ESG, pelas Forças Armadas e pelo seu desgosto com a política populista. Nesta modalidade de análise foi negligenciado o papel dos empresários e tecnopresários na liderança política dos acontecimentos, na definição de diretrizes políticas e táticas, empregadas para enfrentar a crise de insubordinação das classes dominadas contra o regime imposto e o desejo de controlar o Estado por parte de industriais e banqueiros do bloco de poder multinacional e associado. (Dreifuss, 1981, p. 482)

Novas forças e relações de poder “assaltaram”, ocuparam o Estado brasileiro, readequando o sistema político e a economia a seus interesses, vendendo a ideia de que estavam levando o Brasil “ao estágio mundial de desenvolvimento capitalista monopolista” (Dreifuss, 1981, p. 489). Temos naquele momento o chamado “início do ‘Milagre econômico’ da ditadura” (Schwarcz & Starling, 2018, p. 644).

Cabe ressaltar ainda dois ingredientes dessa trama: a massiva comunicação autoritária e ideologizada da mídia e a participação dos Estados Unidos. Essa participação

se deu, por exemplo, na formação de agentes das forças armadas brasileiras na Escola das Américas – no Panamá, na qual puderam exercitar seu aprendizado como ativos integrantes dos poderes repressivos desse momento – e em sua intervenção mais direta: enviando um adido militar para preparar o golpe. Pode-se acrescentar o investimento de bilhões de dólares em parlamentares de direita, para garantir a não aprovação de reformas e impedir o crescimento da esquerda brasileira nas eleições, bem como em conteúdo para as mídias e para a formação de opinião de militares (como livros e filmes “progressistas”) (Ribeiro, 1997). Ressalta-se a mobilização popular orquestrada pelas forças conservadoras de direita da igreja, imprensa e empresários a favor da ditadura, culminando com a primeira “Marcha da família com Deus pela liberdade”, em 19 de março de 1964, em São Paulo, com cerca de 500 mil participantes (Schwarcz & Starling, 2018). A mesma se deu como resposta à mobilização do dia 13 de março de 1964, no Rio de Janeiro, do comício pelas reformas de base, que contou com cerca de 200 mil participantes (Gaspari, 2014). Intensificou-se a perseguição aos considerados subversivos, aos que criticavam o regime e aos que os militares simplesmente desconfiavam serem de movimentos de resistência, ou que os apoiavam, ou mesmo por serem amigos ou parentes destes, numa total demonstração de poder e arbitrariedade.

Na busca de desenvolvimento econômico rápido, o regime militar assumiu poderes excepcionais e suprimiu os direitos constitucionais dos cidadãos. Essas medidas de exceção, no entanto, acarretaram maiores privações à vasta maioria da população. Precisamente aqueles que levantaram suas vozes ou agiram a favor dos pobres e oprimidos foram os que sofreram tortura e morte. (Arquidiocese de São Paulo, 1985, p. 19)

Os órgãos de segurança, sem respeitar limites da dignidade da pessoa humana, conseguem importantes vitórias na luta contra as organizações de luta clandestina ... torturas, assassinatos de opositores políticos, desaparecimentos, invasões de domicílio, completo desrespeito aos direitos do cidadão e inobservância da própria legislação criada pelo regime. (Arquidiocese de São Paulo, 1985, p. 63)

O resultado de todo esse arsenal de Atos, decretos, cassações e proibições foi a paralisação quase completa do movimento popular de denúncia, resistência e reivindicação, restando praticamente uma única forma de oposição: a clandestina. (Arquidiocese de São Paulo, 1985, p. 62)

Já na clandestinidade, parte dos opositores decidem abraçar a guerrilha, como forma de combate, acirrando ainda mais a perseguição e massacres.

Segundo a Comissão Nacional da Verdade (CNV, 2022), foram cerca de 20 mil torturados, 434 mortos ou desaparecidos; calcula-se que mais de 400 pessoas foram mortas em combate, executadas ou torturadas pelo regime militar da ditadura; políticos eleitos pelo povo foram destituídos de seus cargos, num ambiente de perseguições,

censuras, prisões, terror psicológico, assassinatos, torturas, ocultação de cadáveres, atentados a bomba contra várias entidades sociais, dentre elas a Tribuna Operária e a Ordem dos Advogados do Brasil; a consigna era “sequestrar, prender, torturar e executar” os opositores do regime militar (Memorial da Democracia, 2020).

As forças repressivas constituíram suas legislações e organizações: Sistema Nacional de Informação (SNI), Ato Institucional número 2 (AI 2), Ato Institucional número 5 (AI5), Operação Condor, Operação Bandeirantes (OBAN, 1969), Destacamento de Operações de Informação-Centros de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), Comando de Caça aos Comunistas (CCC), centros clandestinos (militares e policiais) de tortura, dentre outras (Arquidiocese de São Paulo, 1985).

Não temos palavras que conseguiriam expressar o terror sofrido/vivido pelos envolvidos na resistência ao regime. A não ser quando ouvimos/lemos relatos de quem esteve lá, de um lado ou do outro. Como por exemplo, a fria descrição do método de tortura, por um tenente torturador, para a revista *Veja* em 9 de dezembro de 1998:

A primeira coisa era jogar o sujeito no meio de uma sala, tirar a roupa dele e começar a gritar para ele entregar o *ponto* (lugar marcado para encontros), os militantes do grupo. Era o primeiro estágio. Se ele resistisse, tinha um segundo estágio, que era, vamos dizer assim, mais porrada. Um dava tapa na cara. Outro, soco na boca do estômago. Um terceiro, soco no rim. Tudo para ver se ele falava. Se não falava, tinha dois caminhos. Dependia muito de quem aplicava a tortura. Eu gostava muito de aplicar a palmatória. É muito dolorosa, mas faz o sujeito falar. Eu era muito bom na palmatória... Você manda o sujeito abrir a mão. O pior é que, de tão desmoralizado, ele abre. Aí se aplicam dez, quinze bolos na mão dele com força. A mão fica roxa. Ele fala. A etapa seguinte era o famoso telefone das Forças Armadas... É uma corrente de baixa amperagem e alta voltagem... Não tem perigo de fazer mal. Eu gostava de ligar nas duas pontas dos dedos. Pode ligar numa mão e na orelha, mas sempre do mesmo lado do corpo. O sujeito fica arrasado. O que não pode fazer é deixar a corrente passar pelo coração. Aí mata... O último estágio em que cheguei foi o pau de arara com choque. Isso era para o queixo-duro, o que não abria em etapas anteriores. Mas pau de arara é um negócio meio complicado... O pau de arara não é vantagem. Primeiro, porque deixa marca. Depois, porque é trabalhoso. Tem de montar estrutura. Em terceiro, tem que tomar conta do indivíduo porque ele pode passar mal. (Gaspari, 2014, pp. 184-185)

Ou o exemplo de alguns depoimentos citados no livro “Brasil Nunca Mais” (Arquidiocese de São Paulo, 1985):

... foi colocada no chão com um jacaré sobre seu corpo nu (p. 39)

... que foi transferida para o DOI da P. Ex. da B. Mesquita, onde foi submetida a torturas com choques, drogas, sevícias sexuais, exposição de cobras e baratas; que essas torturas eram efetuadas pelos próprios Oficiais; ... (p. 39)

... o interrogado foi obrigado a se sentar em uma cadeira, tipo barbeiro, à qual foi amarrado com correias revestidas de espumas, além de outras placas de espuma que cobriam seu corpo; que amarraram seus dedos com fios elétricos, dedos dos pés e mãos, iniciando-se, também, então uma série de choques elétricos; que, ao mesmo tempo, outro

torturador com um bastão elétrico dava choques entre as pernas e pênis do interrogado...  
(p. 37)

Concomitantemente à organização dessa ardilosa máquina repressora, se erguem e se organizam cada vez mais movimentos e forças revolucionárias de resistência. Movimentos estudantis, manifestações culturais, produções artísticas e populares – como por exemplo, a Marcha dos Cem Mil contra a ditadura (em 1968), conclamada pelos movimentos estudantis, artistas, intelectuais, setores da esquerda. Muitos opositores ao regime tiveram que se exilar. Dentre as organizações de resistência mais instrumentalizadas, podemos citar: Ação Libertadora nacional (ALN), Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR–Palmares), Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), Ala Vermelha, Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT), Ação Popular (APA), Comissão da Justiça e Paz, Comissão Bipartite entre outros (Memorial, 2020). Lideranças se destacam: Marighella, Câmara Ferreira (o “velho”), Dom Evaristo Arns, Lamarca, Bacuri, Deputado Rubem Paiva, Vladimir Herzog, entre outros.

O período de 1968 a 1973 se caracterizou pelo denominado “milagre econômico”, com grande aumento do PIB nacional (chegando a aumentar até 14%), do desenvolvimento industrial, da internacionalização da economia e do aumento do consumo interno. Frases como “Pra frente Brasil”, “Ninguém segura este país”, “Eu te amo meu Brasil” foram cunhadas na tentativa de denotarem um país em franco progresso. Mas o custo desse chamado “milagre” foi o exacerbado aumento da dívida externa, o enorme aumento das desigualdades sociais e da concentração de renda, com o arrocho salarial das classes trabalhadoras, sendo propagada a máxima “o bolo tem que crescer primeiro para depois ser dividido”. Esse período também ficou conhecido como “os anos de chumbo” (1968-1974), do então presidente General Emílio Garrastazu Médici (eleito em 1969), devido ao aumento da repressão, perseguição, tortura e desaparecimento dos opositores à ditadura (Arquidiocese de São Paulo, 1985). A ditadura “alegava que o país vivia uma guerra revolucionária subversiva para a qual era exigido o combate ideológico implacável” (Brasil, 2007a). Essa impossibilidade de posicionar-se levou parte da oposição a aderir à luta armada, o que aumentou ainda mais a repressão.

Em 1974, o General Ernesto Geisel assumiu a presidência, já no fim do chamado “milagre econômico”, com aprofundamento da crise econômica, anunciando (em 1974) a “abertura lenta, gradual e segura”. Foi sucedido pelo General João Batista Figueiredo

(1977). A década de 1970 se caracterizou por fortes repressões (com dezenas de atentados a bomba em várias cidades do país), mas também por forte resistência civil. Fatos como o fim da vigência do AI-5 e posterior decreto de “Anistia Ampla, Geral e Irrestrita”, que se estendeu aos militares torturadores e o retorno de 10 mil exilados ao país, deram a tônica desse período (Schwarcz & Starling, 2020). Nessa década, muitos profissionais argentinos, militantes da saúde mental (anteriormente citados) vieram exilar-se no Brasil, dentre os quais, Gregorio Baremlitt, em 1977.

Na década de 1980 ressalta-se a mobilização dos trabalhadores que culminou com a formação do Partido dos Trabalhadores – PT (1980/1982), o início do processo de redemocratização do país com eleições diretas para governadores (1982), a promulgação da nova constituição (1988), o movimento “Diretas Já” (de 1983 a 1984) e as primeiras eleições presidenciais depois de 3 décadas (1989) (Schwarcz & Starling, 2020).

Cabe registrar a criação, nesse período, do Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro (GTNM/RJ) e que se estendeu para outros Estados brasileiros. “Foi fundado em 1985 por iniciativa de ex-presos políticos que viveram situações de tortura durante o regime militar e por familiares de mortos e desaparecidos políticos” (Grupo Tortura Nunca Mais, s.d.) tornando-se uma importante referência nacional na luta contra a tortura e em defesa dos direitos humanos.

#### 1.4 UM PANORAMA DA SAÚDE MENTAL NO BRASIL E O DESENVOLVIMENTO DO ESQUIZODRAMA

Na década de 1970, concomitantemente à eclosão do movimento sanitarista, e em consonância com o movimento internacional de reforma psiquiátrica (no qual se destaca Franco Basaglia, da psiquiatria democrática italiana), crescem no Brasil os questionamentos sobre os manicômios e sobre a violência e os modos ultrapassados de tratar o “doente mental” – o que culminou no Movimento da Luta Antimanicomial (Brasil, Ministério da Saúde, 2005).

Esses modos ultrapassados, no entanto, vinham de longa data. O “holocausto brasileiro” contra esses “doentes” começa a tomar forma nos anos 1830 – com o relatório em 1838 da comissão da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. “É a partir desse momento que os loucos passam a ser considerados ‘doentes mentais’” (Amarante, 2008, p. 74). Nasce a necessidade de espaços de isolamento e tratamento desses doentes e a

especialidade que assumirá sua tutela – a psiquiatria. Surge o primeiro manicômio – o Hospício de Dom Pedro II (1852).

Quem são esses loucos? ... podem ser encontrados dentre os miseráveis e pobres, os marginais, e toda sorte de párias. São ainda, trabalhadores, camponeses, desempregados, índios, negros, “degenerados”, perigosos em geral para a ordem pública, retirantes que, de alguma forma ou por algum motivo, padecem de algo que se convencionou a englobar sobre o título de doença mental. (Amarante, 2008, p. 75)

Com a República (1889), aumentam as críticas ao modelo despótico desse hospício e, na tentativa de “modernização”, o mesmo sai da tutela da Santa Casa de Misericórdia e passa para as mãos do Estado, o que aumenta o poder médico em sua condução, além de se criarem Colônias como novo modelo de assistência aos doentes mentais – a psiquiatria deve ir além dos muros do asilo – “é fazer a comunidade e os loucos conviverem fraternalmente, em casa ou no trabalho” (Amarante, 2008, p. 76). Eis a primeira reforma psiquiátrica no Brasil que segue até 1920. Esse momento se caracteriza pelo aumento dos asilamentos e o surgimento da cadeira de psiquiatria no curso de medicina e de enfermagem.

A partir de 1923, até 1960, a psiquiatria brasileira se caracteriza por um forte controle social, marcado por características higienistas, reacionárias, eugenistas, racistas, com aumento das internações crônicas em asilos. Esse aparelho se torna mais poderoso e entusiasmado com os novos tratamentos – choque insulínico e cardiazólico, eletroconvulsoterapia, com as lobotomias e, posteriormente, com o uso excessivo dos psicotrópicos (Amarante, 2008).

Escancara-se o novo inimigo, que mostrou sua forma ao contribuir para a instauração da ditadura no país e que repercute nas políticas de assistência ao doente mental: a apropriação do Estado pelo poder do setor privado e a relação da doença mental com a possibilidade de lucro. Tentativas inovadoras sofrem grandes resistências desses setores.

Enquanto isso, na Europa e nos Estados Unidos, nas décadas de 1960 e 1970, intensificam-se os movimentos de crítica à psiquiatria tradicional e ao modelo asilar:

Momento ímpar, não só porque se denunciava o manicômio como forma de prisão, produtora de cronicidade (esse tipo de crítica já estava presente desde meados do século XIX), mas principalmente porque atingia o cerne da psiquiatria como prática social, ao revelar seu caráter essencialmente normalizador, disciplinar, de controle social. (Passos, 2009, p. 20)

A segunda reforma brasileira tem como marcos o V Congresso Brasileiro de Psiquiatria em Camboriú (SC), em 1978, o I Congresso do Movimento dos Trabalhadores

de Saúde Mental em São Paulo (SP) e o III Congresso Mineiro de Psiquiatria em Belo Horizonte (MG), ambos em 1979 (Passos, 2009). Cabe acrescentar que em 1978, Baremlitt (já no Brasil, desde 1977 e morando no Rio de Janeiro) e dois amigos (Luis Fernando de Melo Campos e Chaim Katz), contribuem com esse movimento brasileiro ao realizarem o “1º. Simpósio Internacional de Psicanálise, Grupos e Instituições” (1978), que haveria de ser o momento inaugural do IBRAPSI (Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições), que teve longa e intensa atividade nas diversas linhas da reforma. Para o Simpósio, foram convidadas as mais importantes figuras da reforma psiquiátrica mundial e brasileira, sendo esse evento importante baliza nas transformações ocorridas nesse campo nas décadas subsequentes. Dentre os convidados presentes estavam “os norte-americanos Shere Hite, Thomas Szasz, os canadenses Ernest Becker e Erving Goffmann, os franceses Robert Castel e Félix Guattari, o italiano Franco Basaglia” (Passos, 2009, p. 16) dentre outros, sendo que a maioria veio pela primeira vez ao Brasil nesse evento (anexo I). Infelizmente, todas as gravações e traduções das falas dos palestrantes foram sequestradas e recuperadas parcialmente somente na década de 1990, mas com todas as exposições de Baremlitt propositalmente “desaparecidas”, desgravadas e outras gravações deterioradas pelo tempo.

Diversas linhas críticas se abrem no campo complexo da saúde mental e compõem distintos modos de organização que sintetizam processos de produção de saberes, discursos e práticas que foram emergindo como sedimentação de processos de resistência à instituição e culturas manicômiais. Um ponto de inflexão fundamental foi produzido em 1987 no II Congresso de Trabalhadores em Saúde Mental em Bauru, SP, onde foi redigida a “Carta de Bauru” que pode ser tomada como marco referencial do Movimento Nacional de Luta Antimanicomial, que adota o lema “Por uma sociedade sem manicômios”.

O lema estratégico remete para a sociedade a discussão sobre a loucura, a doença mental, a psiquiatria e seus manicômios. No campo prático, passa-se a privilegiar a discussão e a adoção de experiências de desinstitucionalização. (Amarante, 2008, p. 81)

Foram diretrizes dessa Carta:

- . Contra a mercantilização da doença;
- . Contra uma reforma sanitária privatizante e autoritária;
- . Por uma reforma sanitária democrática e popular;
- . Pela reforma agrária e urbana;
- . Pela organização livre e independente dos trabalhadores;
- . Pelo direito à sindicalização dos serviços públicos;



. Pelo dia nacional de luta antimanicomial em 1988 (Bauru, 3 a 6 de 1987)  
(Amarante, 2021, p. 45).

Nesse novo contexto, o modelo privatizante da Saúde Mental do Estado entra em crise e a pressão popular em vários outros âmbitos da política contribuiu para reformulações e mobilizações para a reforma constitucional, culminando na Constituição de 1988 – considerada a constituição cidadã. Novos modelos de assistência antiasilar passam a ser propostos.

Esse movimento se torna atuante, e há fortes mobilizações de defesa dessa nova proposta, possibilitando que surja o projeto de lei 3657/89 (Lei Delgado) que propõe a progressiva extinção dos manicômios e sua substituição por novos modelos de assistência. Esse projeto de lei sofreu resistências e só consegue ser aprovado em 2001 – lei 10216//2001. A luta continua em pleno vigor até hoje, mas muitos são ainda os manicômios que resistem e se mantêm.

Já no Brasil, morando inicialmente no Rio de Janeiro, Baremlitt continuou sendo reiteradamente perseguido com ameaças e visitas policiais a seu domicílio, devidos à vigência da Operação Condor (governo do General Figueiredo). Isso não impediu que realizasse, junto com colaboradores, o Simpósio e fundasse o IBRAPSÍ (1978) anteriormente citados.

Neste caldo é que surge o IBRAPSÍ, contaminado pelo fogo do “anti” (anti-institucional, antipsicanálise, antipsiquiatria, anti-Édipo), mas também contaminado por suficiente desejo institucionalista capaz de colocá-lo de pé algumas semanas depois. (Coutinho, 2019, p. 61)

O IBRAPSÍ tornou-se referência na formação de centenas de profissionais do campo da Saúde mental, com uma concepção freudomarxista, da análise institucional, da esquizoanálise e grupalista. Além de atendimentos clínicos sociais e realização de eventos e publicações. (Coimbra, 1995)

Em 1982, o IBRAPSÍ realizou um novo congresso, no qual estiveram presentes, dentre outros, René Lourau, Robert Castel, Gerard Mendel, Armando Bauleo e outras relevantes figuras da análise institucional e da sociopsicanálise, dentre outras correntes. Os registros desse encontro foram publicados no livro *O inconsciente institucional* (Baremlitt, 2011). Nesse período, Baremlitt desenvolvia formação e terapias individuais e grupais. Sua chegada ao Brasil como renomado psicanalista argentino e exilado, o manteve mais tempo numa transição, até sair de uma proposta freudomarxista e epistemológica althusseriana para recursos mais institucionalistas e esquizoanalíticos.

Segundo Baremlitt, o clima conceitual e clínico do Rio não parecia propício ao ensino do esquizodrama, vigorava uma dominância da psicanálise oficial, que depois se tornou lacaniana. O que não o impediu de desenvolver seus trabalhos grupais, mas sem nomeá-los como tal, e sem a ousadia revolucionária apresentada em sua realização em outros países (especialmente, Portugal) e em espaços e com grupos bastante reservados, ou em seus atendimentos individuais.

Pouco a pouco, com a emergência de professores interessados no pensamento de Deleuze e Guattari, Baremlitt pôde explicitar mais sua inspiração esquizodramática. Quando o IBRAPSI passou a ser dirigido por uma associação de membros, Baremlitt começou a viajar frequentemente para diferentes cidades brasileiras e países, para ensinar e praticar esquizoanálise, análise institucional e esquizodrama. Seus grupos em várias cidades do Brasil e de outros países já traziam um viés esquizodramático, assim como cursos e intervenções que fazia em São Paulo (onde, com Antonio Lancetti fundou outro IBRAPSI), no Rio Grande do Sul (no Instituto Pichon-Rivière), em Lisboa (na Sociedade de Terapias Breves), em Barcelona (em grupos de estudo particulares) e em Bolonha (no Instituto da Ricerca Applicata). No Brasil, o esquizodrama só foi mais assumido publicamente como tal, na década de 1990, quando Baremlitt se radicou em Belo Horizonte e foram criados vários dispositivos institucionais, por meio dos quais a singularidade de sua invenção e de sua abordagem, tanto da esquizoanálise como da análise institucional tiveram maior divulgação e difusão.

#### 1.4.1 O esquizodrama na atualidade

A partir da metade da década de 1990 até a atualidade, o esquizodrama inicia seu percurso de cada vez maior visibilidade e consolidação. Considero que esse desenvolvimento está diretamente ligado à criação dos dispositivos Instituto e Fundação, a participação ativa de Gregorio Baremlitt em quase todas as atividades desenvolvidas por essas entidades e a consolidação de uma equipe que possibilitou a ampliação dessas atividades.

Dentre as atuações exclusivas de Baremlitt nesse período, estão a realização de cinco cursos de formação em esquizodrama (em Belo Horizonte, Uberaba e São Paulo); viagens pelo exterior, realizando laboratórios, palestras, supervisões e cursos (especialmente, sobre esquizodrama, análise institucional, esquizoanálise e grupos) num

percurso que incluiu Argentina, Uruguai, Portugal e Itália; viagens por vários estados do Brasil, como Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná; além da escrita e publicação de vários livros. A potência de sua atuação fez com que nós esquizodramatistas denominássemos seu percurso como “efeito Baremlitt”, devido à mutação subjetiva e em nosso trabalho e vida, consequência das formações e vivências que tivemos com ele.

O dispositivo/entidade Fundação Gregorio F. Baremlitt foi criada em 1991, na cidade de Uberaba/MG, por um grupo de profissionais da saúde, militantes de esquerda e envolvidos com a luta antimanicomial. Dentre os projetos dessa Fundação, está o CAPS Maria Boneca – que veio a ser o primeiro serviço substitutivo de Minas Gerais, dentro da nova proposta da política de saúde mental nacional. A Fundação leva o nome de Gregorio Baremlitt, como reconhecimento da singularidade de seu fazer-saber, ao longo de muitos anos realizando acompanhamento à entidade e seus participantes através de formações, supervisões, psicoterapias, eventos e parcerias. Atualmente esse serviço atende cerca de 400 usuários do SUS, e se tornou referência na prática do esquizodrama com seus usuários.

Em 1995 criamos o Instituto Félix Guattari, em Belo Horizonte e, posteriormente, a Engenho Consultoria (2004) e a Fundação Gregorio Baremlitt de Belo Horizonte (2005) – que foram integrados, formalmente em 2022, ao atual Instituto Gregorio Baremlitt de Belo Horizonte (IGB). Essa integração se deu simplesmente com a finalidade de agilizar respostas às excessivas exigências jurídico-administrativo-burocráticas. Destaque-se também a criação em 2012, do Instituto Gregorio Baremlitt de Frutal, por um grupo de amigos e ex-alunos.

O IGB (muitas vezes em parceria com a Fundação Gregorio Baremlitt de Uberaba e outros parceiros) realizou, até o momento (2023): onze cursos de pós-graduação *latu sensu* denominados “Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama – Clínica de Indivíduos, Grupos e Redes Sociais”, dezenas de cursos livres e de formação, vários grupos de covisão, dezenas de consultorias e intervenções institucionais, publicação de seis livros, cinco grandes congressos e vários eventos.

Todas essas atividades estavam/estão baseadas, prioritariamente, na análise institucional, esquizoanálise, esquizodrama e/ou temas afins; e sempre pautadas pela promoção das políticas públicas e dos movimentos sociais, pela formação de profissionais das mais diferentes áreas (da forma mais inclusiva possível), pelo fortalecimento do

Movimento da Luta Antimanicomial do país e da América Latina, e pela defesa dos direitos humanos, ambientais e dos valores de uma democracia direta. Além disso, estão transversalizadas pela compreensão dos acontecimentos e contextos conjunturais locais e globais.

Desde 2020, com a eclosão da pandemia pela Covid, estamos experimentando de forma on-line os dispositivos cursos, covisão, laboratórios terapêuticos e *lives*, o que nos possibilita ter uma maior abrangência nacional e internacional. Dentre esses, destaca-se o curso/intervenção em forma de imersão denominado “Formação de Esquizodramatistas”, que se dá sempre no último final de semana de janeiro e julho, e é uma formação continuada. Essa modalidade on-line possibilitou que tenhamos cerca de 100 participantes em cada encontro.

O dispositivo equipe de esquizodramatistas, que se ampliou com a agregação de diversos colaboradores e ex-alunos, além de fortalecer as atividades dos dispositivos/entidades, de forma individual ou grupal, multiplicou o uso do esquizodrama nas mais variadas e diferentes frentes de trabalho, tornando por vezes difícil acompanhar tudo o que nelas sucede.

Refletindo sobre o escrito até aqui, fica clara a interconexão do desenvolvimento do esquizodrama com o contexto histórico-político geral e o da saúde mental em particular, nos quais o esquizodrama esteve inserido desde seu surgimento e sua consolidação que se inicia na década de 1990 e prossegue até os dias atuais.

Pode-se perceber o quanto a assunção pública do esquizodrama foi inibida, ou melhor, “adiada” por dois atravessamentos: o ambiente político repressivo da época e a dimensão profissional de um imigrante reconhecido como “renomado psicanalista argentino”, num ambiente predominantemente psicanalítico. Mesmo assim, Baremlitt conseguiu manter-se um crítico feroz da psicanálise e de algumas subsistências da mesma na esquizoanálise (Baremlitt, 2004b).

Pude constatar como o fazer esquizodramático se estende para além de uma prática terapêutica propriamente dita, agregando e imanente a esta, sua dimensão ético-estético-micropolítica. Essa dimensão pode ser vista, por exemplo, na criação dos dispositivos organizacionais e de formação (que denomino de cursos-intervenção), de publicação, de eventos, todos implicados com uma transformação social e subjetiva, especialmente relacionados a profissionais da área *psi*.

O significado de dispositivo no esquizodrama seria o mesmo que o de máquina concreta, “constituída por agenciamentos coletivos de enunciação e agenciamentos maquínicos de corpos, colocados em pressuposição recíproca e geradores de efeitos de individuação por heciedade (uma data, um nome, um lugar)” (Baremlitt, 2019, p.8), sempre a serviço da produção de produção. Dispositivo também vai designar o complexo máquina concreta-máquina-abstrata. O oposto aos dispositivos seriam os equipamentos, nos que predominam a produção de reprodução e de antiprodução (Baremlitt, 2019).

É hora de dar uma parada provisória no tema deste capítulo, abrindo uma nova linha a ser percorrida nessas peripécias/vicissitudes, que é da compreensão do que pode o esquizodrama enquanto teoria, método e técnica/clínicas.

Digo provisória porque este capítulo me afetou de modo profundo; especialmente no momento que traz o tempo da ditadura, quando surge o esquizodrama. Além de atualizar sentimentos de enorme indignação, acrescenta-se que acabamos de viver, em nosso país (2018-2022), a recrudescência da defesa e reivindicação da ditadura, da tortura e da intervenção militar.

Por isso, este capítulo se transformou num plano de consistência para emergir uma nova clínica – clínica memórias sempre-vivas: reconstruindo multiplicidades de resistência – na qual reivindico (ver capítulo 6) um direito humano básico, o direito à memória.

*Nadie te quitará la luz  
ni extinguirá tu nombre  
sobre olvidos enterrados;  
nada detendrá mi camino  
hacia un nuevo amanecer  
ni borrará tu nombre  
de la faz de la tierra,  
o contará tus días  
sobre dudosos retazos  
de historia.  
Tu voz se alzaré sobre el olvido,  
Erigiéndose victoriosa  
Sobre las nubes del tiempo  
En el que te arrancaron de mi.  
!Hijo Mío, Nieto Mío!  
Tu sangre aun corre por mis venas  
Y en las del Pueblo  
Que reclama  
Tu Memoria  
Desde pasajes oscuros  
Hacia la fe,  
Para reconstruir nuestra identidad  
Y darte paz en tu destierro.  
!Hoy. Mañana. Siempre!*

(Mariela Marianetti: Memoria, verdad y justicia)

## **2 O QUE PODE O ESQUIZODRAMA, ENQUANTO TEORIA, MÉTODO E TÉCNICA/KLÍNICAS?**

O Esquizodrama tem uma finalidade última que é a de inovar, além da exploração do saber da loucura. Todo mundo tem uma experiência, todo mundo tem capacidades, todo mundo tem escolhas. Nós temos uma confiança nas potências de cada um. (Baremlitt, comunicação oral, imersão de 2020)

O que pode o esquizodrama, no que diz respeito à sua produção enquanto teoria, método e técnica/klínicas? Como o fazer esquizodramático desta tese, enquanto uma pesquisa-intervenção, contribuiu e contribui para a constituição do estado da arte do esquizodrama? Em que e como o esquizodrama absorve e se diferencia da esquizoanálise e de outros saberes? É disso que trata este capítulo. O que se realiza a partir das peripécias/vicissitudes do percurso singular que ora dou início.

Como já dito, o esquizodrama foi “disparado” por Baremlitt em 1973, em Buenos Aires (Baremlitt, 2019), a partir de estudos e experimentações clínicas que culminaram na formação de um grupo esquizodramático formado por profissionais de diversas áreas. O objetivo desse grupo era estudar o livro *Anti-Édipo*, de Deleuze e Guattari (Amorim, 2008; Hur, 2014), recém-lançado no país, e propor experimentações desse estudo, somado às experiências de seus participantes com terapias grupais. Além disso, era um espaço de encontros clandestinos (já que quaisquer reuniões eram observadas com desconfiança pela ditadura) de profissionais militantes da saúde mental e da resistência à ditadura (Kesselman & Pavlovsky, 1989).

Em uma das definições do esquizodrama, segundo Baremlitt, fica clara a importância da esquizoanálise, de Deleuze e Guattari, em sua criação:

Essa práxis funciona como um conjunto difuso de teorias, pragmáticas, estratégias, táticas, técnicas *clínicas* inspiradas, especialmente, em diversas leituras praticadas na obra *esquizoanalítica* de Gilles Deleuze e Félix Guattari. (Baremlitt, 2019, p. 3)

O que Baremlitt denomina de “obra esquizoanalítica” de Deleuze e Guattari parece se tratar de seu percurso singular sobre a imensa obra desses dois intelectuais. Dentre as obras desses autores que mais encarnam a proposta esquizoanalítica, Baremlitt (2019) vai considerar (sem descartar as demais): *O anti-Édipo* (1972), *Mil platôs* (1995; 1996; 1997), *Kafka: por uma literatura menor* (1977), *Crítica e clínica* (1993), *Sobre o teatro* (2010), “O método da dramatização” (Deleuze, 1967, pp. 129-154), *Proust e os*

*signos* (1964), *Francis Bacon: Lógica da sensação* (2006), *Lógica do sentido* (1969), *Cinema I* (1983), *Cinema II* (2018), *A dobra* (1988), *A revolução molecular* (1977 no brasil = 1981), *As três ecologias* (1989), *Caosmose* (1992). Esta seleção também tem a ver com sua pertinência para o esquizodrama. Da mesma forma, cada esquizodramatista vai destacar aquelas obras que mais o afetaram em sua produção esquizodramática.

A leitura *esquizodramática* da obra de Deleuze e Guattari aspira certa singularidade. Isso implica que se trata de uma abordagem peculiar (como o são todos os que percorrem esse continente com uma vocação inventiva), que escolhe textos e partes de textos, assim como omite outros ou parte de outros, segundo trajetórias que inspiram a teoria e, às vezes, inteligibilizam o percurso de uma práxis performática. (Baremlitt, 2019, p. 3)

As obras de Deleuze e Guattari estão constituídas de textos que escreveram separadamente e daqueles que escreveram juntos. Dentre essas obras, existem aquelas (em especial as que escreveram juntos) em que os autores mostram um estilo peculiar de escrita, que tem o poder de afetar quem os lê de uma maneira desterritorializante. O leitor, em geral, percebe ser um texto complexo, às vezes difícil de se compreender completamente, mas com uma estilística *sui generis*, que surpreende incessantemente e abre para um modo novo de conectar-se com a leitura, com a realidade e, imanente a esta, com uma outra realidade – a *realteridade*. Enumero algumas razões que considero que contribuem para a potência desterritorializante dessas obras.

Primeiramente, acredito ser devido a estarem repletas de conceitos (esquizoemas) inventados ou trazidos de outros territórios teóricos, e transmutados pelos autores, para tentar explicar o funcionamento da realidade em suas várias dimensões, em especial, o modo de produção sócio-histórico dominante, denominado por Guattari de Capitalismo Mundial Integrado – CMI (Guattari, 1981) e os processos de subjetividade que o produzem e que são por ele produzidos (Deleuze & Guattari, 2010).

Em segundo lugar, como parte de um estilo rizomático e multiplicatório, essas obras permitem numerosas entradas e percursos Deleuze & Guattari (1995a). Esse estilo está presente nos capítulos, nas frases e parágrafos – muitas vezes com temas aparentemente fragmentados, desconexos, mas com uma conexão aberta entre eles.

Em terceiro lugar, a abundância de saberes, teorias e citações que realizam exige uma rara erudição, e leva o leitor para travessias nas que acaba por eleger aqueles que lhe são mais familiares ou em que tem maior interesse. Mas dificilmente completamente abarcados.

Em quarto lugar, como por exemplo, no *Anti-Édipo*, cada capítulo repete parcialmente os demais, mas para inscrevê-los de uma maneira diferente das anteriores.

Tudo isso proporciona novas lentes para compreender, sentir e constituir um percurso singular nessas obras.

A esquizoanálise vai ser citada e desenvolvida em várias obras desses autores, mas somente está como título em apenas dois livros – *Cartographies schizoanalytiques* (1989) e *O inconsciente maquínico – Ensaio de esquizo-análise* (1988), ambos de Félix Guattari.

Escolho realizar minhas peripécias e vicissitudes pela esquizoanálise presente no esquizodrama, a partir de minha própria experiência como esquizodramatista. Pinço meus encontros singulares e intensivos com a esquizoanálise no esquizodrama que contribuíram para a produção de um plano de consistência de meu devir esquizodramatista.

Uma primeira pinçagem é a potência insurgente dada aos *encontros/“entres”*, compreendidos em suas dimensões moleculares, de conexões corporais e incorporais produtoras do novo.

Ao primeiro encontro vou denominar de “efeito Deleuze e Guattari”<sup>8</sup> – um devir-acontecimento (*evento*) que atualiza um “entre” que são as invenções que surgem da potência do encontro desses dois pensadores, e que tem como marco os acontecimentos insurgentes de maio de 1968, em Paris – “um encontro como agenciamento maquínico de corpos e coletivo de enunciação, máquina abstrata e máquina concreta, produtoras de devires atualizados como individuações, ‘hecceidades’ (ou ‘estidades’), dentre elas, a esquizoanálise mesma” (Amorim, 2008, p. 29).

Deleuze, filósofo (que traz contribuições inéditas à filosofia), professor e pesquisador, autor de vários livros; Guattari, inicialmente psicanalista, posteriormente analista institucional e, depois, esquizoanalista, militante político e da saúde mental, autor de vários livros (Baremlitt, 2010).

---

<sup>8</sup> Efeitos: termo que a análise institucional usa para qualificar certos processos e acontecimentos singulares, cujo alcance é mais circunstancial, local e menos geral. (Baremlitt, 2002).



Ao escreverem juntos, inauguram um modo singular, inédito de escrita, muito diferente de quando escrevem separadamente. O que está mais nítido em duas de suas obras – *O anti-Édipo, Capitalismo e esquizofrenia* (1972) e em *Mil platôs* (1995-1997).

Escrevemos o *Anti-Édipo* a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante. Distribuímos hábeis pseudônimos para dissimular. Por que preservarmos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar. E, finalmente, porque é agradável falar como todo o mundo e dizer o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de falar. Não chegar ao ponto em que não existe mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados. (Deleuze & Guattari, 1995a, p. 11)

Outro encontro potente foi o de Baremlitt com a obra de Deleuze e Guattari, o que o levou a reorganizar sua práxis clínica, institucional e política, culminando e contribuindo na criação do esquizodrama.

... o achado dessa corrente teve uma influência radical em meu pensamento e em minha práxis, sobretudo porque essa tendência me abriu uma perspectiva de relação teórica e de ação concreta entre o social, o psíquico, o tecnológico e a natureza, de uma originalidade e consistência que não havia encontrado nunca... (Baremlitt, 2004a, p. 4)

Da mesma maneira, como proliferação intensiva desses bons encontros, cito o encontro entre Baremlitt e nós, seus colaboradores – dentre os quais muitos ex-alunos – que estão dando continuidade à sua obra.

Importante ressaltar a dimensão molecular desses encontros que se dão a partir das entidades molares (“eus”), dimensão à que vamos atribuir toda a potência inventiva atualizada nesses encontros. Deleuze e Guattari, no *Anti-Édipo* (2010), vão descrever o funcionamento dessa dimensão molecular (denominada superfície de produção) como constituída de fluxos de *enements* – *n* de infinito (Baremlitt, 2019) – que se encontram de forma fortuita, ao acaso, que se acoplam, formando máquinas desejantes (máquinas-fonte e máquinas-órgão), ou seja, uma infinidade de conexões maquinicas e suas incessantes produções que “furam” a realidade molar – denominada por eles de superfície de registro-controle – na que predominam as entidades identitárias, a reprodução e a anti-produção, propiciando a novidade, aquilo que escapa desse instituído.

O que há por toda a parte são mas é máquinas, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com as ligações e conexões. Uma máquina-órgão está ligada a uma máquina-origem: uma emite o fluxo que a outra corta. O seio é uma máquina de produzir leite e a boca uma máquina que se liga com ela... É assim que todos somos “bricoleurs”, cada um com as suas pequenas máquinas. Uma máquina-órgão para uma máquina-energia, e sempre fluxos e cortes. (Deleuze & Guattari, 2010, p. 7)

Em *Mil platôs*, volume 1 (1995a), Deleuze & Guattari vão dizer desses encontros/“entres” como conexões de multiplicidades rizomáticas “que não têm mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo” (p. 16). Ou dessas conexões como agenciamentos: “Um agenciamento é precisamente este crescimento de dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (p. 17).

Encontros/“entres” se tornaram esquizodemas constitutivos do esquizodrama, ou seja, o esquizodrama vai fazer um deslocamento da centralidade do sujeito ou das entidades molares, nas que predominam conexões arborescentes (hierarquizadas, identitárias, antropocêntricas etc) para propor intervenções que investem nas conexões rizomáticas – insólitas, moleculares, micro, maquínicas – intensificando e ressaltando seus efeitos. Nesse processo, o “eu” sujeito é apenas um “resto”, assombrado com os devires-acontecimentos – que o esquizodrama denomina eu(reka!!) (Baremlitt, 2019). Daí seu interesse, além da esquizoanálise, em saberes/práticas que caminham nessa direção.

... é óbvio que tais processos e efeitos *não têm*, nem causal nem representacionalmente considerado um sujeito (do enunciado e da enunciação) ou agente específico, ainda que possam, em algumas ocasiões, constituir sujeitos como peças da produção de subjetivações e outras produções que formam parte de seus funcionamentos. (Baremlitt, 2019, p. 16)

A segunda pinçagem é da esquizoanálise como uma proposta micropolítica e molecular.

... uma prática micropolítica que só toma sentido em relação a um gigantesco rizoma de revoluções moleculares, proliferando a partir de uma multidão de devires mutantes: devir mulher, devir criança, devir velho, devir animal, planta, cosmos, devir invisível... – tantas maneiras de inventar, de “maquinar” novas sensibilidades, novas inteligências da existência, uma nova doçura. (Guattari; 1977, p. 139)

Está constituída de duas tarefas – a tarefa positiva e a tarefa negativa. A primeira “consiste em descobrir num sujeito a natureza, a formação ou o funcionamento de *suas* máquinas desejanter” (Deleuze & Guattari, 2010, p. 426); a segunda consiste em “desfamiliarizar, desedipianizar, descastar, desfalicizar, destruir teatro, sonho e fantasma, descodificar, desterritorializar – uma espantosa curetagem, uma atividade maldosa” (Deleuze & Guattari, 2010, p. 505) na produção de subjetividades vitoriosas, dominantes, mantenedoras do modo de funcionamento da sociedade capitalista. Trata-se de intervir nas formações subjetivas e no campo social, considerando seus aspectos molares e os moleculares (as máquinas desejanter), ambos imanentes.

Da mesma forma, o esquizodrama vai atuar considerando as duas tarefas da esquizoanálise, a partir da invenção de esquizodramas e de intervenções clínicas, tanto no campo individual como no grupal, institucional e coletivo. Seu objetivo será o de atualizar na realidade a potência transformadora da realiteridade (na esquizoanálise, denominada superfície de produção).

Trata-se do funcionamento sempre combativo do *esquizodrama*: a raspagem, a desestruturação, a neutralização dos equipamentos *cósmicos* de poder, assim como a catalisação da atualização-eclosão de funcionamentos e instâncias *caosmóticos*. Tais objetivos podem parecer demasiado ambiciosos ou incompatíveis com abordagens *clínicas*, mas deve-se sempre ter em conta que os resultados serão sempre “parciais” e que o trabalho *clínico* continua fora do evento, tanto nos participantes, como noutros próximos, por contágio. (Barembliitt, 2019, p. 10)

A terceira pinçagem é a da esquizoanálise e do esquizodrama enquanto fundamentados num paradigma estético ou “proto-estético”, “que é imanentemente ético e político, pois traz uma leitura da realidade imanente a uma prática metamorfoseadora do mundo em que vivemos, entendida também como ecológica (ecologias da mente, da natureza, da sociedade e do parque maquínico-tecnológico)” (Amorim, 2008, p. 30). Isso significa apostar em caminhos criativos, impensados, que surpreendam a lógica vigente para se conseguir mudanças. Daí a valorização, ou melhor dito, a priorização da criatividade e da invenção em quaisquer formas de pensar e intervir.

Sobre o proto-estético, Guattari vai dizer:

que não estamos nos referindo à arte institucionalizada... mas a uma dimensão de criação em estado nascente, perpetuamente acima de si mesma, potência de emergência subsumindo permanentemente a contingência e as vicissitudes de passagem a ser dos universos materiais. (Guattari, 1992, p. 130-131)

Considero que este esquizoema – proto-estético – transversaliza toda a esquizoanálise e o esquizodrama, sendo plano de imanência, não só para uma crítica às formações sociais e subjetivas capitalísticas hegemônicas, como para a construção de linhas de fuga dessas formações – há que se inventar novas estéticas de existência, ou potencializar/reinventar as já existentes e silenciadas.

No esquizodrama, podemos citar, por exemplo, sua busca incessante por estéticas cosmológicas e existenciais que fogem das já absorvidas pelo pensar-agir dominante; que neste momento se materializa pela sua investigação/experimentação junto aos povos originários e às práticas decoloniais – visando atualizar novos modos de ser e de existir:

Quando seus olhares acompanharem o traçado de minhas palavras, vocês saberão que estamos vivos, pois a imagem de *Omama* nos protege. Então, poderão pensar: “Eis aí belas palavras! Os Yanomami continuam vivendo na floresta como seus antepassados. Residem em grandes malocas, onde dormem em suas redes, perto de suas fogueiras.

Comem banana e mandioca de suas roças. Flecham animais na floresta e pescam peixes em seus rios. Preferem sua comida aos alimentos mofados dos brancos, fechados em caixinhas de ferro ou estojos de plástico. Convidam, uns aos outros, de casas diferentes, para dançar durante suas grandes festas *reahu*. Fazem descer seus espíritos *xapiri*. Falam sua própria língua. Seus cabelos e olhos continuam semelhantes ao de *Omama*. Não viraram brancos. Continuam vivendo nas mesmas terras que, do alto de nossos aviões, parecem vazias e silenciosas. (Kopenawa, 2015, p. 78)

Por que insistimos em transformar a vida em uma coisa útil? Nós temos de ter coragem de ser radicalmente vivos, e não ficar barganhando a sobrevivência. Se continuarmos comendo o planeta, vamos todos sobreviver por só mais um dia. ... A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade a ela, mas isso é uma besteira. A vida é fruição, é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária. (Krenak, 2020a, pp. 108-109)

Guattari, em seu livro *As três ecologias*, vai fazer uma crítica e trazer questões relacionadas às formações políticas e às tentativas de abordar a crise socioambiental e humanitária provocadas pelo paradigma ético-político-estético dominante em nossa sociedade. A essas tentativas ainda ineficientes e desarticuladas, defende um outro paradigma: “... só uma articulação ético-política – a que chamo *ecosofia* – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões” (Guattari, 1990, p. 8). Baremlitt (2019) acrescenta uma quarta ecologia, a tecnológica, considerando a importância de ressaltá-la devido ao atravessamento ou transversalidade que a mesma assume na vida contemporânea.

O esquizodrama vai compreender esse paradigma como também *dramático*:

Num sentido rizomático, multiplicatório, imanente, e proliferativo, segundo o qual, *o esquizodrama acontece e devém arte, que dramatiza uma filosofia, que, por sua vez, dramatiza ciências que, por sua vez, dramatiza mitos e até delírios etc* (aos que atribui uma expressividade histórica, uma “narrativa” dramática com todos os nomes da história). Este processo de inclusão metamorfoica transcorre assim, devido às sínteses conectivas e às disjuntivas inclusas de produção. (Baremlitt, 2019, p. 14)

Uma quarta pinçagem do que me afeta na relação esquizoanálise-esquizodrama é a imensa produção de novos conceitos (esquizoemas) da esquizoanálise e como foram absorvidos, às vezes transmutados pelo esquizodrama, que também inventa os seus conceitos (esquizodremas).

... os *esquizodremas* têm sido cunhados para melhor dar conta da dinâmica e da processualidade dos acontecimentos e devires *esquizodramáticos*. Por exemplo: têm posições corporais, movimentos, expressões faciais, gestos, sons de voz inarticulados, ruídos corporais... que são *esquizodremas*. Um *esquizoema* da *esquizoanálise*, tal como o *corpo sem órgãos*, é um semantema abstrato. No *esquizodrama*, ele não apenas significa, senão, que resume também uma *klinica* peculiar e um conjunto de vivências compostas de certas percepções, sensações, afetos, gestos, ações etc. (Baremlitt, 2022, p. 39)

São verdadeiros agenciamentos de novos sentidos que, por si só já produzem novas realidades. Tais novidades têm a capacidade de nos afetar e transportar para novos modos de ser e de existir que nos surpreendem – que denominaria de “efeito eu(reka!!)”. Essa transmutação subjetiva é um dos objetivos de ambas as propostas.

E como última pinçagem, diria do sentido do prefixo esquizo- na denominação de ambas abordagens. Trata-se da referência e valor que dão aos processos esquizotes presentes na loucura, que expressam o modo último de funcionamento da realidade que é *esquizo* (que constitui o que denominam de superfície de produção, realteridade, virtual, caos-caosmose), ou seja, fragmentado, caótico, molecular – com os fluxos livres dos enamentos que a compõem e suas infinitas conexões e produções singulares e multiplicárias.

Para a esquizoanálise há dois tipos de investimento social (e que constituem os dois polos do delírio). O tipo ou polo paranoico fascistizante e o esquizo-revolucionário: “... já libertamos tanto a paranoia como a esquizofrenia de todas as pseudo-etimologias familiares, a fim de as fazer incidir diretamente no campo social: os nomes da história, e não o nome do pai” (Deleuze & Guattari, 2010, p. 290). Deleuze e Guattari irão propor uma *clínica universal*, sendo a paranoia e a esquizofrenia os extremos de um pêndulo que em seu oscilar contém graduações desses dois funcionamentos.

O paranoico máquina massas, é o artista dos grandes conjuntos molares, das formações estatísticas ou gregaridades, dos fenômenos de multidões organizadas. Investe tudo sob o signo da grandeza... pelo contrário, o esquizo segue a outra orientação, a da micro-física das moléculas que já não obedecem às leis estatísticas; ondas e corpúsculos, fluxos e objetos parciais que já não são tributários dos grandes números, linhas de fuga infinitesimais em lugar das perspectivas de grandes conjuntos. (Deleuze & Guattari, 2010, pp. 291-292)

Junto a esse prefixo, a esquizoanálise agrega a palavra *análise* e o esquizodrama, a palavra *drama* (etimologicamente significa ação). Isso nos diz de um contexto histórico e teórico em que cada uma surge (e suas capturas), mas também traz implícita a predominância de certo tipo de intervenção dessas duas abordagens. No caso da esquizoanálise, a mesma surge num contexto de efervescência da psicanálise, e inicialmente (em especial, no livro *O anti-Édipo*) como uma crítica à mesma.

Pretendia denunciar as falhas de Édipo, do “papai-mamãe”, na psicanálise, na psiquiatria e até mesmo na antipsiquiatria, na crítica literária e na imagem geral que se faz do pensamento. Sonhávamos em acabar com o Édipo. Mas era uma tarefa grande demais para nós. A reação contra 68 iria mostrar a que ponto o Édipo familiar passava bem e continuava a impor seu regime de choramingo pueril na psicanálise, na literatura e por toda parte no pensamento. De modo que o Édipo continuava a ser nossa ocupação. (Deleuze & Guattari, 1995a, p. 7)

Mas não dá para ser ingênuo e não perceber que a manutenção do termo análise diz de um predomínio desse tipo de intervenção em seu fazer, mesmo que uma análise molecular e micropolítica; o que considero que não faz jus à proposta e efeitos da esquizoanálise.

Já o esquizodrama, despido dessa necessidade, ressalta, em sua nomeação, o predomínio das dramatizações/experiment(ações)/intervenções teóricas, metodológicas e técnicas/klínicas de sua prática, o que aumenta sua potência transmutadora. A análise, então, poderia ser, ou não, apenas uma dentre outras de suas ferramentas de atuação.

O esquizodrama vai incorporar todos os esquizoemas inventados pela esquizoanálise, bem como seu paradigma ético, político e estético e sua pesquisa na literatura, artes, filosofia e em vários outros saberes.

Pode-se dizer que o esquizodrama se diferencia da esquizoanálise, por exemplo, pela produção de dispositivos de intervenção denominados klínicas, nos quais pode existir ou não a análise micropolítica e molecular que a esquizoanálise propõe. Mas sua ênfase está na experimentação/esquizodramatização; além disso, seu trabalho explora todo tipo de expressão corporal e não prioritariamente a verbal, como na esquizoanálise.

Da mesma forma, terá sua produção própria de novos conceitos – esquizodrems, muitos trazidos da esquizoanálise, mas intensificados em sua capacidade inventiva, quando dramatizados.

Outro ponto é que, dentre os saberes que o esquizodrama vai incorporar/transmutar, estão os decoloniais, ou seja, interessa-lhe compor com os saberes e práticas menores, em especial dos territórios em que estiver inserido.

Poder-se-ia dizer que o esquizodrama é uma esquizoanálise? Inicialmente também achei que sim, sem a isso se limitar. Mas agora tendo a dizer que não. Ele cria seus caminhos próprios e aí vai se diferenciando, o que diz de sua originalidade. Em minha dissertação de mestrado (2008), fiz uma provocação dizendo que esquizodrama seria um melhor nome para a esquizoanálise, tentando trazer uma crítica e reflexão, no sentido de que esse saber tão revolucionário e inventivo e seus efeitos, não se reduz apenas a uma análise, mesmo que esta seja micropolítica e molecular, como disse acima. Diria que, assim como as várias práxis do movimento instituinte (Baremblytt, 2002), compartilham da mesma ética-estética-política; mas, em geral, agem de maneira diferente em suas modalidades de intervenção. Além de que, muito humildemente (comparado à produção

teórica inigualável da esquizoanálise, da que o esquizodrama se beneficia enormemente), o esquizodrama vem construindo sua matriz teórica que melhor lhe convém, como, por exemplo, o lugar que ocupam as mobilizações corporais e seus efeitos disruptivos do status quo e a potência da esquizodramatização.

Ouso avançar, com o temor de quem comete uma heresia, e dizer que quando a esquizoanálise mantém o termo análise em seu nome, testemunha ainda resquícios de uma pequena concessão – assim como fazem, por exemplo, com o termo libido: “Estas oscilações do inconsciente, estas passagens subterrâneas de um tipo a outro no investimento libidinal e, frequentemente, a coexistência dos dois, são um dos principais objetos da esquizoanálise” (Deleuze & Guattari, 2010, p. 290). Quando poderiam ter usado tantos outros conceitos, mais próximos do sentido de fluxos desterritorializados de desejo-produção, e que não estivessem tão carregados do sentido de se limitar ao fluxo corpo-psiquismo, ou da psicanálise que tanto criticam. Como por exemplo, o conceito de orgônio, ou investimento orgonômico de Reich (Reich, 1987) não caberia melhor? Ou não precisaria de nenhum deles, inventando seu próprio, considerando a imensa novidade em que sua produção teórica inventiva está inserida.

Considero que a micro e molecular análise da esquizoanálise está investida de uma língua menor, poética, assignificante e, mais que crítica, transmutadora. No entanto, o esquizodrama, quando faz uso dela como uma de tantas outras de suas ferramentas clínicas (o que não desqualifica sua importância) amplia as possibilidades de intensificação e efetividade de suas intervenções, no que diz respeito à transmutação e desterritorialização da realidade molar. A invenção/agenciamentos de dispositivos clínicos propicia condições mais amplas de “acesso” ou atualização do campo molecular realiteritário.

Um exemplo disso seria: enquanto a esquizoanálise vai propor que “analisemos o corpo pleno da terra: sofredor e perigoso, único, universal, rebate-se sobre a produção, sobre os agentes e as conexões de produção...” (Deleuze & Guattari, 1972, pp. 158-159), o esquizodrama vai propor dramatizar o corpo pleno da terra, tudo o que ele atrai e como se dão as lutas das conexões de produção para sobreviver a essas capturas reprodutivas... Ou seja, analisar, falar a respeito desse tema (de forma não capturada pelo sujeito que fala) produz efeitos muito diferentes do sentir-se afectado e afectar-se por essa temática num devir impessoalizado e surpreendido (eu(reka!!)) pelo processo de devir-acontecer em uma clínica preparada para tal.

Em “Notas para uma esquizoanálise” (1988), Guattari diz: “A melhor posição para se ouvir o inconsciente não consiste necessariamente em ficar sentado atrás de um divã” (p. 189). Como esquizodramatista, eu diria: a melhor posição para atualizar o inconsciente maquínico/superfície de produção/realteridade não consiste somente em esquizoanalísá-lo, mas, por exemplo, esquizocorporeá-lo/esquizodramatizá-lo – explorando ao máximo as potencialidades expressivas e inventivas, para que se atualizem na realidade/superfície de registro controle como diferenças, novidades inusitadas e impensadas...

Antes de passar ao detalhamento de outros saberes e fazeres que também tiveram influência no processo de invenção e consolidação do esquizodrama, é importante dizer como isso se dá. Ao aproximar-se e *devir* partes de todos esses saberes e fazeres (e isso serve para sua relação com a esquizoanálise também), o esquizodrama não vai repeti-los, mas dramatizá-los, ou seja, repeti-los como *diferencia* (realteritária, não como a diferença da realidade comumente conhecida como tal) (Baremlitt, Amorim & Hur, 2020). Quero dizer, trata-se de inventar esquizodremas e clínicas produzidos no “entre” (o que não quer dizer inter) do encontro com esses saberes e fazeres, produzindo efeitos sempre novos e diferentes de suas fontes de origem. Diferente do “inter”, ou interdisciplinar (Baremlitt, 2019), em que os saberes ou disciplinas mantêm suas especificidades, mas dialogam entre si, aqui se aproxima mais do transdisciplinar, ou dos trans-saberes em que se cria algo completamente diferente das especificidades de origem.

A esse procedimento de busca incessante de teorias e práticas e sua apropriação sempre metamorfoseada, o esquizodrama vai denominar de *ecletismo superior*, por referência ao estudo deleuziano sobre o empirismo superior ou empirismo transcendental de Hume (Deleuze, 1977). Segundo Deleuze, o empirismo de Hume nos traz uma nova forma de colocar problemas, o que nos apresenta muito bem Machado (2009), em sua investigação do empirismo em Deleuze:

Hume opera uma subversão que vai levar o empirismo a uma potência superior: se as ideias só contêm o que se encontra nas impressões sensíveis, é precisamente porque as relações são exteriores e heterogêneas a seus termos, impressões e ideias. A diferença não se encontra, pois, entre ideias e impressões, mas entre duas espécies de impressões ou ideias, as impressões de termos e as impressões ou ideias de relações. Assim, o verdadeiro mundo empirista desdobra-se pela primeira vez em toda sua extensão: mundo de exterioridade, mundo em que o próprio pensamento está em relação fundamental com o-de-fora, mundo onde há termos que são verdadeiros átomos e relações que são verdadeiras passagens externas – mundo onde a conjunção “e” destrona a interioridade do verbo “é”. (Machado, 2009, p. 138)

Com relação ao esquizodrama *ecletismo superior*, Baremlitt assim o define:



... é a livre extração de todo e quaisquer recursos teóricos e técnicos, a partir de todo e qualquer ponto de um sistema de pensamento e ação para, redefinindo-o e amalgamando-o a invenções próprias (assim como das dos participantes dos dispositivos clínicos), construir um “corpus” de saber e fazer que detenha alguma singularidade. (Baremlitt, 2004a, p.4)

Outra expressão-sentido similar a esse procedimento é a bricolagem (cuja origem vem da arte primitiva), muito utilizada por Deleuze e Guattari (2010), para dizer da reunião de elementos heterogêneos que aparentemente não têm nada a ver entre si, gerando um efeito estético inusitado, diferente do de suas origens.

A satisfação do bricoleur, quando consegue ligar qualquer coisa à corrente elétrica, quando consegue desviar um conduto de água, não poderia ser explicada pelo jogo de “papá-mamã” ou por um prazer da transgressão. A regra de produzir sempre o produzir, de inserir o produzir no produto, é a característica das máquinas desejanças ou da produção primária: produção de produção. (Deleuze & Guattari, 2010, pp. 12-13)

Outra referência que podemos utilizar é o que Deleuze denomina de *roubos* que faz de certos autores e como utiliza esse material:

Eu me imaginava chegando pelas costas de um autor e lhe fazendo um filho, que seria seu, e, no entanto, seria monstruoso. Que fosse seu era muito importante, porque o autor precisava efetivamente ter dito tudo aquilo que eu lhe fazia dizer. Mas que o filho fosse monstruoso também representava uma necessidade, porque era preciso passar por toda espécie de descentramentos, deslizes, quebras, emissões secretas que me deram muito prazer. (Deleuze, 1992, p. 14)

A partir dessa compreensão, podemos dizer que, além da esquizoanálise, o esquizodrama vai beber em fontes e campos diversos, pinçando e transmutando contribuições vindas de toda forma de expressão humana e da natureza. Dizer “toda” não é exagero, pois, em seu devir artista ou proto-estético, “tudo” o que existe pode se transformar em inspirações ou materiais infinitos para inventar sua teoria-método-técnica/klínicas.

Tentarei citar algumas dessas influências, propiciando um plano-matriz de onde pululam as invenções práxicas a partir dessas fontes. Deleuze e Guattari, por exemplo, investigam saberes não filosóficos (arte, literatura etc) para produzir/criar novos conceitos (esquizoemas). O esquizodrama investiga tais estudos de Deleuze e Guattari, e de outros, para produzir esquizodremas e klínicas. O que vai conectar e intelegibilizar todos esses conhecimentos e modos de operar são as denominadas sínteses conectivas e disjuntivas inclusas – “e...e...e... também...” (Baremlitt, 2019, p. 14).

Não é o objetivo aqui desenvolver cada uma dessas contribuições, mas estarei comentando apenas aquelas que mais me afetaram e que emergem neste

passeio/peripécias sobre o saber-fazer esquizodramático e que registro aqui como vicissitudes.

Começo por uma das fontes preferenciais do esquizodrama (e também de Deleuze e Guattari) – o teatro. Particularmente, o teatro de Carmelo Bene, de Beckett e de Artaud. Mas tenho que citar, também, o de Ionesco, os recursos do teatro oriental como o Balinês e o Butô, dentre outros, assim como a performance. O que esses tipos de teatro têm em comum é a crítica da representação, do tempo, dos lugares e papéis, do sentido hegemônico dos discursos e sua dimensão política e crítica. Propiciam um plano de consistência de onde Deleuze, por exemplo, vai desenvolver seu conceito de *diferença* (que se opõe ao de identidade) e outros conceitos (Machado, 2009) e o esquizodrama seus esquizodremas e clínicas, como por exemplo, os esquizodremas *peripécias* e *vicissitudes* (Baremlitt, 2019).

Segue uma ilustração da construção desse plano de onde podem emergir esquizoemas, esquizodremas e clínicas, quando Deleuze, por exemplo, investiga a obra *O esgotado*, de Becket:

Há, portanto, quatro modos de esgotar o possível:

- Formar séries exaustivas de coisas,
- Estancar os fluxos de voz,
- Extenuar as potencialidades do espaço,
- Dissipar a potência da imagem. (Deleuze, 2010, p. 86)

Ou quando ele investiga a obra *Um manifesto de menos* de Carmelo Bene:

O homem do teatro não é mais autor, ator ou encenador. É um operador. Por operação deve-se entender o movimento de subtração, da amputação, mas já recoberto por um outro movimento, que faz nascer e proliferar algo de inesperado...” (Deleuze, 2010, p. 29)

As contribuições de Artaud com seu Teatro da Crueldade tem especial lugar na investigação esquizodramática. Traz uma crítica radical à sujeição do teatro ao texto, questiona e reformula a relação entre cenário-plateia-atores-público, inclui gritos e outros caracteres suprasegmentares do discurso (altura, timbre, intensidade, tonalidade, frequência etc), a música e a dança como componentes relevantes e não só de fundo, a apelação a vazios no percurso da teatralização, uma forte utilização da improvisação e da performance, um emprego de todo tipo de recursos provenientes dos teatros orientais (como por exemplo, o balinês).

E aquilo que o teatro pode extrair da palavra são suas possibilidades de expansão fora das palavras, de desenvolvimento no espaço, de ação dissociadora e vibratória sobre a sensibilidade. É aqui que intervêm as entonações, a pronúncia particular de uma palavra. É aqui que intervêm, fora da linguagem auditiva dos sons, a linguagem visual dos objetos, movimentos, atitudes, gestos, mas com a condição de que se prolonguem seu sentido, sua

fisionomia, sua reunião até chegar aos signos, fazendo desses signos uma espécie de alfabeto. (Artaud, 2006, pp. 101-102)

Há uma investigação no campo do teatro que considero crucial para o esquizodrama, e que deve ser agregada a uma investigação permanente com relação aos teatros e autores citados acima. Assim como uma investigação sobre os teatros criados na América Latina, sobre os quais faço uma pequena digressão.

Começaria citando o teatro político e de resistência de Eduardo Pavlovsky (motivo pelo qual teve que exilar-se de seu país na ditadura).

Por eso creo que hoy hacer teatro en nuestras condiciones se convierte por sí solo en un hecho político. Porque es un acto de presencia – un acto de resistencia – un acto estético que expresa la resistencia a la homogeneización y busca desesperadamente las diferencias en la manifestación teatral como hecho ético... Porque nosotros en Latinoamérica “estamos desaparecidos” y es la cultura y el teatro en particular que contribuyen para mantenernos vigentes en la lucha. (Pavlovsky, 2006b, p. 85)

Por exemplo, seus textos como *El Señor Galindez* (1973), *Potestad* (1985) e tantos outros, poderiam se tornar matriz de clínicas esquizodramáticas.

No Brasil, caberia investigar e compor com o *teatro do oprimido* de Augusto Boal, a *tragicomediorgia* de José Celso (inspirado nas produções do Teatro Oficina, em São Paulo), o *teatro desessência/corpoemaprocesso* de Clarissa Alcântara, o *teatro do porão* de Wlad Lima etc.

... es decir un teatro de intervención... No en el sentido dado a ese término... Intervención de quién? Del espectador mismo. Debemos dar al espectador la posibilidad de *ensayar* las acciones revolucionarias; ... Yo probé esta técnica y vi que producía resultados maravillosos. No tiene efecto catártico. Habría que inventar una palabra diferente de catarsis. La catarsis vacía al espectador de algo. Hay que inventar una palabra como estímulo. (Boal, 1982, p. 229)

Mas ocorre que no corpoemaprocesso as sílabas se esvaem esfarinhadas, nele, as palavras são disritmia muscular, o corpo expectora a própria ausência, profere o indizível. Difícil suportá-lo à presença perturbadora que ameaça o controle da força. Teatro? O encantamento pode ser o distúrbio. (Alcântara, 2011, p. 54)

Desejo acusar publicamente a minha poética encravada nos porões da cidade de Belém do Pará de ser uma poética específica, particular e local; de ser uma micropolítica; de ser uma formação de desejo molecular, minoritária, menor. De ser Teatro do Porão. (Lima, 2015, p. 214)

E tantas outras invenções teatrais (especialmente no Brasil, América Latina e em outros lugares do mundo), com viés libertário irão interessar ao esquizodrama investigar.

Dentro dessa mesma proposta de pesquisa, composição e transmutação, ao esquizodrama interessam as várias modalidades e formas expressivas, tanto artísticas, terapêuticas, quanto culturais, tais como “a música, a dança, o canto, as artes marciais, massagens, modos de respiração, vídeos, filmes, misturas de imagens, corpos, encontros,

drogas psicodélicas etc” (Baremlitt, 2019, p. 4). Posso acrescentar: a literatura, as artes visuais, o cinema, os saberes e práticas dos povos originários, das comunidades tradicionais, populares, regionais, esportivas, psicoterápicas, as formas expressivas dos delírios e até da ciência, da filosofia, da política, da ecologia etc. Assim como o trabalho verbal acerca dos emergentes das experimentações esquizodramáticas, mas enfatizando não o significado ou a significância, mas todas as dimensões semióticas que a expressão permite e requer (Amorim, 2008). Da mesma maneira que no teatro, interessarão nessas modalidades aquelas que são atípicas, contestatórias, subversivas, marginais e propiciadoras do novo.

Por exemplo, interessa a literatura em que “o escritor produza um devir-outro da língua, um ‘delírio’ que a faz sair dos eixos, dos trilhos, que a faz escapar do sistema dominante” (Machado, 2009, p. 207). Tal é o estilo de escritores “como Whitman, Melville, Gherasim Luca, Kleist, Lewis Carroll, Kafka, Raymond Roussel, Céline, Cummings etc” (Machado, 2009, p. 207). Acrescento: Beckett, Proust, Henry Miller, D. H. Lawrence, Samuel Butler, Burroughs, dentre tantos outros.

Deleuze e Guattari vão dizer de uma literatura menor “que não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (Deleuze & Guattari, 1977, p. 25). Segundo eles, são características das literaturas menores o forte coeficiente de desterritorialização da língua: nelas, tudo é político; nelas tudo adquire um valor coletivo (Deleuze & Guattari, 1977).

As três características da literatura menor são de desterritorialização da língua, a ramificação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo de enunciação. Vale dizer que “menor” não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que chamamos de grande (ou estabelecida). Mesmo aquele que tem a infelicidade de nascer no país de uma grande literatura, deve escrever em sua língua, como um judeu tcheco escreve em alemão, ou como um ubesque escreve em russo. Escrever como um cão que faz seu buraco, um rato que faz sua toca. E, para isso, encontrar seu próprio ponto de subdesenvolvimento, seu próprio patoá, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto. (Deleuze & Guattari, 1977, pp. 28-29)

Cabe ao esquizodrama, dentro de sua proposta decolonial, se debruçar com afinco na literatura latino-americana e regional, dentro desse recorte de literatura “menor”:

Jorge Luis Borges, Guimarães Rosa, Manoel de Barros, Gabriel García Marques, Clarice Lispector, Roberto Bolaño, Mário Bellatin – entre o desestabilizar a identidade e a língua, destruir as fronteiras da ficção, outrar-se... (diálogo com Eduardo Veras, professor de literatura/UFTM, 2021)

Com relação às contribuições das práticas terapêuticas e psicoterápicas, ao esquizodrama vai interessar aquelas que vão muito além da expressão prioritariamente

verbal, que valorizam a expressão e mobilização corporal e os processos grupais. Busca contribuições nas práticas do Potencial Humano, da Orgonoterapia de Wilhelm Reich (na que teve importante influência para sua incorporação, a análise de Barenblitt com um discípulo direto de Reich, Alberto Tagliaferro), da Bioenergética de Lowen, da Respiração Holotrópica de Groff, do Grito Primal de Janov, da psicologia profunda de Jung, do Psicodrama e Sociodrama de Moreno, do Grupo Operativo de Pichon Rivière, rituais e terapêuticas orientais, como as danças Sufi e a meditação, as artes e os rituais indígenas, expressões ritualísticas em geral, o uso terapêutico de psicodélicos etc (Amorim, 2008).

O interesse do esquizodrama não é tanto pelos aspectos teóricos dessas diferentes modalidades terapêuticas, mas pela diversidade de invenção técnica que elas produzem e seu potencial terapêutico. Ele vai tentar recuperar dessas abordagens sua potência de mobilização, de criação e de invenção, transformando-as em outras modalidades de intervenção.

Como um exemplo de como se dá esse processo mutativo, posso citar a clínica esquizodramática *caos-caosmos-cosmos*, que se inspirou nas massagens e respirações reichianas e na respiração holotrópica de Groff, mas não para “descobrir” ou propiciar que emergam as estruturas de caráter (Reich) ou as matrizes perinatais (Groff) a serem posteriormente trabalhadas (ou “interpretadas”) verbalmente; e, sim, para propiciar a quebra de defesas, de confundir o eu, desconstruí-lo e surpreendê-lo com outros estados e modos de expressão que alterem o modo padrão de subjetividade e de construção do mundo. Aí está implícita a dimensão política do esquizodrama, que na maioria dessas práticas e, especialmente nas práticas inspiradas em Reich (que tinha essa dimensão explícita), foi, em geral, abandonada.

A escolha dessas e outras propostas terapêuticas, culturais, artísticas etc e suas incorporações transmutadas dependerá das preferências e pesquisas de cada esquizodramatista, livre para compor seu percurso singular. Espera-se que o mesmo compartilhe essas experimentações com o coletivo de esquizodramatistas, enriquecendo seu potencial de proliferação inventiva esquizodramática.

Cabe deixar citado, que assim como a esquizoanálise, o esquizodrama toma, também, características do vitalismo, do empirismo, do construtivismo, do perspectivismo, do relativismo, de certo animismo e de outras tendências

contemporâneas. Assim como tiveram “importações” e reformulações das ideias do Materialismo Histórico e do Socialismo Científico, de Marx e Engels, e da psicanálise, de Freud (Baremlitt, Amorim & Hur, 2020). E também dos anarquistas: “O certo é que Godwin, Bakunin, Kropotkin, Malatesta, Proudhon, Stirner e Fourier, Bergmann e Volinov gravitaram mais do que os institucionalistas reconhecem” (Baremlitt, 2011, p. 20) – e que o esquizodrama precisa investigar e reconhecer... transmutando...

Outra influência é a das teorias e práticas do Movimento Instituinte, especialmente da Análise Institucional de Lourau e Lapassade. Isso porque é a análise institucional que traz explicitamente a utopia ativa do esquizodrama, ou seja, o que o propulsiona no presente, a autoanálise e a autogestão. Além de trazer novos conceitos que ajudam na compreensão da realidade/realteridade. O Movimento Instituinte (ou Institucionalista) é um conjunto de saberes e práticas que se propõem a desenvolver, junto aos coletivos, processos os mais autoanalíticos e autogestionários possíveis – o que constitui sua utopia ativa (Baremlitt, 2002).

A rigor, foi Guattari quem inventou essa denominação “análise institucional”:

Foi pensando em tal ampliação virtual das práticas institucionais de produção de subjetividade que, no início dos anos sessenta, forjei o conceito de “análise institucional”. Tratava-se então não somente de questionar a psiquiatria, mas também a pedagogia – aquilo a que se dedicava a “Pedagogia institucional” praticada e teorizada por um grupo de professores reunidos em torno de Fernando Oury, o irmão mais velho de Jean Oury – e a condição estudantil, cuja problemática começava, se ousar dizer, a borbulhar no seio da *Mutuelle nationale des étudiants* (da qual me tornei “conselheiro técnico) e da UNFE, que deveria se tornar o catalisador dos acontecimentos de 1968. E, pouco a pouco, questionar também o conjunto dos segmentos sociais que deveria ser, a meu ver, objeto de uma verdadeira “revolução molecular”, quer dizer, de uma re-invenção permanente. ... parecia que a subjetividade em todos os estágios do socius onde se quisesse considerá-la, não era manifesta, era produzida sob certas condições e que estas poderiam ser modificadas por múltiplos procedimentos e de forma a orientá-la em um sentido mais criativo. (Guattari, 1992, p. 190)

Mas foram Lourau e Lapassade que a ampliaram como um procedimento de compreensão e intervenção sobre quaisquer instituições, organizações ou estabelecimentos que apresentem conflitos e dificuldades relativos à estrutura, dinâmica e resultados de seu funcionamento.

Lapassade vai dizer que a análise institucional

se preocupa essencialmente – é de fato a base de seu paradigma – com a relação entre o instituído e o instituinte. Inversamente, a AI traz um novo e importante esclarecimento quando evidencia uma dimensão institucional escondida, mas presente, na situação analisada. (Lapassade, 2005, p. 66)

Assim como no esquizodrama, Lapassade introduziu na AI (também chamada de socioanálise – quando em situação), técnicas do potencial humano, em especial da bioenergética e do psicodrama, por razões similares às encontradas na prática do esquizodrama:

A introdução desses métodos foi necessária numa fase em que as intervenções socioanalíticas eram particularmente agressivas e provocavam “descargas emocionais” que os socialistas, formados pela psicologia clássica, não sabiam administrar. (Lapassade, 2005, p. 58)

A análise institucional tem como objetivo principal a detecção dos efeitos destrutivos das relações de alienação, dominação, exploração e mistificação que são imanentes a todos os organismos sociais para combatê-los e, assim, abrir possibilidades de um operar democrático direto, autogestionário e autoanalítico.

Tanto a esquizoanálise, quanto o esquizodrama aspiram o mesmo. Mas, no meu entender, a diferença principal da análise institucional com esses dois é, primeiramente, que a filosofia inerente à análise institucional (pelo menos a desenvolvida por Lourau) é a dialética (preocupado ainda em responder à tendência positivista da sociologia da época):

A alternativa para os desvios do positivismo não se encontra de preferência no subjetivismo do que no niilismo da intervenção destruidora e selvagem. Reside na clara consideração dos limites teóricos e práticos que a análise em situação encontra, e que ela própria esboça, desde que seja instituída na prática social. A consideração desses limites é inseparável da consciência do não-saber, que não deve estar jamais ausente da análise. Quem poderia dar uma ideia desse não-saber melhor que Hegel, teórico atormentado do Saber absoluto? (Lourau, 1996, p. 18)

Enquanto que na esquizoanálise e no esquizodrama está a filosofia deleuziana da diferença que enfatiza a afirmação e as positivities plenas. Ao ser perguntado sobre sua recusa por Hegel, Deleuze responde:

... Espinosa e Nietzsche são filósofos cuja potência crítica e destruidora é inigualável, mas essa potência brota sempre de uma afirmação, de uma alegria, de um culto da afirmação e da alegria, de uma exigência da vida contra aqueles que a mutilam e a mortificam... A empreitada de “carregar” a vida, de sobrecarregá-la com todos os fardos, de reconciliá-la com o Estado e com a religião, de nela inscrever a morte, a empreitada monstruosa de submetê-la ao negativo, a empreitada do ressentimento e da má consciência se encarnam filosoficamente em Hegel. Com a dialética do negativo e da contradição, ele inspirou naturalmente todas as linguagens de traição, tanto à direita quanto à esquerda (teologia, espiritualismo, tecnocracia, burocracia etc). (Deleuze, 2008, p. 186)

Outro ponto é que tanto na análise institucional quanto na esquizoanálise ainda há o predomínio de intervenções verbais, enquanto que no esquizodrama a intervenção verbal é apenas uma dentre outras. E o esquizodrama vai fazer uso de todos os conceitos

da análise institucional, muitos sendo transformados, o que a esquizoanálise não faz em sua construção teórica.

Ressalto que os avanços das propostas de intervenção lapassadianas são bastante consonantes e de interesse para o esquizodrama, especialmente, sua transeanálise, com suas investigações com relação ao corpo em transe e o transe do animador, a dramatização, a teatralidade, o jogo, os encontros e o encontro institucional, a perda da consciência, a bioenergia, as intervenções breves... (Lapassade, 1980).

Para construir el transanálisis hay que tomar en cuenta, ante todo, los movimientos que lo preceden: el movimiento institucionalista y el movimiento del potencial humano, que aporta al análisis institucional el método al fin hallado para hacer actuar el cuerpo y el deseo en el campo de la intervención. (Lapassade, 1980, p. 32)

Ele também vai fazer uma crítica ao predomínio da “análise” em detrimento de outras modalidades de intervenção, inclusive, na socioanálise:

En efecto, el modelo “hablista” del análisis, tal cual surgió de la obra de Freud, ha pasado sin crítica alguna al socioanálisis, al mismo tiempo que el hablismo psicológico de los grupos denominados de formación. (Lapassade, 1980, p. 32)

Compreendo que o esquizodrama leva intrínseco em sua produção de conhecimento sobre si estar aberto e ir incorporando, revisitando saberes e práticas engendrados pela sociedade, dialogando, especialmente com o contexto socio-político-cultural atual, no qual se insere. Isso significa uma reflexão crítica, construtiva e desconstrutiva dessa produção. Nesse sentido, tem me chamado a atenção o quanto o esquizodrama, em coerência com suas propostas revolucionárias e libertárias, que se propõem decoloniais, necessita ainda dialogar mais com as produções de conhecimento pós-coloniais, descoloniais, decoloniais e contra-coloniais, em especial, da América Latina. Sabemos que esse movimento tem muitos precursores, pensadores como por exemplo, Frantz Fanon:

Todo Pueblo colonizado – es decir, todo pueblo en cuyo seno haya nacido un complejo de inferioridad cultural local – se sitúa siempre, se encara, en relación con la lengua de la nación civilizadora, es decir, de la cultura metropolitana. El colonizado escapará tanto más y mejor de su selva cuanto más y mejor haga suyos los valores culturales de la metrópoli. Será tanto más blanco cuanto más rechace su negrura, su selva. (Fanon, 1970, p. 43)

“La humanidad espera algo más de nosotros que esa imitación caricaturesca y en general obscena... Pero si queremos que la humanidad avance con audacia, si queremos elevarla a un nivel distinto del que le ha impuesto Europa, entonces hay que inventar, hay que descubrir. (Fanon, 1969, p. 290)



E em nosso caso, latino-americanos, precisamos nos contrapor à dominância ainda de um eurocentrismo, e também de um norte-americanocentrismo, não só político-econômico, mas epistemológico e cultural.

Daí a importância, nos últimos anos, do recrudescimento das ideias decoloniais, através de pensadores, em especial, indianos e latino-americanos, de grupos de estudos e pesquisas que trazem contribuições bastante instigadoras e necessárias “para compreender e atuar no mundo, marcado pela permanência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva” (Ballestrin, 2013, p. 89).

Inicialmente, se destacaram Frantz Fanon (1925-1961), Aimé Césaire (1913-2008) e Albert Memmi (1920). Entre suas obras, pode-se ressaltar, respectivamente, *Os condenados da terra* (1961), *Discurso sobre o colonialismo* (1950) e *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador* (1947). Posteriormente temos o clássico livro *Orientalismo* (1978), de Edward Said (1935-2003).

A partir da década de 1970, surgem grupos de estudos (como o sul-asiático Grupo de Estudos Subalternos) e pensadores que merecem destaque, como Ranajit Guha, Grosfoguel, Castro-Gomes e Mendieta, Chatterjee, Chakrabarty, Spivak, Homi Bhabha, Stuart Hall, Paul Gilroy etc. A partir da década de 1990, esse movimento na América Latina se fortalece, chamando a atenção para Aníbal Quintano, Santiago Castro-Gómez, Eduardo Mendieta, Walter Dignolo, Ramón Grosfoguel, Enrique Dussel dentre tantos outros; além de dois grupos: Grupo Latino-americano de Estudos Subalternos e o Grupo Modernidade/Colonialidade.

Dou esses exemplos tentando trazer a intensidade e efervescência presente neste momento, sendo que todos eles vão se diferenciar mais pela radicalidade das propostas – o que provocou a diferenciação de duas epistemes – a pós-colonial e a do Giro Decolonial e a opção pelo termo decolonialidade – realizada pelos latino-americanos do Grupo Modernidade/Colonialidade (Bellestrin, 2013).

Reproduzo aqui, a citação de Dignolo, realizada por Bellestrin (2013, p. 106), e que considero ilustrativa da importância desses estudos para o esquizodrama, especialmente por incluir a episteme de movimentos sociais:

A genealogia global do pensamento decolonial (realmente outra em relação com a genealogia pós-colonial) até Mahatma Gandhi, W. E. B. Dubois, Juan Carlos Mariátegui, Amílcar Cabral, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Fausta Reinaga, Vine Deloria Jr., Rigoberta Menchú, Gloria Anzaldúa, o Movimento Sem Terras no Brasil, os zapatistas em Chiapas, os movimentos indígenas e afros na Bolívia, Equador e Colômbia, o Fórum Social

Mundial e o Fórum Social das Américas. A genealogia do pensamento decolonial é planetária e não se limita a indivíduos, mas incorpora nos movimentos sociais (o qual nos remete aos movimentos sociais indígenas e afros). (Bellestrin, 2008, p. 258)

O esquizodrama se inspira especialmente na esquizoanálise, de Deleuze e Guattari, se apropriando dela a seu modo, mas se enriquece e se diferencia à medida que vai valorizando, incluindo, metamorfoseando e dialogando com as narrativas, invenções e práticas latino-americanas – locais, regionais, nacionais e continentais. Isto é crucial, por exemplo, para estar mais conectado com as realidades de grupos minoritários, numa produção de vários devires minoritários em sua prática, como por exemplo: devir nordeste, devir Amazônia, devir populações originárias, quilombolas, devir Marighela, devir Betinho, devir Boal, Paulo Freire, Pichon-Rivière, Pavlovsky, José Celso, devir Guimarães Rosa, as Murgas uruguaias, Mujica, nosso/as combatentes, heroínas, heróis e mártires. Lembrando que devir-acontecer todos esses não é repeti-los com algumas diferenças, mas repetir esquizodramaticamente, para que produzam a atualização de potencialidades virtuais moleculares como *differrencia* (o novo radical) e não como diferença molarmente conhecida (Baremlitt, Amorim & Hur, 2020). Da mesma forma, cabe investigar as práticas nem sempre valorizadas ou reconhecidas, por não serem de regiões ocidentais, como as dos continentes africanos, asiáticos dentre outras.

Com esses exemplos, espero ter conseguido transmitir um pouco como está se dando o processo de construção teórica do esquizodrama e de sua diferenciação da esquizoanálise, bem como ter esclarecido a infinidade de possibilidades de estudos a serem acrescentados, que ainda deverão ser investigados. Esta tese é apenas um disparador a mais desse caminho a ser trilhado.

## 2.1 ENSAIO DE DEFINIÇÃO DE ALGUNS ESQUIZODREMAS DO ESQUIZODRAMA

O esquizodrama vem produzindo, simultaneamente, sua teoria, seu método e sua técnica/klínicas. São momentos diferenciados, mas entranhados um no outro indissolúvelmente. Ou seja, trata-se de uma teoria que dramatiza um método, que dramatiza uma clínica, que por sua vez dramatiza um método que dramatiza uma teoria e assim contínua e simultaneamente. Talvez se possa dizer que consiste numa prática, constituída de três momentos: teórico, metodológico e técnico/clínico, distinguíveis, mas imanentes entre si (Baremlitt, Amorim & Hur, 2020).

Dito de outra maneira, o esquizodrama inventa e articula permanentemente unidades de significação e sentido (semas) denominados de esquizodremas, que participarão de seu momento teórico (no que se inclui, como dito anteriormente, as incorporações/transmutações de outros saberes e fazeres); são as peças formal-abstratas destinadas ao conhecimento universal do complexo realidade-realteridade que esse saber possibilitará atualizar. Seu momento metodológico está constituído pelas várias prescrições para aplicar os esquizodremas da teoria e para produzir conhecimentos concretos sobre determinados casos a serem conhecidos. O terceiro é o da técnica/klínicas, destinado ao uso dos conhecimentos concretos produzidos para operar a produção de novas realidades-realteridades. A originalidade do esquizodrama a esse respeito consiste em que os passos mencionados podem não ser sucessivos e cada um deles pode ser entendido e empregado para gerar os efeitos dos outros (imanência) (Baremlitt, Amorim & Hur, 2020).

Todas essas práticas “dramatizam” um paradigma ético, político, estético, ecológico e maquínico da vida, que Guattari vai denominar de estético (Guattari, 1992), e que, ademais de ser um guia para suas invenções, funciona como sua Utopia Ativa (Baremlitt, 2002), ou seja, seus valores máximos – inspirados por correntes coletivistas, igualitárias e libertárias da sociedade e da natureza.

A seguir, apresento alguns esquizodremas (em itálicos) criados pelo esquizodrama em seu exercício teórico, selecionados a partir de sua importância para este escrito.

*Esquizoema* (na esquizoanálise) e *esquizodrema* (no esquizodrama) são invenções ou apropriação de vocábulos de diversas disciplinas, discursos e outros saberes que a esquizoanálise e o esquizodrama fazem, com o objetivo de produzir um novo sentido e propiciar um novo olhar sobre a realidade e a realteridade, tendo também a potência de criarem outras novas. Essas “importações” podem ser de conceitos (da filosofia), de funções (das ciências) e de variedades (da literatura e das artes) (Machado, 2009), mas, também, de *variegações* (do saber popular, dos mitos, dos ritos, das línguas menores etc) (Baremlitt, 2019).

Como exemplo de alguns esquizoemas da esquizoanálise, podem-se citar: rizoma, corpo sem órgãos, fluxos, superfícies (da produção de produção, de registro-controle, de consumo consumação), códigos, sobrecódigos, axiomáticas, territórios, rostidade, platôs, planos de imanência, de consistência, ritornelo etc (Deleuze & Guattari, 1977; 1995a; 1995b; 1996; 1997). Todos são empregados pelo esquizodrama.

Talvez a terminologia mais próxima do que se está entendendo por esquizoemas e esquizodreimas seria quando Deleuze e Guattari falam, no livro *O que é filosofia*, dos personagens conceituais: “os conceitos são centros de vibrações, cada um em si mesmo e uns em relação aos outros. É por isso que tudo ressoa, em lugar de se seguir ou de se corresponder” (Deleuze & Guattari, 1992, p. 35). Ou quando Deleuze escreve sobre “O método da dramatização”:

Os dinamismos espaço-temporais têm várias propriedades: 1º.) eles criam espaços e tempos particulares; 2º.) eles formam uma regra de especificação para os conceitos que, sem eles, permaneceriam incapazes de se devirem logicamente; 3º.) eles determinam o duplo aspecto da *diferença*, qualitativo e quantitativo (qualidades e extensos, espécies e partes); 4º.) eles comportam ou designam um sujeito, mas um sujeito “larvar”, “embrionado”; 5º.) eles constituem um teatro especial; 6º.) eles exprimem Ideias. Sob todos esses aspectos, eles figuram o movimento da dramatização. (Deleuze, 2008, p. 129)

Os esquizodreimas estão compostos frequentemente pelos esquizoemas da esquizoanálise, assim como por todo tipo de noções transportadas e reformuladas desde outros campos de saberes, mas performatizadas no esquizodrama. Igualmente, compõem-se de conceitos, funções e variações próprios, que ele inventa (Baremlitt, 2019).

Como exemplos destes últimos, pode-se citar: esquizoema, esquizodreima, eu(reka!), esquizodrama, clínica com k, *enementos*, ecletismo superior, realteridade, vicissitudes, peripécias, horizonte do possível, violência, variações etc (Baremlitt, 2019).

*Esquizodrama*, assim como a esquizoanálise, mantém o prefixo esquizo por referência aos processos esquizontes, presentes no modo de funcionar da esquizofrenia, antes de se tornar uma patologia nosográfica. Trata-se de reconhecer a “essência” da realteridade como composta por fluxos e máquinas moleculares, materialidades heterogêneas, virtuais, fragmentárias e caóticas, não totalizadas, nem ordenadas, antes de ser capturadas pela realidade dominante e receber uma forma e uma denominação gramaticalmente correta dentro do padrão de uma língua oficial (Baremlitt, 2019).

Drama, etimologicamente, significa ação, movimento. Trata-se de ressaltar o processo ilocutório e performativo de toda enunciação esquizodramática, sendo a “análise” racional e discursiva apenas uma das possibilidades (ou não) de intervir com interpretações, mas que não tem o privilégio sobre as demais formas: intuir, ressoar, vibrar, compreender, *pensamentear* – permitir que os pensamentos venham, fluam, segundo Baremlitt, de forma leve, despretensiosa (Baremlitt, 2019).

A interpretação é utilizada, de preferência, se dramatizada por quem a profere. A preferência pela (esquizo)dramatização se justifica pelo reconhecimento de seu potencial de mobilizar várias modalidades de expressão simultaneamente e assim conseguir uma maior capacidade de atualizar de forma inovadora, o virtual realiteritário. Amplia-se, assim, a composição material do real-possível-impossível da realidade, assim como seu conhecimento. Ou seja, ao utilizar as várias possibilidades expressivas intensificando-as, o potencial de mudança é aumentado (Baremlitt, 2019).

Já o termo “análise”, na esquizoanálise (como já adiantei anteriormente), como em várias abordagens contemporâneas de intervenção, demonstra uma persistência de resquícios do léxico do contexto histórico, epistemológico e situacional predominante do pensamento moderno. Vemos isso, por exemplo, na esquizoanálise, quando critica a psicanálise (Deleuze & Guattari, 2010), mas mantém alguns de seus termos, até que os abandona quase que inteiramente em publicações posteriores (Deleuze & Guattari, 2010).

Não obstante, nem a esquizoanálise, nem o esquizodrama deixam de tomar elementos de diversas disciplinas/saberes para compor sua teoria, seu método e sua técnica/klínicas, mas sempre buscando aqueles que caracterizam como “menores” (Deleuze & Guattari, 1977), e sentindo-se livres para pinçar o que lhes interessa e mudar completamente seu sentido.

Gostaria de acrescentar, que este movimento está presente também na academia, quando esta se abre para novas ciências e práticas. Por exemplo, aos poucos, a academia está oferecendo cadeiras de esquizoanálise e esquizodrama. Eu mesma tive a oportunidade de dar aulas na UFMG, cumprindo créditos do doutorado na disciplina “Estágio A e B”, de esquizoanálise e esquizodrama, utilizando como didática, o esquizodrama (que denominei de pedagogia klínica). Percebe-se que cada vez mais, o campo do conhecimento dá sinais de desejar a transdisciplinaridade e os trans-saberes, apesar de ainda sofrer certa resistência, especialmente por parte de disciplinas já institucionalizadas.

Já o sufixo *drama*, que etimologicamente significa *ação*, vai dizer das “esquizoações” (outro nome para o esquizodramatização), ou seja, dos processos e construções maquínicas de intervenções, que visam sempre a atualização da realiteridade.

*Esquizodramatização* vai considerar, também, alguns esquizoemas/esquizodremas como processos de esquizodramatização. Como exemplos

temos os processos de constituição da máquina concreta ou dispositivo (transmuta a palavra em um acontecimento-sentido e os corpos em devires), a heterogênese (transformações ontológicas que se dão na interface dos entes) e o maquinismo (montagem molecular por sínteses conectivas integrando multiplicidades) (Amorim, 2008).

Da mesma forma, podemos ver em Artaud, em sua metamorfose da lógica da linguagem dominante, o que consideramos um processo esquizodramático da linguagem:

Fazer metafísica com a linguagem é fazer com que a linguagem expresse o que não expressa comumente; é empregá-la de um modo novo, excepcional e desacostumado, é devolver-lhe a capacidade de produzir um estremecimento físico e dividi-lo e distribuí-lo ativamente no espaço, é usar as entonações de uma maneira absolutamente concreta e restituir-lhes o poder de desgarrar e de manifestar realmente algo, é tornar-se contra a linguagem e suas fontes basicamente utilitárias, poderia dizer-se alimentícias, contra suas origens de besta acossada, é enfim considerar a linguagem como forma de encantamento. (Artaud, 2006, p. 46)

A esquizodramatização catalisa emergentes que devem ser detectados, estimulados e intensificados.

Não se trata aqui de uma identificação, nem de uma imitação, nem de um “fazer de” (fórmula que às vezes não conseguimos deixar de utilizar), nem de pequenas diferenciações do mesmo, que se operam na realidade. Trata-se da emissão e encontro entre partículas, moléculas, vibrações, linhas de fuga e atualizações que geram mutações e novidades irreversíveis. (Amorim, 2008, p. 65)

Outro exemplo, para ilustrar o que nos remeteria a pensar como funciona o processo esquizodramático, é o conceito da física denominado *atrator estranho* que junta matérias e energias não afins para produzir novos materiais (Baremlitt, 2019).

Por último, cabe mencionar o papel que cumpre em biologia a proteína alostérica, que combina elementos químicos que não têm valências combináveis (Baremlitt, 2019).

*Klínicas* são os dispositivos de intervenção utilizados pelo esquizodrama, cujo nome se inspira numa terminologia própria das filosofias atomista e estóica. Tem como origem etimológica *clinâmen*, que em grego significa desvio. Nessas filosofias, para explicar como surgia uma nova realidade, diziam que os átomos que constituíam a matéria caíam em paralelo com uma velocidade máxima e num tempo mínimo (o do pensamento) e, nesta queda, desviavam de suas trajetórias, se chocavam, e dessa colisão se originava uma nova realidade. Clínica com k seria, então, a clínica do desvio – dinâmica da realteridade molecular e das partículas, que resulta numa anormalidade do instituído, organizado, estabelecido, do posto, de tudo o que obedece a modelos dominantes,

hegemônicos, majoritários, dando lugar à produção de novas realidades, minoritárias, singulares, multiplicárias, capazes de transmutar a realidade vigente.

O contrário é *kliné* – “aquele que se inclina sobre o leito ... para observar o doente ou paciente” (Clínica. n.d.), modelo adjacente à clínica médica tradicional (reproduzida em outras especialidades), na que predomina o saber/poder do *expert*. Essa modalidade de cuidados se faz em detrimento do saber e proceder do “paciente”, que se encontra de alguma maneira passivo. No esquizodrama se espera que as relações entre saber/poder do facilitador do processo e do usuário seja o mais colaborativo possível, e a aposta é no que se inventa no interstício, no *entre* do encontro dos corpos e dos incorporais de usuários e interventores (Amorim, 2008).

As clínicas esquizodramáticas já existem em elevado número, especialmente, tendo-se em conta que uma aspiração do esquizodrama é a de que os facilitadores inventem suas próprias clínicas em cada intervenção. Não obstante, Baremlitt criou, entre outras, cinco clínicas que denominou cruciais, porque expressam o essencial teórico, metodológico e técnico do fazer esquizodramático. Às mesmas se pode apelar, quando a tensão das situações experimentais faz difícil inventar outras, ou quando as clínicas cruciais parecem ser as mais adequadas para o momento. Também, às vezes, partindo delas se torna mais fácil apelar a outras ou inventar novas.

As cinco clínicas cruciais são: 1) clínica da produção de produção, reprodução e antiprodução, 2) clínica da multiplicação dramática, 3) clínica da diferença-repetição, 4) clínica do caos-caosmos-cosmos, 5) clínica do devir-acontecer (Baremlitt, 2019).

1) A clínica da produção de produção, reprodução e antiprodução:

A esquizoanálise vai usar o esquizoema produção para dizer de como a realidade é gerada – pelo processo de produção. A produção pode ser produção de produção, produção de reprodução e produção de antiprodução.

A produção de produção “é o processo de incessante geração do novo como diferenças-singularidades absolutas ou relativas, respectivamente, de toda e qualquer realidade” (Baremlitt, 2010, p. 50). Sua proposta é atualizar, na realidade, as “virtualidades da realteridade, como evento (acontecimento-devir)” (Amorim, 2008, p. 79). Ou, nas palavras de Deleuze e Guattari: “A regra de produzir sempre o produzir, de inserir o produzir no produto, é a característica das máquinas desejanças ou da produção primária: produção de produção” (Deleuze & Guattari, 2010, p. 18).

A produção de reprodução é quando o processo de produção é capturado por forças e equipamentos de sustentação da realidade dominante.

... processos que tendem à geração do que já foi produzido e já existe, tal como foi produzido: produção do mesmo, repetição da identidade. Os mesmos tendem a: identificar, selecionar, adequar e reprimir as produções a serviço da manutenção relativa de um estoque e uma ordem já produzida e recuperada para a ordem vigente” (Baremblytt, 2010, p. 50).

A produção de antiprodução está constituída por forças destrutivas e repressoras dos processos de produção de produção.

O que, por outro lado, se designa como potência de recuperação do sistema capitalista, é o fato de que sua axiomática é, por natureza, não mais flexível, porém mais ampla e mais englobante. Neste sistema, ninguém deixa de estar associado à atividade de antiprodução que percorre todo o sistema produtivo (Deleuze & Guattari, 2010, p. 314).

Tais modalidades de produção são imanentes, com predominâncias diversas de uma ou outra, dependendo das conjunturas e conjunções de forças. Mas, no modo de produção capitalista, a tendência é que a produção de produção seja submetida e colocada a serviço das demais; o que não impede que linhas de fuga se atualizem e consigam ultrapassar ou desviar-se desse modo hegemônico e, quiçá, alterá-lo de alguma maneira.

Este é o objetivo dessa clínica: criar dispositivos para ressaltar, vivenciar e raspar os modos hegemônicos de existir e expressar-se, e atualizar outros – amorosos, inventivos, ecológicos.

... consiste em inventar dispositivos para detectar, intensificar, avaliar e reagentiar todos os processos de produção de produção, de reprodução e de antiprodução, equacionando suas dimensões e modalidades com o objetivo de reavaliar quando e o quanto estão a serviço da repetição ou da pura destruição, e quando e o quanto estão a serviço da diferença, isto é, do novo absoluto produtivo-desejante-revolucionário. (Baremblytt, 2004a, p. 3)

## 2) A clínica da multiplicação dramática:

O esquizoema multiplicidade, como substantivo, é o ser da diferença ou do devir-acontecer.

Só a categoria de multiplicidade, empregada como substantivo e superando tanto o múltiplo quanto o Uno, superando a relação predicativa do Uno e do múltiplo, é capaz de dar conta da produção desejante: a produção desejante é multiplicidade pura, isto é, afirmação irreduzível à unidade. Estamos na idade dos objetos parciais, dos tijolos e dos restos. Já não acreditamos nesses falsos fragmentos que, como os pedaços de uma estátua antiga, esperam ser completados e reagrupados para comporem uma unidade que é, também, a unidade de origem. Já não acreditamos numa totalidade original nem sequer numa totalidade de destinação. Já não acreditamos na grisalha de uma insípida dialética evolutiva, que pretende pacificar os pedaços arredondando suas arestas. Só acreditamos em totalidades ao lado. E se encontramos uma totalidade ao lado das partes, ela é um todo dessas partes, mas que não as totaliza, uma unidade de todas essas partes, mas que não as unifica, e que se junta a elas como uma nova parte composta à parte (Deleuze & Guattari, 2010, p. 62).



As multiplicidades são rizomas, e vão se diferenciando à medida que aumentam suas conexões; conexões sem sujeito e objeto, acentradas, insólitas, impensáveis, desterritorializadas (Deleuze & Guattari, 1995a). São “unidades” moleculares, singularidades absolutas que “não têm extensão nem qualidade, senão, apenas intensidade; por isso é que também podem denominar-se singularidades intensivas, cujo movimento está animado de uma velocidade infinita, cujo tempo é puro presente intempestivo (Aíôn) e seu espaço é o denominado liso” (Baremlitt, 2010, p. 93). Constituem as máquinas desejanças (Deleuze & Guattari, 2010) que se atualizam na realidade/superfície de produção sempre como o novo absoluto.

Esta clínica vai propor que, a partir de uma dramatização inicial de um pequeno grupo, os grupos seguintes vão criando novas dramatizações, que devem conter fragmentos da dramatização anterior, e assim sucessivamente, até passar várias vezes pelos grupos, enquanto o desejarem. Esta produção/invenção continuada vai criando uma desterritorialização/destruição das identidades molares e subjetivas, emergindo originalidades irreconhecíveis e surpreendentes – “As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras” (Deleuze & Guattari, 1995a, p. 16).

### 3) A clínica da diferença-repetição:

Os esquizoemas diferença e repetição fazem parte de questões caras à filosofias contemporâneas, especialmente, a filosofia da diferença de Gilles Deleuze (Deleuze, 1988) e terá importância para a esquizoanálise, que vai afirmar que “a essência universal” do complexo realidade/realteridade é a variação incessante na qual o que se repete é a diferença absoluta, e isso é o que os leva a afirmar não só que o ser não é estático, nem sequer que devém, senão, que o ser é devir”. (Baremlitt, 2010, p. 68)

Esta clínica vai propor dispositivos em que a tentativa de repetir de forma idêntica uma determinada dramatização, apresenta diferenças que demonstram a impossibilidade de fazê-lo, e destas diferenças que surgem se propõe novas dramatizações, molecularizando-as e ressaltando a infinidade de diferenças que devém.

### 4) A clínica do caos-caosmos-cosmos

Baremlitt, ao criar essa clínica (e isso ele faz também nas demais clínicas que inventou), articulando caos-caosmos-cosmos, nos convoca a colocar uma lente de aumento, ou a agenciar e dar corpos/sentidos a esses esquizoemas/esquizodremas.

Foi Guattari quem se debruçou sobre esses esquizoemas, especialmente, em um deles, criado por ele – o caosmose, que denominou de um novo paradigma estético (Guattari, 1992).

O movimento de virtualidade infinita das compleições incorporais traz em si a manifestação possível de todas as composições e de todos os Agenciamentos enunciativos atualizáveis na finitude. A caosmose não oscila, então, mecanicamente entre zero e o infinito, a ordem e a desordem: ela ressurge e germina nos estados de coisas, nos corpos, nos focos autopoieticos que utiliza a título de suporte de desterritorialização. Trata-se aqui de um infinito de entidades virtuais infinitamente rico de possível, infinitamente enriquecível a partir de processos criadores. É uma tensão para apreender a potencialidade criativa na raiz da finitude sensível, “antes” que ela se aplique às obras, aos conceitos filosóficos, às funções científicas, aos objetos mentais e sociais, que funda o novo paradigma estético. (Guattari, 1992, p. 142)

Baremlitt (2010) vai considerar o caosmose como um dos “modelos” topológicos para compreender o funcionamento da realidade, como constituída das superfícies do caos, do caosmos e do cosmos, que são imanentes. O esquizodrama também vai propor três superfícies compondo a realidade. Vai denominar de realidade a realidade toda (incluindo a imanência destas superfícies), mas a superfície em que predominam as entidades molares, nomeadas, identitárias e o processo de produção de reprodução e antiprodução; e de realteridade (uma outra realidade) à dimensão do caos e do caosmos (realteridade 1 e 2). Sendo o caos a superfície povoada por enementos moleculares, ou melhor, subatômicos, em conexões insólitas, que ao se atualizar na realidade conhecida, se atualiza como novidade caosmótica/realteritária.

Uma de tantas séries conceituais com as que se pensa a realteridade, pode-se simplificar, atribuindo aos conceitos a condição de “pré”, ou seja, que ela pode ser: pré-ontológica, pré-material, pré-energética, pré-real, pré-possível e pré-impossível, ou seja, virtual-atualizável. Também é pré-temporal e pré-espacial. Em outras palavras: pré-extensiva, pré-cronológica, pré-quantitativa, pré-qualitativa, pré-determinada (no sentido de aleatória), pré-enunciável, dotada de uma pré-forma e pré-substância de conteúdo e de expressão. (Amorim, 2008, p. 82)

Esta clínica vai criar dispositivos, ou máquinas concretas, para levar os participantes a vivenciarem o máximo possível de caos, oprimido pela ordem e pelo instituído cristalizado do cosmos, de tal maneira que começam a surgir conexões insólitas, impensadas – caosmóticas/realteritárias. Desta mobilização podem emergir questões de vida pessoais, socio-históricas, ambientais, enfim, todo tipo de experimentações, semiotizações que se inscrevem nas subjetividades e no *socius*, que passam a ser acolhidas de forma desterritorializada, inventiva e surpreendente para os participantes e o condutor do esquizodrama – já que prevalecem os interstícios conectivos, as máquinas desejanças que teimam em conectar-se micro e molecularmente – sem sujeito e sem objeto, mas fluxos, direções, devires-acontecimentos/eventos, produção de linhas de fuga.

### 5) A clínica do devir-acontecer:

No esquizodrama/esquizoanálise, agenciamentos maquínicos de corpos são os devires, e agenciamentos coletivos de enunciação são os sentidos dados a esses devires. Ambos constituem o que denominam evento.

Nesta clínica,

... o trabalho “desconstrutivo” se faz concomitantemente com a tarefa afirmativa de montagem e de efetuação de agenciamentos coletivos de enunciação e agenciamentos maquínicos de corpos em pressuposição recíproca, dos quais se espera que resultem em acontecimentos-sentidos e devires (ou seja, em eventos, concepções, invenções, criações, revoluções, mutações). (Baremlitt, 2019, p.6)

Trata-se de produzir esquizodramatizações que possibilitem este trabalho desconstrutivo das identidades molares e propiciem o devir-acontecer de multiplicidades assujeitas. Devir *n* povos minoritários: devir animal, devir mulher, devir louco, devir criança... O que não consiste em imitá-los, mas sim, na dramatização destas conexões, tornar-se outros, transmutados – novos corpos, novos sentidos, novos povos por vir. Como exemplo de um desses devires:

... o devir animal não consiste em se fazer de animal ou imitá-lo ... O devir não produz outra coisa senão ele próprio. O que é real é o próprio devir, o bloco de devir, e não os termos supostamente fixos pelos quais passaria aquele que se torna. ... O devir-animal do homem é real, sem que seja real o animal que ele se torna ... (Deleuze & Guattari, 1997, p. 18)

Centenas de clínicas foram criadas por Baremlitt e por nós esquizodramatistas e colaboradores, como por exemplo: clínica do tempo – Aíôn e Chronos, clínica da rostidade, clínica do sentido e sem sentido, clínica da variação contínua, clínica do cut-up, clínica da anamorfose, clínica dos sonhos, clínica da cura indígena, clínica do transe do candomblé, clínica da amizade, clínica do nome do pai e de todos os nomes da história, clínica dos sintomas e das inibições, clínica da sensação, clínica do espaço e da velocidade, clínica da máquina de Estado e da máquina de guerra etc (Baremlitt, Amorim & Hur, 2020).

*Enementos*, utiliza o prefixo “*n*” (infinito) e se trata de significar os componentes de um conjunto aberto e ilimitado. Por exemplo: a realiteridade está composta por infinitos *enementos*: fluxos informes, energias inespecíficas, forças não vetorizadas, linhas flexíveis e de fuga... (Baremlitt, 2019); à produção de uma invenção se formaliza como  $n - 1$  (Deleuze & Guattari, 1995a), o qual significa “tirar” um, ou vários *enementos*, tornados elementos finitos, dos conjuntos infinitos. Mas, segundo o contexto, pode

também significar tirar o elemento *um* da realidade para incluí-lo numa multiplicidade realteritária de *enementos*.

*Ecletismo superior* é o devir acontecer *bricolagem* do esquizodrama, ao realizar composições com fragmentos heterogêneos e heterólogos teóricos, metodológicos e técnicos. O ecletismo, como escola filosófica, em geral, não se destaca nos âmbitos acadêmicos, partidários das especificidades estanques. Mas trata-se de uma orientação que exigia, de seus pensadores, um conhecimento extremamente minucioso das filosofias vigentes, de onde extrairiam os melhores fragmentos para compor a própria (Baremlitt, 2019).

*Realidade* é a denominação que o esquizodrama dá a tudo aquilo que existe, que se percebe, conhece, sente e se aceita como sendo instituído e compartilhado por um coletivo dominante.

*Realteridade* seria imanente e parte dessa realidade, em sua dimensão molecular. Em várias passagens da obra de Deleuze e Guattari, os autores se referem, também, com diferentes esquizoemas, a essa outra realidade, inerente e imanente à realidade convencional. Nesses contextos lhe chamam inconsciente, o fora, superfícies ou platôs imperceptíveis, corpo sem órgãos, fluxos e outras designações (Deleuze & Guattari, 2010). Essa nomeação realteridade não é porque apresente similaridades ou analogias com a realidade convencional, senão porque dada sua “natureza” completamente diferente, mantém com a realidade uma relação de mútua transformação ininterrupta, favorecida ou dificultada por diversos mecanismos, operações, dependendo do grau de capturas (Baremlitt, 2019).

Processos de *subjetivância*, para o esquizodrama, seria a produção do que denomina de *subjetividades* e de *subjetivações*. Mais que sujeito psíquico e individual (que podem ser um dentre vários suportes possíveis), trata-se das atmosferas ou campos que se produz, reproduz ou antiproduz imanentemente ao complexo realidade-realteridade. Subjetividades serão aquelas nas que predominam as entidades molares, identitárias, fixas, que se reproduzem e/ou se antiproduzem. Subjetivações já seriam sempre processos de devir-acontecer, aquelas nas que predominam o fluxo, a transformação e metamorfose – as *eu(rekas!!)*.

... essas subjetivâncias podem incluir sujeitos convencionais completos (como é o caso dos sujeitos edipianos comuns, subjetividades). Mas a realidade é descontinuadamente invadida pela realteridade e obrigada a armar uma performance com partes gestuais e faculdades tomadas de subjetivações diversas que não se integram para moldar o

emergente como tais. As atualizações do virtual mudam a natureza das entidades reais em jogo. (Baremlitt, 2019, p. 44)

*Varições* é um esquizodrama que dramatiza produções de saberes não instituídos. As invenções da filosofia são denominadas de conceitos, as da ciência, funções (Guattari, 1992), as das artes, variedades. Para as invenções dos mitos, da loucura, dos saberes populares, das línguas menores etc, Baremlitt vai cunhar o esquizodrama variações. Sendo que no esquizodrama, todas essas produções são dramatizadas, podendo devir uma a outra (Baremlitt, 2019).

## 2.2 ENSAIO SOBRE O EXERCÍCIO DO MÉTODO E DAS TÉCNICAS/KLÍNICAS

No esquizodrama, o método é o momento do emprego do conjunto de prescrições destinadas a orientar os conhecimentos e aplicações dos esquizodramas teóricos, para produzir conhecimentos concretos particularizados sobre um material em especial (Baremlitt, Amorim & Hur, 2020).

Apenas para facilitar o acompanhamento (já que os tempos, sequências e enumeração podem variar), dividirei esta exposição em dois momentos: o que denomino de pré-encontro esquizodramático e o segundo de encontro esquizodramático. Elenquei algumas prescrições do método, fruto de síntese do já elaborado a respeito (Baremlitt, Amorim & Hur, 2020) e da construção que fui elaborando a partir das investigações sobre a prática esquizodramática: um mapa... Sua enumeração não designa nenhuma ordem hierarquizada, mas uma das várias possibilidades de peripécias/vicissitudes sobre o tema, que poderá desencadear outras.

Pré-encontro esquizodramático:

1) Autogestionar ou cogestionar o encontro, tentando conhecer ao máximo o campo de intervenção (psicoterapia, consultoria, escrita, aula, intervenção institucional, comunidade, na rua, artístico, público participante etc); assim como propiciar as condições para um melhor conhecimento do esquizodrama.

Este conhecimento não consiste apenas em uma compreensão racional e analítica, mas deve incluir os perceptos, afectos, intuições, dramatizações e seus efeitos, bem como os saberes e práticas que tal campo traz e como se articulam com o esquizodrama – isto já caracteriza o fazer esquizodramático, imbuído de todos os saberes e práticas/klínicas

que o compõe. Importante também nesse momento é propiciar ao máximo o envolvimento do público que fará parte do processo. A dramatização das condições do contrato, em geral, é feita nesse momento, como modalidade dos encontros, quantidade, duração, se haverá pagamento ou não (de preferência, autogestionado) etc.

A partir daí, ou concomitantemente, deixar-se afectar (através de pesquisas, estudos, experimentações, conversações com colaboradores e público envolvido, covisões) pelas possíveis clínicas a serem vivenciadas. As mesmas constituirão a caixa de ferramentas do(s) esquizodramatista(s), podendo ser usadas ou não, pois o mais importante na decisão e/ou processo de como se dará uma clínica dependerá sempre das afecções presentes no “entre” do encontro.

Tais processos devem ser propiciados em função do incremento de sua capacidade e qualidade de afetar e ser afetados no rizoma “entre os si” (não “entre si”), “entre” autor, texto, leitor, no espaço liso constituído por um corpo cênico povoado de enenmentos (de “n”, infinitos elementos) em perpétua e incessante “entremutação” evanescente, o que não implica ser deliberadamente confusa, ambígua, solene etc. (Baremblytt, Amorim & Hur, 2020, pp. 6-7)

2) Há preferência de que a coordenação/catalisação do esquizodrama seja realizada, se possível, por mais de um esquizodramatista. Essa composição dilui as diversas tarefas presentes nessa função, além de que cada um sendo “muitos”, aumenta a potência de inventividade clínica. Muitas vezes, esse lugar se dilui num processo autogestionado, sendo assumido pelo próprio indivíduo participante, grupo ou coletivo - é melhor quando isso acontece. Da mesma forma, lembrando nossa construção teórica, aqui estamos falando já de interventores eu(reka!!), cujas molaridades já foram desconstruídas.

Escrevemos o *Anti-Édipo* a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente ... por que preservamos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito ... Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer Eu. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados. (Deleuze & Guattari, 1995a, p. 11)

3) Importante que os esquizodramatistas, antes de se tornarem catalisadores de processos esquizodramáticos, tenham vivenciado várias modalidades de intervenções esquizodramáticas; pelo menos, tenham vivenciado as cinco clínicas cruciais. Nossos corpos e suas semiotizações, em geral, estão bastante capturados pelo *socius* dominante – o que pode se tornar resistência à entrega aos fluxos/peripécias do esquizodrama. As experimentações ampliam suas capacidades de devir-acontecer outros corpos e sentidos, de afetarem e serem afetados, preparando-os para “ousarem” mais em suas conduções,

bem como se sentirem abertos a acolher os processos mais desterritorializados e intensivos vivenciados pelos participantes, desencadeados nos encontros.

O que interessa ao esquizodrama é a produção de um dispositivo em que os corpos são recriados e conectados, de uma maneira insólita: com a natureza, a sociedade e o parque tecnológico. Esse corpo novo não perde a condição de humano, mas adquire matizes e dimensões que tem a ver com o que poderíamos chamar de situação, clima, ou atmosfera – musical, escultural, literária e, ao mesmo tempo afetiva, política... Trata-se de corpos bizarros, absolutamente novos, que podem ser individuais ou coletivos, ou acoplados a mundos singulares dos que formam parte. Esses corpos são tomados por *devires* segundo os quais encontram sua maneira de torna-se animal, vegetal, mineral, vento, água, fogo, adquirir diversas idades, raças, imperceptível etc. (Amorim, 2011, p. 9)

4) Preparar o ambiente, os materiais necessários para as clínicas sugeridas e ter uma caixa de ferramentas para quaisquer mudanças (todo tipo de material, como tecidos, tintas, músicas, instrumentos musicais e sonoros, reciclados, papéis, lápis de cor, de cera, pincéis...). Assim como materiais que possibilitem uma boa acolhida e cuidados (como almofadas, cobertas, água, toalhas de papel, toalhas de tecidos, material de primeiros-socorros etc). As limitações do ambiente vão interferir diretamente nas escolhas das atividades, como por exemplo: cadeiras e mesas fixas ou móveis, chão duro ou macio, quadro, se o local é longe ou perto, ou se será on-line, se há condições de imersão total ou haverá deslocamentos, se tem espaços abertos, em contato com a natureza, ou fechados, material de vídeo, áudio etc. Especificamente, atentar para as necessidades materiais que cada esquizodrama requer, como por exemplo, que músicas atendem a tal ou qual proposta etc. Cabe ressaltar que todos esses componentes vão compor o esquizodrama como peças de toda sua maquinaria; fazem parte ético-político-esteticamente de todos os processos. Afinal, o esquizodrama vai criticar o antropocentrismo, horizontalizando e ressaltando a interdependência e conexão rizomática entre elementos heterogêneos em suas molaridades e molecularidades – como por exemplo, humanos, natureza, tecnologia, mundo vivo e “não vivo”, orgânico e não orgânico etc.

Encontro/ clínicas:

- 1) Todas as clínicas do esquizodrama vão estar sempre imbuídas das duas tarefas - também propostas pela esquizoanálise – as negativas ou destrutivas e as positivas ou afirmativas.

As tarefas negativas tratam:

... de eliminar os mecanismos da repressão-geral-repressão, do registro-controle, da captura, da aceleração ao infinito. Seguindo com essa maquinaria, é preciso neutralizar: a vontade de nada, as forças reativas e negativas, o ressentimento, o nihilismo, a culpa, as

paixões tristes, os maus encontros, a fixação no real, o possível e o impossível, os mapas e esquemas, a semiologia do significante, a rostidade, as paredes brancas, os buracos negros, as linhas, estratificações, territorializações e codificações duras, as máquinas de Estado, as figuras ortodoxas perfeitas da lógica, a geometria e as matemáticas, a lei jurídica convencional, a história oficial, as artes ortodoxas etc. (Baremlitt, Amorim & Hur, 2020, p. 9)

Já as positivas tratam de “propiciar, catalisar, atrair estranhamente, intensificar a concepção, a invenção, a criação e, muito enfaticamente, a revolução desejanste: econômica, política, cultural, subjetivante, ambiental etc” (Baremlitt, Amorim & Hur, 2020, p. 9).

Dito de outra maneira, as tarefas negativas são a raspagem, desestruturação, a neutralização dos equipamentos caóticos ou cósmicos rígidos de poder. As positivas são a catalização da atualização e eclosão de funcionamentos e instâncias caosmóticas – intermediárias entre caos e cosmos, lugar da articulação das forças produtivas que devem ser acolhidas e intensificadas.

2) Quando se propõe uma clínica, é importante que ela esteja constituída de um primeiro momento de aquecimento ou do que podemos denominar de construção de um corpo sem órgão para esse evento, ou seja, trata-se de criar intervenções que mobilizem os participantes, a ponto de desestabilizar as formas molares subjetivas identitárias com que se apresentam ao esquizodrama – que geralmente coincidem com as que se apresentam ao mundo. Estas tendem a resistir para permanecer, daí este momento merecer certa gradualidade em sua intensidade. Esta desconstrução é capaz de produzir este plano de consistência (corpo sem órgãos) que permitirá a atualização de enementos realiteritários em incessante produção conexões e de devires-aconteceres.

Esse momento, geralmente, é seguido da vivência da clínica, sempre fundamentada nos esquizodremas e em temas ético-político-esteticamente afins, sempre dramatizados. Tais dramatizações vão propor/propiciar “modos de composição entre os distintos corpos que se referem ao seu potencial de agenciamento e ao grau intensivo qualitativo das conexões resultantes” (Baremlitt, Amorim & Hur, 2020, p. 11), num processo de variação infinita, multiplicitária.

O vivenciado, dependendo das várias possibilidades de suas peripécias, poderá ou não se seguir do compartilhamento das afetações, performatizadas verbalmente (corporeando a fala) e/ou corporalmente. Não se trata, de forma alguma, de



interpretar, mas de experimentar as mais variadas faculdades e possibilidades expressivas, conectando e compondo as dos diversos participantes entre si, de forma coletiva e rizomática.

Na práxis esquizodramática, seja na sua vertente teórica, na metodológica e na técnica, a produção tem imanências e paronímias muito complexas e não inteiramente definidas como esquizodremas, tais como: intuição, espontaneidade, inspiração, *impromptu*, improvisação, desempenho etc. Permita-nos enfatizar aqui, a potência do acontecimento-sentido e da ação-devir. Pronunciamos, atuamos performance como a imanência entre a potência do esquizodrama, tanto de incorporificar o corpóreo (por exemplo, “o corpo fala”), como a potência de corporificar a fala (por exemplo, “a fala corpeia”). Fazer funcionar o ato como ação e a ação como ato. (Baremlitt, 2019, p. 43)

3) Com relação às indicações e manobras da técnica, também elas se dividem nas que foram invenção do esquizodrama e as que foram produto da importação, criação proveniente de uma abundante variedade, heterogênea e heteróloga de fontes (assim como em sua produção teórica e do método). As fontes de importação para a adoção nas clínicas ou para seu emprego na invenção de outras podem ser filosóficas, científicas, artísticas, mitológicas populares etc. Interessam-nos, prioritariamente, autores que têm como objetivo – com maior ou menor proporção em sua teoria, método e técnicas de intervenção – uma utopia ativa, que tem como meio e como fim a autoanálise e a autogestão, ou seja, uma democracia direta. Dentre essas importações, ressaltaria os dispositivos de intervenção da análise institucional e outras variedades do que se chama Institucionalismo ou Movimento Institucionalista ou Instituinte (Baremlitt, 2002), especialmente, as de orientação de René Lourau, como as assembleias e o uso de seus conceitos para compreender o processo de institucionalização e as de Jorge Lapassade, como a transe-análise e as intervenções corporais.

4) Dentre as regras da técnica, importante destacar as que privilegiem a espontaneidade, a improvisação, a performance, a invenção, a criação. Como esse é o objetivo principal da clínica, esses emergentes devem ser, se pertinentes, estimulados e intensificados. Em determinados casos é possível sugerir a dramatização conjuntamente com a clínica já proposta e vivenciada, de outras clínicas, ou mesmo uma das clínicas já sistematizadas, mas apenas se houver a percepção de que as mesmas propiciarão ainda mais a produção em andamento, como catalisadoras do processo.

5) É necessário entender o lugar das intervenções verbais nas clínicas. Trata-se de tentar registrar, enfatizar, ressoar, e, se preciso, responder dramaticamente, o máximo possível, a “toda” e quaisquer expressões emitidas verbalmente, considerando os

caracteres supra-segmentares do discurso, como o som, altura, intensidade, frequência, timbre, modulação, ritmo, tonalidade.

Para o esquizodrama, esses caracteres são os que estão predominantemente ligados aos afetos e produzem afeições e afetações. Da mesma forma, pode-se passar ao diálogo verbal (não necessariamente), à correlação de materiais e sentidos, ou à articulação entre ocasiões históricas recordadas e problemáticas atuais destacadas. Mas cabe ressaltar que no esquizodrama a forma de lidar com a linguagem verbal não é analítica ou interpretativa, mas dramática (Baremlitt, 2019; Amorim, 2008).

6) Assim como é importante entender o lugar das intervenções “corporais” e de ação. Não se trata aqui, apenas das manifestações macro e molares, sensitivas e motoras próprias do que empírica e vivencialmente se costuma chamar de “corpo”, mas daquelas micro, insólitas, muitas vezes imperceptíveis expressões corporais, que devem ser intensificadas, ressaltadas ou propostas.

Um exemplo: a importância de registrar, empatizar, sentir, ressoar com as demonstrações faciais – olhos, pele, rugas, lábios, bochechas, olheiras, transpiração, tremores, narinas, tensão dos músculos faciais e maxilares, inexpressividade ostensiva, tiques, concordância, discordância, limitações, respiração etc.

Outro exemplo é a investigação das sensibilidades, como o frio, calor, pressão, descompressão, dor, fincadas, carícias, sons, músicas, cores, cheiros, gostos, posições, atitudes, condutas, equilíbrio etc. Trata-se de perceber e tentar avaliar a relação entre a rostidade (mimetização do corpo inteiro de uma face típica e estereotipada) e a desrostificação (aquisição de uma expressividade “corpórea” nova) (Deleuze & Guattari, 1996).

7) Nunca repetir as importações teóricas-metodológicas-técnicas de outros saberes ao esquizodrama, mas transmutá-los como diferenças – ou seja, inserindo-os ao paradigma estético e dramático do esquizodrama e à sua prática molecular.

8) Ressalto algumas “regras” das técnicas muito frequentes nas clínicas por nós vivenciadas:

- Preparar os corpos para se disponibilizarem para a vivência (alongamentos, danças, técnicas corporais das mais diversas);
- Detectar e elaborar todas as manifestações expressivas;

- Incitar a continuidade e intensificação dos efeitos expressos;
- Moderar os que demonstram tornar-se perigosos para a integridade física, mental e social dos participantes;
- Propiciar, sempre que possível, a ação (movimentos, gesticulações, trejeitos, mímicas, deslocamentos, interrupções, fluidez, dificuldades claramente localizáveis);
- Propiciar a transdução – mudar de um canal expressivo para outro, como por exemplo: fala que vira gestualidade, movimento que vira um grito etc;
- Propiciar encontros de corpos e incorporais;
- Intensificar, potencializar cenas, recortes da realidade, emergentes;
- Ativar/sugerir/provocar/convocar tal ou qual esquizodrema;
- Criar situações de trocas de diversas formas dramáticas entre os participantes;
- Cuidar da forma de expressar e explicar (com clareza e acessibilidade) as mobilizações e propostas;
- Deixar livre a participação e expressão, mas, de preferência, que as pessoas que não querem participar se retirem;
- Deixar claras as orientações éticas do cuidado com o outro, em especial, não tocar em partes socialmente consideradas tabu do corpo (como as regiões sexuais) e cuidado para não machucar os demais e nem se machucar etc;
- Esclarecer que há sempre reverberações do vivido, mesmo depois de algum tempo da realização do evento esquizodramático e colocar-se à disposição caso algum participante tenha necessidade de dar continuidade ao processo vivido etc.

Para finalizar, explico os fluxos intensivos de afectos e ideias imanentes a essa escrita. Percebo o imenso trabalho ainda a ser feito com relação ao teorizar – metodologizar – clinicar o esquizodrama. Percebo também o que já está sendo feito por tantos colaboradores e simpatizantes. E me surpreendo com o desejo emergente de propor, como uma das peças desta pesquisa-intervenção esquizodramática, tentar conectar esquizodramatistas interessados em compor uma rede de estudos e pesquisa sobre o esquizodrama, na que meu corpo indivíduo-sujeito devirá um corpo coletivo – já não sou mais um “uno”, senão,

uma multiplicidade, um rizoma. São muitas as “conversações” necessárias e produtivas que podem ser engendradas.

### 3 O QUE PODE O ESQUIZODRAMA NA PESQUISA

Pode-se falar de uma pesquisa esquizodramática? Esta é a pergunta disparadora deste capítulo e do processo experimental vivenciado a partir desta provocação!

Início aqui uma travessia pelo panorama atual das pesquisas-intervenções qualitativas, especialmente a das abordagens teóricas e metodológicas do movimento institucionalista, do qual o esquizodrama forma parte. Pinço, ao modo de um *bricoleur*, recortes que foram compondo este texto-percurso e as condições de possibilidade para a emergência da produção de uma pesquisa esquizodramática e as diferenças e singularidades que a caracterizam.

A pesquisa qualitativa vive um momento de efervescência produtiva, típica de nosso momento histórico pós-moderno. “Parece que estamos nos distanciando cada vez mais das grandes narrativas e dos paradigmas únicos, de maior abrangência, ontológicos, epistemológicos e metodológicos” (Lincoln & Denzin, 2006, p. 389). Isto significa lidar com a complexidade de questões e novidades que trazem a pluralidade de vozes e perspectivas – feministas, *queer*, clínicas, construcionistas, construtivistas da pesquisa-ação, dos críticos do racismo, dos sonhos e desejos daqueles historicamente oprimidos (Lincoln & Denzin, 2006). Dentre essas questões bastante refletidas e novidades, temos como exemplo

[o] compromisso de estudar o mundo sempre a partir da perspectiva do indivíduo marcado pelo gênero, situado historicamente, em interação ... [N]ossa previsão da virada da *performance* na investigação qualitativa, com um número cada vez maior de autores encenando seus textos para o outro... O texto encenado é uma das últimas fronteiras da pesquisa qualitativa ... que as ciências sociais e as humanidades se transformem em terrenos para conversas críticas sobre a democracia, a raça, o gênero, a classe, a nação, a liberdade e a comunidade. (Lincoln & Denzin, 2006, p. 390)

Acrescentam-se outras questões que perpassam essa revolução, como a crítica ao fundacionalismo em detrimento do relativismo, a vulnerabilidade *versus* a verdade, a crise da representação e da legitimidade, o lugar do autor no texto – “diz respeito à intensidade com que o eu poético, subjetivo, pessoal, é abertamente apresentado no texto” (Lincoln e Denzin, 2006, p. 393) –, a direção ao pluralismo etc.

Os métodos da pesquisa qualitativa passam a ser a invenção... Assim como os *bricoleurs* de Lévi-Strauss, estamos criando soluções para nossos problemas com equipamentos provisórios, peças sobressalentes e montagem ... [A] invenção não é apenas fruto da necessidade, é a exigência da incansável arte. (Lincoln & Denzin, 2006, p. 403)

O que move este capítulo é a intuição, como método de investigação (Deleuze, 2008), de que o esquizodrama teria várias contribuições a serem agregadas à rica produção de métodos de pesquisa institucionalista no campo das ciências humanas. Perguntas surgem e suscitam esta escrita, mas é provável que outras questões surjam, exatamente porque assim funciona o esquizodrama na pesquisa.

A pesquisa esquizodramática poderia também ser chamada de rizomática? Cartográfica? Intervenção? Inicialmente, penso que sim, mas imediatamente percebo diferenças de cada um desses territórios que trazem sua singularidade. Mas suas fronteiras são fluidas, borradas, propícias às sínteses conectivas inclusas (Deleuze & Guattari, 2010), o que permite dizer... e... rizomática... e... cartográfica... e... intervenção... e... esquizodramática... e... e... e... Não são excludentes e não se fecham em si mesmas. O que as diferencia? Não são “o mesmo do mesmo”? Na verdade, esses territórios procedimentos se repetem como diferença e, nessa repetição, se diferenciam – o que Bergson denominaria de *diferenças de natureza* (Bergson *apud* Deleuze, 2008). O que têm em comum são suas diferenças. Cada uma dessas abordagens é produto de agenciamentos coletivos de enunciação: elas têm uma história, uma atmosfera, um tempo, uma data, um nome, um corpo sem órgãos, um plano de imanência, de consistência e de organização que inventam, maquinam seus acontecimentos-sentidos; que enunciam suas produções teóricas, dos métodos e dos procedimentos técnicos que podem agregar novos sentidos ao saber-fazer de cada uma, “dramatizando” uma à outra, diferenciando-se. Isso faz com que propiciem invenções que se apresentam como outros modos existenciais, que trazem novos devires. A um desses modos/sentidos/devires é que denomino “modo esquizodramático” de fazer pesquisa. Através desse “nome-sentido” consigo perceber as mutações acontecidas nas viagens/travessias que realizo há mais de 30 anos e que se atualizam neste escrito como uma nova diferença.

É importante ressaltar que o esquizodrama já é um recurso utilizado em pesquisas – especialmente nas áreas de humanas e da saúde –, mas predominantemente em sua dimensão técnica/klínicas.

Até onde investiguei, já em 2005, uma de nossas ex-alunas o utilizou em sua dissertação de mestrado, dentro do método cartográfico (Cardoso, 2007), a partir de suas

clínicas. E até a atualidade, sempre tenho notícias, especialmente de muitos ex-alunos de nossas pós-graduações, fazendo seu uso dessa maneira, em pesquisas de graduação e pós-graduação ou no meio acadêmico em geral.

Escolhemos, pois, uma “metodologia híbrida”, composta de entrevistas individuais que privilegiam as histórias verbais narradas pelos espectadores do grupo de pesquisa, mas também composta de um laboratório esquizodramático, que viabilizasse outros modos de expressão bem como a presença em conjunto dos expectadores. (Cardoso, 2007, p. 4)

A experiência de se conectar e de dramatizar, ou esquizodramatizar suas vivências cotidianas acerca do tema da pesquisa que se relacionava especialmente à de garantia de direitos de crianças e adolescentes em vulnerabilidade e que vivenciavam situações de violência sexual e uso prejudicial de álcool e outras drogas no município, configurou-se como uma oportunidade ímpar de sensibilização entre os participantes da pesquisa em relação à temática, mas também em relação à produção de afetos entre eles, que misturando-se, passaram a se conhecer, reconhecer e perceber a necessidade e importância de ações coletivas e conjuntas no enfrentamento das situações e casos que a pesquisa revelava. (Vieira, 2021, p. 130)

Diferente disso, o objetivo aqui é investigar seu uso como processo de pesquisa em todo seu percurso, como um plano de consistência, um dispositivo (agenciamento coletivo de enunciação, agenciamento maquínico de corpos), uma máquina teórica, metodológica e técnica/clínica e não somente como um recurso técnico/clínico.

Início, então, o percurso dessa construção, através de um passeio transversal pelas propostas acima citadas, que contribuem consolidando esse caminho, como condições de possibilidades de seu existir-devir-acontecer. Posteriormente, estabeleço o campo próprio de existência “do que pode o esquizodrama” na pesquisa.

### 3.1 UMA PESQUISA RIZOMÁTICA

Escrever a n, n-1, escrever por intermédio de slogans: faça rizoma e não raiz, nunca plante! Não semeie, pique! Não seja nem uno nem múltiplo, seja multiplicidades! Faça a linha e nunca o ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Seja rápido, mesmo parado! Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga. Nunca suscite um General em você! Nunca ideias justas, justo uma ideia (Godard). Tenha ideias curtas. Faça mapas, nunca fotos nem desenhos. Seja a Pantera cor-de-rosa e que vossos amores sejam como a vespa e a orquídea, o gato e o beduíno. (Deleuze & Guattari, 1995a, p. 36)

No primeiro capítulo de *Mil platôs*, volume 1, denominado “Rizoma” (1995a), Deleuze e Guattari vão definir o que entendem por esse esquizoema. O rizoma não tem a árvore ou a raiz como imagem – que necessitam “dispor de uma forte unidade principal, a do pivô, que suporta as raízes secundárias” (Deleuze & Guattari, 1995a, p. 13), raiz que se apresenta pivotante, dicotômica, com o predomínio da lógica binária e das relações biunívocas – “uma opera no objeto, enquanto a outra opera no sujeito” (Deleuze &

Guattari, 1995a, p. 13). O rizoma em outro funcionamento, como um sistema aberto, acentrado, com características próprias que os autores definem, enumeram e denominam de *princípios* – “gritos, em torno dos quais os conceitos desenvolvem verdadeiros cantos” (Deleuze & Guattari, 1995a, p. 9). Tais princípios são seis: de conexão (1º princípio), de heterogeneidade (2º princípio), de multiplicidade (3º princípio), de ruptura a-significante (4º princípio), de cartografia (5º princípio) e de decalcomania (6º princípio). Vou tratá-los em detalhe, a seguir.

1º e 2º princípios. De conexão e de heterogeneidade: quaisquer e diferentes linhas podem se conectar entre si, sem uma ordem ou fixidez, em qualquer direção, “colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatuto e estado de coisas” (Deleuze & Guattari, 1995a, p. 15). Não se sabe onde começam, tampouco de seus limites: “ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda” (Deleuze & Guattari, 1995a, p. 32). Não cessa de conectar cadeias semióticas – de conteúdos semânticos e pragmáticos –, biológicas, políticas, econômicas, de organizações de poder, artísticas, científicas, das lutas sociais... Conexões heterogêneas, das mais diversas e de diferentes naturezas.

3º princípio. De multiplicidade: São variedades de medidas (e não unidades de medida – como a relação sujeito e objeto) – “de determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade)” (Deleuze & Guattari, 1995a, p. 16). As multiplicidades estão constituídas de linhas (não de pontos e posições como numa raiz, numa árvore ou numa estrutura) – “linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização, segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras” (Deleuze & Guattari, 1995a, p. 17). E habitam um plano, o plano de consistência de dimensões crescentes ( $n$  dimensões) a-significantes, a-subjetivas e que não se deixam sobrecodificar. E são designadas por artigos indefinidos.

Os princípios característicos das multiplicidades dizem respeito a seus elementos, que são *singularidades*; a suas relações, que são *devires*; a seus acontecimentos são *hecceidades* (quer dizer, individualizações sem sujeito); a seus espaços-tempos, que são espaços e tempos *livres*; a seu modelo de realização, que é o *rizoma* (por oposição ao modelo da árvore); a seu plano de composição, que constitui *platôs* (zonas de intensidade contínua); aos vetores que as atravessam, e que constituem *territórios* e graus de *desterritorialização*. (Deleuze & Guattari, 1995a, p. 8)

4º princípio. De ruptura a-significante: o rizoma não está constituído de estruturas demasiadamente significantes, mas de rupturas a-significantes. Apesar de o rizoma ter

organizações segmentarizadas, territorializadas e estratificadas que dão “poder aos significantes, atribuições que reconstituem um sujeito” (Deleuze & Guattari, 1995a, p. 18), que tendem a cristalizar-se, compreende também rupturas que explodem essas organizações traçando linhas de fuga, que remetem umas às outras incessantemente. O que não impede tentativas de reterritorializações. Esse funcionamento de desterritorialização e reterritorialização é relativo e está em perpétua ramificação. Trata-se de comunicações transversais, que não cessam de conectar cadeias semióticas.

[U]m método de tipo rizoma é obrigado a analisar a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros. Uma língua não se fecha sobre si mesma senão em função de impotência. (Deleuze & Guattari, 1995a, p. 16)

5º e 6º princípio. De cartografia e de decalcomania: O decalque reproduz um modelo estrutural gerativo, um eixo/unidade pivotante sobre o qual “se organizam estados sucessivos” (Deleuze & Guattari, 1995a, p. 21). Está regido pela lógica da reprodução, que “consiste em decalcar algo que se dá já feito, a partir de uma estrutura que sobrecodifica ou de um eixo que suporta. A árvore articula e hierarquiza os decalques, os decalques são como folhas da árvore” (Deleuze & Guattari, 1995a, p. 21). Já a cartografia é fazer mapas inteiramente voltados para uma experimentação ancorada no real, na que predomina o desbloqueio do corpo sem órgãos, do desejo, a construção processual (não a reprodução), a conexão de  $n$  dimensões, campos, máquinas, agenciamentos, afectos, semióticas. Pode-se religar os decalques ao mapa, mas nunca o contrário, pois tenderia à arborificação e captura. O que lhe interessa são os percursos dos fluxos intensivos, do tempo Aíôn (não cronológico) do acontecimento, das linhas de fuga e flexíveis. O que não significa que não se leve em conta a existência dos estratos, códigos, sobrecódigos e axiomáticas da superfície de registro controle, das raízes, que também fazem parte do mapa, mas cuidando para não serem capturados por eles, quando predominaria o decalque (Deleuze & Guattari, 1995a).

Um pesquisar rizomático seria, então, aquele que procura levar em conta em seu fazer todos os princípios do rizoma, o que afetaria profundamente o “olhar” e a relação pesquisador-pesquisado com a realidade e a realiteridade, as direções, velocidades, ritmos, conexões e transformações que se abririam no ato de pesquisar.

Até onde busquei, não vi o rizoma sendo tratado como um modo-processo de produzir pesquisa, mas sim, um de seus princípios, a cartografia, que detalharei a seguir.



### 3.2 PESQUISA CARTOGRÁFICA

A cartografia é um método utilizado há muitos anos no campo da pesquisa. A novidade é o seu uso segundo a concepção de Deleuze e Guattari (1995a), que a coloca como um dos princípios do rizoma.

Guattari, em 1989, publica o livro *Cartographies schizoanalytiques*, em que apresenta uma pesquisa inacabada e algumas monografias. Aí ele nos traz algumas pistas sobre o processo cartográfico esquizoanalítico e acrescenta que tal proposta se situa muito mais num paradigma estético do que científico (Guattari, 1989).

Señalemos de paso que en nuestra perspectiva esquizo-analítica de elucidación de los hechos de subjetivación, ... a mi entender, en cierto modo, todos los sistemas de modelización se equivalen, todos son aceptables, pero sólo en la medida en que sus principios de inteligibilidad renuncian a cualquier pretensión universalista y admitan que su única misión es contribuir a la cartografía de Territorios existenciales – que implican Universos sensibles, cognitivos, afectivos, estéticos, etc – y esto, en áreas y por períodos de tempo bien delimitados. (Guattari, 1989, pp. 17-18)

Outras pistas sobre o uso da cartografia na pesquisa são sugeridas em várias publicações brasileiras, o que tem contribuído para sua sistematização e sua proliferação cada vez maior. Estarei delineando algumas dessas contribuições que, como Guattari (1989) nos indica, se colocam como inacabadas, pistas disparadoras de um largo percurso a ser trilhado.

A cartografia é considerada uma pesquisa-intervenção, e veio potencializar na pesquisa o acompanhamento de processos, a aposta na experimentação, “não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um *hódos-metá*” (Passos e Barros, 2010, p. 17). Cria-se um plano de consistência constituído pelo pesquisador, objeto e a produção de conhecimento e seus efeitos, transversalizados por uma ética, uma estética e uma política. O lugar do cartógrafo é fluido, inventivo e irá compor com os elementos que emergem do campo, desde que se posicione aberto à percepção do que emerge nesse *entre* como novidade, estranhamento, como atualização do virtual... “Trata-se mais de um refinamento da percepção do que um apelo ao saber acumulado ou à memória. É, acima de tudo, uma questão de aprendizado da sensibilidade ao campo de forças” (Passos, Kastrup & Escóssia, 2010, p. 201). Sua narrativa é, antes de mais nada, política, apresentando a posição que o pesquisador toma em relação com o mundo e consigo mesmo (Passos, Kastrup & Escóssia, 2010). É a desconstrução das identidades a

favor das forças dos devires. “O cartógrafo inventa, cria trajetos, sua bússola é processualidade... o encontro com as redes de agenciamentos, e com a conexão de devires” (Robinson, 2003, p. 312).

Ousaria fazer algumas considerações que espero sejam construtivas e que possam contribuir para essa abordagem de pesquisa que, na verdade, tento reformular quando a transponho para contribuir com a proposta esquizodramática que procuro desenvolver. Deleuze e Guattari (1995a), referindo-se à multiplicidade, dizem que falar sobre ela era fácil, difícil era fazê-la. Quero dizer com isso que, dentro dos acompanhamentos que venho fazendo de diversas apresentações de pesquisas cartográficas, percebe-se que se tem conseguido enormes avanços nas publicações teóricas – o que tem sido um norte alargador de caminhos, pois produzem um plano que considera os processos, os fluxos, os encontros, a complexidade da realidade:

... a cartografia aposta no acesso ao plano que reúne lado a lado a diversidade de vetores heterogêneos implicados na pesquisa: o pesquisador e seu campo de interlocuções acadêmicas e instrumentos técnicos, agências de fomento, compromissos políticos, alianças institucionais, bem como o objeto e suas diversas articulações. Tal plano é dito comum não por ser homogêneo ou por reunir atores (sujeitos e objetos; humanos e não humanos) que manteriam entre si relações de identidade, mas porque opera comunicação entre singularidades heterogêneas, num plano que é pré-individual e coletivo. Trata-se de incluir as múltiplas linhas ou vetores que Gilles Deleuze e Félix Guattari (1977) chamam de rizoma e que Bruno Latour (2000; 2007) evoca como rede de articulação e composição, para que possamos fazer emergir o entendimento de uma realidade complexa. Em tal rede estamos todos incluídos – ou implicados, como preferiu dizer René Lourau (1996; 2004): diferentes sujeitos, objetos e instituições, cabendo, portanto, às estratégias de pesquisa acessar o plano que articula, conecta e agencia essa diversidade. (Kastrup & Passos, 2014, pp. 17-18)

Mas algumas dificuldades se apresentam ao exercer esse método, que eu gostaria de enumerar.

Primeiro, o compromisso com o objeto inicial da pesquisa, que, às vezes, pode se tornar uma linha demasiadamente dura, a ponto de obliterar o olhar do pesquisador, a ponto de não se abrir para as alterações com relação a esse início, segundo as peripécias do percurso, que podem exigir outras composições.

Segundo, não percebi a produção de ferramentas que contribuam com a “desconstrução” do “eu” do pesquisador – que se postula como requisito para a pesquisa desse cunho, a não ser, claro, a convocação com relação a essa necessidade nos vários escritos sobre o tema. Por mais claro que esteja teoricamente, pergunto: como fazer isso? O que evidentemente remete ao método e à técnica, e que considero que o esquizodrama tem mais desenvolvido e pode contribuir. O processo de subjetivância espontânea do

pesquisador (e que predomina em seu modo de existir no mundo) tende a criar uma “tendência” à subjetividade identitária, que habitua seu olhar e caminhar pelo campo de pesquisa. Lembro aqui o modo como os atores têm que fazer um aquecimento e uma “preparação do corpo do ator” para que sejam capazes de incorporar, encarnar outros personagens e colocá-los em cena. Qual a preparação que geralmente se faz do corpo pesquisador, no que muitas vezes predominam as forças de segmentaridade, codificadas, instituídas, capturadas (Deleuze & Guattari, 1996)? Como desabituar esse corpo-ação e seu “olhar”? Muito em função da concepção esquizodramática da relação entre teoria, método e técnica-clínicas, creio que as afetações dos estudos teóricos ajudam nos processos de subjetivância em que predomina a produção de subjetivações – libertárias, fluidas – que compõem os fluxos “eu(rekas!!)” (Baremlitt, 2019), mas acredito que nem sempre são suficientes.

Por último, e como consequência direta de minha segunda observação, mencionaria o risco de que os percursos descritos tenham mais descrições (bulbos do rizoma), expressões afetivas pessoais e molares do que afetações moleculares rizomáticas, para as quais seria necessário empregar mais o arsenal esquizoanalítico. Caberia refletir se muitas vezes não se trata mais de pesquisa “inspirada” na cartografia como princípio do rizoma do que na pesquisa esquizoanalítica em si – difícil é fazê-la. Dito de outra maneira: o grau de experimentação dos esquizoemas esquizoanalíticos no fazer da pesquisa cartográfica vai dizer muito do quanto trata de uma ou de outra situação, já que o uso de tais esquizoemas em si atualiza virtualidades do processo de pesquisa.

### 3.3 A PESQUISA-INTERVENÇÃO

Pode-se dizer que a pesquisa-intervenção tem como antecedentes a intervenção psicossociológica, surgida na década de 1950, na França (Penido & Machado, 2017), assim como a pesquisa-ação.

A pesquisa-ação tem por finalidade possibilitar aos sujeitos da pesquisa, participantes e pesquisadores, os meios para conseguirem responder aos problemas que vivenciam com maior eficiência e com base em uma ação transformadora. (Picheth, Cassandre & Thiollent, 2016, p. 2)

A denominação pesquisa-intervenção é dada às pesquisas-intervenção de cunho institucionalista, ou seja, que se inspiram nas abordagens do denominado movimento institucionalista.

O Movimento Institucionalista é um conjunto heterogêneo, heterólogo e polimorfo de orientações, entre as quais é possível se encontrar pelo menos uma característica comum: sua aspiração a deflagrar, apoiar e aperfeiçoar os processos autoanalíticos e autogestivos dos coletivos sociais. (Baremblytt, 2002, p. 11)

Em geral, percebe-se que as pesquisas-intervenção institucionalistas têm se dado de duas maneiras no Brasil. Ou se baseiam em uma única abordagem, como por exemplo, a análise institucional de Lourau e Lapassade, ou a cartografia de Deleuze e Guattari; ou se trata de um híbrido, uma bricolagem de várias abordagens de pesquisas participativas ou intervencionistas, que se situam dentro de um paradigma ético-político-estético comum. Segue uma citação de uma pesquisa na que participei e que seguiu essa proposta:

Na metodologia de pesquisa-intervenção, utilizada por nós, realizamos uma composição que denominamos *Bricolage* (Deleuze & Guattari, 1972; Denzin e Lincoln, 2005; Fortin & Houssa, 2012). Tratamos de pinçar das diferentes experiências teóricas, metodológicas e técnicas da equipe de pesquisadoras princípios éticos-políticos e estéticos similares, oriundos de produções teórico-metodológicas que pudessem potencializar o encontro dos participantes da pesquisa e uma produção coletiva”. (Passos *et al.*, 2017, p. 252)

Gostaria de dedicar algumas linhas à abordagem do uso da análise institucional na pesquisa-intervenção, já que discorri sobre o uso da cartografia no subitem acima. A análise institucional (AI) está constituída por um arsenal teórico-metodológico que cria as condições para compreender e intervir na realidade de forma crítica e política. Tem como utopia ativa a autoanálise e a autogestão e trata de analisar como se dão os processos de institucionalização. Interessa-lhe detectar nesse processo as relações entre as forças instituintes e instituídas e a predominância de uma sobre a outra e seus efeitos (Baremblytt, 2002).

Além dos citados acima, a AI possui conceitos fundamentais para a investigação e intervenção no campo – como analisadores, demanda e oferta, campo de análise e campo de intervenção, análise de implicação, atravessamento, função e funcionamento etc. Baremblytt, em seu livro *Compêndio de análise institucional e outras correntes* (2002, p. 90) tem um capítulo denominado “Roteiro para uma intervenção institucional padrão”, em que oferece um guia de passos a serem considerados numa intervenção e que pode facilitar a pesquisa nessa abordagem.

Algumas considerações, como crítica construtiva, merecem ser feitas sobre a transposição dessa abordagem à pesquisa.

Primeiro, que o enquadre da maioria das pesquisas que são acadêmicas, com os prazos apertados, junto com as condições de disponibilidade e de sobrevivência dos pesquisadores, em geral, dificulta a construção autoanalítica e autogestionária, tanto do objeto e objetivos de pesquisa – ou de alterações necessárias quando no contato com o campo – quanto dos passos de intervenção. O que acaba tornando a pesquisa mais participativa do que autogestiva, ou seja, muitas das etapas de desenvolvimento da pesquisa não contam com a participação autoral, mas sim, colaborativa dos sujeitos pertencentes ao campo pesquisado. Em geral, isto nem sempre altera os resultados da pesquisa, que acaba por cumprir seu objetivo de intervir e contribuir com transformações na realidade intervinda. Mas o grau de incorporação e apropriação do processo e dos valores instituintes, dos quais a pesquisa está imbuída, fica comprometido. Neste sentido, fragiliza a consolidação e permanência dessas transformações.

Em segundo lugar, há ainda o predomínio de intervenções verbais, em detrimento de outras formas expressivas de intervenção. Isso pode empobrecer as possibilidades de investigação, mesmo ao se tentar aproximar-se de uma linguagem mais acessível, caso necessário; especialmente quando se considera a complexidade da realidade intervinda (molar/molecular), que nem sempre “cabe” nessa modalidade de expressão, invisibilizando parcialmente essa complexidade.

### 3.4 A PESQUISA ESQUIZODRAMÁTICA

A pesquisa esquizodramática é fruto de uma composição feita a partir das contribuições dos avanços atuais nas pesquisas citadas anteriormente e das reflexões críticas sobre as mesmas e as suas próprias. Para falar desse tema, muitas entradas se apresentam para mim. Por isso, gostaria de apresentá-las de forma aleatória, como linhas que se pinçam ao acaso de um *caosmos* (Guattari, 1989) vibrante das invenções esquizodramáticas e que se atualizam como ideias intuitivas, ideias esquizodramáticas, que trazem em si sua potência de intervenção e construção dessa abordagem. Essas linhas vão apresentar graus de possibilidades de serem mais duras (realitárias – realidade comum, molar) e mais flexíveis e de fuga (realteritárias – realidade outra, molecular, virtual que se atualiza como novidade na realidade comum) ao negociarem com a superfície de registro-controle, realidade na qual a pesquisa está inserida. Assim como trazem graus de possibilidade de serem seguidas e mais desenvolvidas, ou cortadas e

simplesmente eliminadas. Isso depende de experimentá-las. Prefiro, portanto, um ensaio teórico, um *pensamentear*, cujo tema disparador é o pesquisar esquizodramático.

Deleuze e Guattari vão dizer da existência de três linhas:

1) Uma linha relativamente flexível de códigos e de territorialidades entrelaçados... 2) Uma linha dura que opera a organização dual dos segmentos, a concentricidade dos círculos em ressonância, a sobrecodificação generalizada: o espaço social implica aqui um *aparelho de Estado*... 3) Uma ou algumas linhas de fuga, marcadas por *quantas*, definidas por descodificação e desterritorialização (há sempre algo como uma *máquina de guerra* funcionando nessas linhas). (Deleuze & Guattari, 1996, p. 102)

Primeira linha: do paradigma e da utopia ativa da pesquisa

O esquizodrama tem ainda pela frente desenvolvimentos importantes, tanto na sua teoria como no método e na técnica-clínica. Mas seus princípios e objetivos, assim como uma grande quantidade de experiências e publicações me parecem dados incontestáveis de seu paradigma ético, político, estético, subjetivo, maquínico e ecológico imbuído de sua utopia ativa libertária. Isso se torna parâmetro para aceitar ou rejeitar as demandas do fazer esquizodramático. Eis a primeira linha a ser percorrida pela pesquisa esquizodramática: para quê, para quem, como? Que intervenções transmutativas se vislumbram? Melhor dito, essas são questões presentes em toda pesquisa, mas o que interessa, é se sua resposta atende a esse paradigma e à sua utopia ativa. Grande parte dessa convicção nasce da crença institucionalista de que quanto mais auto-“analíticos” e autogestionários se instaurarem os processos, maior o alcance dessa utopia. Analíticos aqui está posto entre aspas, pois já foi feita, em capítulo anterior, uma reflexão sobre o uso hegemônico em muitos pensamentos mais revolucionários da análise em detrimento de outros modos de intervir; prefiro, portanto, dizer “autodramáticos”.

Portanto, a pesquisa esquizodramática vai tentar o maior grau de autogestão na relação pesquisador e campo de pesquisa. Isto poderá se dar tendo um tema ou pergunta inicial do pesquisador, que será ampliada, transmutada ou substituída esquizodramaticamente pelos demais atores participantes da pesquisa ou, de preferência, deverá ser iniciada conjuntamente com esses participantes.

Como exemplo, pergunto: como essa linha foi considerada nesta pesquisa que ora realizo? A utopia ativa que move esta pesquisa é o desejo de contribuir para o maior desenvolvimento de uma abordagem de intervenção que percebo muito potente no

conhecimento e na transformação da realidade-realteridade, a caminho de modos de vida mais justos, solidários, igualitários, sustentáveis e criativos. Cabe admitir que restam perguntas que ainda não sei se conseguirei responder e que, inclusive, sequer chegarei a formulá-las.

Mas as perguntas que se encontram como motivadoras do início desta pesquisa emergiram do fazer esquizodramático e de reflexões realizadas com colaboradores mais antigos de nosso Instituto. Cada passo-escrita desta pesquisa tem sido compartilhado com outros colaboradores, o que tem ajudado na construção do caminho.

Buscando atualizar essa utopia, ou seja, tornar essa investigação a tarefa de um coletivo e não exclusivamente minha, após a primeira apresentação da ideia-ação que move esta pesquisa (qualificação), pude agregar as imensas e generosas contribuições da banca de qualificação, continuei a compartilhá-la com alguns membros/colaboradores do IGB que se dispuseram a participar dando seus pareceres e considerações, o que foi transformado em alterações ou acréscimos, próprios de um processo que se poderia chamar de uma clínica de composição coletiva.

Havia cogitado também e não consegui colocar em prática nessa pesquisa, pedir aos que se dispusessem que expressassem dramaticamente “o que pode o esquizodrama” nas diferentes dimensões que quisessem elencar. Da mesma forma, minha intenção inicial era propor a esse coletivo (IGB) que inventássemos juntos propostas de dramatização que ajudassem a trazer à tona perguntas a serem investigadas. Tais questões, porém, já estavam tão presentes em nossa prática coletiva que, somadas à dificuldade que encontrei em conjugar o tempo de escrita desta tese e meu momento de vida, preferi desconsiderar essa possibilidade, que deixo aqui registrada, apenas por considerar um passo importante dessa primeira linha.

Outro exemplo importante de construção dessa linha foi a constatação da emergência dessa utopia ativa nas experimentações esquizodramáticas investigadas nesta pesquisa. Promover a intensificação das expressões dramáticas presentes nessas experimentações pode ser uma maneira de se construir um eu(reka!!) ou um coletivo que *pensamenteia* a pesquisa e legitima os fluxos inesperados próprios das peripécias e vicissitudes do percurso. Tudo isso com o objetivo de que o produto dessa pesquisa seja um agenciamento maquínico de corpos e de sentido-enunciação que seja produtivo para todos.

Dois produtos podem ser considerados já frutos dessa pesquisa-intervenção esquizodramática, que são a produção coletiva de imersões de formação de esquizodramatistas (que já existia antes, mas não com o cuidado do olhar de quem pesquisa, atento às emergências de questões a serem investigadas) e a produção do livro *Esquizodrama – teoria, método e técnicas-clínicas* (Baremlitt, Amorim & Hur, 2020), que tentou investigar uma das questões desta tese: O esquizodrama é uma teoria, um método, uma técnica? Isso permitiu avançar na resposta a essa questão, presente no capítulo 2 desta tese.

Da mesma forma, escrevendo estas “linhas”, consigo perceber, o que inicialmente estranhei enquanto o fazia, que foi ter tomado um tempo maior para escrever o primeiro capítulo, que traz a dimensão histórica, ética e política do esquizodrama. Percebo que, como um “cavalo” no qual baixa um “santo”, ou num devir eu(reka!!), atualizou-se o registro detalhado dessa dimensão, que ainda não tinha sido exposta com essa clareza junto aos esquizodramatistas, o que começou a ser feito, como parte das imersões formativas, a partir desta escrita. É um exemplo da imanência do processo de subjetivação do pesquisador e as emergências do campo de pesquisa nas peripécias/vicissitudes a serviço dessa utopia ativa.

O que me move?  
 O que te move?  
 O que nos move?  
 A serviço de quem?  
 A serviço de quê?  
 Para quê?  
 Para quem?  
 Como mover?  
 Que move quando se move?  
 Nossa utopia  
 Aqui e agora  
 No presente vivo  
 Ativa!  
 Que nosso fazer ético-político-estético  
 Atualiza!

Faz parte desta linha, também, a forma de apresentação do trabalho desenvolvido, que deve ser a mais esquizodramática possível, em consonância com o paradigma estético (que também é ético e político) no qual o esquizodrama se insere.

Para atualizar essa dimensão nesta pesquisa, foram desenvolvidos:

- texto da tese impresso, contendo documentos e fotos em anexos que intensificam a leitura do texto;



- texto da tese em formato digital, além de um pen drive com arquivos e vídeos (incluído no objeto-tese);
- objeto-tese denominado “Fragmentos de uma Tese”, com 10 exemplares em sua primeira tiragem (enumerados de 1 a 10), distribuídos para os principais atores envolvidos no processo desse pesquisar;
- esquizodrama da tese.

#### Segunda linha: dos encontros, dos interstícios

Segundo Espinosa, não sabemos o que pode um corpo. Só nos próprios encontros entre corpos é onde se conhecerão as potências dos mesmos, suas capacidades de intensificar mutuamente a realiteridade nas suas mais intensas manifestações. Trata-se de sempre expressar o que pode cada conexão/encontros dos corporais/incorporais em seus intertícios (Deleuze, 2002).

Essa linha traz o desafio de como criar clínicas que propiciem a emergência de conexões impensadas, mais moleculares e multiplicárias, ou seja, que atualizem as diferenças, o novo e inventivo, capazes de desterritorializar os encontros molares, habitados, capturados.

Sabemos dos encontros molares que uma pesquisa exige e que, se não temos o compromisso ético-político-estético e metodológico com a invenção, ou seja, com as conexões realiteritárias, corre-se o risco de captura e reprodução do mesmo.

Nesta pesquisa, essa linha se atualiza através de muitas e variadas conexões, encontros e interstícios. A cada contato que faço com os textos investigados, os laboratórios de esquizodrama, as memórias de minhas vivências, meus sonhos, as escritas dos ex-alunos e colaboradores, as aulas a que assisto, as conversas com amiga/os, conversas com a orientadora, o cotidiano cada vez mais em contato com a natureza, os atendimentos no trabalho, as dores e alegrias de momentos vividos, o amor, a ansiedade e medo de não dar conta, insights... Ressalto a força e estímulo intenso e presente da amizade... Não sei se chegaria ao final desta tese se não fosse a rede de amor e acalantos que me sustentaram nos últimos tempos...

A amizade... [p]ara mim, é uma questão de percepção. Não é a partir de ideias em comum, mas de uma linguagem em comum ou de uma pré-linguagem em comum. ... Há de fato uma questão de percepção. Perceber algo que lhe convém, que ensina, que abre e revela alguma coisa ... Acho que todas as amizades têm essa base: ser sensível aos signos

emitidos por alguém ... A partir daí, pode passar horas com alguém sem dizer uma palavra ou, de preferência, dizendo coisas totalmente insignificantes. (Deleuze em entrevista a Claire Parnet, 1988-1989)

Todas essas são conexões que trouxeram, imanentemente, a potência disparadora de inventividades ou, muitas delas, a de capturas e paralisias. Reconhecê-las, intensificá-las, ou raspá-las é a arte a ser experimentada nessa linha. Ressalto, ainda, que já sabemos que o que conecta, além das conexões molares enumeradas, são os fluxos micro e moleculares, nem sempre possíveis de se nomear, mas passíveis de afectar e produzir, reproduzir ou antiproduzir.

Terceira linha: do construir (para si) o corpo sem órgãos da pesquisa/pesquisador

Para Deleuze e Guattari, qualquer trabalho dentro do paradigma da esquizoanálise requer “criar para si um *corpo sem órgãos* (CsO)” (Deleuze & Guattari, 1996, p. 9).

Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam. Mas o CsO não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo. Nada a ver com um fantasma, nada a interpretar. O CsO faz passar intensidades, ele as produz e as distribui num *spatium* ele mesmo intensivo, não extenso. Ele não é espaço e nem está no espaço, é matéria que ocupará o espaço em tal ou qual grau – grau que corresponde às intensidades produzidas. (Deleuze & Guattari, 1996, p. 13)

Compreende-se essa exigência porque essa entidade é o assento dos fluxos de produção de produção e das conexões entre as máquinas desejantes que geram (*máquina fonte*), cortam (*máquina corte*) e conectam o desejo produtivo-revolucionário (Deleuze & Guattari, 2010; Baremlitt, 1998). Quando os autores precisam ilustrar procedimentos para criar para si um corpo sem órgãos, a variedade é infinita. Mas os autores estão empenhados em mostrar que os procedimentos não precisam ser muito sofisticados e enfatizam, por exemplo, as práticas orientais, o uso de substâncias psicoativas, do jejum etc. Mas em outras passagens deixam claro que se pode criar para si um corpo sem órgãos com todo tipo de intensidades que funcionem (Deleuze & Guattari, 1996) – a paixão pela utopia ativa, recursos político-militantes, musicais, pictóricos, de dança, de esportes, de rituais primitivos, de longa convivência com a natureza, grandes amores, riscos extremos... e diversas manobras técnico-clínicas. Recomendam, para essa experimentação, infinita audácia e infinita prudência, porque os mesmos *enements* que servem para criar podem destruir e até matar. Isso não surpreende, porque os fluxos do

CsO são tão potentes quanto caóticos e as tarefas de raspagem podem deixar ruínas (Deleuze & Guattari, 2010).

Durante a escrita deste texto, procurei realizar essa linha inspirada na maneira como o fizemos com nossos alunos de pós graduação – a clínica do CsO da pesquisa (realizada pelo professor colaborador Jorge Bichuetti, que ministrava a disciplina metodologia de pesquisa).<sup>9</sup> Tratava-se de, após intensa mobilização, dramatizar os diferentes elementos presentes no pesquisar, de forma desterritorializada, como acontecimentos-devires. Assim, dediquei-me a experimentar e dramatizar o campo de pesquisa, seu objeto e objetivos num devir-acontecer “louca” e “criança”.

No devir-acontecer louca, me deparei com uma produção em variação contínua e que às vezes se tornava acelerada demais e se perdia, mas algumas impressões perduravam. Na variação contínua, o acaso ou a aleatoriedade é a causalidade predominante – trata-se apenas de acompanhar os fluxos (Amorim, 2008).

Esquizodramatizando um devir-acontecer criança, encontrei-me curiosa, permanecendo um largo tempo “explorando” essas produções e construindo brinquedos estranhos, que surgiam no *entre* dessas conexões. Meu estado de ânimo era o de uma peculiar alegria. Essa experimentação me conectou com um estado de velocidade e lentificação entre o caos e o cosmos, que Guattari (1992) denomina caosmose, situação essa em que as emergências da realteridade se tornam intensamente vívidas, mas com apresentações que podem ser registradas e aproveitadas.

Os movimentos de descodificação, dessobrecodificação e desaxiomatização, desterritorialização e suas dinâmicas de captura – recodificar e reterritorializar etc – apareceram como uma experiência vital. Entrei em contato com algumas dimensões do meu sentir e perceber a realidade dessa pesquisa que dificilmente “descobriria” durante um processo predominantemente verbal. Por exemplo, as *peripécias* dos processos de atualização de lembranças de experiências vividas com relação à disciplina de metodologia de pesquisa das pós-graduações que tivemos em nosso Instituto, e as inventivas que tomaram conta de mim, ao realizar este capítulo sobre a pesquisa esquizodramática. Como uma criança que acaba de ganhar um brinquedo que a deixa curiosa sobre seu funcionamento, desejei debruçar-me mais detalhadamente sobre essa temática, quase transformando-a na única pergunta desta tese. Criar para si o CsO

---

<sup>9</sup> Não saberia precisar em quais das várias aulas sobre o tema essa clínica se deu pela primeira vez.

(Deleuze & Guattari, 1996) traz desterritorializações impensadas, cabendo ao pesquisador legitimá-las ou não na continuidade do processo de pesquisar. Mas jamais negar suas emergências.

Quarta linha: do rizomatizar e dos esquizoemas/esquizodremas da esquizoanálise e do esquizodrama

Para o esquizodrama, o complexo realidade-realteridade é rizomático (Baremlitt, 2019); portanto, obedece aos seis princípios do rizoma (Deleuze & Guattari, 1995a).

Difícil falar do rizoma sem falar da importância prioritária de outros esquizoemas da esquizoanálise para a pesquisa esquizodramática, mas não como parte de uma máquina analítica, mas de uma máquina dramática (esquizodremas). O que interfere crucialmente no modo de saber-fazer pesquisa.

Embora seja certo que a realidade tende a ser molar, macro, estratificada, codificada e axiomatizada, territorializada, real, possível e impossível, o esquizodrama postula que sua imanência com a realteridade virtual, atualizável, descodificante, desaxiomatizante e desterritorializante torna essas duas realidades distintas e, ao mesmo tempo, conectáveis de infinitas maneiras (Baremlitt, 2019). O pesquisador esquizodramatista pode ter dificuldades para perceber a existência imanente desses dois “mundos” e deixar-se levar pela demanda de um levantamento de dados realitários já prefixados. Isso seria um desperdício, entre outras razões, porque há protocolos empíricos que podem dar conta dessa encomenda. Obedecer ao pé da letra essa consigna implica bloquear a invenção, verdadeiro objetivo de proposta esquizodramática. Por outro lado, nunca se deve esquecer que é no campo da realidade que operam os equipamentos de poder, que realizam as operações de registro-controle, captura e aceleração ao infinito das produções de produção revolucionárias e transmutadoras. É a maior experiência com o esquizodrama que propiciará ao esquizodramatista pesquisador produzir dispositivos clínicos que intensifiquem a percepção destes equipamentos e da possível identificação/rostificação com essas capturas, liberando sua potência inventiva.

A esquizoanálise emprega para suas excursões *nomadopráticas* de variada “natureza” um trajeto que denomina cartografia. Esse processo é importado e reformulado do campo da geopolítica e da navegação e transformado num dos princípios do rizoma – ambos já desenvolvidos na primeira parte deste capítulo. O quanto o uso dos esquizoemas

da esquizoanálise como esquizodremas e o quanto o uso de esquizodremas criados pelo esquizodrama também estão presentes na pesquisa esquizodramática pode ser considerado um dos balizadores para dizer o quanto ela conseguiu escapar das capturas legitimadoras do *status quo* social e o quanto conseguiu criar linhas de fuga e aberturas para as novidades transformadoras e potencializadoras de sua utopia ativa – já que os mesmos trazem imanentes ao seu uso esses efeitos.

Nesta pesquisa realizo essa linha através da construção de uma clínica rizomática, ou seja, inicio o trabalho da escrita com uma mobilização corporal com ou sem música, ou escuto músicas e depois as corporeio... E, a partir daí, com esse novo corpo/sentido, entregar-se e abrir-se para os percursos que o convocam, como, por exemplo, ler novamente os escritos da tese (ou apenas uma das partes), ou se remeter a buscar alguma leitura ou vídeo, ou já partir para a escrita, ou... ou... Mas se trata de uma leitura ou escrita, ou pensamentear corporeado... contagiado pelos efeitos do devir acontecer da experimentação. Essa forma de iniciar pode ser também usada tanto no meio e como fim de um período de imersão nesse trabalho de escrita. Importa que nessa clínica se atualize um “estado” desterritorializado, despessoalizado, disponível/aberto às conexões insólitas dos fluxos e suas direções, que compõem *n* dimensões (Deleuze & Guattari, 1995a) cujo efeito é a emergência de uma escrita corporeada (que afecta e é afectada).

Quinta linha: dos pesquisadores eu(rekas!!) e suas expressões

Para se conseguir mapear um percurso rizomático, ou as peripécias e vicissitudes da pesquisa esquizodramática, o agente ou agentes envolvidos necessitam passar por uma “preparação” que garanta a raspagem e o mínimo de permanência de suas identidades *standard*, costumeiramente conhecidas. Essa desterritorialização não é nada fácil, e suas falhas podem chegar a ser um impedimento para a fruição da travessia. As subjetividades dominantes são verdadeiros equipamentos de saber/poder que precisam ser desarmados,

para propiciar a produção-surgimento dos *implexos máquina abstrata de guerra, de amor, de arte, de ecologia* etc, instrumentalizadas em *agenciamentos coletivos de enunciação e agenciamentos maquínicos de corpos = eventos*, identificáveis com um *nome, uma data e um lugar*. Tais eventos podem incluir subjetivações, mas não estão centrados nelas, são processos *sem* sujeito gerador ou modulador dos mesmos. (Baremlitt, 2019, p. 7)

A tais subjetivações chamaremos de eu(rekas!!), aquelas que se surpreendem, perplexas perante o evento, ao “mesmo tempo” que também são emergentes da potência irruptiva da invenção.

Mas, o mais importante mecanismo de diluição da identidade do pesquisador e “pesquisados” é a assunção da tarefa de esquizodramatizar, que inclui processos o mais autogestionários possíveis, que contribuem crescentemente para a dissolução de resíduos de poder, saber e prestígio, em certa proporção inevitáveis nessas condições.

Desrostificar as identidades pesquisador/pesquisados (clínica da rostidade), criar para si um CsO (clínica do CsO), são alguns dos dispositivos para a emergência de subjetivações inventivas – eu(rekas!!) (mais que subjetividades reprodutivas), e o desmonte de expressões duras e capturadas do pesquisador antes e em seu contato com o campo de pesquisa.

Sexta linha: da (esquizo)dramatização (e da clínica da implicação), das peripécias e vicissitudes

Tentando ser fiel aos componentes artísticos e literários do paradigma estético, o esquizodrama não utiliza o esquizoema cartografia para designar os processos narrativos ou de percurso nas realidades/realidades intervindas. Prefere usar os esquizodemas *peripécias* e *vicissitudes*, que têm origem no teatro antigo; prefere chamar o que sucede nas suas experiências de *peripécias* e a seus registros de *vicissitudes*. *Peripécias* e *vicissitudes* compõem a *metábole*, ou seja, todos os processos e registros de cada evento esquizodramático (Baremlitt, 2019, p. 4).

Nas peripécias, espera-se que os processos do pesquisar sejam construídos através da produção de dispositivos de intervenção – clínicas (nem sempre nomeadas como tal); e nas vicissitudes, espera-se que os registros sejam mais estilísticos, fluidos, inventivos “línguas, dramaturgias e narrações *menores*” (Baremlitt, 2019, p. 7). Para se ter maior chance de alcançar tais objetivos, a preparação esquizodramática do pesquisador se faz crucial (expresso como quinta linha).

Essa preferência, que já foi dita de diversas maneiras neste trabalho, é por perceber a potência do “que podem” as infinitas formas de expressão quando convocadas, e transformadas (inspiradas, por exemplo, no teatro, na dança, poesia, música, vídeos etc).

Em geral, as pesquisas-intervenção institucionalistas nas áreas de humanas e de saúde ainda utilizam, predominantemente, um estilo estritamente verbal, e uma semiologia significativa linear ordenada. É diferente quando se investiga o ambiente das artes, em que expressões mais plásticas (ou poéticas) podem ser encontradas (Deleuze, 2010; Lima, 2015).

Nesse sentido, a pesquisa esquizodramática estará utilizando em suas clínicas de produção da pesquisa, de preferência, desde seu início até o final, processos os mais esquizodramáticos possíveis. Ou seja, essa disponibilização vai permitir ir aparecendo, cada vez mais, conexões que durante um processo exclusivamente verbal, dificilmente surgiria. A máquina sentidos-corpos-ação transmuta a produção de atos e ações em efeitos impensáveis, impensados, indizíveis até esse momento.

Prefiro chamar, ao processo conhecido na análise institucional como *análise de implicação*, de *clínica da implicação*. Isso porque se vai buscar não a análise, mas a expressão e atualização, o fazer emergir – através das clínicas, peripécias e vicissitudes – os afectos e perceptos de todos os envolvidos no ato de pesquisar (e não só do pesquisador).

A seguir, trago uma ilustração de como se deram algumas dessas linhas em meu processo de pesquisa.

### **3.4.1 O processo de implicação/super-implicação com este pesquisar**

Talvez aqui seja o lugar e momento de falar de meu encontro com o esquizodrama e do processo vivido nessa pesquisa – minha implicação enquanto pesquisadora esquizodramatista. Isso porque percebi em mim uma profunda mobilização subjetiva nesse período de seis anos, que atribuo muito a um modo de vida inspirado e aprendido no esquizodrama.

O encontro com o esquizodrama foi a culminação de uma trajetória. Já na universidade – formei-me na UFMG no período de 1978 a 1982 – meus interesses estavam à margem do que predominava em minha turma, ou seja, a opção pela psicanálise. Talvez devido a uma formação e prática muito consistentes em yoga e pensamento oriental, ao conhecimento de práticas religiosas afrodescendentes e vivência

dos efeitos da mobilização corporal, além de outras leituras do psiquismo, me fiz crítica à hegemonia psicanalista vigente. Isso não me isentou de certos preconceitos e desqualificações sutis de colegas por essas escolhas, mesmo sem conhecerem essas outras práticas. Felizmente, encontrei algum respaldo para esse desvio, através de disciplinas como sociologia, psicologia social, intervenção psicossociológica, dinâmicas de grupo e psicologia transpessoal.

Entretanto, tive que buscar fora da universidade a complementação de minha formação, aquilo que se aproximasse mais da produção de subjetivância que até então ia me constituindo enquanto profissional, e da qual não abria mão. Dentre as diversas formações por que passei (psicologia junguiana, gestaltista, sistêmica, transpessoal), as que cursei em respiração holotrópica e em teorias e práticas neo-reichianas (cada uma com dois anos de duração) foram as que mais me marcaram, antes de conhecer o Movimento Instituinte. De uma forma simplista, elenco algumas contribuições que essas formações trouxeram e que alteraram completamente (contrariando ou complementando) minha formação acadêmica:

- a aposta na potência do encontro;
- a existência de muitos inconscientes (não só o psicanalítico) – até então: junguiano, reichiano e transpessoal (não conhecia ainda o esquizoanalítico, por exemplo);
- outras formas de se trabalhar a subjetividade, além da verbal (dramatizações, dinâmicas, artísticas etc) e
- a potencialização do processo terapêutico quando se inclui a mobilização corporal e sua dimensão política.

Reich visualizou no homem a segmentação anelídea, e através dela efetuou toda uma analogia entre as diferentes porções segmentadas e suas diferentes inervações para as diferentes áreas corpóreas. A este percurso neurofisiológico associou o fluxo libidinal de afeto, criando a partir daí a concepção do corpo erógeno.

... A busca é sempre a do reconhecimento da estase e a serviço de que repressão se encontra. (Briganti, 1987, p. 30-31)

Outra formação/experimentação importante (que durou cerca de três anos) se deu por meio de um grupo de estudos e vivências com psicólogos veteranos em psicologia transpessoal, incluindo a investigação de estados alterados da consciência induzidos pelo uso de substâncias psicoativas – ketamina, LSD, haxixe e ayuasca. A partir dessa



experiência, novos inconscientes, novos mapas psíquicos, novas leituras de mundo e do psiquismo se abriam e consolidavam minha pesquisa sobre os processos de subjetivância.

O encontro com o Movimento Instituinte se deu de modo concomitante à formação que iniciei com Gregorio Baremlitt no final da década de 1980. Inicialmente tive contato com a análise institucional e com a esquizoanálise, posteriormente com o esquizodrama. Nessa época, além de consultório privado, atuava como psicóloga em um hospital geral público e aí pude colocar em prática minha primeira intervenção institucional.

A construção que vinha fazendo em minha formação confluiu intensamente com a trajetória e proposta teórica e técnica de Baremlitt, o que nos uniu numa fecunda parceria. Nela encontrei a fundamentação teórica para o que vinha desenvolvendo, que foi se transmutando ao longo das experimentações esquizodramáticas que ia vivenciando e aprofundando, o que reforçava a dimensão ético-político-estética de meu trabalho.

Da mesma forma, pude contribuir para a consolidação dessa proposta, a partir da cocriação de organizações de formação, intervenção, cursos, eventos e publicações (Instituto Félix Guattari em 1995 e Fundação Gregorio Baremlitt em 2004, que em 2022 se fundiram formalmente no Instituto Gregorio Baremlitt – IGB. Ainda na gestão das duas primeiras organizações foram realizados vários cursos sobre análise institucional, esquizoanálise e esquizodrama, ou de temas afins, assim como pós-graduações, congressos e a publicação de quatro livros de Gregorio Baremlitt.

Nesse processo, podia perceber a transformação que se dava em mim e em minha atuação profissional, bem como nos pacientes, alunos e nos grupos/equipes das organizações em que atuava com intervenção institucional. Ao mesmo tempo, muitas questões começaram a surgir com relação à teoria, método e técnica/klínicas do esquizodrama, bem como a percepção da necessidade e do desejo de aprofundá-las. Foi quando iniciei (e contei com vários colaboradores, além, claro, da presença ativa e primordial de Gregorio Baremlitt) uma nova etapa de investigação e consolidação do esquizodrama, parte dela já na gestão do que se tornou o IGB.

Um primeiro momento dessa nova etapa foi a realização do mestrado com o tema “Esquizoanálise, esquizodrama e as klínicas da educação” (2008), no qual investiguei como se dava o uso do esquizodrama na educação.

Um segundo momento foi a realização do curso “Formação de esquizodramatistas” que tinha como temas constitutivos da programação, exatamente as indagações que considerava cruciais de serem investigadas e aprofundadas.

Um terceiro momento foi a realização deste doutorado, visando investigar as questões que percebia ainda estarem em aberto para a consolidação do esquizodrama.

Um quarto momento foi propiciar e contribuir para a publicação de dois livros sobre o esquizodrama, diretamente motivada pelas questões elencadas neste doutorado. Um deles, *Dez proposições descartáveis do esquizodrama* (Baremlitt, 2019), foi fruto de uma revisão feita pelo autor de um texto de mesmo nome escrito anteriormente. Nesse livro, algumas questões suscitadas no doutorado puderam ser aclaradas. O outro livro, *Esquizodrama – teoria, método e técnica/klínicas* (2020), produzido por Gregorio Baremlitt, Domenico Hur e eu, tentou responder uma das primeiras questões desta tese: se o esquizodrama é simplesmente uma técnica ou mais que isso. Considero que esta questão foi profundamente respondida nessa publicação (bem como no capítulo 2 desta tese).

Nesse detalhamento dá para perceber que essa pesquisa se tornou uma pesquisa-intervenção, ou seja, à medida que estudava para o doutorado e vivenciava as várias experiências com o esquizodrama, surgiam novas questões para investigação e imediatamente os dispositivos iam sendo criados para investigá-las, com a participação ativa de vários colaboradores do IGB.

Cabe ressaltar que este caminho não fez parte de um planejamento de pesquisa, muito pelo contrário, enquanto realizava as disciplinas que cumpriam os créditos do doutorado, minhas questões específicas pairavam numa atmosfera de leituras, conversas, trocas e se materializavam ativamente em intervenções no campo de pesquisa – como um devir pesquisa, um devir pesquisadora e um devir método de pesquisa. Ou seja, somente no *intermezzo* do processo, pude perceber como as supervisões com Gregorio, os cursos e publicações faziam já parte desse processo de pesquisa-intervenção.

Confesso certa resistência com relação ao que me proponho a escrever a partir de agora, com medo de cair num vitimismo ou expor demasiado minhas fragilidades. Mas elucidar como se dá o processo de implicação é um ato acima de tudo político, ou seja, traz uma dimensão do coletivo no qual você está inserido e como a ela se conecta, e como

esta afeta direta ou indiretamente a realização da pesquisa. Por exemplo, enquanto presente nas aulas do doutorado presenciei questões relacionadas à saúde mental dos alunos, não só da pós-graduação, como também da graduação (inclusive com aumento de suicídios entre os estudantes), que não poderia me furtar de trazer minha vivência pessoal desse período, que também ressoa com a experiência deles – “há que se cuidar do broto para que a vida nos dê flor e fruto”, como dizem Nascimento & Tiso (1983) em “Coração de estudante” –, mesmo considerando seu gradiente diferencial.

Portanto, essa vivência pessoal não é o cerne do escrito, por mais que pareça. Mas, sim, a apresentação dos perceptos e afectos, instituições ou modos de subjetivâncias que, por fazerem parte de um agenciamento coletivo de enunciação e agenciamento maquínico de corpos de nosso momento histórico, me atravessam/transversalizam como ente partícipe desse tempo e, especialmente, enquanto estudante de pós-graduação (estudante sendo um desses agenciamentos), num período que não é pequeno (cerca de 6 anos). Como exemplo do que digo, poderia citar: questões de gênero, relações de parentesco, saúde/doença, capacitismo/inclusão, educação acadêmica, gestão, política/Estado/governo. Sendo mais específica: mulher, família, trabalhadora, esposa, mãe de filhos com necessidades especiais, doenças física e mental, militância, professora, gestora, tempo livre, ambiente acadêmico e suas cobranças, pandemia, sobrevivência, política do país, velhice, luto, amizade, casa, natureza, devir outros/outras, morte, vida...

Não vou me debruçar em cada um desses itens, pois daria um tratado do que na análise institucional denomina-se campo de análise. Nem focarei na análise dos mesmos – que pode estar incluída, mas não é o objetivo. Farei, talvez, uma contorção do conceito de análise de implicação da análise institucional, transmutando-o no que denominei implicação esquizodramática. Ou seja, não se trata de negar as contribuições do conceito de Lourau de implicação – implicação institucional, implicação prática, implicação sintagmática, implicação paradigmática, implicação simbólica, transferência e contratransferência institucional. Ele próprio, por exemplo, reconhece e agrega as contribuições de Lefebvre ao seu conceito (Lourau, 1996). Trata-se de reconhecer sua importância, mas ao agregá-las, transmutá-las dramaticamente; o que acontece quando se tem como referenciais alguns conceitos da análise institucional, mas, predominantemente, os esquizoemas e esquizodremas da esquizoanálise e do esquizodrama, respectivamente. Por exemplo, como incluir no conceito de implicação como se dão as capturas e linhas de fuga, instituinte-instituído-institucionalização, territorialização-desterritorialização-

reterritorialização, codificações e descodificações, identificações-desidentificações, repetição, diferença e devir, subjetividades e subjetivações, multiplicidades, molar e molecular, micropolíticas, atravessamentos e transversalidades, dentre tantos outros.

Diria que a implicação é imanente à esquizodramatização, uma não acontece sem a outra. Diz respeito às afecções inerentes ao processo de dramatizar. Nas palavras de Baremlitt, no prólogo do livro *Los intelectuales y el poder*, de Lourau (2001):

Dramatizar, para nosotros, es un acontecer-devenir protagonista del auto-análisis y de la auto-gestión, que experimenta un tipo insólito de individuación (como diría Spinoza), que “imaginamos” ser una de las soluciones “no representacionales” de la separación-jerarquización entre sujeto-objeto, tanto en la investigación como en los actos organizacionales y movimientistas. Diferente de cualquier efecto de una inter-relación o de una identificación entre lugares, funciones, “roles”, “status” etc, lo que procuramos es inventar una anomalía, es decir, un nuevo personaje intelectual-gestionario, a la vez multiplicitario y singular, por evolución a-parelela, como lo que se da entre la avispa y la orquídea, o en las manadas descritas por Elías Canetti. No ignoramos los peligros de la sobre-meta o hiper-implicación de esa propuesta, pero creemos que René no lo rechazaría. (Baremlitt, 2001, p. 14)

Implicação no esquizodrama é também dizer das intensidades do vivido nas entreações e conexões dos diferentes componentes da realteridade se atualizando nas realidades micro e macro, molecular e molar, humana e não humana, maquínicas, insólitas, multiplicitárias. É perceber-se em constante transmutação à medida que afecta e é afectada pelo campo intervindo. É um devir composição com  $n$  encontros. É não temer devir esse “nuevo personaje”, ou essa “hiper” ou super-implicação capaz de produzir esta transmutação. Tal como quando Krenak fala de seu encontro/composição/implicação com seu rio-avô, Watu:

Nas noites silenciosas ouvimos sua voz e falamos com nosso rio-música. Gostaria de agradecê-lo, porque ele nos dá comida e essa água maravilhosa, amplia nossas visões de mundo e confere sentido à nossa existência. À noite, suas águas correm velozes e rumorosas, o sussurro delas desce pelas pedras e forma corredeiras que fazem música e, nessa hora, a pedra e a água nos implicam de maneira tão maravilhosa que nos permitem conjugar o nós: nós-rio, nós-montanhas, nós-terra. Nos sentimos tão profundamente imersos nesses seres que nos permitimos sair de nossos corpos, dessa mesmice da antropomorfia, e experimentar outras formas de existir. Por exemplo, ser água e viver essa incrível potência que ela tem de tomar diferentes caminhos. (Krenak, 2022, p. 14)

Tentarei, então, atualizar um pouco da atmosfera desse tempo/afecções de devir pesquisa-pesquisadora no contexto academia e “vida lá fora”...

Como disse acima, a demanda de entrar no doutorado foi produzida como consequência de um momento de interesse em consolidar uma investigação sobre o saber e fazer esquizodramático que, sem esse compromisso externo, sempre se perdia nas exigências do cotidiano – em sua maioria bastante atrativas e que me absorviam.

Mas tais exigências tomaram uma proporção muitíssimo maior do que já havia vivido até então e a transversalidade que significava o doutorado em minha vida – “interpenetração, entrelaçamento, no rizoma ... que é imanente à rede social das forças produtivo-desejantes-instituintes-organizantes” (Baremlitt, 2002, p. 171), corria o risco de tornar-se um grande atravessamento.

Atravessamento: a rede social do instituído-organizado-estabelecido, cuja função prevalente é a reprodução do sistema, atua em conjunto. Cada uma dessas entidades opera na outra, pela outra, para a outra, desde a outra. Esse entrelaçamento, interpenetração e articulação de orientação conservadora, serve à exploração, dominação e mistificação, apresentando-as como necessárias e benéficas. (Baremlitt, 2002, pp. 138-139)

Como transmutar esse processo passou a ser um desafio.

No início do doutorado passei por processo de grave adoecimento, com o carimbo de uma doença que ainda pode ser fatal, cronificar-se ou curar-se e que produz sintomas que dificultam muito a produção intelectual (diminuição da oxigenação cerebral devido a efeitos colaterais da medicação). Outro atravessamento, a alta carga de trabalho que envolvia todo o dia – e que me transformava em pesquisadora, predominantemente, de finais de semana. Além do processo de piora do quadro de meu companheiro que, depois de três anos bastante intensos em cuidados veio a falecer, exigindo de mim doses maiores de cuidado, amor e autocompaixão. Tudo isso significou adiamentos, licenças médicas e decisão de não dar continuidade ao doutorado, para poder elaborar em paz todo o vivido.

Acrescente-se ao quadro o ambiente social de pandemia (iniciada em 2019), que deixou no país mais de 600 mil mortos, e um governo de ultradireita destrutivo (2018-2022), que inclusive a negava, mas mesmo assim contava com uma adesão estarrecedora de metade da população brasileira, e tem-se um clima de mal-estar, medo e paralisia geral, que, especialmente em nós, opositores de esquerda, gerava momentos de grande descrença e desânimo, medo de perseguição e retorno aos tempos mais férreos da ditadura. Mas não resistir estava fora de cogitação, o que significava bastante envolvimento emocional e de energia vital, numa incansável busca de formas de coletivizar-se e reagir.

O Brasil já vive sob o horror da exceção. A falsificação da realidade, a corrupção das palavras e a perversão dos conceitos são parte da violência que se instalou no Brasil. São parte do método. Essa violência subjetiva tem resultados bem objetivos – e multiplica, como os números já começam a apontar, a violência contra os corpos. Não quaisquer corpos, mas os corpos dos mais frágeis. O desafio – urgente, porque já não há mais tempo – é resgatar o que resta de democracia no Brasil. (Brum, 2019, p. 296)

Toda uma atmosfera pessoal e sócio-política colocava em xeque quaisquer certezas até então, e o que fazia certo sentido, passou a não fazer sentido algum... Sim, naquele momento me perguntava se fazia sentido continuar o doutorado, obter a titulação, principalmente por tudo isso significar submeter o processo da escrita à necessidade de finalizá-la num tempo escasso, que já se esgotava. Todo um panorama que me travava completamente. Superfície composta de linhas duras, de resistência (no sentido ruim) e paixões tristes – frustração, fracasso ou alívio ao pensar em livrar-se de tais tensões... Corpo que se rebela, adoecendo. Predomínio do tempo Chronos do modo de vida capitalista e sua produção de subjetividades adoecidas! Capturadas por uma sociedade que valoriza o extremo da exploração subjetiva e física – o máximo de cansaço e o máximo de desempenho (Han, 2017). Superfície de registro controle que arromba a porta do pouco de quietude e equilíbrio às vezes conquistados.

Absorvida por essa realidade, custei a chegar à conclusão e aceitar que precisava descansar... E muito... O doutorado passou a trazer um estado de inquietude e ansiedade, tornando-se um empecilho para minha saúde física e mental, que estava debilitada. Não queria reproduzir um modo de existir que eu condenava; de uma sociedade que, em geral, não abre espaço para uma vida menor (Deleuze & Guattari, 1977), com tempo para acolher e cuidar dos momentos de vulnerabilidade e fragilidade; em outras palavras, para uma vida mais ecológica. E se o projeto de doutorado, em seu enquadre acadêmico, significasse essa reprodução, teria que ser eliminado... ou transmutado. Preferia desistir a ser sujeitada ao que passou a significar para mim um mau encontro: relações de poder/opressão internas e externas. Afinal, ao esquizodramatista, enquanto projeto revolucionário, interessam modos de vida transversais a essa lógica. Como transversalizar esse tempo capturado (Chronos) com o tempo das intensidades (Aíôn) e do cuidado?

Esta recomposição permanente da subjetividade e da práxis só é concebível numa total liberdade de movimentos de cada uma de suas componentes, e no respeito absoluto dos seus tempos próprios – tempo para compreender ou recusar compreender, tempo para unir ou se autonomizar, tempo da identificação ou da diferença mais exacerbada. Libertação, produção, constituição de modos de agir sociais, resultam de níveis distintos – todos igualmente pertinentes – a partir dos quais as máquinas de luta se desenvolvem. (Guattari & Negri, 1987, p. 63)

Atenta a essa captura, cheguei a pensar num plano B, caso chegasse a certo extremo, e que aliviaria muito uma possível e óbvia frustração de não conclusão do doutorado, especialmente, por estar gostando muitíssimo de realizar a pesquisa e querer finalizá-la e socializá-la de algum jeito. Seria o plano de continuar a pesquisa no tempo

que a saúde mental requeresse e a transformasse numa publicação coletiva. Afinal, escolher fazer o doutorado foi uma escolha de prazer e de consolidação de uma trajetória. Voltar à faculdade em que me formei, depois de mais de 30 anos, era um encontro de pura potência, afeto e de fortalecimento micropolítico. Minha escolha estava longe de correr o risco de significar assujeitamento e opressão, produção de reprodução e antiprodução, repetição do mesmo. Foi uma estratégia para potencializar a produção de produção e da diferença, e chegar até aqui, com o risco de não acabar o doutorado, já não importava mais porque já se consolidava como disparador de um processo produtivo-estético-inventivo e micropolítico. Conseguiria, com muita alegria, continuar, e sabia que terminaria... no tempo da alegria, do bem viver.

Talvez estejamos muito condicionados a uma ideia de ser humano e a um tipo de existência. Se a gente desestabilizar esse padrão, talvez a nossa mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos num abismo. Quem disse que a gente não pode cair? Quem disse que a gente já não caiu? (Krenak, 2020b, p. 57)

Mas não esperava, nem imaginava, que paraquedas coloridos estivessem reservados para suavizar esta queda e me ajudariam a aterrissar com suavidade, a favor de manter o plano A: a compreensão do colegiado da pós-graduação – juro que me sentia uma embusteira, enganando o colegiado, ao pedir adiamento, ou ao apresentar atestado médico – nunca havia vivido um adoecimento mental e físico limitante e, por isso, tinha dificuldades de legitimar tal necessidade (dito em outras palavras – revelava-me uma capacitista!); a surpreendente acolhida de minha orientadora e o apoio de vários amigos e amigas – tanto para eu desistir, como para eu continuar – “que bom que é ter um amigo!” (Baremlitt).

Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados com a queda? Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmo onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos. (Krenak, 2020b, p. 30)

Acrescento, como um dos mais potentes disparadores de potência de vida a contribuir na dissolução de tantas linhas duras e na produção de linhas mais flexíveis e de fuga nessa implicação, a participação nas vivências de esquizodrama dos cursos de imersão – formação de esquizodramatistas (de janeiro e julho de 2022). Ainda muito paralisada e doída pelo luto, tinha optado por ficar nos bastidores em suas realizações. Mas foi impossível. As falas e vivências propostas iam afetando meu corpo, num contágio de movimento e vida, que o convocavam a uma participação ativa – devir de um corpo-movimento ante o corpo-pensamento triste. Ao colocar o corpo intensamente nas

propostas clínicas, uma transmutação ia acontecendo e quando via, já estava de novo retornando à linha de frente, coordenando e intervindo – corpo potente e cheio de vida, conectando-se com outros corpos num bom encontro – que incluía atualizar os bons encontros já vividos e não as perdas predominantes na vivência do luto até então. Ao mesmo tempo, o contato com os indígenas e seu modo de vida, convidados a dar aulas e realizar conosco clínicas esquizodramáticas, (re)intensificou em mim um novo modo de vida, que já vinha investindo antes e que às vezes se perdia, que era uma vida mais ecológica e do bem viver. Somente depois dessa imersão, da que saí fortalecida, consegui buscar o descanso, o contato com a natureza, a literatura, a pintura – não era mais a mesma. Eis a potência do que pode a clínica esquizodramática.

Em síntese, o corpo/sujeito da entrada no doutorado, do meio e da saída não era o mesmo, permeado por contextos históricos pessoais, coletivos e institucionais que devem ser considerados e fazer parte do processo de implicação da pesquisa. Trata-se de afirmar a vida imanente às peripécias do caminhar – ir e vir, sair, retornar, desistir, continuar são efeitos de um processo bastante rico e complexo, que quando acolhido e cuidado potencializa todos os envolvidos. Saio mais fortalecida, independentemente dos resultados. Dito de outra maneira, sinto que me deparei com os vários atravessamentos que as identificações enquanto mulher nesta sociedade me impõem e me dispus a fazer a passagem, num processo de desidentificação, de transfiguração (Dinis, 2001, p. 71) que o viver esquizodramaticamente me convoca. Diferente da identidade mulher, potencializar um devir mulher:

... nem imitar nem tomar a forma feminina, mas emitir partículas que entram em aproximação de movimento e repouso, ou na zona de vizinhança de uma microfeminidade, isto é, produzir em nós mesmos uma mulher molecular, criar a mulher molecular. (Dinis, 2001, p. 72)

Sei que muitos alunos e alunas de pós-graduação passam por processos semelhantes e sentirem-se acolhidos faz toda a diferença no resultado final; a vitória pode ser da vida em sua produção, e não em sua reprodução e antiprodução. Nessa micropolítica, em vez de uma sociedade do cansaço e do desempenho (Han, 2017), podemos então atualizar uma sociedade do bem-estar comum (Hardt & Negri, 2016), em que predomina na convivialidade a alegria segundo Espinosa, dito nas palavras de Hardt e Negri:

“um afeto ativo que assinala o aumento de nosso poder de agir e pensar... E tanto maior será nosso poder de pensar e agir, ... na medida em que mais interagirmos e criarmos relações comuns com os outros”. (Hardt & Negri, 2016, pp. 414-415)



Afinal, a vitória de um é a vitória de uma coletividade – entendendo vitória como o que aumenta nossa potência de agir e existir.

Dentro dessa ética, estética e política do existir, coloco-me a questão: como construir para mim um corpo sem órgãos desse pesquisar? Dito de outra maneira, como despontecializar as linhas duras e atualizar os fluxos de vida e linhas flexíveis e de fuga no processo de pesquisar? Em vez de relatos de experiências, escolho realizar “pinçagens” do que me afecta, respeitando e me entregando completamente o fluxo das memórias que emergem, das afetações ao revisitar os vídeos das imersões e os escritos das consultorias e de alunos e colaboradores, bem como os efeitos de ter escrito os capítulos anteriores a este, nesta tese... tudo isso reverberando e se multiplicando em novas construções, memórias e desejos a serem considerados ou descartados e em infinitas implicações.

O caminho vai se fazendo ao caminhar – esta é a regra. Preparar o corpo com alongamentos, movimentos desconstrutivos e música é a maneira costumeira de se iniciar. Além de ter as ferramentas necessárias ao meu alcance (livros, vídeos, registros etc). A cada parada, vou mexer com as plantas, tomar sol, vou ativar o corpo e/ou vou ler algo de literatura – Virgínia Woolf, uma de minhas preferidas:

O pensamento – para chamá-lo por nome mais imponente que o merecido – havia lançado sua linha na correnteza. Minuto após minuto, ela oscilou aqui e ali entre os reflexos e as ervas silvestres, ao sabor da água, que a erguia e a afundava, até (vocês conhecem aquele puxãozinho) sentir a súbita consolidação de uma ideia na ponta da linha: então, foi só puxá-la com cautela e expô-la cuidadosamente. Mas, ai de mim! Estendido na grama, quão insignificante pareceu esse meu pensamento, o tipo de peixe que o bom pescador devolve à água para que possa engordar e merecer, um dia, ser preparado e comido. Não os incomodarei agora com esse pensamento, muito embora, se atentarem bem, talvez o descubram por si no transcorrer do que vou falar. (Woolf, 2019, p. 10)

Entregar-se ao fluxo da produção de produção com suas máquinas desejanter, com seu pensamentear, corporeando as palavras, até encontrar sentidos. Fluxos impessoais, moleculares, pois já sabemos: “‘eu’ é apenas um termo conveniente para alguém desprovido de existência” (Woolf, 2019, p. 9), a não ser que se devenida eu(reka!!):

Como atentar para a evidência de que por trás da imagem um pouco total em que nos contemplamos enquanto sujeitos, como eu dizia no início, fremem subjetividades extemporâneas, ou intempestivas, que experimentam futuros ainda impalpáveis, que reatam com virtualidades imemorais, ensejando singularizações as mais diversas? Como diz Calvino, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis. Nos seus conselhos sobre o que enfiar na mala para levar ao terceiro milênio, ele ainda dizia, sobre a multiplicidade: “Quem nos dera fosse possível

uma obra concebida fora do self, uma obra que nos permitisse sair da perspectiva limitada do eu individual, não só para entrar em outros eus semelhantes aos nossos, mas para fazer falar o que não tem palavra, o pássaro que pousa no beiral, a árvore na primavera e a árvore no outono, a pedra, o cimento, o plástico...” Não seria então preciso, sobretudo, insistir para que a subjetividade, à qual Nietzsche teria dado o belo nome de “interior envergadura”, esteja pronta a viver para o ensaio, ao invés de, como diz ele ainda, enamorar-se de si e sentar-se inebriada? O eu, como o sugeriu saborosamente Gregorio Barembliitt, como um Eu(reka!!)... (aula de Pelbart, em Imersão 2021)

As máquinas desejantes querem estabelecer conexões, sua potência está em inventar, criar. As questões elencadas inicialmente são meros disparadores de fluxos e conexões que se metamorfoseiam em individualizações, sempre singulares, ao se entregar às conexões maquímicas moleculares inerentes ao processo. Não há garantias de que não haverá capturas, reprodução do mesmo ou nenhuma novidade. O que nos pode proteger dessa dominância? Aposto nas peripécias do método esquizodramático de pesquisa, que utilizo para preparar o corpo da pesquisadora e a eleição dos conteúdos. Protejo-me, quando subitamente emerge a “escolha” de um estilo de escrita, acredito mais propício a esses fluxos, a prosa narrativa, às vezes, até quem sabe, poética... às vezes, quem sabe, ficcional (mineiras gostam de “dois dedos de prosa”!). “Nada de pressa. Nada de brilhos. Nada de ser alguém mais que si mesmo” (Woolf, 2019, p. 17). Este si mesmo que devém no processo da escrita, este eu(reka!!) que sempre surpreende o eu que se quer identitário e “dono” do processo.

Finalizo aqui, provisoriamente, minhas implicações esquizodramáticas e este capítulo, aberta às conexões do desejo de que esse pequeno percurso seja simplesmente um disparador de novas produções emergentes de bons encontros, contribuindo e enriquecendo a investigação sobre os saberes e fazeres das pesquisas.

[Q]uando encontramos um corpo que convém à nossa natureza e cuja relação se compõe com a nossa, diríamos que sua potência se adiciona à nossa: as paixões que nos afetam são de alegria, nossa potência de agir é ampliada ou favorecida. (Espinosa *apud* Deleuze, 2002b, p. 29)

## **4 O QUE PODE O ESQUIZODRAMA NA EDUCAÇÃO?**

Este capítulo e o seguinte tratarão da investigação realizada em algumas modalidades de intervenções clínico-institucionais esquizodramáticas realizadas por colaboradores esquizodramatistas do IGB e, principalmente nas realizadas por mim, individualmente ou acompanhada, além de alguns relatos de participantes nessas vivências.

Estão constituídos pelos percursos/pinçagens singulares realizados nessas experiências, a partir da ressonância com as questões desta tese, bem como a emergência de novas questões suscitadas nessa aproximação. Investigo, em que medida elas podem contribuir para questionar, melhorar, ilustrar, enriquecer e, conseqüentemente, consolidar a prática do esquizodrama; bem como as possíveis inovações e contribuições que trazem para a psicologia clínica e social.

Trata-se de uma produção construtivista teórico-metodológico-técnica. Em outras palavras, realizo as peripécias e vicissitudes esquizodramáticas em diferentes experiências clínico-institucionais – na educação e em consultorias/intervenções institucionais em diversas frentes, através do seguinte material:

- 1) memórias atualizadas de minhas experiências esquizodramáticas como professora, covisora e consultora em Políticas Públicas e Gestão de Equipes;
- 2) vídeos dos cursos de imersão de formação de esquizodramatistas realizados pelo IGB (sempre nos últimos finais de semana de janeiro e julho – 20 horas cada);
- 3) relatos de alguns colaboradores do IGB que coordenaram intervenções, assim como de alguns participantes.

O capítulo 4 será dedicado às intervenções esquizodramáticas na educação, tanto nas políticas de educação, como em estabelecimentos educacionais e cursos.

O capítulo 5, vai trazer algumas experiências realizadas nas políticas voltadas para a criança e adolescente e nas da saúde mental, em especial, no CAPS Maria Boneca, da Fundação Gregorio Barenblitt, de Uberaba.

#### 4.1 O ESQUIZODRAMA NA SALA DE AULA – NASCE A PEDAGOGIA KLÍNICA OU O ESQUIZODRAMA NA EDUCAÇÃO

Estar aberta para a invenção e o bom encontro pode dar coisa boa...

Eram os anos de 1990 e um convite para dar aula numa pós-graduação “Serviço Social no Poder Judiciário”, que acontecia na modalidade de imersão de 15 dias diretos denominada Preps, ofertada pela PUC/MG a cada semestre, nas férias (de janeiro e de julho), sempre de 8 às 18 horas, até completarem as 360 horas exigidas.

No primeiro encontro, de imediato, pude observar que a maioria dos estudantes que compunham a sala de aula era de mulheres que vinham de vários lugares do país – de cidades que, às vezes, se levava três dias de viagem até Belo Horizonte. E que, além das oito horas diárias presenciais, as disciplinas que compunham o curso exigiam, em sua maioria, trabalhos complementares que, obviamente, só podiam ser feitos à noite. A “disciplina” que me cabia era “análise institucional no judiciário” e fiquei com a segunda semana dessa quinzena para dá-la.

Difícil expressar as sensações e percepções desse primeiro encontro com essa turma e o que emergiu nas primeiras trocas ao nos conhecermos: o grau de esgotamento, exaustão e até de adoecimento das alunas se estampava em suas faces, constituindo rostidades desvitalizadas, mesmo com todos os recursos de cuidados de embelezamento tipicamente femininos. Corpos queixosos e doloridos expressavam uma atmosfera, ora de interesse, ora de desinteresse, apatia, autoexigência que cheirava mais à “obrigação” de se graduarem cada vez mais (algumas já colecionavam outras pós-graduações) para conseguirem poucos aumentos salariais.

Minha sensibilidade de terapeuta esquizodramatista feminista, mais do que de professora, e também de mulher que sabe o que significa estudar, trabalhar e ainda ter as responsabilidades de casa e família facilitou minha implicação com esse coletivo e compartilhei com elas minhas afetações. Dentre elas, a de considerar uma violência pedagógica/institucional propor, naquele momento, dar uma aula tradicional (mais expositiva e conteudista), como se não percebesse ou desconsiderasse o estado em que se encontravam. Pedagogia machista produzindo subjetividades assujeitadas a esse modo dominante.

Ainda na infância, quando eu passava em frente à casa da professora e a via limpando o local onde morava, a criança que eu era estranhava que fosse possível que a própria professora conseguisse estar na escola conosco e também fazer o serviço de casa, como minha mãe e outras mulheres que não eram professoras na escola. A jornada dupla de trabalho entre a escola e a casa estava ali exposta aos meus olhos de menina... Durante muito tempo tive vergonha da condição feminina e preferi agir como um homem, ou, pelo menos, sem tornar a diferença de gênero um parâmetro para mim. (Tiburi, 2021, p. 21)

Propus a elas um desafio, confessando que ainda não o tinha usado, sequer pensado até então: transformar as aulas em clínicas esquizodramáticas. O máximo que já tinha realizado como professora até aquele momento era um arsenal de técnicas de dinâmicas de grupo e de didáticas, que incluíam trabalhos grupais, seminários,

assembleias, jogos, carteiras em roda etc. Fiz uma explicação sintética do que era o esquizodrama e toparam.

Iniciávamos todos os encontros com mobilizações corporais, o que trazia um efeito de revitalização daqueles corpos paralisados, sentados em carteiras duras por oito horas diárias; corpos dóceis e disciplinados (Foucault, 1977), acostumados a esta sujeição. Por compreender o corpo como constituído e moldado por todas as marcas socio-históricas do vivido, o esquizodrama sempre vai priorizar sua mobilização, visando o desmonte dessa captura e identificações:

Não nos interessa trabalhar o indivíduo com seu corpo, ou o corpo desse indivíduo, enquanto entidades molares (apropriados pelo sistema sócio-político vigente), mas como esse indivíduo/corpo, ou suas partes/corpo, ao integrar-se a diversas peças de um dispositivo clínico, funciona ativando suas potências metamorfoseadoras. (Amorim, 2008, p. 9)

Dentre essas mobilizações estavam alongamentos, relaxamentos, descargas expressivas, brincadeiras, interações entre os corpos, massagens. Estas mobilizações eram conduzidas ora por mim, ora pelas próprias alunas, mas sempre desconstruídas, ou seja, tornando-as diferentes da fonte de onde foram tiradas.

Nesta pequena intervenção já emergiam questões sobre a imobilidade cotidiana dos corpos, o adoecimento, a exploração da trabalhadora, a divisão social do trabalho, as exigências e a lógica do mercado de se manterem em formação permanente, o trabalho “invisível” das mulheres, a sociedade machista e desigual, a predominância de assistentes sociais mulheres no curso de Serviço Social. Ou seja, ficavam claras as capturas e os assujeitamentos, corporal, subjetivo e da produção desejante, a esta lógica, com a predominância da produção de reprodução e de antiprodução, bem como confirmava a importância dada pelo esquizodrama a essa mobilização corporal no processo de desnaturalização, desrepressão e desalienação dessas capturas.

Também emergiram questões do âmbito socioeducacional e sua produção de subjetivância, ficando explicitado a serviço de que e quem, geralmente a educação está: docilização, exploração e alienação do corpo – “explorado até a última gota de energia” (dito por uma aluna); predominância feminina neste tipo de cursos voltados para o cuidado e a atenção psicossocial etc. Assujeitamento à lógica do desempenho (Han, 2017), que se manifestava pela internalização de uma autocobrança valorizada por si mesma e pelo mercado...

Da mesma forma, emergiu o que considero elementos de uma educação libertária:

- apropriação do cuidado de si, ao se criar espaço para expressar “as dores e delícias de estar ali” (relato de aluna);
- valorização de seus saberes – quando as alunas eram convidadas a propor intervenções junto comigo (dando mais horizontalidade aos saberes de alunas e professora);
- crítica ao modelo heterogestivo hegemônico de transmissão de conhecimento (saber/poder do professor em detrimento do saber/poder dos alunos que não tinham muito espaço para se expressar igualmente) e conseqüentemente, crítica ao modelo heterogestivo da sociedade, e
- a construção conjunta de uma atmosfera de alegria (segundo Espinosa) e propícia a um bom encontro. Isto podia ser visto nos sorrisos, gargalhadas, trocas de sensações, casos sobre si mesmas... enfim, na atmosfera de afetividade propícia à produção de conhecimento (inclusive o próprio autoconhecimento) indissociado do modo de vida que se atualizava nessa produção.

Em seguida, sempre eram trabalhados os temas da disciplina, mas de forma esquizodramática, através de clínicas que as estudantes construía relacionando tais temas com sua prática de vida pessoal e de trabalho. Dentre as clínicas utilizadas, pinço a “clínica de produção de produção, reprodução e antiprodução”, ao longo da qual puderam dramatizar os conceitos da análise institucional, tais como: instituinte, instituído, autogestão, heterogestão, utopia ativa, função, funcionamento, produção, reprodução, antiprodução, implicação, relações de poder, metodologia de intervenção institucional etc. Nessas clínicas pôde-se intensificar como esses conceitos (tornados esquizodremas) atualizavam aspectos da realidade relacionados com a produção, reprodução e antiprodução da vida.

Um aspecto da metodologia do esquizodrama utilizado para possibilitar que tais dramatizações saíssem de simples representações, nas quais tendem a predominar processos molares, e ainda no registro do conhecido e esperado, foi pedir-lhes, antes de dramatizar, que o que prepararam fosse apenas um pano de fundo e que elas se permitissem sair do “programado”, intensificassem ao máximo a dramatização, deixando-se afetar pelos efeitos do momento em ato.

Dentre os compartilhamentos posteriores a cada clínica, estavam as surpresas expressas pelas alunas quando perceberam que conseguiam se apropriar de tantos conceitos em tão pouco tempo, no próprio espaço da sala de aula, sem ter que rever a matéria depois da aula para memorizarem, sem se cansarem e até se divertindo.

Surpresa também porque não imaginavam a capacidade expressiva de seus corpos, e como a movimentação aquecia seus corpos e muitas dores corporais desapareciam; porque se sentiam mais presentes e conectadas com as colegas, inclusive colegas que não tinham sequer tocado fisicamente até então.

Além disso, a surpresa de constatar como era bom ver o quanto suas próprias vidas delas, seus conflitos, desejos se encontravam. Sentiam-se mais vitalizadas e prontas para utilizar as ferramentas da análise institucional em sua prática profissional. Porém, mais que isso, para compreenderem a si mesmas e sua vida.

Compartilhei com elas minha emoção com relação à potência daqueles encontros, como por exemplo, que um dos efeitos do “entre” que se deu nesse encontro de corpos, foi a emergência de algo novo para mim e pelo qual agradecia profundamente a todas – o nascimento do uso do esquizodrama na educação, que depois denominei de pedagogia clínica – e se tornou tema de minha dissertação de mestrado (Amorim, 2008).

Outra intervenção que trouxe uma desterritorialização do modo dominante da metodologia do curso em geral e que considero uma intervenção “a quente” (Baremblytt, 2002), foi a proposta de se pensar o trabalho e a avaliação final do curso de forma autogestiva. Foi decidido conjuntamente que o trabalho final seria feito em sala de aula (e não à noite, como nas demais disciplinas do curso, ou seja, poderiam descansar depois de um dia inteiro de aula), em grupo e o tema seria o estudo de uma instituição (cada grupo escolheria uma) usando os conceitos trabalhados nas aulas. A forma de apresentar deveria ser a mais inventiva e surpreendente possível, tentando ir além do ponto a que estavam “normalmente” acostumadas a ir; e que cuidassem para que fosse bom realizar a tarefa, que não poderia tornar-se uma pressão. A avaliação e as notas também seriam feitas de forma coletiva, depois de elencados os critérios a serem considerados, nos quais se incluía avaliar a implicação individual, coletiva e da professora e, o mais importante, todas essas afetações seriam compartilhadas de forma também não verbal, valorizando as diferentes possibilidades de expressar o vivido.

Nessa intervenção emergiram: a crítica ao nível de exigência adocedora que o curso provocava ao não considerar o momento de descanso; a crítica ao lugar de quem deve avaliar o trabalho e com que critérios (e quem os determina); a vivência “a quente” do tema da aula, ou seja, já estavam atuando como analistas institucionais; a vivência de certa autogestão pedagógica em contraponto à heterogestão dominante na educação em geral; a didática como instrumento de docilização e disciplinarização ou liberação dos corpos, reprodutora de subjetividades ou produtora de subjetivações (Amorim, 2008).

Uma crítica a essa experiência é que, apesar de surgirem questões institucionais, especialmente relacionadas à organização do curso, não se cogitou (e eu não atinei a isto) levar tais questões à coordenação do curso, o que poderia ampliar os efeitos conseguidos em sala de aula para uma possível reformulação, quem sabe, na forma como se dava o mesmo até então. Infelizmente, isso não é tão incomum de se ver na história que precede o esquizodrama na educação, como, por exemplo, na pedagogia institucional, que já denunciava o risco da intervenção ficar restrita à sala de aula (Ardoino & Lourau, 2003). Isso nos convida a estar mais atentos em futuras intervenções.

Esta reflexão crítica de forma alguma diminui ou exclui a potência microrrevolucionária desse fazer em sala de aula, inclusive por sua capacidade de reverberação multiplicatória.

... sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém e para além de qualquer política educacional. (Gallo, 2002, p. 173)

Iniciei meus pinçamentos por essa experiência por ter sido a primeira vez que o esquizodrama foi levado para a sala de aula, sendo que depois a mesma foi compartilhada, apropriada e multiplicada por vários professores esquizodramatistas, tornando-se um diferencial dos cursos oferecidos pelo IGB. A partir de então, nossos cursos passaram a se denominar curso-intervenção – exatamente pela preocupação com a transformação subjetivante imbuída em sua preparação e prática teórica, metodológica e clínica. Como exemplo dos efeitos dessa experiência, posso citar: nossos cursos saíram da sala de aula típica (com carteiras) e passaram a ser realizados em espaços com almofadas, propiciando maior disponibilidade para intervenções esquizodramáticas; com exceção de aulas proferidas por alguns professores convidados que percebíamos, inicialmente, com dificuldades de se aderir à proposta, todas as aulas eram constituídas de momentos de



intervenção esquizodramática relacionada aos temas propostos, o que intensificava o processo de implicação e de aprendizado.

#### 4.2 NA SALA DE AULA – ESQUIZODRAMA E AUTOGESTÃO PEDAGÓGICA

Este recorte trata da experiência de professora estagiária no curso de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Como parte dos créditos do doutorado, estava a realização de estágios de docência A e B, quando pude oferecer num semestre a disciplina “introdução à esquizoanálise” (primeiro semestre de 2018) e no semestre seguinte (segundo semestre de 2018) “esquizoanálise e esquizodrama”.

Ambas iniciei levando a proposta da pedagogia clínica que, depois de explicada detalhadamente, foi aprovada por todos. A ideia era autogestionar e esquizodramatizar todo o processo das aulas, sem deixar de considerar as exigências acadêmicas a serem cumpridas. Também pedi autorização à turma para realizar alguns recortes do processo vivido para minha escrita da tese, o que foi aceito.

Primeiramente, percebi um grande interesse dos alunos pelos temas, com turmas de mais de 40 alunos, bastante assíduos, talvez por ser a primeira vez que tais temas eram levados a esta Universidade como disciplina.

A seguir, detalho os dois pinçamentos realizados nessa experiência.

1º.) O esquizodrama na sala de aula – potencializando a autogestão pedagógica e novos modos de conhecer

Numa das disciplinas, no encontro inicial, foi decidido que a primeira e segunda aulas seriam dadas por mim e as demais seriam dadas pelos alunos, com meu apoio (sendo que acabei por dar mais algumas outras aulas, a pedido dos alunos); e minha tarefa nessas aulas seria a de criar as condições para construirmos o caminho de estudo dando-lhes material para autogestionar o programa de curso, ajudá-los a se apropriar do esquizodrama a ponto de utilizá-lo em suas aulas e decidir coletivamente a forma de avaliação e nota (exigências acadêmicas).

Gostaria de narrar a clínica que propus, para alcançar tais objetivos. Depois de uma intensa mobilização corporal, que precisou que se afastassem as carteiras, forrei o chão com papéis e derramei sobre eles cerca de 40 livros relacionados ao tema da

disciplina. Pedi que cada um se aproximasse dos livros, tocasse suas capas, visse seus títulos, os índices, os autores, folheasse os livros, e escolhesse um ou outro e o abrisse aleatoriamente numa página e a lesse; que observasse como foi afetado pelo que leu e vivenciou até então. Posteriormente, pedi que compartilhassem a experiência em pequenos grupos e montassem uma dramatização que fosse a mais artística, inventiva e até estranha para expressar essas afetações.

Após as apresentações dos pequenos grupos, abrimos para uma conversa sobre a vivência, merecendo destaque: os alunos se sentiram entrosados com os temas “recortados”, mesmo não tendo tido uma leitura linear e sequencial a respeito; o compartilhar teve o efeito de ir consolidando e agregando novas percepções às próprias; a experiência de não ficar só na expressão verbal e expositiva os fez conectar de outra maneira com o conteúdo, que se tornou “mais vivo” e “com mais sentido” (fala de 2 alunos, respectivamente); a expressão corporal foi uma surpresa para eles, especialmente de como se envolveram sem timidez (achavam que não conseguiriam “entrar” na experiência); não perceberam “o tempo passar”... Perceberam que emergia uma outra modalidade de produção de conhecimento, diferente da que estavam acostumados, na que se incluía o corpo e outras formas de expressão e sentidos, que introduzia valores mais estéticos e, portanto, éticos.

Nietzsche vai afirmar que o valor de um conhecimento, seja ele verdadeiro ou falso, é estabelecido não por provas lógicas, mas por seus efeitos, isto é, pela prova da força. Privilegiando ... a força na avaliação do conhecimento como um modo de neutralizar o instinto da verdade, o que pretende Nietzsche é opor o trágico ao lógico ou utilizar critérios estéticos, valores artísticos para definir o conhecimento. (Machado, 1984, p. 52)

A partir daí, pude dar uma aula bastante participativa sobre o esquizodrama e como poderiam utilizá-lo em suas aulas/apresentações dos temas. Passamos, em seguida, a organizar os temas que constituiriam o programa do curso e como seriam avaliados.

Como emergência desta pequena intervenção clínica, destaco: o que pode a horizontalidade nas relações de poder/saber entre professor/alunos; reflexões sobre o que ensinar e como, ou seja, o currículo e a didática e seus efeitos na produção de subjetivância; a promoção de relações mais grupais e colaborativas entre os alunos; a relação com a potência expressiva corporal como parte do processo de produção de conhecimento; a invenção de novas formas de se lidar com o espaço físico de sala de aula – menos rigidez, mais movimento e inventividade.

Chamou-me a atenção que essa abertura para acolher a diversidade de singularidades e expressões, e a criação ativa de um campo de conexões amorosas – a aula como um bom encontro, possibilitou que uma das aulas fosse interrompida para acolher um aluno que estava em crise e tinha tentado suicídio – “me senti abraçado, cuidado. Obrigado!”, disse ele. Isto foi possível, acredito, devido às questões relacionadas ao seu sofrimento ter ligações diretas com sua vida acadêmico-familiar e sentir que ali tinha uma dimensão de cuidado e de base teórica que permitia caber sua situação. Ou seja, a linha rígida entre vida estudantil, desempenho acadêmico e vida pessoal tornara-se flexível; a função educacional transmutou-se em funcionamento (Baremlitt, 2002), novas linhas de composição a favor da vida – clínica de composição: currículo, didática, educação para um devir outro ou outra vida a partir de novos processos de subjetivação.

O que importa não é o ser, a forma final. Nem o formar-se, o desenvolver-se, o *ser* alguém, nem mesmo o devir-*alguém* – desejários últimos de toda pedagogia. O que importa é o devir-*outro* que não tem nenhuma forma, que é estranho a toda forma, que é impessoal, que tem a imanência de uma vida. Nenhuma preocupação com o ponto de partida ou com o ponto de chegada. O que conta é o que se passa no meio. Sempre no meio. É aqui a morada da diferença... Tomar o caminho de uma linha de fuga que é sempre o estopim da criação. (Tadeu, 2002, p. 52)

Foram surpreendentes (para os alunos e para mim) as clínicas apresentadas por cada grupo de alunos, que demonstravam sua apropriação do fazer esquizodramático. Inclusive, ao se convidarem para outros espaços da universidade, mais amplos, em contato com a natureza; ou ao levarem materiais diversos para as vivências, apresentarem vídeos e colocarem músicas para a expressão corporal. Dava para perceber o empenho e entusiasmo. Passei a ser mais uma entre tantos outros, a compor o encontro, numa total contorção do lugar de professor tradicional. Às vezes, eu acrescentava alguma contribuição para perceberem o sentido e a potência do que estavam construindo – uma passagem de grupos geralmente sujeitados, reprodutores do status quo para sujeitos autorais do processo de produção de conhecimento.

O grupo sujeito, ou que tem vocação para sê-lo, se esforça para ter um controle sobre sua conduta, tenta elucidar seu objeto e, nesse momento, secreta os meios de elucidação... ele é ouvido e ouvinte, e que por este fato opera o desapego a uma hierarquização das estruturas que lhe permitirá se abrir para além dos interesses do grupo. O grupo sujeitado não se presta a tal perspectivação; ele sofre hierarquização por ocasião de seu acomodamento aos outros grupos. (Guattari, 1977, p. 92)

Importante colocar que nesse tipo de propostas, em geral, sempre acontece de uma minoria, e no caso dessas duas disciplinas, foram uns 3 alunos, não querer participar. O que sempre é acolhido e, nesses casos, foi pedido para ficarem como observadores, o que

foi aceito pelo coletivo, sendo que aceitaram fazer um relato de como foram afetados como observadores.

2ª.) O esquizodrama na sala de aula – potencializando a emergência de novos saberes e fazeres

Trago aqui uma pinçagem de uma das aulas que dei numa dessas turmas. O tema era cartografia. Inicialmente, fiz uma pequena exposição sobre o tema e convidei os alunos a irmos para um gramado, em frente ao prédio onde aconteciam as aulas. A ideia inicial era que cartografassem aquele espaço delimitado à frente do prédio. Intuitivamente, propus que se dividissem em pequenos grupos e, após uma mobilização corporal, sugeri que um dos grupos cartografasse o espaço dramatizando-se como bolsonaristas radicais; o segundo grupo se veria como “normopatas”, vindos de uma vida considerada bem padrão; o terceiro grupo seria constituído por pessoas de esquerda; o quarto grupo por pessoas loucas; e o último, por pessoas esquizo (segundo a esquizoanálise). Após ou durante o passeio cartográfico, registrariam esse percurso com suas afetações e em seguida preparariam a apresentação das cartografias de forma esquizodramática.

Ao apresentarem as dramatizações, as cartografias reproduziam exatamente o universo de valores presentes no contexto de cada um daqueles grupos identitários. Por exemplo: no grupo bolsonarista predominaram as críticas às “pixações” (na verdade, grafites) das paredes, as vestes e aparência dos alunos “comunistas”, transformando o prédio e a educação como “de esquerda” etc; no grupo dos normopatas, a felicidade dos filhos terem galgado esse passo de acesso à universidade e as chances de realização profissional, o esplendor e grandiosidade dos prédios de concreto etc; no grupo de pessoas de esquerda, predominou uma reflexão crítica sobre inclusão, a pouca presença ainda de alunos negros, a dureza e frieza dos prédios, salvos pelas manifestações artísticas etc; no grupo dos loucos e dos esquizes, conseguiram perceber o valor da natureza, tentaram cartografar o espaço subindo em árvores e olhando do alto, de cabeça para baixo, rolando no chão, tiveram um devir formiguinhas descrevendo a sensação do contato com a grama, se conectaram com as flores, o céu, e tiveram uma escrita poética, em que ressaltavam as composições de corpos mais que humanos... Dentre os resultados das conversações posteriores, decidiram que na próxima aula trariam vasos de flores e fariam um arranjo numa das grades do prédio onde ficava sua sala de aula, seguido de um piquenique com

lanches, e outros passeantes poderiam se juntar, evidenciando uma maior apropriação do espaço e a busca de outros modos de interação.

Não é minha proposta aqui detalhar de forma descritiva a riqueza dos emergentes dessa experiência clínica, mas pinçar somente algo que me fez refletir no que pode o encontro esquizodramático para propiciar a emergência de novos saberes.

Essa clínica já tinha sido usada em muitas aulas de nossos cursos de pós-graduação, com diferentes professores, no tema metodologia de pesquisa, sempre com efeitos surpreendentes, mas dentro de um curso em que muito já se trabalhou na desconstrução das identidades molares dominantes dos participantes.

A novidade dessa vez foi que, ao pedir aos alunos que dramatizassem diferentes personagens de nossa história atual (especialmente, com a recrudescência de propostas ditatoriais e fascistas com a recente vitória do candidato de ultradireita à presidência, Jair Bolsonaro), evidenciou-se (o que já é sabido) a influência da identidade do cartógrafo no modo como ele vê e cartografa o campo. O que nos faz pensar que a cartografia, ao ser transposta para a esquizoanálise (especialmente, como “método” de pesquisa), caso não se faça um trabalho de raspagem nas subjetividades identitárias do cartógrafo, pode incorrer em limitações da percepção do campo cartografado, que acaba por se adequar ou ter um predomínio das formações identitárias fixas, mesmo que criticadas. Quase impossível se torna, portanto, abrir-se aos processos mais esquizos, moleculares, intensivos e realiteritários com tais identidades. Isso se consegue mais facilmente criando as condições de um devir-acontecer esquizocartógrafo, ou de um eu(reka!) do cartógrafo.

Essa experiência foi um dos disparadores para propor um “método” esquizodramático de pesquisa, especialmente em suas linhas “construir (para si) o corpo sem órgãos da pesquisa/pesquisador” e “pesquisadores Eu(rekas!!) e suas expressões”, nas quais falo da importância de preparar o corpo do pesquisador, através de clínicas desterritorializadoras das identidades fixas e reprodutoras do mesmo. Quiçá, fica uma problematização para a reflexão dos pesquisadores cartógrafos esquizoanalistas.

#### 4.3 AS TRANSFORMAÇÕES/POTENCIALIZAÇÃO DOS CURSOS DO IGB A PARTIR DESTA PESQUISA-INTERVENÇÃO

Desde 1996 iniciamos diferentes tipos de formação no IGB (antes, como IFG e FGB). Eram formações em análise institucional, esquizoanálise, esquizodrama e práxis afins com essas propostas (oferecidas separada ou conjuntamente) ou de formações denominadas “em serviço”, relacionadas com demandas e temas específicos de cada serviço contratante, mas fundamentadas nessas três abordagens, em que nos tornamos referência. Alguns exemplos dessas aplicações: o trabalho com famílias; atendimento psicossocial a crianças (em abrigos) e adolescentes (em abrigos e em unidades de cumprimento de medidas socioeducativas); gestão de equipes; o trabalho com grupos na saúde; economia solidária; formação de professores e educadores sociais; redução de danos etc. Nessa mesma época, iniciamos nossos cursos de pós-graduação lato sensu em “análise institucional, esquizoanálise, esquizodrama – clínica de indivíduos, grupos, organizações e redes sociais” (foram 11 turmas ao todo, com cerca de 30 alunos cada).

Inicialmente, predominavam em nossos cursos práticas educativas como aulas expositivas, dialogadas, com grupos de discussão, grupos operativos e algumas dinâmicas de grupo, ficando reservadas as experimentações esquizodramáticas apenas para o momento de ensino das clínicas do esquizodrama. As aulas eram sempre dadas em salas com carteiras, que eram afastadas no momento do esquizodrama. A partir da pedagogia clínica, como já dito anteriormente, houve uma transformação completa em nossos cursos, sendo o esquizodrama utilizado como nossa prática-intervenção educacional básica. Ou seja, a potência disruptiva e inventiva do esquizodrama contribuía para que oferecêssemos uma educação que priorizasse a produção de subjetivação (e não a reprodução de subjetividades) como principal eixo do trabalho, assim como a produção de novos modos de se conhecer e produzir conhecimento – considerando as várias possibilidades de modos de expressão e produção de sentidos que pode o corpo, inclusive com o uso de materiais plásticos, musicais, artísticos diversos, que potencializassem essas expressividades.

Até esse momento, ficava claro, através das avaliações e relatos dos alunos e professores, que as vivências esquizodramáticas contribuía para uma grande transformação no processo de subjetivação dos alunos “nunca antes vivido” (fala recorrente de muitos alunos), bem como dos professores, como se depreende do depoimento a seguir, de uma professora colaboradora do IGB:

Depois de muitos anos, décadas trabalhando em metodologias de pesquisa na graduação, passei também a trabalhar com essa mesma disciplina no curso de pós-graduação em

análise institucional, esquizoanálise e esquizodrama do Instituto Gregorio Barenblitt, na época Instituto Félix Guattari. E numa das aulas de metodologia de pesquisa, em que eu falava tradicionalmente com minhas alunas e alunos sobre delimitação de objeto, questão de pesquisa, elaboração de instrumentos de coleta de dados, grupos focais – eram variações sobre o mesmo tema, nos moldes tradicionais de pesquisa científica, mas totalmente fora do paradigma da esquizoanálise, do esquizodrama e da análise institucional –, uma das alunas, doutoranda, que já tinha formação esquizoanalítica, me questionou e esse questionamento fez que eu revisse e reformulasse toda minha forma de trabalhar com pesquisa. E foi num ímpeto esquizodramático que eu rasguei todas as lâminas e todas as minhas anotações, que eu usava nas aulas, porque vi que não fazia sentido trabalhar com uma metodologia que estava dentro de um enquadre totalmente inadequado para o que a gente propõe no esquizodrama e na esquizoanálise, como, por exemplo, a cartografia (que na época ainda não tinha publicações dela como método de pesquisa). Então, a partir disso, nós começamos a trabalhar a produção de um conhecimento rizomático, a partir da cartografia de afetos, lugares, sentidos que eram captados no campo. Fazíamos clínicas nas que a gente percorria os quarteirões vizinhos da sala de aula, observando, conversando com pessoas e cartografando tudo o que víamos, ouvíamos e sentíamos no contato com os corpos, ou seja, as afetações produzidas nesse contato. Não existia mais nenhuma das ferramentas que a gente usava no trabalho de campo anteriormente, que por mais flexíveis que fossem eram pré-elaboradas e não tinham a conexão direta com a realidade que aquelas experiências proporcionavam. Foi um esquizodrama feito no calor da hora, uma intervenção a quente, que me produziu um efeito muito transformador e surpreendente, e que reverberou em minha docência acadêmica. Mais uma vez os efeitos da pedagogia clínica, que nos dá essa liberdade de experimentação. (Carmen Lícia Macedo)<sup>10</sup>

Ao mesmo tempo, os esquizodramas conceituais, ou seja, dramatizações relacionadas com os temas tratados nas aulas, facilitavam a compreensão de temas complexos ao serem experimentados através de outras faculdades e não somente pela razão e o intelecto.

Mas, após muitos anos coordenando as onze pós-graduações lato sensu e outros cursos do IGB, alguns colaboradores participantes da equipe do IGB e eu percebíamos que algo se reiterava nas avaliações dos alunos e dos professores: as transformações nos modos de existir de ambos eram profundamente reconhecidas, mas percebíamos a dificuldade desses alunos de se apropriarem, especialmente da esquizoanálise e do esquizodrama, a ponto de se sentirem à vontade para realizá-los ou até de se considerarem seus praticantes (ou seja, esquizoanalistas e/ou esquizodramatistas). Em depoimentos, diziam se tratar de temas complexos, eruditos e que não conseguiriam ter um domínio dos mesmos a ponto de se sentirem seguros para tal. Eram falas reiteradas de muitos alunos e refletidas pelos professores colaboradores. Precisávamos encontrar uma estratégia para alterar essa realidade pedagógica.

---

<sup>10</sup> Professora colaboradora do IGB, assistente social, mestra em Política e Cidadania (UNB). (Não conseguimos recuperar o ano em que se deu esta intervenção.)

Tivemos um hiato de atividades no IGB (devido às vicissitudes já apresentadas no capítulo anterior – problemas graves de saúde pessoal e familiar) e ao resolver retornar com as atividades de formação, de forma gradual e sem grandes pretensões, foi levado em conta essa avaliação sobre os efeitos de nossos cursos. Daí surge a proposta de uma intervenção já na forma e no nome do curso a ser oferecido, que passou a ser denominado “Formação de esquizodramatistas”. Ou seja, não se tratava mais de se falar/experienciar sobre o tema, mas de torná-lo um devir esquizodramatista. Para potencializar a dimensão metamorfoseadora da proposta, a mesma seria dada na modalidade de imersão intensiva, sempre no final das férias de verão e de inverno (último final de semana de janeiro e de julho de cada ano), de forma continuada e permanente. Tínhamos tido uma experiência de cursos em formato de imersão, relacionados a vários outros temas, com certo sucesso, inclusive um deles, sobre esquizodrama, mas apenas como uma aproximação do tema. Tratava-se agora, de uma formação continuada, em que se poderia entrar em qualquer momento e realizar quantas vezes sentisse necessário para se sentir confortável para trabalhar (ou viver) ou denominar-se esquizodramatista.

Importante ressaltar, que toda a organização desse curso-intervenção foi sofrendo em seu percurso (iniciado em 2017) a influência direta das indagações que eu realizava no doutorado, por isso o considero como um dos efeitos dessa pesquisa-intervenção.

Como fruto dessas indagações, fui construindo a formatação do curso, que se constituiu em quatro eixos (que descrevo logo abaixo). O que foi aprovado pelos colaboradores do IGB, sempre envolvidos na elaboração da programação: eu levava a proposta, fruto dessas reflexões e a partir delas, eles as modificavam, propunham outras, numa composição ativa. Ressalto a participação primeira de Baremlitt (até 2021) na avaliação/alteração das propostas de formatação dos cursos, antes de serem levadas para o coletivo de colaboradores.

Considero que essa organização ainda consiste em uma composição cogestionada, infelizmente. Talvez mais autogestionada com Baremlitt, que tinha uma participação ativa. Minha justificativa por não ter dado o passo de se tornar autogestionada com o coletivo do IGB é que, quando se deu a primeira imersão, devido ao hiato de atividades, eu a realizei para ser dada somente por mim, num intuito de “não deixar morrer” a formação de esquizodramatistas (já que ninguém tinha tido, nesse ínterim, a iniciativa de oferecê-la). Essa primeira foi bem tímida, com cerca de 10 participantes. Mas, o inesperado, que me fez muitíssimo grata, é que foi chegando uma colaboradora, depois



outra (ressalto, mulheres inicialmente) e outros e outras... hoje somos uma equipe de 13 colaboradores (perdemos nos últimos dois anos dois grandes queridos colaboradores - Gregorio Baremlitt, em 2021 e Jorge Bichueti, em 2022). Só que as vicissitudes desses últimos acontecimentos me deixaram reservada e contida para organizar e participar de reuniões organizativas. Acredito que isso vai passar pela mutação necessária, atualizando nossa utopia ativa: o máximo de autogestão nos processos organizativos. Sinto que o coletivo percebe isso e me acompanha amorosamente. Essa mudança deverá incluir a participação de alguns alunos que têm demonstrado certa assiduidade e desejo de maior participação nas atividades do IGB.

A seguir, a descrição dos eixos constituídos, fruto dessa pesquisa intervenção.

Eixo 1: Introdução ao esquizodrama e apresentação do processo esquizodramático do curso

O objetivo deste eixo é propiciar que quaisquer participantes, especialmente aqueles que vêm pela primeira vez, se situem basicamente com relação ao esquizodrama e se sintam à vontade para vivenciar e dialogar com os demais, já adiantados a respeito. Ao mesmo tempo, é apresentada toda a programação do encontro, de forma a propiciar uma primeira mobilização das possíveis afetações que tais temas e experimentações podem provocar em cada participante, já criando microcomposições subjetivantes. Este eixo, como os demais, sempre inclui intensa mobilização e expressão corporal, além da verbal.

Eixo 2: Aprofundamento sobre as bases teóricas, metodológicas e técnicas do esquizodrama

Neste eixo se busca fundamentar os esquizodramas e as clínicas cruciais, bem como temas de importância para o esquizodrama como, preferencialmente, os tratados na esquizoanálise e na análise institucional.

Como contribuição das reflexões que vinha fazendo a partir das investigações desta tese, pude acrescentar questões ético-político-estéticas que colocassem o esquizodrama dialogando com as produções de conhecimento da contemporaneidade, bem como uma análise crítica e decolonial de seu saber-fazer, ressaltando e promovendo sua latinidade, tanto através dos temas, como de seus convidados. Dentre os convidados, ressalto a participação de pessoas referências do saber fazer dos povos originários e de

movimentos e lutas sociais pela diversidade (por exemplo, Ailton Krenak, Sônia Guajajara, Koram Xucuru-kariri, Geni Núñez, Casé Angatu Xucuru Tupinambá, Alexandra Rodríguez de Ruíz, Pai Alex etc). Ressalto aqui que, entre as contribuições desses convidados, estava a composição de clínicas relacionadas aos temas apresentados realizada com os membros professores do IGB – um emocionante devir-acontecer.

Eixo 3: Aprofundamento sobre acontecimentos histórico-sociais que atravessam/transversalizam nossa sociedade atual

O objetivo deste eixo é dar subsídios para a atualização e posicionamento ético-político-estético dos esquizodramatistas. O esquizodrama é uma prática política comprometida com as transformações da sociedade. Isto se atualiza ao intervir nos mais variados campos desta sociedade. Neste eixo tratamos e incentivamos esta inserção e atuação ativa.

Eixo 4: Covisão e avaliação do encontro

Este é o espaço de troca de experiências sobre como está se dando o uso do esquizodrama, tirar dúvidas, ajudar em sua preparação e avaliar como se deu a imersão, colhendo sugestões para a próxima.

Após um encontro com alguns colaboradores, avaliamos que este eixo ainda está tratando mais das experiências levadas pelos professores/colaboradores e de esclarecer dúvidas dos participantes. Percebemos a necessidade de que esse espaço se torne o da construção conjunta de clínicas, considerando as demandas dos participantes, o que poderia contribuir para a maior apropriação dos participantes do método e técnicas do esquizodrama; bem como da apresentação de experiências trazidas pelos alunos, mais do que as dos professores/colaboradores. Isso passará a ser experimentado a partir das próximas imersões.

Outro ponto importante a ser destacado é que, devido à emergência da pandemia do Covid-19 (iniciada em 2019) e o consequente isolamento social (março de 2020), o IGB se deparou com um desafio: transformar as imersões presenciais em imersões on-line. Além, claro, de dar conta de responder sobre a possibilidade ou não de atendimentos clínicos e outras atividades esquizodramáticas on-line, especialmente as grupais.

Desde o final desse mês de março, alguns esquizodramatistas já realizavam

atendimentos esquizodramáticos on-line, mas individuais, com resultados satisfatórios. E alguns esquizodramatistas chegaram a realizá-los em pequenos grupos. Da mesma forma, o IGB realizou seu primeiro esquizodrama em uma live em maio de 2020 através da plataforma do youtube, no qual se incluía, além de falas, uma primeira e cuidadosa mobilização corporal. Essa live foi denominada “Esquizodrama em tempos de pandemia” (Instituto Gregorio Baremlitt, 2020), e nela foi desenvolvida a clínica do desconfinamento dos corpos.

Comparada a essa iniciativa, porém, a imersão “Formação de Esquizodramatistas”, realizada em julho de 2020, seria um desafio muito maior. Devido ao grande número de participantes, e ao fato de os coordenadores do processo estarem distantes de quem os vivenciava, foi necessário aprender – no processo e “ao vivo” – como lidar com a potência mobilizadora do esquizodrama e seus efeitos. Mas nessa primeira experiência já foi possível constatar a riqueza que esse novo recurso propiciava, não tendo sido empecilho para a ativa participação dos presentes. Contornamos os receios iniciais construindo dispositivos de cuidado, como, por exemplo, a elaboração de uma cartilha de orientações de cuidados e preparação para o encontro (estar em lugar reservado, o mais amplo possível e sem risco de se machucar caso se movimente, com colchonete, almofadas, toalha de papel, tecidos, toalhas, manta, água etc); foi pedido também que não houvesse outras pessoas junto, preservando a exposição dos demais participantes e, de preferência, manter a câmera aberta para maior interação, mas, em caso de inibição, mantê-la fechada. Criaram-se também salas privadas de atendimento individual, caso alguém se sentisse muito mobilizado, a ponto de necessitar de apoio etc.

Para intensificar a vivência dessa leitura, acrescento em anexo os programas de algumas das imersões on-line (anexo II), que considero ilustrativas da articulação dos temas nelas tratados e os dessa pesquisa-intervenção esquizodramática.

Como anexo III, apresento uma coletânea de fotos de algumas imersões presenciais e on-line.

Agrego também a esta tese um vídeo de pinçamentos de alguns momentos dessas imersões, com o mesmo fim – intensificar na leitura deste texto, os efeitos dessa articulação.

#### 4.4 PROLIFERAÇÃO DO ESQUIZODRAMA NA EDUCAÇÃO – POTENCIALIZANDO CONEXÕES

Como disse anteriormente, muitos professores começaram a usar o esquizodrama em sua prática educacional. Trago aqui um recorte do relato de uma professora do curso de psicologia da Universidade de Chapecó – Unochapecó, situada na cidade de Chapecó, Santa Catarina. Ela faz formação em esquizodrama conosco há alguns anos e participou por dois semestres de um grupo de covisão que ofereço quinzenalmente. A intervenção que propôs foi levada a dois desses encontros de covisão e contou com a colaboração dos participantes da mesma, como ela mesma relata:

Destaco que, nesse processo de planejamento, intervenção e reflexão, foi importante a minha inserção e discussão sobre este trabalho no grupo de covisão: em um primeiro momento, durante o planejamento, levei ao grupo a minha proposta e recebi muitas sugestões; depois da realização, narrei ao grupo como foi a intervenção e os comentários do grupo foi um retorno importante para mim.

Ela considera essa experiência como um exemplo de “como o esquizodrama contribui para minha prática como professora”.<sup>11</sup>

No primeiro semestre de 2021, ao fazer parte de uma comissão para desenvolver uma atividade denominada “Diálogos de Aprendizagem”, que envolveria todo o curso de psicologia em atividades coletivas e em pequenos grupos durante todo o semestre (cerca de 250 pessoas, entre alunos e professores), a professora fez a proposta de realizarem uma oficina esquizodramática on-line como disparadora inicial dessas atividades. A proposta foi aprovada pelos professores e pelo colegiado.

A atividade foi denominada “Oficina de experimentação esquizodramática”, com o tema “Esgotamento e vida” (era o auge da pandemia da Covid 19), e teria a duração de 40 minutos. O uso do esquizodrama, segundo a professora, tinha o objetivo de proporcionar, no primeiro momento coletivo dessa atividade, um “aquecimento vivencial relacionado ao tema”, disparador de afetações que criassem um maior envolvimento/implicação dos participantes com a proposta. Foram considerados os cuidados necessários para tal atividade, como, por exemplo, deixaria a câmera aberta somente quem se sentisse confortável para o compartilhamento de sua experiência; além

---

<sup>11</sup> Professora Irme Salete Bonamigo: psicóloga pela UFPR, doutora e mestre em psicologia social pela UERJ, com pós-doutorado em psicologia pela UFRJ. Foi professora do Curso de Psicologia e do Mestrado em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais da Unochapecó. Psicoterapeuta, esquizoanalista e esquizodramatista.

disso, haveria uma sala de atendimento de apoio, devido aos efeitos da mobilização que tal atividade poderia causar.

Em seguida, apresento alguns recortes que fiz no relato da professora, assim como de sua fala e na dos participantes, considerando o que melhor expressasse como se deu essa prática, tanto com respeito à condução, como em seus efeitos.

No momento da realização da experimentação, as orientações foram as seguintes: Começamos este Diálogo de Aprendizagem, desta vez, pelo corpo. Perguntamos: - O que pode um corpo? - O que circula neste corpo? - O que bloqueia este corpo? E nesta experimentação, vocês vão ouvir e fazer conexão com três diferentes músicas. Deixe-se levar por cada uma delas... Perceba como o seu corpo é afetado de diferentes formas por cada uma das músicas. Que afetos emergem? Que desejos emergem? Que movimentos a música lhe faz-fazer? O que pede o teu corpo? Vamos lá! Em pé, construa um espaço que possa se movimentar. Ouça a música. Sinta o corpo. Deixe-se produzir movimentos por meio da dança. Se preferir, pode pegar acessórios, adereços, objetos que produzam sentidos. - O importante é soltar o corpo, experimentar a música e perceber que efeitos se vão produzindo. Vamos lá! (professora Irme Bonamigo, 2021)

As músicas utilizadas no esquizodrama foram, “inicialmente, *Cavalgada das Valquírias*, seguida de *Tsunami – Chaos* e por último, *Vuela con el viento*” (relato da professora). Essas escolhas tão diferentes em seus estilos, visavam proporcionar uma maior variedade de expressões e afetações:

Buscamos um aquecimento indo do molar ao molecular: *Cavalgada das Valquírias* para partir do territorializado, o contato com as partes mais duras do corpo... *Tsunami* para a desterritorialização, soltar o corpo, buscar o estranho, espreitar o novo... *Vuela con el viento* para um contato com afetos emergentes... Antes, fiz a experimentação com meu corpo e foram esses efeitos que as músicas me provocaram. (relato de Irme Bonamigo, 2021)

A seguir, a reflexão dessa professora sobre o vivido:

O efeito foi muito interessante. Professores e estudantes compartilharam sobre o que viveram e também os efeitos que produziu em si cada música. Comentaram o quanto a atividade conseguiu produzir uma quebra no contexto da pandemia e uma integração coletiva, sensação de partilha coletiva e alegria. Houve participação por meio de comentários verbais e escritos no *chat*. Houve comentários que se aproximavam e comentários que muito se diferenciavam. Nesse momento deu para sentir e perceber o fluxo que se produziu e ia se produzindo no coletivo, com aumento de potência, que foi importante para entrar no segundo momento da noite: a organização da atividade de Diálogos de Aprendizagem no semestre.

Alguns comentários e trocas do chat (já que não se registraram as falas em áudio) propiciam um vislumbre da atmosfera criada:

- Gzuis, a segunda foi quase uma aula de zumba hahaha
- Que momento bonito
- kkkkkkk vdd
- Sentimentos despertados: saudade de festa
- Muita, Pedro!
- cheguei a suar

- que momento lindo!! precisamos mais disso
- amei! maravilhoso
- adorei
- Maravilhoso... exercícios do dia ok kkkk
- amei
- Adorei. Alonguei no início. Depois agitei muito. Na última apaguei a luz. Tenho muitas dores por um problema na coluna e foi bom mexer e alongar sentir onde tenho que cuidar os movimentos e o que posso fazer mesmo com dor.
- amei
- Amei esse momento
- Amei
- Adorei tbm
- transformador
- eu amei
- amei
- incrível
- que momento precioso
- Amei esse momento
- ri muito
- sim
- eu tbm
- simm
- Sim, muito
- Ameeei, por mais momentos assim
- uma energia rara
- que vibe indescritível, meu
- indescritível
- Primeira: Relaxamento, segunda de fechar os olhos e sentir o eu interior, última de leveza, tranquilidade
- lindo isto
- Senti uma leve tristeza pelo "medo do ridículo". A vontade era de abrir a câmera e sentir junto
- Primeira: vontade de correr Segunda: dancei com gatinhos Terceira: vontade de deitar na cama e fechar os olhos e ver as câmeras das outras pessoas me desperta um sentimento muito de carinho
- Acredito muito que a dança pode nos tocar muito, e muitas vezes transmitir
- Eu senti saudades de uma colega e chamei ela para dizer isso
- eu fiquei com inveja do XXXX com muitoooo espaço...
- Eu que estou em um espaço de meio por nada, fiquei com inveja de ti
- kkkk
- eu queria maissss rrsrrs
- eu pensei como seria esse momento no presencial, no nosso salão
- a segunda música levantou muito meu ânimo, eu adorei esse momento!
- ia ter sido ainda mais divertido
- no momento a primeira música me deixou mais tensa, sentia que precisava lutar por algo, fazer mais movimentos de luta mas não sei do que kkk
- Postei stories no ig porque senti vontade de compartilhar e mandei vídeo em grupo de amigos.
- Senti cada uma de um jeito diferente, adorei demais... principalmente a segunda música, consegui me entregar, sem me sentir ansiosa
- A primeira música me deu vontade de chorar, a segunda muito animada me deu saudade de festinhas kkkk e a última me deixou mto calma, relaxada, com esperança

- senti na segunda como se tivesse num lugar ensolarado, fiquei até com muito calor kkkk
- já na segunda foi mais como libertação, e na último, senti uma paz, consegui me sentir mais leve. Gratidão pelo momento, foi incrível!
- tô me sentindo relaxado ainda
- nossa profe queria ver você tocando com o XXXX
- O meu tbm, mas dançou junto
- hahahahahahaha
- kkkkkkkkkkk
- Na primeira música me pareceu uma marcha me deu uma sensação de imponência, na segunda me remeteu a danças tribais ou carnaval, a terceira a mesma sensação quando sentamos em roda de uma fogueira em um acampamento para contar histórias... coração quentinho kkkk
- Senti algo bem parecido Clara
- que saudade de momentos assim no presencial. Que curso potente que temos.
- Eu também dudaaaa
- Estou com muita saudade
- muita mesmoooo
- [interrupção no registro]

Houve necessidade de realizar o atendimento a dois estudantes, que se sentiram muito mobilizados, demandando atenção individual.

Os atendimentos mostraram como a experimentação foi potente, pois possibilitou levantar questões para serem aprofundadas na terapia individual dos/as participantes. Ainda, permitiu constatar que uma experimentação esquizodramática necessita de cuidados durante todo o seu processo, uma equipe que possa se integrar e se distribuir no planejamento, intervenção, compartilhamentos coletivos e individuais. (Irme Bonamigo, 2021)

Esse exemplo ilustra a apropriação que a nova modalidade que estamos oferecendo nas imersões formadoras de esquizodramatistas está propiciando. Vários alunos participantes dessas imersões têm compartilhado suas experiências de uso do esquizodrama em diferentes espaços de trabalho; bem mais do que os alunos de formações anteriores, o que aponta para a importância de intensificar essa proposta, conforme dito anteriormente, criando as possibilidades para maior participação dos alunos com suas experiências, numa composição professores-colaboradores-alunos nessa organização.

## **5 O QUE PODE O ESQUIZODRAMA NAS INTERVENÇÕES CLÍNICO-INSTITUCIONAIS**

Este capítulo se compõe de pinçagens realizadas em algumas intervenções esquizodramáticas clínico-institucionais. Inicialmente, as realizadas por mim, partindo de memórias intensivas, que se atualizam no ato da presente escrita, e de leituras dos relatórios realizados sobre essas intervenções.

Acrescento também recortes feitos nos relatos de intervenções realizadas por colaboradoras do IGB do Centro de Atenção Psicossocial – CAPS Maria Boneca, da Fundação Gregorio F. Baremlitt, situada em Uberaba. Essa Fundação estabeleceu o primeiro CAPS de Minas Gerais (1991), que atualmente atende cerca de 400 usuários, através de convênio com o SUS. Trata-se de uma referência no uso do esquizodrama nos equipamentos da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), sendo também espaço de formação de profissionais, de estágios e covisões/consultoria.

O objetivo é investigar as invenções e consolidações teóricas, metodológicas e clínicas do esquizodrama, bem como seus efeitos no campo intervindo. Nesse sentido, cada um dos nomes escolhidos para cada subcapítulo já traz em si a nomeação do que foi encontrado e do se pretende ressaltar nessa investigação.

A denominação intervenções clínico-institucionais – e não somente intervenções institucionais – tem o sentido de ressaltar a imanência desses dois campos em quaisquer intervenções.

## 5.1 CONTORÇÃO DA DEMANDA

A análise institucional diferencia a demanda do encargo, ou seja, o que é o explícito do que é o não dito, respectivamente, numa solicitação de intervenção institucional. Ela também afirma que toda demanda é produzida, sendo, portanto, necessário que se tenha clareza do modo como foi produzida a demanda do serviço de intervenção institucional. Isso implica uma análise do contexto em que a mesma se dá, a compreensão de quem ofertou e como foi ofertada tal prestação de serviços, bem como a forma como os demandantes chegaram ao analista ou equipe institucional e o que motivou a escolha de tal analista ou equipe.

Também se faz necessário compreender o campo de análise, diferenciando-o do campo de intervenção, que podem coincidir em termos empíricos ou não. Segundo Baremlitt:

Campo de análise: é o perímetro escolhido para aplicar o aparelho conceitual disponível destinado a entender o campo de intervenção, a inteligência de como ele funciona, a articulação de suas determinações, a forma como são gerados seus efeitos etc. Este aparelho conceitual pode constituir-se de materiais teóricos muito heterogêneos, dependendo de sua eficiência para fazer a “leitura” do campo de intervenção... Quanto



mais amplo o campo de análise, mais possibilidades existem de entendimento do campo de intervenção, por mais aparentemente pequeno que este seja.

Campo de intervenção: é o perímetro que delimitará o espaço dentro do qual se planejarão e executarão estratégias, logísticas, táticas e técnicas que, por sua vez, deverão operar neste âmbito específico para transformá-lo de acordo com as metas propostas. Está em estreita dependência do campo de análise, desde o qual será compreendido, pensado. Só se intervém quando se compreende, sendo que posteriormente se compreende à medida que se intervém. O campo de intervenção pode ser muito amplo ou restrito a um estabelecimento ou organização (escola, sindicato, empresa etc). (Baremlitt, 2002, p. 140)

Baremlitt também sistematiza um método de intervenção que ele denomina “Roteiro para uma intervenção institucional padrão” (p. 90), onde sugere e considera alguns passos para a realização de uma intervenção, a saber: análise da produção da demanda, análise do encaminhamento, análise da gestão parcial, análise do encargo, caracterização dos analisadores espontâneos, históricos e construídos, contrato, diagnóstico provisório, análise de implicação, diagnóstico definitivo, planejamento e proposta de intervenção, autogestão do contrato definitivo, execução da intervenção, avaliações periódicas, prognóstico, instrumentação do coletivo de dispositivos de continuidade, finalização (Baremlitt, 2002). E aí, deixa claro que esses passos são

passos ideais, aos quais deveríamos prestar atenção, tratar em separado a cada um deles durante a intervenção, se houvesse tempo, se houvesse calma, se houvesse dinheiro, se houvesse todas as condições necessárias para fazer as coisas de maneira confortável. Em geral essas condições não existem, então pulam-se e misturam-se passos, e age-se mais ou menos como é possível. (Baremlitt, 2002, p. 94)

Outro momento importante da análise institucional é o da análise de implicação. Trata-se do processo vivenciado pelo interventor ou equipe interventora, quando em contato com o campo intervindo, considerando as várias dimensões desse processo: subjetivas, políticas, econômicas, sociais etc (Baremlitt, 2002).

O que denomino aqui de contorção da demanda considera especialmente os pinçamentos que destaquei da análise institucional, citados acima, mas indo um pouco além. Explico: ao tentar compreender o dito e o não dito presentes na produção da demanda de serviços e a partir da análise de implicação do esquizodramatista, chega-se o momento em que o esquizodramatista propõe o que considera como melhor resposta a esse serviço e que, muitas das vezes, não responde tão-somente a esse dito e não dito, explícito ou implícito presente na demanda, mas se trata de um novo produto, fruto da potência das afetações produzidas nos encontros “entre” esquizodramatista e participantes do campo a ser intervindo. Compreendendo que esse “entre” tem a dimensão molar (entidades da realidade) e a molecular (atualização da realteridade) – nem sempre

dizível inicialmente, mas que nem por isso deixa de produzir efeitos. Um dos possíveis efeitos da produção que se dá nesse “entre” é que proponho denominar de contorção da demanda, ou seja, a partir da implicação ético-político-estética do esquizodramatista – de intensificar a produção de produção e raspar a produção de reprodução e de antiprodução –, surge uma proposta de intervenção que nem sempre é fruto da análise da demanda e do encargo mas, sim, dos efeitos dos dispositivos clínicos realizados nesses encontros. Trata-se de criar linhas de fuga do instituído e do molar capturados, até então impensadas pelos envolvidos. As intervenções clínicas que o esquizodrama propõe são os disparadores para esse acontecer-devir. Lembro-me de uma fala reiterada de Baremlitt em várias supervisões, e que me acompanhava sempre em todos os trabalhos: “A serviço de quem está o esquizodramatista e sua proposta de trabalho...” Em meu caso, enquanto esquizodramatista, a serviço da afirmação da vida, buscando potencializar e atualizar novos, inventivos e transmutadores modos de existir.

Gostaria de apresentar, a partir de alguns recortes de uma intervenção, um exemplo de como isso pode acontecer.

Essa intervenção diz respeito a uma demanda de realização de diagnóstico da realidade de crianças de 0 a 6 anos de idade de uma cidade do interior de Minas Gerais, com uma população de cerca de sete mil habitantes. O diagnóstico subsidiaria ações de responsabilidade social de uma grande empresa ali situada.

Após conversa por telefone com um dos contratantes, propus um encontro com todo o coletivo envolvido para que nos conhecêssemos e, claro, para que eu compreendesse melhor o contexto em que esta demanda estava inserida – como a demanda foi produzida, a demanda e o encargo. Vou me referir somente a estes aspectos para mostrar como se deu a “contorção” da demanda, já nesse primeiro encontro, no qual me propus uma fala bem esquizodramática, ou seja, detectar e raspar o que não funciona, intensificar o que funciona e metamorfosear de forma inventiva tais aspectos, potencializando outros modos de existir daquele coletivo, micropolíticas a favor do bem estar comum, de uma democracia da multidão.

Uma democracia da multidão só é imaginável e possível porque todos compartilhamos do comum e dele participamos. Pelo termo “comum”, referimo-nos, em primeiro lugar, à riqueza comum do mundo material – o ar, a água, os frutos da terra e todas as dádivas da natureza ... Mais ainda, também consideramos fazerem parte do comum os resultados da produção social que são necessários para a interação social e para mais produção, como os conhecimentos, as imagens, os códigos, a informação, os afetos e assim por diante... Na era da globalização, tornam-se cada vez mais centrais as questões da manutenção,

produção e distribuição do comum, nesses dois sentidos – de promoção e limitação – e tanto no contexto ecológico quanto socioeconômico. (Hardt & Negri, 2016, p. 8)

Não preciso me estender aqui sobre a crítica às propostas de projetos de responsabilidade social de empresas e seu engajamento numa lógica reprodutiva do status quo vigente.

Fazendo eco aos niilistas, temos que reconhecer que, não importa o quão brilhante ou contundente o critiquemos, estamos fadados a viver *neste* mundo, não só submetidos a seus poderes de dominação como contaminados por suas corrupções... Mas esse reconhecimento niilista deve ser apenas uma ferramenta, um ponto de passagem em direção à construção de um projeto alternativo. (Hardt & Negri, 2016, p. 7)

Um analista institucional ou esquizodramatista nesse tipo de trabalho só faz sentido como um “infiltrado” (Baremlitt, 2002), ciente que poderá ser “rechaçado”, caso os contratantes se sintam ameaçados por seus princípios ético-político-estéticos, dos quais não abre mão.

Nesse sentido, percebi a necessidade de propiciar que o coletivo refletisse se tal demanda se tratava de uma necessidade real da cidade ou se visava atender a um projeto já existente na empresa de atenção a crianças de 0 a 6 anos, ao qual a cidade se adequava “porque não tinha nada a perder”. Por minha larga experiência em projetos de responsabilidade social de empresas e pelo que se foi apresentando no encontro, minha hipótese era que se tratava da segunda opção e – o que é pior – o coletivo se mostrava “adaptado/acomodado” a uma lógica quase “caritativa”, ou assistencialista em sua prática social e em sua relação com o poder municipal e corporativo. Para que algo disso viesse à tona, propus um dispositivo clínico: que dessem asas à imaginação e compartilhassem o sonho de que a cidade havia se tornado referência em cuidado e atenção à infância e à adolescência. O que tiveram que superar? O que possuíam que os ajudou a conseguir esse título? Consegui que avançássemos nessa reflexão e vieram à tona novas demandas, não consideradas na proposta de trabalho, mais urgentes que a demanda inicial, e que denominei de diagnóstico inicial ou provisório (Baremlitt, 2002). Dentre elas, cito algumas das principais:

- O Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) – sequer citado até então, era pró-forma, ou seja, cooptado pelo poder executivo municipal, sendo que, diante da necessidade de aprovação de alguma ação relacionada a esse público, os conselheiros eram visitados em suas casas para assinarem tal aprovação. Nem sede para o mesmo existia, tampouco discussão e conhecimento dessa ação.

- Os conselheiros não tinham nenhuma formação e não conheciam suas atribuições ou as do CMDCA; tampouco conheciam a fundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

- O Conselho Tutelar (CT) tinha muitas dificuldades de organizar e analisar seus dados.

- As diversas organizações sociais (ONGS) existentes na cidade não se conheciam, nem os trabalhos que cada uma desenvolvia, existindo, inclusive, ações que se sobrepunham.

- A cidade já tinha maior avanço exatamente em ações para o público de 0 a 6 anos (até pelas contribuições do projeto prioritário dessa empresa dedicado a essa faixa etária) – por exemplo, brinquedoteca e praças revitalizadas com brinquedos ao ar livre, voltados para esse público.

- Os maiores problemas vividos pela comunidade pareciam ser com os adolescentes, não contemplados em nenhum programa até então.

A atmosfera do encontro foi-se transformando completamente, até ser possível a produção da contorção da demanda, que só foi possível com a participação de todos os envolvidos: não mais era uma demanda vinda da empresa, nem da comunidade, nem do esquizodramatista, mas um entreproduto daquele encontro. A demanda contorcida passou a ser, em vez de um diagnóstico da realidade de crianças de zero a seis anos, um diagnóstico ativo da realidade de todas as crianças e adolescentes (de 0 a 18 anos) da cidade. Nesse sentido, foi possível trazer à tona o que estava invisibilizado até então.

A proposta de um diagnóstico ativo significa a participação ativa dos participantes na execução do mesmo, e os participantes deveriam ser aqueles que poderiam dar continuidade às ações propostas no diagnóstico. Para isso, deveria ser incluído um curso-intervenção sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (que poucos conheciam) e as atribuições do CMDCA, assim como sobre a organização dos dados do CT.

Não foi difícil a adesão da empresa contratante à proposta. Primeiro porque sua demanda estava incluída na proposta; segundo, porque não alterava seu investimento financeiro; terceiro, pela força de ser uma proposta emergida daquele coletivo presente e que passou a se mostrar mais envolvido, ou melhor, “curioso” com o que estava

acontecendo, e que começou a se posicionar defendendo tal proposta ante os representantes da empresa presentes. A partir daí, constituí a equipe e demos início à intervenção.

Os encontros se davam quinzenalmente, sempre durante dois dias, ao longo de dois anos. Foram divididos em momentos de formação, momentos de implantação/implementação de ações e de acompanhamento do processo de constituição do coletivo. Em todos os encontros eram realizadas clínicas esquizodramáticas com o objetivo de produção de subjetivações e maior apropriação dos conhecimentos compartilhados. Além disso, como parte da formação, foi realizado um curso introdutório à análise institucional, à esquizoanálise e ao esquizodrama e sua aplicação na realidade a ser considerada, visando a apropriação, pelo coletivo, das ferramentas utilizadas na intervenção.

Dentre os resultados dessa intervenção esquizodramática, fruto dessa contorção da demanda, ressalto:

- Constituiu-se uma rede de defesa dos direitos da criança e do adolescente, com encontros regulares, integrada não só pelos participantes dessa intervenção, mas por outros atores convidados.

- O CMDCA conquistou uma sede própria e os conselheiros passaram a ter um rodízio de presença na sede e reuniões e assembleias regulares; além de se tornar um conselho gestor das políticas municipais de seu público.

- O CT se apropriou do manejo de seus dados que passaram a servir para orientar as prioridades da rede. Nessa organização perceberam que os atendimentos que realizavam eram mais que o dobro do que consideravam.

- Criaram uma agenda coletiva de ações das diversas entidades e da prefeitura, para que essas não se sobrepusessem e pudessem participar e colaborar uns com os outros.

- Organizaram um rodízio para acompanhamento das reuniões da Câmara Legislativa, para acompanhar/intervir nas rubricas e orçamento dedicados à política de defesa e garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes.

- As transformações dos participantes em atores político-sociais foi muito além do que esperavam. Isso pude constatar não só pela atuação deles no processo como também

em encontros públicos (depois de cerca de um ano) relacionados ao tema onde ocasionalmente os encontrava e deles recebia feedback. Como parte desse feedback, destaco sua avaliação sobre como os conceitos que levei, e que foram dramatizados, mudaram a maneira de compreenderem a realidade, citando inclusive alguns como instituinte/instituído, molar/molecular, grupo sujeito/sujeitado, invenção, realidade/realteridade, rede-rizoma, reprodução-antiprodução-produção. Aí se confirmava uma fala de Baremlitt, numa das covisões que fiz com ele, de que toda intervenção, para deixar efeitos duradouros, deve ter uma dimensão educativa, que possibilite que o coletivo intervindo se aproprie das ferramentas que utilizamos.

As ações que emergiram como mais urgentes e prioritárias no diagnóstico confirmavam a importância da proposta de contorção da demanda: não eram as voltadas para crianças de zero a seis anos, mas as voltadas para o público adolescente, como previsto no diagnóstico inicial; além da necessidade de constituição e fortalecimento da rede de defesa e garantia dos direitos da criança e do adolescente daquele município.

## 5.2 O QUE PODEM AS PERIPÉCIAS DO CAMINHAR – A POTENCIALIZAÇÃO DE DISPOSITIVOS

Uma das principais características do esquizodrama é a aposta no que pode o encontro entre corpos e incorporais. Esse posicionamento ético-político-estético desconstrói o lugar estanque de quem detém o saber – o especialista, convidando-o a colocar seu saber como apenas um dos que irão compor a emergência de novos saberes – ou trans-saberes, constituídos nos interstícios dos encontros.

Faz parte desse processo a desterritorialização da identidade do especialista como detentor desse saber-poder, o que se dá através das vivências clínicas de raspagem dessa subjetividade identitária e de atualização de um eu(reka!!) – aberto aos fluxos e afecções dos encontros e à potência do que se vai inventando ao caminhar – as peripécias.

É essa postura que gostaria de ressaltar em duas pinçagens em intervenções esquizodramáticas que realizei a convite/solicitação de uma secretaria estadual de governo ligada à política para adolescentes em conflito com a lei, trabalho este que

começou em 2002 e se estendeu ao longo de 8 anos, com alguns anos de hiato entre uma intervenção e outra.

A demanda inicial era a formação de técnicos de unidades de internação de adolescentes em conflito com a lei (dez estabelecimentos ao todo, distribuídos em vários municípios do Estado) para o trabalho com as famílias desses adolescentes.

Como conselheira dos direitos da criança e do adolescente por dois mandatos (representando a sociedade civil), já conhecia bem onde isso poderia cair: o Estado, no cumprimento de seu papel de capacitador, nem sempre demonstra estar comprometido com os resultados que tais cursos podem ou não proporcionar na melhoria dos serviços. E, como esquizodramatista, não compactuaria com a predominância do que o esquizodrama propõe eliminar, ou seja, os processos reprodutivos e antiprodutivos – o mesmo do mesmo.

Sempre atenta, caso necessário, à construção de uma clínica de contorção da demanda, após alguns encontros conseguimos (pois já não era somente eu, mas alguns trabalhadores que compunham a equipe gestora) que a demanda inicial de curso se transformasse numa intervenção institucional em que eu iria ouvir as equipes e diagnosticar com elas suas demandas. Acordamos que o curso de trabalho com famílias teria que acontecer, independentemente dos resultados desse diagnóstico (por questão de destinação de recursos). E, como intuí, o trabalho com famílias era necessário, mas antes dele, e até para que ele acontecesse com algum sucesso, existiam demandas mais prementes a serem atendidas.

Depois de me reunir com as equipes de cada unidade da capital (não foi possível me reunir nesse primeiro momento com as equipes das unidades do interior do Estado), foi construída e aprovada a seguinte proposta: acompanhamento do processo de trabalho em equipe (constituída de psicólogos, pedagogos, terapeutas ocupacionais, pedagogos, advogados e, posteriormente, agentes socioeducativos, diretores e superintendente), construção de uma metodologia de atendimento aos adolescentes e implantação/implementação do trabalho com as famílias desses adolescentes. Ficou acordado também que esse caminho poderia ser completamente alterado na medida em que o trabalho de campo assim o exigisse.

Nessa contorção da demanda, o trabalho que deveria ser um curso de capacitação de 40 horas, acabou se tornando uma intervenção e um curso-intervenção, com duração de cerca de oito anos, com um intervalo de cerca de alguns anos entre as renovações dos contratos. Conteí com a participação de outros colegas (a equipe chegou a ter seis esquizodramatistas) que me acompanhavam e ajudavam na intervenção institucional (nas dez unidades de internação do Estado), além de cuidarem da relatoria (que era imensa).

O primeiro recorte que trago, emergiu em várias clínicas que realizava com as equipes técnicas, em especial inspiradas em uma das clínicas cruciais – a clínica da diferença-repetição. Nessas clínicas pedia, inicialmente, que dramatizassem uma pequena cena do atendimento ao adolescente que costumavam realizar; em seguida, pedia que tentassem repetir a dramatização de forma idêntica e, ao fazer isso, que percebessem o que aparecia de diferente nessa repetição.

O que chamava a atenção nessas repetições, sem exceção, era uma exacerbação do mesmo (não do igual, que se mostrava impossível), ou seja, de uma certa robotização e desvitalização dos técnicos e do atendimento, e da “ausência” do adolescente no atendimento (que estava ali “sem estar”).

A questão que se apresentava era a institucionalização dos atendimentos, com forte característica de descrença dos técnicos com relação a que alguma mudança relevante poderia surgir dali – simplesmente se submetiam àquela rotina obrigatória. E os adolescentes cumpriam o protocolo de terem que ir aos atendimentos e, pior, repetir sempre toda a sua história – a mesma história, em cada atendimento (do psicólogo, do assistente social, do advogado, do pedagogo e do terapeuta ocupacional, além dos que tinham com os técnicos de referência do Juizado e do Ministério Público).

Até então, o que tínhamos eram atendimentos isolados, às vezes multidisciplinares, presos às especificidades de cada especialidade, distantes da linguagem e vivência dos adolescentes (alguns adolescentes nem sabiam o que era psicologia, por exemplo).

O que emergiu nessas clínicas, percebido pelas equipes como diferente quando se tentava repetir as cenas, também sem exceção, eram algumas brincadeiras, risos e “gozações” dos dois lados (técnicos e adolescentes), o que quebrava um pouco aquela



reprodução do mesmo. Ou seja, quando saíam dos papéis estratificados, algo de vida emergia e os vinculava de forma descontraída e agradável.

Nessas e em outras klínicas realizadas com os técnicos surgiram vários emergentes que explicitavam o clima institucional e sua proposta “socioeducativa”, bem como apontavam as peripécias do caminho que iam sendo construídas como efeito do próprio caminhar.

Dentre os emergentes, cito os seguintes:

- O distanciamento e falta de comunicação entre as diferentes especialidades;
- A falta de implicação dos profissionais técnicos e dos adolescentes no processo;
- O distanciamento da gestão (das unidades e da secretaria de governo) e do setor administrativo local do trabalho técnico;
- Isolamento, crítica negativa e às vezes desconhecimento pelos demais participantes do sistema socioeducativo (promotoria, juizado, município etc) do trabalho que as unidades realizavam.
- Adoecimento dos profissionais;
- Alto índice de reincidência dos adolescentes com relação aos atos infracionais...

Dentre as peripécias que emergiram no caminhar, muitas inclusive como tentativas de respostas aos emergentes citados acima, ressalto:

- A importância de minha participação em algumas atividades desenvolvidas com os adolescentes, momentos em que pude confirmar o alheamento dos mesmos com relação aos atendimentos em geral, e sua resistência às propostas dos técnicos. Além disso, era época de muitas rebeliões, e dois técnicos tinham sido pegos como reféns, alguns jovens tinham sido assassinados, havia tentativas de fuga etc. Em alguns desses momentos, inclusive de rebeliões e fugas, estive presente e acompanhando as negociações e ações para debelar tais crises.

- Num determinado momento surgiu a necessidade de incluir no trabalho os agentes socioeducativos. Nas klínicas realizadas com os mesmos, sempre apareciam nas dramatizações as rebeliões, o medo de ser pego, o risco de morte, o alto nível de tensão e estresse, as críticas aos agentes “que tentavam resolver os conflitos com diálogo” (predominava entre eles uma postura de força impositiva e coercitiva), o número mínimo

de agentes proporcionalmente ao número de adolescentes, a exploração do trabalho e o alto grau de adoecimento.

- Necessidade de reuniões regulares com os gestores de cada unidade (com ou sem a equipe) e com a própria gestão da Secretaria de Estado, já que as transformações necessárias nos estabelecimentos e na política ultrapassavam os limites do trabalho técnico de atendimento.

- Necessidade de encontros com os demais participantes do Sistema Socioeducativo para se conhecer a percepção/sugestões sobre o funcionamento das unidades (poder municipal, Juizado, Ministério Público, Conselho Tutelar, Conselho Municipal e Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente, organizações sociais etc). A partir dessa detecção foi realizado um primeiro encontro desses atores; o que veio a constituir a Rede de Medidas Socioeducativas, composta por todos esses atores, existente até hoje (2023), com encontros sistemáticos.

Intensificava-se a necessidade de encontrar linhas flexíveis que pudessem alterar essa realidade constituída predominantemente por linhas duras... O esquizodrama contribuía para escancarar o quanto o sistema estava a serviço da produção de reprodução e de antiprodução. Inspirada nessa clínica crucial – produção de produção, de reprodução e de antiprodução –, mobilizava-se um fluxo de identificação dos aspectos reprodutivos e antiprodutivos do sistema, bem como o início de desterritorialização, de incômodo com esse status quo e desejo de transformação. Começava a abrir algum caminho para reterritorializar incorporando tais transformações.

O esquizodramatista aposta nos microacontecimentos dos entrecorpos, desbanalizando-os e ressaltando-os de forma mutante, numa total fidelidade à potência do inesperado, daquilo que repete como diferença na conhecida repetição do mesmo. Daí podem surgir a invenção e potencialização de dispositivos que contribuem para alterar a realidade. E foi o que aconteceu com a potencialização de uma proposta de atendimento ao adolescente – o PIA.

Em um dos encontros que realizei com a superintendente da secretaria de governo, apresentei a ela como estava sendo desenvolvido o eixo “Construção de uma metodologia de atendimento ao adolescente em conflito com a lei”. Nesse eixo estava incluído o dispositivo Projeto de Vida, que buscava dar maior sentido, participação ativa e implicação dos adolescentes em seu processo socioeducativo. Como se não desse

importância ao que dizia, a superintendente disse que o que eu trazia a fez lembrar de uma proposta presente no projeto de lei 1627 de 2007 que “Dispõe sobre os sistemas de atendimento socioeducativo, regulamenta a execução das medidas destinadas ao adolescente, em razão de ato infracional ...” (Brasil, 2007). Tratava-se da proposta de execução do que era denominado de PIA – Plano Individual de Atendimento, instrumento para gestionar e acompanhar as atividades socioeducativas do adolescente. Vi ali uma oportunidade – transformar uma simples técnica (até então, projeto de vida), numa metodologia para a ferramenta proposta (PIA). Tentei “ingenuamente” utilizar a mesma sigla (PIA) com outra denominação – em vez de plano, projeto; em vez de atendimento, adolescente – Projeto Individual do Adolescente (PIA), na tentativa de ressaltar o protagonismo do adolescente, e que fosse um projeto singular do adolescente e não um protocolo institucional no qual se repetiria o plano de atendimento geral, oferecido pela unidade a todos os adolescentes. Também aproveitei para a criação do Projeto Institucional de Atendimento – PIA Institucional – que se tratava de uma proposta de intervenção interna permanente de avaliação e proposições, da forma mais cogestionária possível, e o Projeto de Apoio Familiar (PAF), realizado com a família do adolescente (com sua participação), com o objetivo de apoiar/preparar a família para a reinserção familiar (quando possível) do adolescente ao ser desligado da unidade.

Parte dessa proposta deu certo. Foi a primeira vez no Brasil que o PIA foi colocado em prática. E a metodologia que propusemos para sua execução, assim como a metodologia de gestão das unidades, passou a fazer parte do que depois tornou-se o Sistema Nacional Socioeducativo – SINASE, instituído pela Lei no. 12594, de 18 de janeiro de 2012, documento referência na atenção ao adolescente em conflito com a lei, em todo o país. Isso porque tal superintendente foi convidada a participar da Secretaria Nacional de Direitos Humanos, e nos convidou a levar nossa experiência para contribuir na metodologia do SINASE.<sup>12</sup> Infelizmente, na lei, mantiveram o nome de Plano Individual do Adolescente (minha ingenuidade referida acima foi achar que ia ter força suficiente para mudar para Projeto Individual do Adolescente) e, com as alterações que tal documento foi sofrendo ao longo dos anos, a primeira versão – em cuja escrita uma colaboradora e eu participamos e garantimos parcialmente a metodologia que criamos (na

---

<sup>12</sup> Esse convite foi devido a Superintendente na época ser convidada a compor a Secretaria Nacional de Direitos Humanos, em Brasília, levando ao conhecimento da equipe responsável por implantar/implementar o SINASE o trabalho que já realizávamos com o PIA e com as gestões das Unidades.

época denominada abordagem polidimensional) – foi-se perdendo, tal como algumas ferramentas criadas (PIA Institucional e PAF).

Mas o que interessa neste relato até aqui é exemplificar o que pode um encontro quando se percebe a potência das conexões moleculares, dos entrecorpos que o constituem. Daí podem surgir a invenção e a potencialização de dispositivos que vão contribuir para alterar a realidade. E foi o que aconteceu com a potencialização da ferramenta PIA, na época ainda em projeto de lei. Mesmo com sua descaracterização e “engessamento”, ele contribuiu para a agilização dos processos jurídicos (que demoravam anos) e para maior implicação dos técnicos e adolescentes com os atendimentos e seus resultados. E como reverberação, mais tarde, o PIA se tornou diretriz, também, da política nacional de atenção a crianças e adolescentes em situação de abrigo/acolhimento institucional.

Ao mesmo tempo, esse trabalho contribuiu para consolidar a metodologia de intervenção/atendimento que vinha realizando em outras intervenções, que denominei abordagem transdimensional (na época, polidimensional), e que estarei apresentando como o segundo exemplo da potência do que pode se produzir nos entrecorpos dos encontros.

### 5.3 O QUE PODE O ESQUIZODRAMA NA PRODUÇÃO DE NOVOS DISPOSITIVOS DE INTERVENÇÃO – A ABORDAGEM TRANSDIMENSIONAL

Esta pinçagem diz respeito à invenção da abordagem transdimensional como uma metodologia esquizodramática de intervenção clínica e institucional.

Uma vez um esquizodramatista disse que “o esquizodrama o fazia vomitar devires”. Isso se comprova ao se perceber entre os esquizodramatistas uma invenção incessante de klínicas e dispositivos ao intervirem na realidade visando atualizar a realteridade, ou seja, ao se abrirem às conexões com os componentes da realidade/realteridade micro e moleculares (e não só macro e molares) presentes nos encontros. Composições em que sua própria identidade/subjetividade macro/molar se desestratifica, se descodifica, compondo com uma diversidade infinita de fluxos, se atualizando os eu(reka!!)s (subjetivações fluidas, permeáveis, porosas) e as invenções.

A partir de diversas intervenções clínico-institucionais, nos mais variados campos das políticas públicas (por exemplo, na saúde, educação, assistência social, criança e

adolescente, direitos humanos, saúde mental, trabalho, economia solidária), assim como no campo da clínica, foram-se delineando algumas observações que passaram a chamar minha atenção e que, cada vez que eram intervindas, traziam novidades que foram compondo um plano de consistência propício à emergência de um novo modo de intervir, que denominei abordagem transdimensional. Considero-o como um efeito da clínica da multiplicação dramática, que se deu da seguinte forma: realizava uma intervenção clínica num determinado campo; ao realizar a próxima intervenção, num campo diferente, levava um fragmento do que tinha feito na anterior que, ao compor com esta próxima, fazia emergir uma outra modalidade de intervenção clínica; e assim sucessivamente, multiplicando clínicas, “vomitando devires” ...

Evidenciava-se aí que cada campo intervindo e as especialidades teórico-técnicas dos participantes que o compunham se restringiam a uma forma de compreender a realidade diretamente relacionada às suas especificidades, ao mesmo tempo em que se criava uma certa resistência em incluir outros olhares que poderiam enriquecer essa percepção. É nesse descompasso que emerge a abordagem transdimensional. Aqui estarei detalhando essa abordagem e usando, como exemplo de sua prática, alguns recortes nas intervenções realizadas nas unidades de internação de adolescentes em conflito com a lei, acima citadas.

Essa abordagem, em primeiro lugar, consiste na compreensão de que a realidade/realteridade está constituída de  $n$  ou infinitas dimensões – compreendidas como campos, platôs, zonas de intensidade contínua (Deleuze & Guattari, 1995a), que ultrapassam a eleição, nomeação ou acesso às mesmas, em geral, intrinsecamente relacionados às condições e produção de conhecimento para tal... Nesse caso, as especialidades e disciplinas que fazem parte da formação dos especialistas, dos profissionais. Trata-se de uma proposta que critica o engessamento da produção de conhecimento sobre a realidade em cada especialidade – que algumas vezes até consegue dialogar na multi ou interdisciplinaridade, tentando incluir outros saberes nessa produção de conhecimento. Mas raras são as vezes que se propõe incluir outros saberes, como os do usuário, do saber popular... e outros... e... numa proposta mais próxima do transdisciplinar ou dos trans-saberes, ou rizomática e multiplicitária.

Em segundo lugar, trata-se de inventar clínicas que propiciem a saída dos participantes de seus lugares estanques – tanto de especialistas, como do não saber, por

exemplo –, bem como que propiciem a emergência de outras dimensões da realidade/realteridade – tanto molares como moleculares, que escapem desses enquadres.

Em terceiro lugar, sua ética-estética-política está intrínseca em seu fazer técnico, guiando-se pela utopia ativa do esquizodrama e do movimento instituinte (Baremlitt, 2002), das três ecologias (Guattari, 1990; Baremlitt, 2019), do bem estar comum (Hardt & Negri, 2016), por exemplo, ou saberes afins com essa utopia ativa.

A abordagem transdimensional está dividida em dois movimentos: conhecer a realidade (diagnóstico) e projeto de intervenção. Ambos são imanentes, ou seja, acontecem ao mesmo tempo, apesar de se apresentarem nessa sequência de denominação – quando se diagnostica já se está intervindo e afetando o campo e vice-versa. Acontece, inclusive, de muito do que se diagnosticou já começar a ser alterado, antes mesmo de se começar o segundo movimento.

Para o primeiro movimento, de conhecer a realidade, são criadas clínicas que possibilitem a emergência de peripécias que explicitem as várias dimensões da realidade vivida. Essas clínicas tentarão responder a três questões: o que funciona, o que não funciona, e perspectivas de transformação do que não funciona e de intensificação do que funciona. O que mais impacta e propicia a emergência de dimensões até então não consideradas pelos envolvidos é a intensa mobilização corporal proporcionada pelas clínicas, que produz conteúdos que escapam ao conhecido e nomeado até então. Um exemplo disso: em uma dramatização com agentes socioeducativos do que não funciona em seu trabalho, dramatizaram uma rebelião e ficou evidenciado nos corpos dos agentes, aparentemente fortes e com um porte físico musculoso, um medo que quase beirava o terror, o que possibilitou que reconhecessem a negação desse sentimento para poderem dar conta de estar entre os adolescentes mais perigosos, com menos que o mínimo necessário de contingente. A vivência dessa dimensão, nomeada como precarização do trabalho e saúde mental dos profissionais da “linha de frente”, os fortaleceu para ir além do nível técnico e negociar com a gestão a celeridade de contratação de efetivos.

Após propiciar que se amplie os olhares sobre a realidade vivida e se atualize outros olhares/dimensões, propõe-se ir para uma próxima etapa desse primeiro momento, guiado pelo grau de intensidade dos emergentes. Ou seja, levando-se em conta a prescritiva metodológica do esquizodrama de intensificar o que funciona e raspar o que não funciona – tarefas positivas e negativas, respectivamente (Baremlitt, Amorim, Hur,

2020), na montagem dos próximos dispositivos clínicos espera-se que eles possam propiciar a emergência do que mais diminui a potência de existir e do que mais aumenta essa potência, elegendo, posteriormente, sua gradualidade (do mais para o menos). Faz parte desse momento estar atentos para as emergências ou, se for o caso, investigar esquizodramaticamente como se deu a construção/emergência dessas dimensões e não de outras.

O momento seguinte vai tratar da criação de dispositivos clínicos para se trabalhar, de maneira a mais inventiva, as possíveis ações para alterar a realidade diagnosticada, compondo um projeto (de curto, médio e/ou longo prazo) de intervenção, no sentido de intensificar a potência de vida e raspar o que a diminui, considerando primeiramente as dimensões emergentes com maior intensidade, tanto para aumentar, quanto para diminuir essa potência.

No andamento desse projeto, pode-se perceber, como parte da metodologia do esquizodrama, de confiar nas peripécias do percurso, que outras dimensões vão se atualizando, assim como novas ações, inicialmente impensáveis.

A partir daí, esse projeto passa a ser revisitado e alterado periodicamente (o período para tal é estipulado), à medida que vai avançando em seus efeitos sobre a realidade.

Como exemplo de um dos usos dessa proposta, cito o diagnóstico transdimensional realizado nas unidades de internação com relação aos adolescentes. O que encontrei nos campos intervindos eram modalidades de diagnósticos feitos por cada profissional, dentro de sua especialidade (pedagogia, psicologia, assistência social etc), em geral sozinho, sem a participação do usuário, e que depois se reunia com os demais profissionais para discutir suas percepções.

O diagnóstico transdimensional envolve a produção de dispositivos clínicos para conhecer as dimensões da realidade/realteridade, com a participação do maior número de profissionais envolvidos no atendimento do usuário (no caso, o adolescente) e a participação protagonista deste. Faz parte dessas clínicas o registro (vicissitudes) das peripécias do processo – não só pela escrita, mas também por outras formas de expressão – por exemplo, o desenho, a pintura, mobilizações corporais etc. No caso do usuário/adolescente, ele é quem vivencia e faz os registros dos emergentes das clínicas,

sendo que os técnicos apenas complementam, com a aprovação do adolescente, alguma dimensão que consideram relevante e que não foi trazida pelo adolescente. Ou seja, as demandas específicas de cada profissional, em sua especialidade, caso não faça parte dos emergentes do processo, só são atendidas como complementares ao processo vivido, e nunca em primeiro lugar, o que prejudicaria o fluxo dos emergentes. Percebe-se aqui, uma inversão do que acontecia antes, em que entrevistas e atendimentos estavam capturados e a serviço das demandas burocráticas (por exemplo, preenchimento de questionários e relatórios específicos).

Como efeitos da abordagem transdimensional, cito alguns que percebo como esclarecedores da proposta descrita:

- Ficou explícito que, em geral, a necessidade dos profissionais em atender às demandas de sua especialidade (relatórios, anamnese etc) era o que conduzia o encontro com o usuário e obliterava suas reais necessidades e a emergência de outras e novas dimensões, diretamente ligadas aos interesses do usuário.

- A construção coletiva do processo fazia com que os profissionais se abrissem para enxergar a potência de outras dimensões que não as de sua especialidade. Isso levou a que muitos participantes, algumas vezes, passassem a participar e intervir “mais próximos de outra especialidade” do que pautados em sua identidade profissional – psicólogo como advogado, pedagogo como terapeuta ocupacional – num devir simulacro, que flexibilizava as grades/enquadres da especialidade e propiciava processos de subjetivação.

- O atendimento passou a ser não mais de cada um, mas de todos conjuntamente – se organizavam para decidir quais membros da equipe estariam mais presentes (e seriam referência) no acompanhamento do caso, e quais estariam esporadicamente (mas sendo socializado para todos em espaços definidos para tal). E o processo poderia ser conduzido por todos, independentemente de sua especialidade.

- Os adolescentes se apropriavam protagonisticamente de sua história e de seu projeto, o que alterava completamente seu nível de implicação – era comum o comentário dos profissionais de que “era visível aqueles que estavam desenvolvendo seu PIA e aqueles que ainda não tinham entrado no processo”.

- Surgiu a necessidade, em alguns momentos, e em alguns casos decididos pelo adolescente e pela equipe, de incluir outros atores no processo: agentes socioeducativos,



peçoal da cozinha, promotoria, juizado, escola etc, ou seja, outras dimensões, outras abordagens do processo vivido, muitas até então desconsideradas.

- Surgiu também a necessidade da realização do mesmo processo com os familiares e o adolescente – acrescentando novas dimensões. Foi quando surgiu então o projeto de apoio familiar (PAF), a ser desenvolvido pela família e acompanhado pela equipe em conjunto com o adolescente. Nesse processo, num momento propício, juntava-se o PIA ao PAF, mas somente naquilo que o adolescente e a equipe avaliavam como importante de ser socializado para a família.

- Na potencialização do adolescente como sujeito de seu processo, o mesmo passou a conhecer e intervir nos relatórios encaminhados ao juizado e promotoria, inclusive, em algumas vezes, assinando-os conjuntamente com os profissionais responsáveis.

- Dimensões micro, como bom humor, irritabilidade, desejos, lembranças, redes pessoal, comunitária e religiosa, talentos, participação na organização local e das atividades... passaram a ter relevância no autoconhecimento e nas ações desenvolvidas pelos adolescentes...

A partir do acúmulo de dezenas de experiências de intervenção clínico-institucional com a abordagem transdimensional, a mesma se consolidou como uma metodologia esquizodramática. Atualmente, é utilizada em diversas frentes de trabalhos institucionais, assim como na clínica psicoterápica.

#### 5.4 O ESQUIZODRAMA NA POLÍTICA DE SAÚDE MENTAL – A DIMENSÃO POLÍTICA NO CUIDADO DA EQUIPE

Estarei apresentando duas clínicas realizadas numa intervenção institucional em um CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), numa cidade de cerca de 70 mil habitantes.

A demanda explícita era que a equipe estava tendo muitos conflitos e não conseguia desenvolver um projeto institucional comum, o que estava comprometendo o ambiente de trabalho e a qualidade dos serviços prestados aos usuários.

O propósito aqui não é descrever o processo de intervenção (que durou dois anos), mas pinçar duas clínicas que chamam a atenção pela aparente simplicidade e a potência de seus efeitos e reverberações.

Início o primeiro pinçamento em uma clínica de produção de produção, de reprodução e de antiprodução, que realizei com a participação de Baremlitt. Começamos o trabalho com uma intensa mobilização corporal. Em seguida, pedimos que se formassem duplas, em pé, um em frente ao outro. Iniciaríamos, então, uma conversa em que expressariam tudo o que sentiam com relação ao que estava acontecendo entre eles, mas apenas com gesticulações e numa linguagem gutural, em que emitiam sons que faziam sentido somente para seu emissor. Depois de um tempo, parariam e diriam (numa frase curta) ou gesticulariam para o coletivo como se sentiram nessa vivência.

Em seguida, pedimos que todos se sentassem em roda, bem próximos uns dos outros. E iniciaríamos uma assembleia para tratar um assunto muito importante. Só que todos falariam ao mesmo tempo, numa língua desconhecida.

O esquizodrama não atua apenas na representação e no reconhecido, visa operar nas *intensidades e afecções* extralinguísticas, absurdas, línguas menores, que expressam o paradoxo, o bizarro, o estranho, o ininteligível, o absurdo, o aparentemente sem sentido... por dizê-lo pitorescamente, ele prefere o gesto ao vocábulo, a atitude e o movimento à palavra (seja essa vazia ou plena), a tatuagem ou a escritura sobre os corpos... As cores, matizes, brilhos, esplendores, sons, ruídos... A fotografia ou o filme biográfico ou documentário em lugar da “narrativa”, da “história de vida”, ou da legenda relatada ou caligrafada. (Baremlitt; Amorim & Hur, 2020, pp. 35-36)

Depois de um tempo, de trocas eloquentes, alteradas, bizarras, com a presença também de risos e de expressões raivosas, foram diminuindo o ritmo, até parar totalmente. Abrimos, então, para que compartilhassem como se sentiram nessas vivências.

Na verdade, nossa proposta inicial seria que essas duas intervenções fossem apenas o início da clínica. Mas mobilizaram tanto o grupo que as questões que precisavam vir à tona sobre as relações de trabalho e interpessoais conseguiram ser trabalhadas, possibilitando avançar enormemente na intervenção em curso. Dentre essas questões, ficaram claras a falta de interesse pelo que o outro fazia ou falava, a desistência de se trabalhar em equipe, a incompreensão e desentendimento reinante que chegava ao desrespeito e agressividades verbais. O que veio à tona foi trabalhado verbalmente e também com dramatizações pontuais ou individuais, visando intensificar o que emergia verbalmente.

Início o segundo pinçamento num trabalho com essa mesma equipe. Numa das covisões que realizei com Barembliitt (ele teve que se afastar dessa intervenção, por motivos de doença, e me acompanhou em encontros de covisão), contando da dificuldade que encontrava com relação aos conflitos vividos por essa equipe, que resistia à melhora, ele me propôs realizar a seguinte clínica: divididos em pequenos grupos, cada grupo dramatizaria, como quisessem, a seguinte consigna: “vinde a mim as criancinhas”.

Em geral, as covisões com Barembliitt sempre serviram para me abrir um leque de possibilidades de intervenções clínicas, mas raramente seguia as propostas nelas sugeridas. Isso é coerente com a metodologia do esquizodrama de compor com os emergentes de cada encontro. Mas dessa vez fiquei tão perplexa com a ousadia da proposta, que quis experimentá-la. Importante dizer que estávamos no auge das denúncias de pedofilia dos padres da Igreja Católica, desencadeando uma crise institucional. E uma das grandes características dessa cidade era a cultura religiosa, com um número considerável de igrejas históricas.

Fiz o esquizodrama com essa proposta. Os pequenos grupos se implicaram intensamente com as dramatizações. E ao se trabalhar os emergentes, o grupo conseguiu compreender o cerne de seus conflitos. A equipe era composta por profissionais muito bem qualificados e eram defensores veementes da política de saúde mental e suas conquistas. Isso impedia que eles se permitissem criticar essa política. E, infelizmente, a política de saúde mental, em sua prática, não implementava com os recursos necessários, sua proposta. E os profissionais que a defendiam ficavam sobrecarregados, sempre culpados por não darem conta de cumprir aquilo por que lutavam. Em vez de se organizarem para denunciar/reivindicar seus direitos, calavam-se e digladiavam-se internamente, não deixando “sair para fora” as insatisfações, para não gerar uma crise institucional politicamente inadequada diante da luta para se chegar onde se chegou na política de saúde mental.

A partir desse encontro, algo se flexibilizou nas relações entre os membros da equipe que conseguiu levar “para fora” as questões que diziam respeito à má implementação da política e como isso afetava a equipe. O que diminuiu a carga de conflitos antes deslocados como conflitos internos – muito do conflito vinha de fora e insidia no funcionamento da equipe.

Trago agora uma ilustração do que podem as reverberações e efeitos do processo esquizodramático, neste caso no que dizia respeito à dificuldade da equipe de externar suas insatisfações com o tratamento que o poder executivo dava às suas reivindicações, conforme dito acima. E como a dimensão ético-estético-política, presente em suas clínicas, pode proliferar como contágios nem sempre imagináveis.

O trabalho com essa equipe, em sua maioria, era realizado na sede do CAPS; algumas vezes, no IGB. Quando se realizava no CAPS, alguns usuários percebiam “à distância” o que acontecia em nossos encontros, e continuavam suas atividades (eram poucos, pois liberavam os usuários nos dias de nossos encontros). Num desses encontros, emergiu uma questão relacionada ao descaso da gestão municipal com as demandas do CAPS. Dentre elas, estava a inutilização de um banheiro por estar com o encanamento comprometido, sem porta etc. Isso já durava mais de dois anos, e o cheiro que exalava era insuportável.

Nessa época, os profissionais e usuários começaram a se preparar para o carnaval, pois o CAPS fazia a abertura do carnaval da cidade, momento que aproveitavam para fazer também suas reivindicações. Nesses preparativos e já prestes a sair para a rua, iniciar o desfile, um usuário arrancou o assento do vaso desse banheiro e o colocou como colar em seu pescoço. Até então, ninguém achou estranho, era como mais uma fantasia. Só que, no auge do desfile, quando esse usuário se aproxima do prefeito da cidade, ele tira este assento de seu pescoço e o coloca no pescoço do prefeito. Muitas fotos foram tiradas com o prefeito com este “colar”, e ocuparam as redes sociais. A história do descaso com o banheiro do CAPS veio à tona. Não demorou uma semana, e o banheiro estava consertado! O usuário tornou-se porta-voz, “emprestou seu corpo” para explicitar um conflito da equipe, o que potencializou sua capacidade de agir.

## 5.5 A DIMENSÃO ÉTICO-POLÍTICO-ESTÉTICA DO ESQUIZODRAMA NO CAPS MARIA BONECA

Aqui também procuro destacar a dimensão ético-político-estética do esquizodrama e suas reverberações, a partir de sua prática realizada em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), da Política

Nacional de Saúde Mental. Trata-se do CAPS Maria Boneca, um dos serviços realizados pela Fundação Gregorio F. Baremlitt, em Uberaba, com cerca de 400 usuários.

Uma vez por semana é realizado no CAPS um esquizodrama coletivo, no qual participam cerca de 20 a 30 pessoas, entre usuários e técnicos; sempre coordenados por dois ou três esquizodramatistas.

Um deles, relatado por uma das esquizodramatistas que o realizaram,<sup>13</sup> e de cujo relato apresento aqui alguns pinçamentos, foi “iniciado” na época que ocorreu o crime ambiental do rompimento da barragem da Samarco Mineração S.A. (2015), no município de Mariana. A lama de rejeitos dessa barragem destruiu completamente o distrito de Bento Rodrigues, contaminou rios e várias cidades, causando morte, desabrigados e um impacto ambiental enorme. Todo o país estava sensibilizado por crime tão atroz.

Digo “iniciado” porque pode-se considerá-lo propiciando reverberações, inclusive, na potencialização de outras clínicas; ou pode-se considerá-lo como um exemplo de quando os limites da constituição de uma clínica se tornam tênues e esta se transforma num modo de existir.

Em meio às dramatizações dessa clínica, houve um momento em que estavam sendo trabalhados os efeitos subjetivos causados nos usuários pelos emergentes desse crime ambiental, todos muito sensibilizados. Foi quando uma usuária interrompeu a conversa, indo ao encontro de um pássaro caído no chão, na área da Fundação, machucado, quase morrendo. Ela pegou o pássaro para cuidar e, com a ajuda de todos, foi enfaixar o pássaro, que não andava, foi pegar água, tentar ver se ele picava algum alimento. O esquizodrama se tornou o cuidado do pássaro. Infelizmente, o pássaro não resistiu e morreu, apesar de toda tentativa de reanimá-lo.

Eu sei que depois deste esquizodrama, começaram a surgir na Fundação várias oficinas de confecção de tsurus – aqueles pássaros de dobradura japonesa, origami, que simbolizam a paz, a esperança. A gente começou a fazer milhares, pequeninos e grandes. Essa prática durou muito tempo, anos, os pássaros começaram a ocupar espaços e estar nas práticas da Fundação. Foram parar na árvore de Natal – eu mesma ganhei uma árvore de Natal inteirinha de Tsurus. Até hoje, se você sacudir um material da Fundação você vai encontrar um tsuru desses. Na verdade, os usuários ficaram muito comovidos com as mortes, o estrago dos rios e com o que tinha acontecido no meio ambiente, e tentaram responder a isso de alguma forma. (relato de Maria de Fátima de Oliveira, 2022)

---

<sup>13</sup> As psicólogas foram: Maria de Fátima Oliveira, Camila Bahia e Raquel Bessa.

Os tsurus e a questão ambiental continuaram reverberando. No Carnaval (a Fundação tem um bloco que sempre abre o Carnaval da cidade), e depois no dia da Luta Antimanicomial, os usuários quiseram levar para a rua essas temáticas.

No Carnaval, também fizeram um rio cheio de barro. Inicialmente, queriam propor um esquizodrama em que usariam seus corpos para fazer o contorno daqueles corpos que morreram no barro. Mas nas conversas organizativas, viram que podia ficar muito pesado e fizeram somente o rio de lama. O tema voltou no dia da Luta Antimanicomial, quando quiseram levar para a manifestação “rios” com imensas faixas cheias de pássaros e peixes.

Os tsurus ocuparam as ruas e praças e começaram a virar recados do CAPS para a cidade.

Os usuários faziam bilhetinhos sobre o CAPS, sobre a loucura, sobre a ecologia, uma verdadeira referência às quatro ecologias, e pregavam nos Tsurus; e deixavam de presente nas ruas, nas praças, entregavam aos transeuntes, pregavam nas árvores. Ficou anos essa história do Tsuru e segue até hoje. (relato de Maria de Fátima de Oliveira, 2022)

Essa intervenção clínica trouxe à tona o interesse dos usuários com relação às notícias do que acontecia ao seu redor.

Olha como essas coisas se transversalizam; não ficam só no dispositivo esquizodrama, mas no esquizodrama que esquizodramatiza a vida. É uma proliferação o tempo inteiro, e dobra e dobra – é um modo de vida, que a gente não pode achar que é uma técnica clínica. Então, uma das dobras, que aconteceu na oficina de arte, foi ir para a rua e buscar notícias do dia a dia da vida deles; um monte de notícias. Foram muitas oficinas. (relato de Maria de Fátima de Oliveira, 2022)

Dentre essas notícias, e que mobilizaram bastante a todos, estão o crime ambiental em Brumadinho (2019), a pandemia da Covid 19 (2019) e o Revogação do Bolsonaro (2020). Devido às restrições da pandemia, o CAPS teve que fazer as adequações exigidas (máscara, higienização e distanciamento), mas não pôde parar, inclusive, não deixou de realizar as manifestações do Dia da Luta Antimanicomial, onde tudo isso desaguou (2020).

Através da oficina de notícias, os usuários iam acompanhando tudo o que acontecia.

... teve uma outra questão que nasceu do esquizodrama, que foram as Gotas de Esperança. Não sei se você acompanhou isso, mas em Minas, em muitas localidades, o pessoal começou a bordar Gotas de Esperança, para enviar para Brumadinho, para montar algo como uma árvore ou coisa assim. Porque tinha o fato de que achavam uma parte de alguém a cada dia, e então começou um movimento de fazer esse trabalho. Aqui tinha um grupo de bordado, e alguns usuários começaram a fazer esse bordado. O tema esperança passou a ser muito presente: eram muitas mortes, e perante a morte era importante ter

esperança, como fazer essa mensagem chegar até lá como um conforto, a gente também precisa de Gotas de Esperança. Tudo isso trouxe as histórias de luto que alguns tinham vivido, e que aqui também é uma região de mineração... Foi quando propuseram que a gente confeccionasse Gotas de Esperança com mensagens de esperança. Foram confeccionadas Gotas de todo tamanho, de tecido, de papel, papelão, com desenhos, escritos, cores. Propuseram que as levássemos para o dia da Luta Antimanicomial, no dia 18 de maio. Teve também a confecção das bandeiras para os bombeiros e o CRP. Tudo isso depois foi para a manifestação contra o revogação. (relato de Maria de Fátima de Oliveira, 2022)

Os usuários tinham ficado bastante comovidos quando souberam que os bombeiros e psicólogos estavam trabalhando muito no apoio a Brumadinho, e quiseram fazer uma homenagem a eles. Confeccionaram duas bandeiras e os presentearam – aos bombeiros e ao Conselho Regional de Psicologia (CRP), através de sua Comissão de orientação de psicologia em situações de emergência e desastres, que ofereceu supervisão e fez o chamamento de psicólogos voluntários para atender o público de Brumadinho que sofreu com essa tragédia. Essa homenagem foi feita no dia da Luta Antimanicomial (ver fotos no anexo IV).

O revogação foi quando o presidente Bolsonaro quis revogar as 99 portarias da política de Saúde Mental, todas de uma vez. Foi uma mobilização em todo o Brasil, e o CAPS, novamente, ocupou as ruas. Fizeram uma faixa de 10 metros por 5 metros com mensagens de crítica ao revogação e em defesa do Sistema Único de Saúde (SUS), então sucateado pelo governo. Fizeram buracos nesse tecido/roupa e, mantendo o distanciamento e usando máscaras, entravam nesses buracos – cerca de 12 pessoas. As gotas de Esperança também estavam presentes. Dentre as mensagens de luta, estavam: “cuidar é liberdade”, “no osso das falas dos loucos, há lírios”, de Manoel de Barros.

Como se pôde perceber, a Fundação é um “caldeirão” fervilhante de invenções clínicas, que passam a fazer parte de seu cotidiano como um modo de vida. Conseguem atualizar, nesse cotidiano, as dimensões ético-política-estéticas do esquizodrama. É referência hoje em seu esquizodrama na Política de Saúde Mental, sendo local de estágio e imersões de profissionais de diversas regiões do país e da América Latina: “Aqui, o esquizodrama prolifera como se fosse uma caixinha que você abre e aí tem outra caixinha, e outra caixinha, e outra caixinha... sem fim” (relato de Maria de Fátima de Oliveira, 2022).

## 5.6 O ESQUIZODRAMA NA CRISE E NA VOZ DOS USUÁRIOS DO CAPS MARIA BONECA

Trago aqui duas experiências esquizodramáticas de uma das psicólogas da equipe do CAPS Maria Boneca – Camila Bahia. Uma diz respeito ao uso e efeitos de uma demanda que ela tinha e que compartilhou com os usuários, e a outra diz respeito a uma das modalidades de atendimento de crise no CAPS.

Convidada a participar de uma mesa para falar sobre o esquizodrama na Saúde Mental, ela teve a ideia de convidar os usuários para dizer sobre a vivência deles com o esquizodrama (muitos participavam de esquizodramas há anos, inclusive, em nossos congressos).

Em uma oficina de pintura, antes de iniciar as atividades, contou para eles sua demanda, e eles concordaram em participar. Em seguida, fez um prévio aquecimento corporal.

... a gente está aqui para conversar sobre a vivência de vocês com o esquizodrama. Eu quero entender como é isso para vocês? Como foi participar? Cada um foi falando, e estas falas viraram para mim aforismos, porque eu acho que eles simplificam e concretizam muito aquilo que a gente vive e experiência dentro do esquizodrama. (relato de Camila Bahia, 2022)

A seguir, as falas dos usuários que participaram desse encontro:

- O corpo não é um lugar de guardar lixo
- O esquizodrama liberta as toxinas também
- Traz aquele grito que não sai, desabafa e é liberdade
- É outra forma de alucinar
- É onde a loucura pode e ninguém julga
- O esquizodrama move as energias que impedem a vida de acontecer
- Que Lindo, todo crucial... é uma clínica de arte
- É uma entrevista com aquilo que você é e o que você poderá ser, te mostra outro jeito de ser e viver.
- É liberdade
- São palavras soltas ao vento
- É pensamento livre
- Desenhar, pintar pode ser um esquizodrama que você constrói, destrói e que se reconstrói na mesma imagem, faz esboços, experimenta e sempre pode mudar



– Para mim a arte é um esquizodrama, ela é a minha liberdade.

Nesse encontro um usuário compôs uma música e a cantou.

A outra experiência diz respeito a um esquizodrama feito numa oficina de pintura. Era um momento em que muitos usuários estavam entrando em crise, o que incomodava aqueles que estavam estáveis, mesmo se propondo a acolhê-los.

Quase todos da oficina estavam em crise, extremamente caóticos. E eles queriam entender por que eles não voltavam ao normal; e tudo o que a gente conversava não levava a lugar algum. Aí eu propus a gente fazer algo novo, que eles construíssem e depois reconstruíssem. Como assim? Como um mosaico, você junta partes diferentes de diferentes lugares, para formar uma outra coisa... Só que nada volta mais para o mesmo lugar que antes, como as crises. As crises funcionam assim, a crise psicótica funciona desse jeito. E foi isso que comecei a conversar com eles e fomos fazer o esquizodrama. (relato de Camila Bahia, 2022)

A clínica se iniciou com um aquecimento corporal. Em seguida, foi pedido a um dos participantes, que desenhava muito bem, para desenhar somente o contorno de um quadro escolhido por todos, que fosse bem conhecido. Escolheram o quadro *Noite estrelada*, de Van Gogh. “Na verdade, partimos de uma técnica de pintura, que “roubei” para essa clínica” (Relato de Camila Bahia, 2022). A proposta era pegar o desenho em branco, só com contornos, dividi-lo em pequenos pedaços quadriculados (por serem mais fáceis de montar). Em seguida, pintariam os quadrados como desejassem e depois fariam a montagem respeitando o traçado inicial, quando, então, surge algo completamente inusitado – um novo quadro. Essa clínica foi batizada de “clínica da desconstrução e reconstrução”: “uma clínica de desterritorializar e reterritorializar” (relato de Camila Bahia, 2022).

O efeito para amenizar o momento de crise foi tão forte que, hoje, nos momentos de crise, os próprios usuários dizem estar na hora de “fazer a desconstrução”.

Tais efeitos reverberaram também no processo de subjetivação da própria coordenadora do esquizodrama:

A partir desta oficina fui criando algumas implicações com questões clínico-teóricas, trabalhando o tema do esquizodrama com psicóticos, construção de múltiplas singularidades e novos territórios de vida, através da potência criativa de diversas subjetivações. (relato de Camila Bahia, 2022)

A partir destas duas oficinas, segundo seu relato, iniciou uma maior preocupação com os registros do que ocorria em sua prática do esquizodrama no CAPS.

Pode-se considerar este relato, como um emergente do que aponto nesta tese: infelizmente, a maioria de nós, esquizodramatistas, inclusive seu criador, incorremos no mesmo erro, que foi não registrar quase nenhuma das experiências com o esquizodrama por mais de quatro décadas. Daí a dificuldade, inclusive, de explicitar as datas dos eventos atualizados nas memórias/relatos. O que nos colocou mais atentos e buscando alterar essa realidade nos últimos anos.

## 5.7 O CUIDADO INDIVIDUAL NO ESQUIZODRAMA GRUPAL NO CAPS MARIA BONECA

Este pinçamento foi feito no relato de uma das psicólogas do CAPS Maria Boneca, Maria de Fátima de Oliveira, sobre um esquizodrama realizado por três outras psicólogas que não se encontram mais na Fundação.

... um usuário do CAPS tinha um delírio e uma alucinação que se repetia: que era o baço que lhe fazia o comando no corpo. Evidentemente, numa formação paranoica de que o baço fazia ordenamentos que o constrangiam e que ele não concordava, ele vivia dividido entre essa voz do baço que ordenava, e tentar tocar a vida. Isso o perturbava profundamente, e ele fazia essa queixa durante uns meses. (relato de Maria de Fátima de Oliveira, 2022)

Numa oficina, em que foi usado o esquizodrama, as terapeutas prepararam com antecedência e levaram para o grupo a proposta: “vamos encontrar um modo desse baço falar?” A partir daí, os participantes adequaram umas caixas de papelão e microfones e criaram um ambiente como se fosse um estúdio de TV.

Estando o ambiente de estúdio pronto, começaram a cantar, dançar, a intensificar a respiração. Foi dito que quem precisasse falar, poderia usar o microfone. Nesse momento, propuseram a esse rapaz que fizesse a experiência de dramatizar o baço falando numa TV. Ele aceitou e começou a falar.

... ele começou a falar de algo que quase não falava, começou a falar dos ordenamentos que o ordenavam fazer coisas que ele imputava como ridículas, tipo mexer com uma pessoa na rua, falar com estranho, paquerar de um jeito que ele não gostava, pois ele gostava de ser discreto, às vezes ordenava bater em alguém, jogar coisas no vizinho, do outro lado do muro... Só atitudes que ele considerava inadequadas e que ele lutava contra, e raramente cedia, mas que isso consumia toda sua energia. À medida que ele falava, foi sendo tomado por uma expressão corporal, quando sugeriram que o baço tomasse o tamanho do corpo, um órgão falando de fato por todo o corpo, intensificando essa fala, falando em vários tons. Isso criou um movimento que todos se envolveram e gerou no grupo vários jogos, em que os participantes começaram a expressar coisas que não curtiam muito, as fantasias, foi para o mundo dos sonhos... E conseguiram fazer uma finalização lúdica. O baço pôde falar também de coisas agradáveis e de fantasias e sonhos. (relato de Maria de Fátima, 2022)

Esse esquizodrama durou cerca de três horas. E foi relatado que nas semanas seguintes, nos meses seguintes, nunca mais ouviram esse baço se queixar.

Nesse relato fica claro que, mesmo quando se trabalha algum emergente individual, o foco do esquizodrama não é o indivíduo, mas os agenciamentos maquínicos de corpos e agenciamentos coletivos de enunciação. Ou seja, o indivíduo é apenas uma de muitas confluências de funcionamentos e efeitos dos diferentes modos de composições/conexões entre realidade/realteridade, instituído/instituente, códigos/descodificações etc. E que, ao se abordar essas confluências, está-se tratando toda essa maquinaria da qual o indivíduo é apenas uma extensão, e a qual o faz agir reproduzindo, produzindo, ou antiproduzindo vida. Isso vai reverberar, então, tanto na dimensão individual, grupal, como na atmosfera local, não se sabendo até onde pode ir seu alcance.

Há muito mais a dizer sobre as experiências e reflexões aqui apresentadas. Acredito que um pouco disso se fez presente na transversalidade dos capítulos/platôs em seu percurso rizomático, o que propiciou que mutuamente se reverberassem e afetassem.

Agrego a este capítulo o anexo IV, com fotos de algumas das experiências do CAPS Maria Boneca citadas acima.

## **6 TRANCLUSÕES – O DEVIR DE UMA VIDA ESQUIZODRAMÁTICA**

“Este é um tratado para levar uma vida não-fascista ... é uma proposta ambiciosa, porque, não é para fazer esquizodrama, é para levar uma vida esquizodramática. A aspiração é que aconteça o tempo todo”. (Gregorio Barenblitt, em fala de 2020)

Nestecapítulo proponho atualizar fragmentos do que pode um modo de vida esquizodramático, “proposta ambiciosa” do esquizodrama.

Materializo o pensamentear, esquizodrama que vai dizer da fluidez do pensamento-escrita como performance, dramatização, estilo: “o estilo de um indivíduo se mostra por sua capacidade de incorporar aquilo que lhe acontece – afirmando sua vida, cada um de seus atos, as circunstâncias e os acasos que a constituem (Rocha, 2007, p. 298).

Dramatizar a escrita é transformá-la em atos de sentido, é dar-lhe movimento-rodopio (para sair do controle racional) que devém uma escrita que corpeia.

Escrita corporeada é aquela que se guia pela potência das intensidades do que podem os encontros dos incorporais e corporais, é a linguagem das afecções e, por isso, seu campo é o estético.

Faço também um apanhado das conexões entre as questões disparadoras da pesquisa e o desdobramento da mesma. Ao ler novamente os capítulos, percebo que tais questões foram contempladas e desenvolvidas, e repetidas como diferença, em cada um deles, como efeito transversal e rizomático de suas conexões. Nesse sentido, tais capítulos se tornaram platôs, ou zonas de intensidade, capazes de se afetarem mutuamente.

Trato aqui, então, dessas afetações e daquilo que transbordou... Que escapou e aqui se atualiza... Como inacabados, rascunhos, que fazem nascer novas questões, novos pensanteares, novos modos de sentir, perceber e expressar-se... De viver... *Intermezzo*... Nunca o fim...

## 6.1 SIM, EU ACREDITO EM BOTOS ROSA! HÁ QUE SE TER UMA UTOPIA – ATIVA!

Em toda nossa viagem para a Amazônia, vinha brincando com minha sobrinha de oito aninhos que dizia que íamos conhecer o boto rosa. Incrédula, comecei a dizer que não existia boto rosa, que eles eram cinza. Ela teimava indignada, e eu teimava do outro lado, de forma lúdica e engraçada.

Nossos quartos ficavam nas copas de imensas árvores e uma ponte suspensa fazia nosso caminho até a área social do hotel. À frente, um mar de rio e de floresta – meu primeiro encontro com a floresta amazônica! Embaixo, uma piscina cuja linha do horizonte se confundia com a do rio, como se fossem uma coisa só.

Estávamos todos na piscina, num ambiente de sol, brincadeiras, crianças. Ora mergulhando, ora com o olhar se perdendo nas profundezas daquelas matas, como que atraída por elas.

De repente, uma gritaria só. Elementos que pareciam sair de um conto de fadas rodopiavam pulando fora d'água e mergulhando. Olha o boto rosa! Olha o boto rosa!

Como descrever o encontro de nossos olhares, como me convidando a montar-lhe em cima e ir conhecer as profundezas do rio e da imensa floresta?

Um, dois, três botos... Batíamos palmas e eles nos respondiam com mais malabarismos, como se brincassem com a gente. Misto de fantasia e realidade... Realidade que se atualizava, furando a realidade dura de meus botos cinza.

Um sussurro chega pertinho de meu ouvido: viu, tia, não disse que boto rosa existe!

Lágrimas saíram de meus olhos! Essas doces palavrinhas reverberavam em meu corpo: Não disse, tia, que boto rosa existe!

Mas eles foram embora, nas profundezas daquelas águas escuras. Como se viessem apenas atualizar uma utopia. Pois não seria como “turista” que nos (re)conheceríamos. Olhando para aquelas águas e aquela misteriosa floresta ao fundo, um silêncio profundo tomou conta de mim: eles apenas vieram anunciar que haveria que lutar muito para que eles, o rio e a floresta continuassem a existir! Num relance de segundos tive uma miragem: imagens de embates, sangue, mortes, desmatamentos, massacres... Eles estavam em perigo! Como todo o seu arredor.

Sim, eu acredito em botos rosa! Há que devir criança para acreditar que eles existem! Pensar o impensável ou unimaginável! Perceber que a vida vai além do nosso quadrado... Furar o muro da repetição do mesmo. Há que devir luta para que continuem a existir! Há que devir poros e transitar/transversalizar  $n$  mundos para potencializar essa luta!

Sim, eu acredito que podemos inventar outros mundos! Novos modos de vida, novas conexões, “multiespécies”, transculturais, igualitárias, inclusivas, diversas, feministas, ecológicas, com novos valores e uma nova ética. Uma ética do bem viver, do “comum”, da vida digna para todos.

Há que se devir floresta, devir minorias, outros povos, outras espécies... não humanos, orgânicos e inorgânicos... Há que “outrar-se”. Há que desvestir-se, travestir-se, transvestir-se! Humildemente, aprender tudo de novo!

Não mais identidades, eus, subjetividades, natureza e cultura, mas multiplicidades,  $n$  dimensões... Pós-ciência, pós-materialismo, pós-espiritualismo... Há que se inventar outros sentidos, que escapam do conhecido, do nomeado... Ir muito além

do “horizonte do possível”. Física quântica, neurociência, microbiologia, biologia molecular, superfícies, platôs, nanotecnologias, novos paradigmas... A produção é infinita e sempre seremos surpreendidos... Qual o mar de Solaris... Há que poder dizer que não sabemos! E como e com que/quem produzimos saberes! Saberes, “trans-saberes”, sabedorias, práticas! Da mata, da roça, dos ribeirinhos, das favelas, dos morros, do interior, dos ancestrais, dos velhos, dos jovens, das crianças, das mulheres, do povo preto, indígenas, mestiços, das lutas de todos os povos, da arte, da artesanaria, da música, das letras... Das ervas – ayuaska, cogumelos, cannabis, Jurema, rapés... e tantas outras – sabedorias vindas da Floresta para nos tirar do eixo “demasiado humano”! Há que caber tudo e todos que desejam potencializar, intensificar a vida!

Há que transmutar os corpos, em movimentos impensáveis até então, gestualidades infinitas, desrostificações!

Há que dadaisar-se, jorgear-se, surrealizar-se, artaudear-se, nietzschear-se, espinosear-se, felixiar-se, deleusiar-se, bergsoniar-se, baremblitiar-se, djamiliar-se, mulherar-se! “Psicotropicalismo”! Poéticas singulares que se proliferam... Há que poetizar a vida! “Nenhum passo atrás”!

Dance! Dance! Dance! Faça amor com a vida! Com o mar, com o sol, com as flores, a areia das praias, as cachoeiras, as pedras, montanhas e rochas, com as árvores, ramos e gramíneas, com o céu, as nuvens e as chuvas! Atualize nossa utopia, presentifique o futuro que queremos!

Linhas de frente! Linhas de trás, das laterais! Abaixo, acima, em diagonais! Há que rizomar-se! Linhas, sempre linhas... “Nunca um ponto”! Pontos flexíveis que desaparecem!

Mais que passado-presente-futuro, um outro tempo! Tempo das intensidades, das afecções! Há que meditar, respirar, acariciar, carinhar!

As partículas fazem amor numa dança caosmótica que faz nascer novos mundos! Clinamen! O amor ainda existe! Esquizodrame! Esquizodrame suas afetações – invente! Faça amor com a vida e produza novos modos de existir... e lutar!

## 6.2 UM NOVO AMANHECER! MICRO-POLÍTICAS COTIDIANAS!

Em última instância, nosso propósito é tentar liberar em vocês essa capacidade de criar seu próprio esquizodrama. Tudo o que a gente faz, pensa, sente, tem uma dimensão ética, estética, política e ecológica. (Gregorio Baremlitt, em fala de 2019)

Ouçõ a “manhã passarinheira”<sup>(\*)</sup> me chamar... E lá vou eu!

Minha casa de agora se confunde com a da minha infância... Uuuu... Uuuu... Uuuu... Nunca soube que pássaro faz este som, que se mistura com o do bem-te-vi, bem-te-vi...

Mais ao fundo, ruídos de motores de caminhão, motocicletas e carros. Por todos os lados, cães latem, como que conversando... Que dirão?

Meu pé de jambo... Qual criança não teve sua árvore? E estive em suas alturas? Via toda a vida passando ali embaixo e eu nas nuvens... Sentar debaixo das copas das jaboticabeiras, ou em seus galhos mais baixos, fazer contorções com meu corpo, em malabarismos circenses que aprendi a levar para a lida da vida! Bem como escorregar nas bananeiras caídas, equilibrar-se no tronco do que foi um dia um pé de jatobá...

Hoje, meu quintal tornou-se pequeno, mas imenso e raro no entorno urbano. Uma jaboticabeira pequena, uma ameixeira, e uma enorme pata-de-elefante... Hibiscos e outras folhagens desconhecidas ainda. E suficiente para trazer de volta minha infância.

Respiro natureza, respiro infância e começo o dia. Às vezes, preciso coragem para colocar os pés na terra. As mãos são atraídas a tocar as árvores, e um abraço amoroso acontece. Irmãs queridas, bom dia! Suas folhas acariciam meu rosto, meu corpo... Fizemos amor e nos amamos mais a cada dia... À medida que vamos nos conhecendo... nos cuidando...

Muitos participam desta orgia matutina – o ar, a brisa, o sol há tanto tempo escondido, o azul e o céu, as nuvens e a alegria travessa e saltitante de meus cãezinhos Lhasa.

Não poderia esquecer que, antes de tudo isso, água! Água no copo, água da pia, água que preenche dentro e fora... Lavam minhas mãos, meu corpo... Lavam minha alma, que se aquieta e silencia reverenciando a abundância da vida quando vivida. E o dia só começa!

---

<sup>(\*)</sup> Atualizo saudosamente este termo sempre usado pelo nosso querido companheiro Jorge Bichuetti (1960-2022).

Não poderia esquecer que foi num esquizodrama, no curso de imersão, com a indígena mezinheira Koram Xucuru-kariri, que comecei a (re)colocar a natureza como parceira de meu bem viver... Como vivi tanto tempo sem essa proximidade que me transforma? E que tanto fez parte de minha infância? Processos de mutação em curso – no “curso”!

Parece tão simples e singela a vida! Sobreviverá? À civilização e a esta humanidade que a sustenta? Que entuba os rios – ou os envenena (assim como os alimentos), asfixia a terra com aquela massa cinzenta do asfalto, intoxica o ar – o ar puro custa caro e está confinado em distantes condomínios, para poucos “cidadãos”. Que transforma tudo em mercadorias, em “coisas” a serem consumidas por poucos. Que produz cidadãos capazes de conviver com os quase ou não cidadãos desnutridos, famintos, doentes, sem-casa, sem-terra, sem água, sem saneamento, sem trabalho, sem direitos, sem nada ou quase nada, obrigados a se contentar com migalhas. Não é assustador?

Exageros? É isso que se diz “antes”, quando ainda seria tempo de saber que uma unha ou um fio de cabelo tocados, um ultraje, já podem constituir o início do pior. E que os crimes *contra* a humanidade são sempre crimes *da* humanidade. Por *ela* perpetrados... Mas quem dentre nós grita ao saber que na Índia, por exemplo, há pobres que vendem seus órgãos (rins, córnea etc) a fim de subsistir durante algum tempo? Isso é sabido. E há clientes. Isso é sabido. Isso acontece hoje. Esse comércio existe, enquanto das regiões mais ricas, mais civilizadas, há os que vêm fazer suas compras a preços bem baixos... Quem protesta contra o turismo sexual? Os únicos a reagir são os consumidores: eles se precipitam. Isso é sabido. E seria preciso atacar não tanto os epifenômenos que são a venda de órgãos humanos ou o turismo sexual, mas o fenômeno que lhes dá origem: a pobreza que, como se sabe, e vale repetir, leva alguns pobres a se mutilar em benefício de ricos, com o único fim de sobreviver mais um pouco. Isso é aceito. (Forrester, 1997, pp. 142-143)

Exageros? Basta ter olhos que queiram ver. Acabamos de passar por um dos momentos mais terríveis da história de nosso país – quatro anos do governo do presidente Jair Messias Bolsonaro (2018-2022), que realizou um desmonte de todo o caminho que os movimentos libertários e democráticos de esquerda vieram conquistando na política, na cultura e nas ciências no Brasil, nos últimos 30 anos. Uma verdadeira ameaça aos valores democráticos e aos direitos humanos e da natureza, à sobrevivência das minorias. Vimos o quanto nossa democracia é frágil... Mas também, como ela pode ser forte e resistir: conseguimos o quase impossível ou impensável, que foi reeleger o presidente de esquerda Luiz Inácio Lula da Silva (2023-2027)!

Avançamos muito, retrocedemos muito... Infelizmente, o máximo que conseguimos foi a democracia representativa – que passou a ser crucial de ser garantida,



devido à sua fragilidade nos tempos atuais. O que nos convocou à eterna vigilância de sua conquista, para que não morra, que seja daí pra frente, sem retrocessos.

Democracias podem morrer não nas mãos de generais, mas de líderes eleitos – presidentes e primeiros-ministros que subvertem o próprio processo que os levou ao poder.

... O retrocesso democrático hoje começa nas urnas. Autocratas eleitos mantêm um verniz de democracia enquanto corroem a sua essência. Muitos esforços do governo para subverter a democracia são “legais”, no sentido de que são aprovados pelo Legislativo ou aceitos pelos tribunais.

... Muitos continuam a acreditar que estão vivendo numa democracia. (Levitsky & Ziblatt, 2018, pp. 15-17)

Mas sabemos que não é essa democracia que almejamos. Ela não impediu (ou contribuiu) que chegássemos ao mundo que temos hoje. Como classificar esses tempos tenebrosos que vivemos? Ecocídio, etnocídio, genocídio, racismos, machismo, LGBTQIA+fobia, extermínio, misoginia, preconceitos, diásporas, segregacionismos, necropolítica, colonialismo, *fake news*, guerras... Domínio do “pensamento único” ... Concentração de renda... Vivemos sob o “dogma do lucro” (Forrester, 1997, p. 141) a qualquer custo. Tantos nomes não dão conta de abarcar tamanha violência, exclusão e injustiça. Mesmo com essa democracia...

É possível adiar o fim do mundo (Krenak, 2020b)? Ou, como acabar com este mundo e atualizar um outro mundo, em que tudo isso não possa existir? Que consiga parar com esse processo de destruição?

Cabe então a essas formas de vida, aquelas que são inseparadas da Terra-Gaia que é origem e condição de todos os mundos possíveis, formas portanto fundadas em outras ideias de “humanidade”, mostrar como é ... *possível* adiar um fim que a forma de vida dominante se empenha em apressar, ao acreditar que pode forçar a Terra a coincidir com o mundo da sua “humanidade”. Adiar o fim do mundo é necessário porque, como sabemos, um outro fim de mundo é possível... O fim, por exemplo, daquele *outro mundo* suscitado pela negação deste mundo – o mundo melhor que imaginamos estar construindo sobre as ruínas deste mundo... Assim, aqueles povos que fomos ensinados a ver como sobrevivências de nosso passado humano – povos forçados a “Subviver” no presente em meio às ruínas de seus mundos originários – se mostram inesperadamente como imagens de nosso próprio futuro. (Krenak, 2020b, pp. 79-81)

A revolução pode vir das minorias, dos micros e moleculares fluxos que se atualizam como resistência? Muitos desses caminhos já foram trilhados e deixaram pistas. Há que ouvir/conhecer as histórias, especialmente aquelas que foram silenciadas, abafadas por uma história maior – do colonizador, dos que dominam e ditam a verdade. Decolonizar-se – o futuro ancestral (Krenak, 2022)?

É sábio não subestimar aquilo que julgamos ser pequeno. Assombrados pela grandeza, desencantados pelos efeitos dessa obsessão, não aprendemos os segredos que encarnam no miúdo. Assim, para contrariar essa lógica, há que se apequenar, desviando da arrogância das formas que se julgam imensas. Apequenar-se, nos saberes da capoeiragem, tem efeito de mandinga; na brincadeira do jogo de corpo, é no miúdo que se praticam as

saídas inventivas... Nos terreiros, o que chamam de ancestralidade é o fiar cotidiano da partilha, do passar adiante, da amarração do elo entre aquele que já fez o caminho e o outro que ainda irá caminhar. Ancestralidade é o alargamento do presente, o não esquecimento e a vida pulsando. Nesse sentido, o novo e o velho se fundem em uma outra forma de sentir. (Rufino, 2020, pp. 180-181)

Atualizar as lutas ancestrais nos modos de lutas do presente, em nosso devir guerreiras e guerreiros, visibilizando nossas historicidades menores. É preciso revisitar e transmutar as contribuições conceituais e histórico-sociais que inspiram e contribuem com as transformações/metamorfozes necessárias para avançar em nossa utopia ativa (Baremlitt, 2011): uma sociedade mais horizontal com relação ao poder, não coercitiva, sem Estado, num processo de atualização do bem comum e “de um tal gosto pela liberdade” (Paulo Freire, 2022) e pela criatividade. Novos modos de organizar-se, de cooperar, de solidarizar-se, de viver coletivamente – velho lema anarquista!

E é nessa rede-rizoma libertária de pensar e agir, que busca atualizar um outro mundo, que podemos situar o funcionamento combativo do esquizodrama:

A raspagem, a desestruturação, a neutralização dos equipamentos *cósmicos* de poder, assim como a catalização da atualização-eclosão de funcionamentos e instâncias *caosmóticos*. Tais objetivos podem parecer demasiado ambiciosos ou incompatíveis com abordagens *clínicas*, mas deve-se sempre ter em conta que os resultados serão sempre “parciais” e que o trabalho *clínico* continua fora do evento, tanto nos participantes, como noutros próximos, por contágio. (Baremlitt, 2022, p. 10)

Seu bom combate se dá ao estar presente na diversidade das lutas minoritárias, aprendendo e contribuindo com seu saber e fazer realteritários, que atualizam fluxos e conexões que transformam e metamorfoseiam a realidade. Transformar redes em rizomas:

O termo rizoma está tomado da denominação de um vegetal do tipo tubérculo que não tem tronco central, nem margens externas definidas, cujas células não têm membranas, que cresce sem cessar (não por dicotomia de folhagens nem raízes) e que é impossível determinar e situar o lugar das causas e dos efeitos dos processos de seu crescimento. As autênticas redes sociais serão, então, para a esquizoanálise e o esquizodrama, no meu entender, aquelas que se configuram como rizomas, com domínio relativo do molecular, dos processos produtivo-desejantes esquizoantes, da emergência contínua do novo absoluto e da reinvenção permanente das entidades molares que as efetivam como dispositivos institucionais, organizacionais, estabelecimentos, subjetivações, comunicações, equipamentos e práticas. (Amorim, 2001)

Fazer *clínicas* do micro e do molecular, que intensificam saberes e práticas menores, desconstruindo-os e intensificando seus desvios revolucionários – revolução do “menor”, do miúdo. “Novas práticas micropolíticas e microssociais, novas solidariedades” (Guattari, 1990, p. 35), potencializando o devir revolucionário das minorias e a atualização dos mundos que sonhamos.

### 6.3 DEVIR CUNHATÃS E CURUMINS, DEVIR GUERREIRAS E GUERREIROS...

Eu vi  
 Cunhatãs e Curumins  
 Ajudando os xamãs a segurar o céu!  
 Pensaram que os tinham matado,  
 aquela gente que mata os rios e as florestas.  
 Mas eles só foram mais pro alto,  
 para que o céu não caísse.  
 Foi assim que todo o Brasil pôde ver  
 O que estavam fazendo com seu povo,  
 suas águas e suas florestas.  
 Mas dá trabalho segurar o céu.  
 E eles querem ir brincar, saltar entre as árvores e mergulhar no rio.  
 E me perguntam:  
 - Quando vocês vão ajudar a segurar o céu?  
 E respondo:  
 - Somente quando seu povo for também nosso povo!  
 Enquanto isso, só nos resta devir guerreiras e guerreiros...  
 E lutar...

É chegado o momento de um balanço sobre as peripécias e vicissitudes deste pesquisar, que teve como início questões disparadoras, motivadoras do caminho trilhado. E que se tornaram algumas das várias dimensões que se atualizaram e se transversalizaram na escrita desta tese.

Faço agora uma (re)visita em cada um dos platôs/capítulos numa proposta de conversar com cada um deles. Numa leitura rizomática, poderia escolher qualquer entrada, sem necessidade alguma de seguir a ordem final de apresentação. Mas prefiro segui-la, como que (re)fazendo um novo percurso – já que a escrita não foi nessa sequência, mas sim, por fragmentos, no tempo da inspiração e da memória; alguns capítulos eram escritos ao mesmo tempo.

Eis uma primeira linha de meu pensamentear – as memórias. Tanto as minhas, como as apresentadas pelos colaboradores do IGB, vinham à tona como o passado que se presentificava (Deleuze, 2008). Conseguia, então, ser afetada por elas, e isso incidia na escrita, tornando-a uma escrita mais viva.

O esquizodrama vai tratar a memória tal qual Bergson a conceitua. Nas palavras de Deleuze:

Anotemos que a memória é sempre apresentada por Bergson de duas maneiras: memória-lembrança e memória-contração, sendo a segunda essencial... Bergson nos mostra que a lembrança não é a representação de alguma coisa que foi; o passado é isso em que nós nos colocamos *de súbito* para nos lembrar. O passado não tem porque sobreviver psicologicamente e nem fisiologicamente em nosso cérebro, pois ele não deixou de ser, parou apenas de ser útil; ele é, ele sobrevive em si. E esse ser em si do passado é tão

somente a consequência imediata de uma boa *proposição* do problema: pois se o passado devesse esperar não mais ser, se ele não fosse de imediato e desde já “*passado* em geral”, jamais poderia ele tornar-se o que é, jamais seria ele *este* passado. Portanto, o passado é o em si, o inconsciente ou, justamente, como diz Bergson, o *virtual*. Mas em que sentido é ele virtual? É aí que devemos encontrar a segunda figura da memória. O passado não se constitui *depois* de ter sido presente, ele *coexiste consigo como presente...* a duração é tão-somente essa própria coexistência de si consigo. Logo, o passado e o presente devem ser pensados como dois graus extremos coexistindo na duração, graus que se distinguem, um pelo seu estado de distensão, o outro pelo seu estado de contração. (Deleuze, 2008, p. 42)

É nessa coexistência do passado “consigo como presente” que se encontram as questões instigadoras do pesquisar e a atualização das lembranças/memórias, em reverberações intensivas e surpreendentes – não dava para saber onde esse encontro poderia levar.

Isso traz uma outra questão, tão cara ao esquizodrama: o descentramento do eu, sua desconstrução e a crítica à identidade. Ou seja, de quem é essa lembrança/memória, que “parece” ser de um “eu”? Baremlitt responderá: dos processos de produção de subjetivações ou do Eu(reka!!), que devem ser intensificados, para contrapor aos processos de produção de subjetividades e de identidades que mantêm e reproduzem o modo de produção capitalista, e que devem ser raspados e transmutados (Baremlitt, 2022). Processos de subjetivações como “modos de existência, ou, como dizia Nietzsche, a invenção de novas possibilidades de vida. A existência não como sujeito, mas como obra de arte” (Deleuze, 1992, p. 120). Dito de outra maneira, o esquizodrama vai buscar a atualização do devir-acontecer, dos agenciamentos maquínicos de corpos (devir) e agenciamentos coletivos de enunciação (o sentido).

Numa perspectiva transdimensional da realidade, cada capítulo desta tese traz dimensões da realidade/realidade do esquizodrama que se transversalizam e convocam novas questões, instigando e expandindo seu campo de investigação teórico-metodológico-técnica, o que vai consolidando sua prática. Mas, ao mesmo tempo, difícil não emergir as críticas do que foi feito, ou do que poderia ter sido, ou... ou... Trata-se, pois, de transformá-las em novas linhas de investigação, num efeito de reverberação proliferativa de invenções e novos estudos.

O que pode o esquizodrama na produção de subjetivação, na potencialização de sua prática e das práticas psi, bem como na produção de novos modos de vida é do que tratou esta tese. Agrego a isso sua efetuação em cada momento desta escrita, disparando processos de transformação no modo de fazer essa pesquisa, e em mim, como pesquisadora.

Lembro aqui de um dos efeitos vivido na escrita de um dos capítulos, o primeiro. Nele tentei, através do percurso na gênese histórica do esquizodrama, atualizar a dimensão política inerente à sua invenção, especialmente quando propiciava linhas de fuga dos processos de reprodução e de antiprodução predominantes naquele momento. Por exemplo, sua proposta de trabalhos de intensificação do que pode o corpo e o grupo, no momento em que agrupar-se era proibido e os corpos eram torturados e desaparecidos.

Questões presentes naquela época (ditadura militar) vieram assombrar o presente de nós, brasileiros, através do governo de Bolsonaro (2018-2022), junto com o temor da volta e recrudescimento de toda a violência daqueles tempos. E é exatamente nessa atmosfera que escrevi o primeiro capítulo. Especialmente por conviver com vários sobreviventes do período anterior, ou seus familiares e amigos, o passado se atualizava no presente e me capturava (como a muitos militantes) com sentimentos de tristeza, angústia e impotência.

E foi exatamente nessa atmosfera social e política, e ao mesmo tempo escrevendo sobre o tema, que a escrita tomou forma como ação na vida. Nesse mesmo período, a partir de um esquizodrama, atualiza-se para uma paciente e amiga sua vivência de perda de seu irmão, torturado, morto e desaparecido na guerrilha do Araguaia, no período da ditadura brasileira.

A intensidade da conjunção desses acontecimentos nos fez, a ambas, ir atrás do que estava sendo negado no discurso do então presidente Bolsonaro – a memória e verdade sobre aqueles tempos de ditadura e tortura. Resolvemos ir visitar dois monumentos existentes em Belo Horizonte em homenagem aos mortos e desaparecidos mineiros desse período (anexo V). E vimos que tais monumentos estavam abandonados e descaracterizados, assim como vimos que o prédio, onde funcionou o antigo DOPS, transformado no Memorial dos Direitos Humanos Casa da Liberdade, estava ocupado, “provisoriamente”, pela Polícia Militar.

Diante de tamanha injúria e muito indignadas, resolvemos nos mobilizar. Ressalto aqui a relação paciente-terapeuta esquizodramatista, transversalizando o muro entre clínica e vida. Criamos o que denominamos (sugestão de um amigo que nos acompanhou nessas visitas) “clínica das memórias sempre-vivas”, em alusão às flores que têm esse nome, exatamente porque, mesmo colhidas e secas, conseguem manter-se “vivas”, de outra forma, através de suas cores e beleza. Mesmo nossas vidas presentes nos absorvendo com suas demandas, não deixamos de mobilizar a reitoria da Universidade (UFMG) para

revitalizar o monumento que ali está instalado e de fazer contato com algumas autoridades.

Até que com a vitória do Lula para presidente (2022) a esquerda assume o poder. E dentre as diversas ações de recuperação das conquistas até então desmanteladas pelo governo anterior, foi criado o Ministério de Direitos Humanos e toma posse o atual ministro, Sílvio Almeida, referência nesse tema e nessa luta. Dentre suas ações, está o convite aos familiares dos mortos e desaparecidos durante a ditadura para uma reunião (a ser realizada em março de 2023) para pensar juntos a retomada das ações reparadoras com relação a esses períodos (ditadura militar e governo Bolsonaro).

Isso nos motivou, a essa amiga e eu, a socializar o que já tínhamos pensado como ações locais necessárias e apresentá-las a um grupo de WhatsApp (do qual essa amiga participa e constituído de parte dessas famílias) como sugestões de ações a serem implementadas.

Não se trata aqui das grandes pautas de reparação, prioritárias e até hoje não atendidas, que estarão presentes no encontro, mas de uma intervenção menor, micropolítica, que pode contribuir para o fortalecimento da luta pela memória “sempre-viva”.

Eis o rascunho das propostas que encaminhamos para esse grupo com relação a essa questão:

1) Revitalizar os monumentos/memoriais em homenagem aos torturados, mortos e desaparecidos, existentes no país. Por exemplo, fizemos uma visita ao memorial do alto da Afonso Pena e ao da UFMG e vimos que estão completamente abandonados, descuidados, sendo que este último se encontra completamente descaracterizado. Isto deve estar acontecendo em vários Estados.

2) Não vimos inclusão de indígenas vítimas da ditadura nesses memoriais, tampouco de camponeses.

3) A Casa da Liberdade está ocupada pela Polícia Militar, dizem que provisoriamente, mas parece que a ideia do atual governador é tornar essa ocupação permanente. É urgente a intervenção federal para a retomada de suas atividades.

4) Criar o dia nacional da memória desse período (não sabemos se já existe).

Na seção dos anexos a esta tese, agrego fotos referentes às visitas citadas acima (anexo 5).

Eis o que pode uma escrita esquizodramática. Furar o papel, como uma instalação estético-política que compõe com o viver. Palavra carne, palavra grito de indignação, palavra ação no mundo.

Este capítulo demonstra, sobretudo, como as atividades grupais do criador do esquizodrama eram esquizodramas embrionários, ainda em busca de agenciamentos coletivos de enunciação capazes de lhe dar tal nome.

O segundo capítulo me traz a sensação de inacabamento. Isso porque me suscitou tantas indagações, conectadas como num processo de multiplicação dramática: ao desenvolver uma questão, a mesma me remetia a outras, e a outras, sucessivamente. Em síntese, há muito ainda por fazer no campo de construção teórico-metodológica e técnica/klínicas. Isso não significa, de forma alguma, insuficiência, mas o contrário. A riqueza dos caminhos sinalizados e trilhados nos exige ir mais longe. Baremlitt deixou muita fundamentação, de uma densidade teórica que merece que nela se debruce, a destrinche, a amplie, criticando-a ou não, que a transforme...

Cito um exemplo: os agenciamentos clínicos do esquizodrama podem incluir a intervenção verbal e a análise dos processos esquizos e moleculares, procedimentos mais constitutivos da esquizoanálise, mas nunca será sua prevalência. O corpo em suas infinitas expressões tem aqui sua primazia.

Não nos interessa trabalhar o indivíduo com seu corpo, ou o corpo desse indivíduo, enquanto entidades molares (apropriados pelo sistema sócio-político vigente), mas como esse indivíduo/corpo, ou suas partes/corpo, ao integrar-se a diversas peças de um dispositivo clínico, funciona ativando suas potências metamorfoseadoras. (Amorim, 2011, p. 9)

Por isso, há que se debruçar sobre todas as suas modalidades expressivas e teorizações a respeito – corpo nas terapias corporais, em Reich, em Foucault, em Nietzsche, em Espinosa, no transe, nas práticas orientais, latino-americanas e psicodélicas etc e suas composições/transmutações com o esquizodrama.

Para o esquizodrama, o corpo potencializado em sua expressividade e retirado dos enquadres que o capturam, torna-se revolucionário – um corpo que conhece a liberdade de sua expressão, em toda sua amplitude, jamais será submetido. Neste sentido, o

esquizodrama vai se juntar a seus antecessores (Reich, Lapassade etc) tentando atualizar esse corpo desterritorializado e metamorfoseado.

Outro exemplo é a ampliação da investigação sobre recursos artísticos e plásticos, tão presentes no esquizodrama, especialmente a música e o teatro, que são cruciais na potencialização transmutativa de seus agenciamentos clínicos:

Desde logo, o *esquizodrama* se “alimenta” (teórica e clinicamente) de outras várias fontes, assim como de “instrumentos” performáticos, tais como: a música, a dança, o canto, as artes marciais, massagens, modos de respiração, vídeos, projeções de cinema, misturas de imagens, corpos, encontros, drogas psicodélicas etc. (Baremlitt, 2022, p. 4)

Outra dimensão importante é sua consolidação teórica, através dos esquizodramas e das composições com diferentes saberes, onde a esquizoanálise tem sua primazia, além de, por exemplo, os saberes decoloniais, a influência do anarquismo, outras cosmologias e cosmopoéticas, as práxis do movimento instituinte etc.

O potencial de cada uma dessas composições, que vai se rizomatizando com outras, e com outras... é imenso. Acredito que este capítulo apenas apresentou um mapa, o que não é pouco. Mas nos convoca a muito mais.

Sua escrita me trouxe uma certeza provisória – digo isto porque é tema a ser levado para muitas conversações com o coletivo esquizodramatista – de que o esquizodrama não é um tipo de esquizoanálise. Tanto seu inventor – em suas primeiras publicações (1998) – como muitos de nós, esquizodramatistas, incorremos nesse equívoco; embora Baremlitt, em suas últimas publicações (Baremlitt, 2019; Baremlitt, Amorim & Hur, 2020), tenha nos deixado pistas para o avanço nessa questão. Quando Baremlitt traz prioritariamente a esquizoanálise para fundamentar o trabalho grupal que já realizava, não significa que o está transformando num tipo de esquizoanálise. O mesmo podemos dizer também dos diversos roubos que o esquizodrama vai fazendo de diferentes práticas teóricas, metodológicas e técnicas como, por exemplo, da análise institucional. Isso não é tão incomum na produção do conhecimento, como podemos ver quando Lapassade (1980) investiga e faz uso das práticas bioenergéticas na socioanálise sem a estar transformando num tipo de bioenergética.

O esquizodrama já se apresenta diferenciando-se da esquizoanálise desde que surge, e traz esta diferença, por exemplo, no próprio esquizodrama que o nomeia – esquizodrama, em que demonstra sua preferência pelo drama e não pela análise



(Baremlitt, 2022). Ou quando eleva ao estatuto da dramatização sua produção teórica (esquizodremas), metodológica e técnica-clínicas (Baremlitt, Amorim & Hur, 2020).

Configura-se outra filosofia, um novo mundo, com outro povo e territórios, híbridos, de migrantes, minorias e dissidências, que se deixam afetar pelo turbilhão do real e que buscam se fazer ouvir, atuar, agenciar-se. Ferramentas e máquinas abstratas que fomentam processos de desterritorialização, transformação e subjetivâncias (Baremlitt, 1998, 2019; Baremlitt et al., 2020). Por isso, não é um “psicodrama analítico” e nem uma “esquizoanálise aplicada”, mas sim um campo que vem se singularizando com suas experimentações e novas proposições. (Hur, 2022, p. 30)

Este processo de diferenciação e de singularização do esquizodrama é o efeito do que Baremlitt denomina ecletismo superior, que culmina na construção de “um ‘corpus’ de saber e fazer que detenha alguma singularidade”. (Baremlitt, 2004a, p. 4)

A escrita do terceiro capítulo foi um devir-acontecimento em que pude experimentar a atualização do modo esquizodramático de se fazer pesquisa, que deve ser experimentado e inventado por cada esquizodramatista que o exercer. As peripécias ditaram as vicissitudes.

Coerente com esse modo esquizodramático de pesquisar, a investigação proposta nesta tese está apenas parcialmente concluída – o que não pode ser confundido com a finalização dos trâmites acadêmicos. Ela só será concluída quando apresentada ao coletivo esquizodramatista (ou pesquisadores de outras áreas que queiram contribuir) que se debruçará em seus capítulos/platôs e os transformará num fazer coletivo e o mais autogestivo possível. Tais capítulos não serão mais os mesmos e tampouco a pesquisadora, que devirá um coletivo.

Os capítulos quarto e quinto investigaram o que pode o esquizodrama nas intervenções clínico-institucionais. Pôde-se perceber o quanto o esquizodrama traz ferramentas teóricas, metodológicas e técnicas/clínicas que potencializam, nessas intervenções, sua dimensão mais radical de transformação da realidade capturada pelo modo de produção capitalista, assim como das subjetividades que o mantêm e reproduzem. Isso porque é capaz de inventar dispositivos capazes de atualizar novos corpos, novos pensares, novos processos de subjetivação e de multiplicação de outros mundos, outros modos de existir, coerentes com sua utopia ativa.

Neste sexto e último capítulo, dramatizei as afetações e efeitos transformadores deste fazer-se escrita, que se atualiza como modo de vida que foi se delineando em minha prática como esquizodramatista e se consolidando à medida que construía dispositivos de investigação como este dispositivo-pesquisa.

Há uma fala que citei neste escrito de um aluno/colaborador, “o esquizodrama me faz vomitar devires”, que gostaria de retomar pois senti esse modo de agir presente em todo o processo da escrita. Mais que isso, considero tratar-se de um modo de vida que o esquizodrama é capaz de disparar – uma poética do existir em que a invenção e sua intensificação tem primazia, que aposta no que pode o “entre” dos encontros de corpos e de incorporais, em conexões infinitas.

O esquizodrama, tal qual o mar de Solaris,<sup>14</sup> é produção incessante de agenciamentos clínicos para devir novas subjetivações, multiplicidades, novos modos de existir e de mundos. Estas são sua micropolítica, sua ética e sua estética; e se alia a todas as formas de saberes e fazeres (ou rouba delas e as transforma) que possam intensificá-las.

Esses novos mundos que devêm-acontecem, nem sempre nomeados ou conhecidos ainda, atualizam o que hoje é nossa utopia ativa, ou seja, mundos não antropocêntricos, não eurocêntricos, não eucentrados, antirracistas, antimachistas, antiproibicionistas, anticapitalistas, anticorporações, ecológicos, inclusivos, diversos, feministas, decoloniais, e... e... inventivo, poético, amoroso, solidário, autogestivo, cooperativo, acolhedor, cuidador...e... alegre...e... justo...dançarino...

Como se pôde constatar, o esquizodrama é um campo aberto para se reinventar, desconstruir-se e reconstruir-se, à medida que vai dialogando com as diferentes invenções do mundo. Estará sempre desrostificando-se e rostificando-se em cada devir esquizodramatista, estando na mão de quem o pratica reinventá-lo sempre. Como uma revolução silenciosa, não para de acontecer... Uma revolução menor... micro... molecular... num devir mulher... num devir criança... num devir guerreiras e guerreiros, cunhatãs e curumins... Que nos convoca a materializar um modo de vida esquizodramático, um outro mundo... Capaz de estancar e destruir a metástase político-econômico-social mortífera, que tomou conta do corpo civilizatório e agora ameaça todos os viventes.

Enquanto a psicologia e outras práxis nutrirem-se também desta mesma utopia ativa, o esquizodrama pode ser um grande aliado no aumento de sua potência de

---

<sup>14</sup> Referência ao filme russo de Andrei Tarkovsky baseado em livro homônimo de Stanislaw Lem.

intervenção no mundo. Da mesma forma, as afetações transmutativas que a leitura desta tese pode produzir expressarão o quanto a mesma conseguiu ser esquizodramática.

Transcluo esta tese como um rascunho, ou matriz, nos quais outras mãos esquizodramáticas poderão se conectar, transformando-a, aí sim, numa máquina de guerra a infiltrar-se em nosso viver cotidiano...

... e tomada de gratidão, por todas as mãos que por aqui passaram e plantaram suas sementes.

Navegar é preciso  
 Porque navegar é viver... Também...  
 Melhor seria devir um navegador...  
 Resistir é preciso  
 Por que resistir é viver... Também...  
 Às vezes,  
 a única maneira de manter viva  
 a utopia ativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alcântara, C. (2011). *Corpoemaprocesso/teatro desessência*. Curitiba: Editora CRV.
- Alves, M. H. M. (1984) *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Amarante, P. (Org). (2008). *Psiquiatria social e reforma psiquiátrica*. (3ª. Reimp.) Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Amarante, P. (Org). (2021). *Loucura e transformação social: autobiografia da reforma psiquiátrica no Brasil*. Editora Zagodoni.
- Amorim, M. (2001). *Das redes rizomas*. (Texto inédito desenvolvido a partir de palestra realizada no Pré - Congresso Nacional de Psicologia, organizado pelo Conselho Regional de Psicologia / 4a. Região, Belo Horizonte: Abril de 2001.
- Amorim, M. A. (2008). *Esquizoanálise, esquizodrama e as clínicas da educação*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Vale do Rio Verde, Unincor, Belo Horizonte, MG.
- Amorim, M. A. (2011) *O corpo no esquizodrama*. <http://xa.yimg.com/kq/groups/21129448/1705367047/name/Texto+14+O+Corpo+no+Esquizodrama.doc> (acesso em 28 de abril de 2016)
- Ángel, R. (2006). La construcción del otro como enemigo. In Ángel, R., et al. (Eds.), *Un país – 30 años. El pañuelo sigue haciendo historia* (pp. 257-270). Buenos Aires: Ediciones Madres de Plaza de Mayo.

Ángel, R. et al (2006). *Un país, 30 años: El pañuelo sigue haciendo historia*. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Madres de Plaza de Mayo.

Ardoino, J. & Lourau, R. (2003) *As pedagogias institucionais*. São Paulo: Editora Rima.

Arquidiocese de São Paulo (1985). *Brasil nunca mais*. RJ: Ed Vozes.

Artaud, A. (2006) *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

Assis, A. D. (2019) *Loca America – La Lucha por una América sin manicômios*. Tese de Doutorado - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 2019.

Assis, A. D., & Oliveira, A. G. B. (2010) “Vida universitária e saúde mental: Atendimento às demandas de saúde e saúde mental de estudantes de uma universidade brasileira”. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, (Vol. 2, n.4-5, 159-177).

Aznárez, C. (2006). Nuestro sueño era cambiar, que todos vivamos mejor, tan simple como eso. In Ángel, R., et al. (Eds.), *Un país – 30 años. El pañuelo sigue haciendo historia* (pp. 47-51). Buenos Aires: Ediciones Madres de Plaza de Mayo.

Baremlitt, G. (2001) “A manera de prólogo” in Lourau, R. *Los intelectuales y el poder*. Montivideo: Editorial Nordan-Comunidad, pp. 11-19.

Baremlitt, G. F. (1992). *Compêndio de análise institucional e outras correntes*. Rio de Janeiro: Editora Record.

Baremlitt, G. F. (1998). *Introdução à esquizoanálise*. Belo Horizonte: Ed. Instituto Félix Guattari.

Baremlitt, G. F. (2002). *Compêndio de análise institucional e outras correntes*. Belo Horizonte: Fundação Gregorio Baremlitt/Instituto Félix Guattari.

Baremlitt, G. F. (2004a) *As clínicas do esquizodrama*. Belo Horizonte: Fundação Gregorio Baremlitt/Instituto Félix Guattari. 41f. Mimeografado.

Baremlitt, G. F. (2004b). *Psicoanálisis y esquizoanálisis (un ensayo de comparación crítica)*. Buenos Aires: Ed. Madres de Plaza de Mayo.

Baremlitt, G. F. (2010). *Introdução à esquizoanálise*. Belo Horizonte: Ed. Fundação Gregorio Baremlitt/Instituto Félix Guattari.

Baremlitt, G. F. (2011). *O inconsciente institucional*. Belo Horizonte: Editora Fundação Gregorio Baremlitt/Instituto Félix Guattari.

Baremlitt, G. F. (2019). *Esquizodrama: Dez proposições descartáveis*. Belo Horizonte: Ed IGB.

Baremlitt, G. F. (2022). *Esquizodrama: Dez proposições descartáveis*. Belo Horizonte: 2ª. Ed, Ed IGB.

Baremlitt, G. F., Amorim, M. A. & Hur, D. U. (2020). *Esquizodrama: Teoria, método e técnica-clínicas*. Belo Horizonte: Editora IGB.

Bellestrin, L. (2013). “América Latina e o giro decolonial” in *Revista Brasileira de Ciência Política*, no. 11, Brasília, agosto de 2013. pp. 89-117

Boal, A. (1982). *Teatro del oprimido – Teoria y práctica*. Buenos Aires: Editorial Nueva Imagem.

Brasil. (1989). Lei nº 3657, de 4 de setembro de 1989 (Lei Delgado). *Dispõe sobre a extinção progressiva dos manicômios e sua substituição por outros recursos assistenciais e regulamenta a internação psiquiátrica compulsória*.

Brasil. (2001). Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. *Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental*. Recuperado em 13 de maio de 2023, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/LEIS\\_2001/L10216.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10216.htm).

Brasil. Câmara dos Deputados (2007). *Projeto de lei No. 1627. Dispõe sobre os sistemas de atendimento socioeducativo, regulamenta a execução das medidas destinadas ao adolescente, em razão de ato infracional, altera dispositivos da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências*. Acessado em <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=360092>

Brasil. Câmara dos Deputados (2007a). Programa Câmara é História: *Período da história do Brasil conhecido como os "anos de chumbo"*, transmitido em 28 de janeiro de 2007, em <https://www.camara.leg.br/radio/programas/279778-periodo-da-historia-do-brasil-conhecido-como-os-anos-de-chumbo/>

Brasil. Ministério da Saúde (2005). *Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil*. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília.

Briganti, C. R. (1987). *Corpo virtual: Reflexões sobre a clínica psicoterápica*. São Paulo: Summus.

Brum, E. (2019) *Brasil, construtor de ruínas – Um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial.

Cardoso, M. L. M. (2007). “Contribuições para a Pesquisa-Intervenção: Cartografias de uma pesquisa sobre subjetividade e televisão”, *Pesquisa e Práticas Psicossociais*, 2(1), São João del-Rei: Março-Agosto, 2007.

Coimbra, C. (1995). *Guardiães da ordem: Uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Milagre”*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor.

Coutinho, A. R. (2019). *Formação em esquizoanálise? Cartografia da formação clínica do IBRAPSI como produtora de pistas para uma formação transinstitucional*. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense.

- Dagfal, A. (2015). El pasaje de la higiene mental a la salud mental en la Argentina, 1920-1960. El caso de Enrique Pichon-Rivière. *Trashumante. Revista Americana De Historia Social*, (5), 10-36. <https://doi.org/10.17533/udea.trahs.n5a02>
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1972). *O anti-Édipo*. Lisboa: Ed Assíro & Alvim.
- Deleuze, G. (1977). *Empirismo y subjetividad*. Barcelona: Granica Editor.
- Deleuze, G. (1988). *Diferença e repetição*. São Paulo: Editora Graal.
- Deleuze, G. (1992). “Carta a um crítico severo”. Trad. Peter Pál Pelbart. In Deleuze, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, p. 11-22.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Deleuze, G. (2002). *Espinosa: Filosofia prática*. São Paulo: Editora Escuta.
- Deleuze, G. (2006). *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva.
- Deleuze, G. (2008). *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Editora Iluminuras.
- Deleuze, G. (2010). *Sobre o teatro: Um manifesto de menos; O esgotado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Deleuze, G. e Guattari, F. (1977). *Kafka, por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Deleuze, G. e Guattari, F. (1992). *O que é a filosofia?* São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G. e Guattari, F. (1995a). *Mil platôs* Vol 1. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G. e Guattari, F. (1995b). *Mil platôs* Vol 2. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G. e Guattari, F. (1996). *Mil platôs* Vol 3. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G. e Guattari, F. (1997). *Mil platôs* Vol 4. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G. e Guattari, F. (2010). *O anti-Édipo*. São Paulo: Editora 34.
- Dinis, N. (2001). *A arte da fuga em Clarice Lispector*. Londrina: Atualidade Acadêmica.
- Dreifuss, R. A. (1981). *1964: A conquista do Estado – Ação política, poder e golpe de classe*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Fanon, F. (1969). *Los condenados de la tierra*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Fanon, F. (1970) *Escucha, blanco!* Barcelona: Editorial Nova Terra.
- Ferla, S. (1985). *El drama político de la Argentina contemporánea*. Buenos Aires: Lugar Editorial.

- Forrester, V. (1997). *O horror econômico*. São Paulo: UNESP.
- Foucault, M. (1977). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Gallo, S. (2002). “Em torno de uma educação menor” in *Revista Educação & realidade*. V. 27 n.2. Faculdade de Educação/UFRGS. pp.169-178.
- Gaspari, E. (2014). *As ilusões armadas*, Col. Ditadura, Vol. 2, A Ditadura Envergonhada. 2ª. ed. rev. RJ: Intrínseca.
- Grosfoguel, R. (2016). “A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI”. *Sociedade e Estado* 31(1) Janeiro/Abril.
- Guattari, F. & Negri, T. (1987). *Os novos espaços de liberdade*. Coimbra: Centelha.
- Guattari, F. (1981). *Revolução molecular: Pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Guattari, F. (1988). *O inconsciente maquínico – Ensaio de Esquizo-análise*. São Paulo: Papyrus Editora.
- Guattari, F. (1989). *Cartographies schizoanalytiques*. Paris: Editions Galilée.
- Guattari, F. (1990) *As três ecologias*. Campinas: Papyrus Editora,
- Guattari, F. (1992). *Caosmose*. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Han, B.-C. (2017) *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Hardt, M. & Negri, A. *Bem-estar comum*. Rio de Janeiro. São Paulo: Editora Record, 2016
- Hissa, C. E. V. (2019) *Entrenotas: Compreensões de pesquisa*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Hur, D. U. (2014) Trajetórias de um pensador nômade: Gregorio Baremlitt. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* 14(3), pp. 1021-1038. Rio de Janeiro:UERJ.
- Hur, D. U. (2022). *Esquizoanálise e esquizodrama: clínica e política*. SP: Editora Alínea.
- Kastrup, V. & Passos, E. (2014). “Cartografar é traçar um plano comum” in Passos, E., Kastrup, V. e Tedesco, S. (2014). *Pistas do método da cartografia – a experiência e o plano comum – Volume 2*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Kazi, G. (2004). *Hacia una Psicología Social Histórica (cartografías críticas)*. Buenos Aires: Ediciones Madres de Plaza de Mayo.
- Kazi, G., Luciaro, A., Baremlitt G. (2006) “De las quietudes del Terror y las Inquietudes de la Revolución” in Angel, R. et al. *Un país – 30 años. El pañuelo sigue haciendo historia*. Buenos Aires: Ediciones Madres de Plaza de Mayo. p. 169-178.

- Kesselman, H., Pavlovsky, E. (1989). *La Mutiplicacion Dramática*. Buenos Aires: Ediciones Busqueda.
- Kogan, D. (2006). *Las madres, éstas, nuestras: 30 años pariendo luz*.
- Kopenawa, D. & Albert, B. (2015) “Devir Outro” in *A queda do céu*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020a). *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das letras.
- Krenak, A. (2020b). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras
- Krenak, A. (2022). *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das letras.
- Lapassade, G. (1980). *Socionalisis y Potencial Humano*. Barcelona: Gedisa
- Lapassade, G. (2005) *As microssociologias*. Brasília/DF: Liber Liro Editora.
- Levitsky, S. & Zibblatt, D. (2018). *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lima, W. (2015). *O teatro ao alcance do tato*. Belém-PA: Programa de Pós-Graduação em Artes/ICA/UFGPA.
- Lincoln, Y. S. & Denzin, N. K. (orgs) (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e Abordagens* (S. Netz, Trad.), 2ª. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Lourau, R. (1996). *A Análise Institucional*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lourau, R. (2001). *Libertad de Movimientos – Una introducción al análisis institucional*. Buenos Aires: Eudeba.
- Machado, R. (1984). *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Machado, R. (2009). *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Muylaert, M. A. (2000). *Intermezzo: Mestiçagem nos Encontros Clínicos*. Tese de Doutorado – Psicologia Social. São Paulo.
- Nascimento, M. & Tiso, W. (1983). “Coração de Estudante”. In: Nascimento, M. *Ao vivo*. Disco de vinil. São Paulo: Gravadora Barclay.
- Passos, E. & Barros, R. (2010). “A cartografia como método de pesquisa-intervenção” in Passos, E., Kastrup, V. e Escóssia, L. (2010) *Pistas do método da cartografia – pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Editora Sulina. P. 17-31.
- Passos, E., Kastrup, V. & Escóssia, L. (Eds.). (2010). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina.
- Passos, E., Kastrup, V. & Tedesco, S. (2014). *Pistas do método da cartografia – a experiência e o plano comum – Volume 2*. Porto Alegre: Editora Sulina.



Passos, I. C. F. (2009). *Reforma psiquiátrica: As experiências francesa e italiana*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Passos, I. C. F. et al. (2017). “Pensar em ato ‘o desafio do conhecimento’: A experiência de pesquisa-intervenção junto à rede de atenção psicossocial e defesa de direitos de crianças e adolescentes da cidade de Ouro Preto/MG” in Passos, I. C. F. & Penido, C. M. F. (Orgs) *Atenção psicossocial para crianças e adolescentes: Pesquisa-intervenção nas redes*. São Paulo: Zagodoni.

Pavlovsky, E. (2006a). “El Recuerdo hoy” in Angel et al., *Un país – 30 años. El pañuelo sigue haciendo historia*. Buenos Aires: Ediciones Madres de Plaza de Mayo, pp. 197-200.

Pavlovsky, E. (2006b). *Resistir Cholo – Cultura y Política en el capitalismo*. Buenos Ayres: Topia Editorial.

Pelbart, P. P. (1998). *O tempo não reconciliado*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Pelbart, P. P. (2021). “*Eu(reka!!)*”. Comunicação apresentada no curso de formação de esquizodramatistas do IGB em julho de 2021.

Penido, C. M. F. & Machado, M. N. da M. (2017). “A pesquisa-intervenção institucionalista e o trabalhador-pesquisador” in Passos, I. C. F. & Penido, C. M. F. (orgs.) (2017). *Atenção psicossocial para crianças e adolescentes – Pesquisa-intervenção nas redes*. São Paulo: Zagodoni Editora, 2017.

Picheth, S. F., Cassandre, M. P. & Thiollent, M. J.-M. (2016). “Analisando a Pesquisa-ação à Luz dos princípios Intervencionistas: Um Olhar Comparativo”. *Educação* 39 (4):s3-s13.

Reich, W. (1987). *A função do Orgasmo: problemas econômicos-sexuais da energia biológica*. SP: Editora Brasiliense.

Ribeiro, D. (1997). *Confissões*. São Paulo: Companhia Das Letras.

Robinson, P. G. (2003) “Cartografando a onda teen” in Fonseca, T. M. G. & Kirst, P. G. (Orgs) (2003). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. (pp. 307-318)

Rocha, S. P. V. (2007) “Tornar-se quem se é – a vida como exercício do estilo” In Lins, Daniel (org.). *Nietzsche/Deleuze: arte resistência*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo (pp. 292-303).

Rufino, L. (2020). “Miudeza da ancestralidade” in Simas, L., Rufino, L. & Haddock-Lobo, R. *Arruaças – uma filosofia popular brasileira*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

Schwarcz, L. M. & Starling, H. M. (2018) *Brasil: Uma biografia*. São Paulo: Companhia Das Letras.

Tadeu, T. (2002). “A arte do encontro e da composição: Spinosa + Currículo + Deleuze” in *Revista Educação & realidade*. V. 27 n.2. Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS. pp. 47-57.

Tiburi, M. (2021). *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Vezetti, H. (1985). *La Locura en la Argentina*. Buenos Aires: Paidós.

Vezetti, H. (2009a). *Pasado y Presente: Guerra, dictadura y sociedad en la Argentina*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores.

Vezetti, H. (2009b). *Psicanálise e marxismo: a fratura da Associação Psicanalítica Argentina (1971)*. *Tempo Social*, 21, 61-85.

Vieira, K. D. (2021). *Esquizoanalistas: o que fazem? Uma cartografia da clínica esquizoanalítica na Psicologia* dissertação de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Orientadora: Roberta Carvalho Romagnoli)

Woof, V. (2019). *Um teto todo seu*. RJ: Nova Fronteira.

Zaffaroni, R. (2006). “Terrorismo de estado y violencia colonialista” in Angel, R. *et al. Um país – 30 años*. Buenos Aires: Ediciones Madres de Plaza de Mayo. pp 135-144.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

CNV (2022). *Comissão Nacional da Verdade*. Recuperado em fevereiro 28, 2022, em [cnv.memoriasreveladas.gov.br](http://cnv.memoriasreveladas.gov.br).

Conselho Federal de Psicologia. (n.d.). *Por uma sociedade sem manicômios*. Recuperado em 1 de abril de 2023, de <https://site.cfp.org.br/por-uma-sociedade-sem-manicomios/>

Freire, Paulo. (2022, dezembro 1). *Paulo Freire* [Vídeo]. Youtube. <https://fb.wash/j2j6WppOuD/?mibextid=2Rb1fB>

Grupo Tortura Nunca Mais. (s.d.). *Tortura Nunca Mais*. Recuperado em junho 20, 2022, em <https://www.torturanuncamais-rj.org.br/>

Instituto Gregorio Baremlitt. (2020, 23 de julho). *Esquizodrama em tempos de pandemia* [Vídeo]. YouTube. Recuperado em 1 de abril de 2023, de <https://www.youtube.com/watch?v=nTYGFn3iCBU>

<http://letrasinspiradas.blogspot.com/2011/03/dia-nacional-de-la-memoria-por-la.html>

Le Monde Diplomatique Brasil (2012). *Uma escola de torturadores nas Américas*. Dossiê 10, 4 de julho de 2012. Recuperado em 16 de fevereiro de 2023 de <https://diplomatique.org.br/uma-escola-de-torturadores-nas-americas/>

Mariela Marianetti, “Memoria, verdad y justicia”, in <http://letrasinspiradas.blogspot.com/2011/03/dia-nacional-de-la-memoria-por-la.html>)

Memorial da Democracia (2020). *Museu multimídia dedicado à luta pela democracia o Brasil*. Recuperado em fevereiro 28, 2022, em [memorialdademocracia.com.br](http://memorialdademocracia.com.br).

Memórias da Ditadura (s.d.). *Comissão Nacional Da Verdade*. Recuperado em junho 20, 2022, em <https://memoriasdaditadura.org.br/comissao-nacional-da-verdade-2/>

Universidade de São Paulo (s.d.). *Projeto Memória e Resistência*. Recuperado em fevereiro 28, 2022, em [usp.br/memoriaeresistencia/?page\\_id=285](http://usp.br/memoriaeresistencia/?page_id=285).

TED. (2010, 21 de dezembro). Why we have too few women leaders [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=3AIUCjKOjuc>

Wikipedia. (n.d.). *Escola das Américas*. Em Wikipedia, a enciclopédia livre. Recuperado em 1 de abril de 2023, de [https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola\\_das\\_Am%C3%A9ricas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_das_Am%C3%A9ricas)

## ANEXOS

## ANEXO 1: Primeiro simpósio Internacional de Psicanálise Grupos e Instituições

**1º SIMPÓSIO  
INTERNACIONAL  
DE PSICANÁLISE  
GRUPOS E INSTITUIÇÕES**  
Rio de Janeiro, 18, 20, 21, 22 de outubro de 1978  
Copacabana Palace Hotel

*Temas oficiais:*

A Sobrevivência  
da Psicanálise

Saúde Mental e suas  
Instituições

O Sexo Como  
Instituição

**IBRAPS** — TEL: 233-0246

PROMOVIDO PELO INSTITUTO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE  
PSICOLOGIA GRUPAL E INSTITUCIONAL (IBRAPS) COM A  
COLABORAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOUVA-  
TRIA.

SECRETARIA EXECUTIVA: IBRAPS — RJ — RUA SIQUEIRA CAM-  
POS, 143 — BLOCO D, SALAS 717 E 718 — TELS: 286-4896 E  
287-8717 — CEP 22.031 E EPSO — TELS: 256-0148 E 256-0748  
— SP.

**CANCO REAL**  
**FRANS BRASIL**  
Real Franchising

**Dia 19/10/78 – Quinta-feira**

Horário - 14:00 às 19:00horas- ENTREGA DE CREDENCIAIS

Horário - 21:00 às 22:00 horas - SEÇÃO SOLENE DE ABERTURA

Local - Copacabana Palace Hotel

**PROGRAMA DO SIMPÓSIO****Dia 20/10/78 – SEXTA-FEIRA****Das 09:00 às 11:00 horas**

Curso - Psicanálise de Crianças - Salão G - Eduardo Vidal (ARG)

Curso - A relação médico paciente-Salão B - Eduardo Lociser (ARG)

Curso - Freud/Klein/Lacan (O Desejo ou a culpa) - Salão A –

Hélio Pellegrino (RJ)

Painel – Psicanálise e Psicologia – Salão E –

Carmen Lent (RJ)

Alberto Coelho de Souza (RJ)

Hilton Japiassu (RJ)

Marta Berlin (ARG)

Temas Livres - Salão V

Fórum – Psicanálise e dinheiro – Salão N

Supervisão – Psicanálise Individual – Salão AM –

Armando Suarez (MÉXICO)

**Das 11:00 às 13:00 horas**

Curso - A Análise Institucional - Salão G - Célio Garcia (MG)

Curso - Grupo Familiar – Patologia e Terapêutica - Salão B -

Luiz Fernando Mello Campos (RJ)

Curso - Teoria da Ideologia - Salão A – Prof. J. A. Guillon de Albuquerque (SP)

Painel - Psicanálise e Religião – Salão E - Armando Suarez (México)

Hélio Pellegrino (RJ)

Chaim S. Katz (RJ)

Temas Livres Salão N -

Fórum – Quem pode ser psicanalista? – Salão V

Supervisão – Análise de Crianças – Salão AM –

Alejandro Schertzer (URUGUAI)

**Das 15:00 às 17:00 horas**

Curso – Doença Mental – Desvio ou Alienação – Salão G – Gilberto Velho (RJ)

Curso – As Técnicas de laboratório – Salão B –

Oswaldo Saldon (ARG)

Curso – Ideologia e Saúde Mental - Salão A – Robert Castel (FRANÇA)

Curso – Introdução ao Anti-Édipo – Salão E – Gregorio Baremlitt (RJ)

Painel – Psicanálise e Linguística – Salão AM – Luis Fernando de Mello Campos (RJ)

João Paulo G. Monteiro (SP)

Conferência – A fabricação da Loucura – Salão V –

Thomas Szasz (EUA)

Painel – Os grupos Intelectuais Brasileiros – Salão V

Roberto da Matta (SP)

J. A. Guillon de Albuquerque (SP)

Roberto Gomes (PR)

Supervisão – Grupos Laboratórios – Salão AM – Gregorio Baremlitt (RJ)

**Das 19:30 às 21:00 horas**

Mesa Redonda – A Saúde Mental e suas Instituições – Salão G

Robert Castel (FRANÇA)

Ricardo Malfé (ARG)

Franco Basaglia (ITÁLIA)

Mesa Redonda – Psicanálise: Análise do Ego ou Psicologia das Massas? – Salão B –

Carlos Villamor (ARG)

Alejandro Schertzer (URUGUAI)

Curso – A revolução Sexual – Salão A – Pierre Félix Guattari (FRANÇA)

Curso – Comunidade Terapêutica – Salão E –

Oswaldo Saidon (ARG)

Painel – A linguagem Repressiva nas Instituições – Salão N

Miguel Reale Júnior (SP)

João Romildo Bueno (RJ)

Cidmar Paes (SP)

João Paulo G. Monteiro (SP)

Painel – A Equipe Interdisciplinar e a Saúde Mental – Salão V

Jurandir Freire Costa (RJ)

Carmen Lent (RJ)

Maria Augusta (RJ)

Supervisão – Grupos e Família – Salão

Luis Fernando de Mello Campos (RJ)

**Dia 22/10/78 - Domingo**

**Das 09:00 às 11:00 horas**

Curso – Psicanálise de Crianças – Salão G –

Maria Luiza Ocampo (ARG)

Curso – Relação médico paciente – Salão B –

Carlos Linger (ARG)

Curso – Freud/Klein/Lacan – Salão A –

Armando Suarez (México)

Painel – Sexualidade na Sociedade Brasileira – Salão E –

Carmem Dora Guimarães (RJ)

Peter Fry (SP)

Luis Fernando de Mello Campos (RJ)

Miguel Reale Jr. (SP)

Temas Livres Salão N

Fórum Laboratórios – Liberação ou Libertinagem? – Salão V

Supervisão – Psicanálise Individual – Salão G –

Gregorio Baremlitt (RJ)

Curso – Grupo Familiar: Patologia e Terapêutica – Salão B – Armando Bauleo (ESPANHA)

Curso – Teoria da Ideologia – Salão A –

Carlos Villamor (ARG)

Painel – Sexualidade e Drogas - Salão E –

João Romildo Bueno (RJ)

Hélio Pellegrino (RJ)

Oswaldo Saidon (ARG)

Temas livres Salão N

Fórum – Os movimentos da Liberação Sexual – Salão V

Supervisão – Análise de Crianças – Salão AM –

Maria Luiza Ocampo (ARG)

**Das 15:00 às 17:00 horas**

Curso – Doença Mental: Desvio ou Alienação – Salão G –

Erving Golfman (EUA)

Curso – Técnicas de Laboratório – Salão B –

Emilio Rodrigué (ARG)

Curso – Ideologia e Saúde Mental – Salão A –

Chaim S. Katz (RJ)

Curso – Introdução ao Anti-Édipo – Salão E –

Pierre Félix Guattari (FRANÇA)

Painel – A sexualidade nas Instituições – Salão N –

Franco Basaglia (ITÁLIA)

João Romildo Bueno (RJ)

Jurandir Freire Costa (RJ)

Miguel Reale Júnior (SP)

Fórum – O Mito da Normalidade Sexual - Salão V

Supervisão – Análise Institucional – Salão AM –

Célio Garcia (MG)

**Das 17:30 às 19:30 horas**

Curso – Loucura e Sociedade – Salão G –

Franco Basaglia (ITÁLIA)

Curso – Grupo Operativo e Grupo Terapêutico – Salão B – Armando Bauleo (ESPANHA)

Curso – Psiquiatria Institucional - Salão A –

Emilio Rodrigué

Conferência – Sexualidade Feminina – Salão E –

Shire Hite (EUA)

Curso - O Psicanalismo – Salão N -

Roberto Castel (FRANÇA)

Painel – Perversão e Perversidade – Salão V –

Carlos Villamor (ARG)

Ricardo Malfé (ARG)

Armando Suarez (MÉXICO)

Supervisão – Grupo Laboratório – Salão AM

Oswaldo Saidon (ARG)



**Das 19:30 às 21:30 horas**

Mesa Redonda – O Sexo com Instituição – Salão G –

Carlos Villamor (ARG)

Pierre Félix Guattari (FRANÇA)

Gregorio Baremlitt (RJ)

Mesa Redonda – Psicanálise – seus Totens e seus tabus – Salão B -Gilberto Velho (RJ)

Erving Golfman (EUA)

Howard Becker (EUA)

Luis Fernando de Mello Campos (RJ)

Curso – A Revolução Sexual – Salão A –

Shire Hite (EUA)

Curso – Comunidade Terapêutica – Salão E –

Franco Basaglia (ITÁLIA)

Painel – Homossexualidade e Sociedade Repressiva – Salão N

Peter Fry (SP)

Hélio Pellegrino (RJ)

Armando Bauleo (ESPANHA)

Painel – Sexualidade Infantil – Salão V –

Carmen Lent (RJ)

Carmem Dora Guimarães (RJ)

Luis Fernando de Mello Campos (RJ)

Supervisão – Grupos e Família – Salão AM –

Armando Bauleo (ESPANHA)

**OBS.: PARA TODAS AS CONFERÊNCIAS, HAVERÁ TRADUÇÃO SIMULTÂNEA**

---

**CONVIDADOS INTERNACIONAIS**

Diretores do Reso de Psiquiatria – Movimento Transformador da Psiquiatria em toda a Europa.

PIERRE FÉLIX GUATTARI – Psicanalista e Psicólogo Institucional. Co-autor com Deleuze do Anti-Édipo, autor de Psicanálise e Transversalidade, Revolução Molecular e outros. Fundador e uma das figuras de maior importância da Psicoterapia Institucional e Fundador da Esquizo-Análise. (Francês)

FRANCO BASAGLIA – Psiquiatra. Principal psiquiatra comunitário da Itália. Diretor do Hospital Psiquiátrico de Trieste, especializado em comunidades terapêuticas. Principal figura da Anti-Psiquiatria na Itália. Autor do livro “Instituição Negada”. (Italiano)

ROBERT CASTEL – Sociólogo, autor de Psicanalime e A ordem Psiquiátrica. Crítico na Europa das funções repressivas da psicanálise e das técnicas psiquiátricas. (Francês)

ARMANDO BAULEO – Psiquiatra e Psicanalista. Diretor de um centro de formação em Psicologia Social, com sedes na Espanha e na Itália. Fundador do Grupo Plataforma, na Argentina, Co-autor do livro Questionamos, Especialista em grupos operativos e terapia de família. (Argentino, reside na Espanha)

#### AMERICANOS:

ERVING GOFFMAN – Antropólogo, especialista em Marginalidade e Desvio nas Instituições Totais (Instituições Autocráticas). Autor dos livros: Estigmas, O Ritual de Apresentação na Vida Cotidiana, Asylums e outros.

THOMAS SZASZ – Psiquiatra e Psicanalista. Professor de Psiquiatria na Universidade de Nova York e principal representante do Movimento Crítico na Psiquiatria nos Estados Unidos. Livros publicados: Fabricação da Loucura, Dor e Prazer, A Ética da Psicanálise, Ideologia e Doença Mental.

HOWARD BECKER – Sociólogo, especialista em estudos de Marginalidade e Desvio Social. Realizou vários trabalhos em Instituições de Ensino analisando a Escola como Sistemas de Status Social. Autor dos livros “Outsiders”, Uma teoria de Ação Coletiva e outros.

SHERE HITE – Socióloga, Autora do Livro Relatório Hite, um estudo sobre a sexualidade feminina.

#### LATINO-AMERICANOS: \_\_\_\_\_

CARLOS VILLAMOR – Filósofo, especialista em Epistemologia e Teoria das Ideologias. Ex-professor da Faculdade de Psicologia da Universidade Nacional de B. Aires.

ARMANDO SUAREZ – Psiquiatra e Psicanalista. Presidente do Círculo Psicanalítico Independente do México. Especialista e seguidor da linha de Caruso. Tradutor e introdutor da Obra de Lacan no México.

RICARDO MALFÉ – Psicólogo Institucional, um dos mais importantes psicólogos Institucionais Argentinos. Crítico da Deontologia da Psicanálise e Especialista em Psicologia Institucional de estabelecimentos assistenciais. Ex-professor da Universidade Nacional de B.Aires.

ALEXANDRO SCHERTZER – Psiquiatra e psicanalista. Catedrático de Psiquiatria infantil da Universidade de Psicologia de Montevideú. Especialista em Grupo Familiar e operativo.

EMILIO RODRIGUÉ – Psiquiatra e psicanalista. Ex-Presidente da Associação Psicanalítica Argentina, membro fundador do Grupo Plataforma. Co-autor do livro Questionamos e Autor de Biografia de uma Comunidade Terapêutica, Psicoterapia de Grupo, Psicanálise nas Américas e Heroína e o Contexto do Processo Psicanalítico.

**Banco Real**

**Trans Brasil**

**Brasil é com a gente**

ANEXO 2: Programas das imersões Formação de esquizodramatistas

# Formação de Esquizodramatistas

iMERSÃO julho 2022

**IGB** Instituto  
Gregorio Barenblitt

PROGRAMAÇÃO

29 jul a 31 jul

2022 janeiro





2021 agosto



2021 janeiro



2020 agosto



## **2022 julho IMERSÃO Formação de Esquizodramatistas**

### **TEMAS**

Pra que serve o esquizodrama?  
Domenico Hur

Produção de produção, de reprodução e de antiprodução  
Gregorio Kazi

Klínica: produção de produção, de reprodução e de antiprodução  
Gregorio Kazi, Carolina Rocha de Carvalho e Ettore Fonseca Scalon

Crise da representação, performance e poesia contemporânea  
Eduardo Veras e Cris Sales

Klínica: Performar o corpo da palavra.  
Eduardo Veras e Cris Sales

Klínica universal e esquizodrama Klínica: Esquizodrama de crise:- Numa encruzilhada, a potência da doença e a nova terra. A saúde nos redemoinhos da revolução

Maria de Fátima Oliveira, Jorge Bichuetti, Camila Bahia e Raquel Bessas

Sons e outras musicalidades no esquizodrama.  
Du Macedo, Marcelo Fontes e Rogério Teixeira

Klínica: Sons e outras musicalidades  
Du Macedo, Marcelo Fontes e Rogério Teixeira

Cosmopolíticas e cosmopoéticas na América Latina. Territórios, corpos e afetos  
Saulo Luders Fernandes, Geni Núñez e Abraão de Oliveira Santos

Pinçamentos da prática esquizodramática – klínica individual, grupal e institucional  
Flávia Resende e Patrícia Ayer

Covisão/finalização  
Margarete Amorim, Jorge Bichuetti, Gregorio Kazi e todes

## **PROGRAMAÇÃO**

Sexta:

18h Abertura

Margarete Amorim e Flávia Rezende

18h30 às 19h30

Pra que serve o esquizodrama?

Domenico Hur

19h30 às 19h45 Intervalo

19h45 às 20h45

Produção de produção, de reprodução e de antiprodução.

Gregorio Kazi

20h45 às 22h

Klínica: produção de produção, de reprodução e de antiprodução

Gregorio Kazi, Carolina Rocha de Carvalho e Ettore Fonseca Scalon

Sábado:

9h às 10h30

Crise da representação, performance e poesia contemporânea

Eduardo Veras e Cris Sales

10h30 às 11h

Klínica: Performar o corpo da palavra.

Eduardo Veras e Cris Sales

11h às 11h15 Intervalo

11h15 às 12h15

Klínica universal e esquizodrama.

Jorge Bichuetti

12h15 às 13h30

Klínica: Esquizodrama de crise: - Numa encruzilhada, a potência da doença e a nova terra. A saúde nos redemoinhos da revolução

Maria de Fátima Oliveira, Jorge Bichuetti, Camila Bahia e Raquel Bessas

13h30 às 14h45 Intervalo

14h45 às 16h

Sons e outras musicalidades no esquizodrama.

Du Macedo, Marcelo Fontes e Rogério Teixeira



16h às 16h15 Intervalo  
 16h15 às 18h  
 Clínica: Sons e outras musicalidades.  
 Du Macedo, Marcelo Fontes e Rogério Teixeira

Domingo:  
 9 às 11h  
 Cosmopolíticas e cosmopoéticas na América Latina. Territórios,  
 corpos e afetos.  
 Saulo Luders Fernandes, Geni Núñez e Abraão de Oliveira Santos

11 às 11h15 Intervalo  
 11h15 às 13h  
 Clínica: Cosmopolíticas e cosmopoéticas na América Latina  
 Territórios, corpos e afetos.  
 13h às 14h30 Intervalo  
 14h30 às 16h  
 Pinçamentos da prática esquizodramática – clínica individual, grupal e  
 institucional.  
 (Flávia Resende e Patrícia Ayer)

16h às 16h15 Intervalo  
 16h15 às 18h  
 Covação/finalização.  
 (Margarete Amorim, Jorge Bichueti, Gregorio Kazi e todes)

## PROFESSORES E CONVIDADES

Geni Núñez: ativista indígena, escritora, psicóloga, doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC). É membro da Articulação Brasileira de Indígenas Psicólogos/as (ABIPSI), co-assistente da Comissão Guarani Yvurupa e membro do Observatório OKA - Kunhangue Aty Guasu - Guarani Kaiowa.

Eduardo Veras: Professor adjunto do Departamento Estudos Literários da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e bolsista produtividade CNPq. Doutor em Literatura Comparada pela UFMG, realizou pesquisas de pós-doutorado na UNICAMP e na Sorbonne Université (Paris IV). É autor dos livros O oratório poético de Alphonsus de Guimaraens (Relicário, 2016), Deserto Azul (Penalux, 2018) e Baudelaire e os limites da poesia (Cosrário-Satã, 2021), e atua também como tradutor.

Du Macedo: Du Macedo é músico e professor de música, compositor, violonista e cavaquinista, licenciado em Educação Musical (UEMG). Desde 2002 é integrante da equipe de professores do Arena da Cultura (ELA) - PBH. Atuou como professor e coordenador do programa TIM Música nas Escolas entre 2007 e 2011.

Cris Sales: Doutora em Literatura e Cultura pela UFBA, Mestra em Estudo de Linguagens-UNEB, professora da Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Crítica literária e desenvolve pesquisas acerca da produção de conhecimento de escritoras e intelectuais negras na América Latina e Caribe, atentando-se aos seguintes aspectos: literatura, autoria, crítica e teoria. Tem experiência na área de Letras com ênfase em Literatura negra brasileira, Literatura de autoria negra feminina, Literatura Brasileira, Literatura e ensino, Estudos pós-coloniais. Realiza Estágio pós-doutoral no Programa em Crítica Cultural – Pós-Crítica – UNEB, debruçando-se sobre a investigação de narrativas de autoria negra feminina latino-americana e caribenha.

Abraão de Oliveira Santos: Psicólogo, docente no Instituto de Psicologia e coordenador do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFF, coordenador do Kitembo - Laboratório de Estudos da Subjetividade e Cultura Afro-brasileira.

Margarete Amorim: Psicóloga clínica, organizacional e do trabalho (CRP-4967/04), mestre em educação, inventora da pedagogia clínica, consultora, supervisora e professora em políticas públicas e gestão de

equipes, análise institucional, esquizoanálise e esquizodrama. Mestrado em educação e doutoranda em psicologia social. Fundadora e coordenadora do Instituto Gregorio Baremlitt/BH. Coordenadora do Curso de Formação de Esquizodramatistas.

Saulo Luders Fernandes: Psicólogo e mestre em psicologia. Doutor pela USP. Realiza pesquisas e projetos de extensão na área de psicologia social e política com ênfase na luta e garantia de direitos de comunidades tradicionais, quilombolas, indígenas e movimentos de luta pela terra da região do agreste Alagoas. Professor do programa de pós-graduação de psicologia nível mestrado na UFAL. Coordena linha de pesquisa no grupo de pesquisa Psicologia da Saúde intitulada: práticas de saúde, contexto rural e cotidiano. Tutor do PET-NESAL.

Maria De Fátima Oliveira: Psicóloga, especialista em saúde mental. Fundadora, presidente e coordenadora da Fundação Gregorio Baremlitt – CAPS Maria Bonita. Supervisora no matriciamento da RAPS de Uberaba. Esquizodramatista, palestrante conferencista em Saúde Mental, análise institucional e direitos humanos. Psicoterapeuta clínica individual e grupal.

Domenico Uhng Hur: Psicólogo, mestre e doutor em Psicologia Social USP, com estágio doutoral na Universidade Autônoma de Barcelona e pós-doutoral na Universidade de Santiago de Compostela (USC), Espanha. Professor Associado de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Autor e organizador de livros de esquizoanálise e de psicologia política, alguns: “Psicologia, Política e Esquizoanálise” (Hur, 2018) e “Psicologia dos extremismos políticos” (Hur & Sabucedo, 2020).

Gregorio Kazi: Psicólogo pela Universidade de Buenos Aires (UBA), especialista em Esquisodrama, Esquizoanálise e Análise Institucional pelo Instituto Félix Guattari de Belo Horizonte e Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Fundador do Movimento Nacional de Desmanicomialização Argentino, co-fundador da Universidade Popular Madres de Plaza de Mayo, Diretor da Carreira de Psicologia Social da UPPM, Diretor Geral dos Congressos de Saúde Mental e Direitos Humanos. Professor da Universidade de Uberaba, coordenador da Liga de Saúde Mental da Universidade de Uberaba e Professor do Instituto Gregorio Baremlitt de Belo Horizonte. Autor de diversos livros.

Julia Minossi Munhoz: Psicóloga (CRP-15/3431), pela Universidade Estadual de Maringá-PR. Pós Graduada em Esquizoanálise, Esquizodrama e Análise Institucional pelo Instituto Gregorio Baremlitt, em Belo Horizonte-MG. Pós Graduada em Psicologia Clínica Análise Bioenergética, pela Libertas - Recife-PE. Formação Internacional em Análise Bioenergética. Mestranda pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL de Maceió. Psicoterapeuta individual e de grupo, professora e esquizodramatista.

Rogério Teixeira: Psicólogo formado pela PUC-MG, mestre em psicologia social pela UERJ. Atua como professor de psicologia na graduação da UNIBH. Trabalha com análise institucional, esquizoanálise e esquizodrama. Interessado em pesquisas relacionadas às novas tecnologias de informação, comunicação e processos de subjetivação.

Marcelo Fontes: Filósofo e Mestre em Literaturas (PUC-MG); Esquizodramatista e Esquizoanalista (IGB); pesquisador pelo núcleo "Pratiques et théories du sens" na Universidade de Paris VIII (2010 – 2015); realiza pesquisa com temas relacionados às novas tecnologias, vozes narrativas e escritas digitais; plágios e panfletagem contracultural eletrônica @deleuzerecombination.

Flávia Resende Guimarães: Psicóloga e esquizodramatista. Atualmente com dedicação prioritária à clínica e a projetos junto ao Instituto Gregorio Baremlitt, trabalhou por 10 anos como psicóloga do trabalho, experimentando o esquizodrama em diversos coletivos e organizações. Graduada em psicologia pela PUC Minas, com formação em Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama pelo IGB.

Patrícia Ayer: Psicóloga pela UFMG, antimanicomial, feminista e antiproibicionista, com formação em Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama pelo IGB, mestrado em psicologia clínica pela PUC-SP. Atua como psicóloga da rede de saúde mental da PBH, experiência com grupos e famílias, sobretudo com quadros de psicose e dependência química. Atende em consultório particular.

Camila Bahia Leite: CRP 04/15158. Psicóloga graduada pela UFMG, especialista em Saúde Mental (UNIUBE), Psicologia Social (CFP), Esquizoanálise/Esquizodrama e Análise Institucional (Instituto Gregorio Barenblitt e Faculdade de Ciências Médicas de MG), Formação em Supervisão Clínico Institucional em Saúde Mental, Álcool e outras drogas (Escola de Saúde Pública de MG), atua como psicóloga clínica em consultório, psicóloga no CAPS Maria Boneca da

Fundação Gregorio Barenblitt /Uberaba, Matriciadora na RAPS Uberaba e Supervisora Clínico institucional de CAPS e serviços de Saúde Mental, Supervisora em Psicologia Clínica e Esquizoanálise/Esquizodrama, Conselheira do CRPMG.

Raquel Bessa M. Andrade: Psicóloga clínica, supervisora, acompanhante terapêutica, especialista em saúde mental, esquizodramatista e esquizoanalista. Psicóloga e acompanhante terapêutica do CAPS Maria Boneca/Fundação Gregorio Barenblitt de Uberaba-MG. Psicoterapeuta individual e de grupo.

Carolina Rocha de Carvalho: Graduada em História e Psicologia, Professora na Universidade de Uberaba, Psicóloga clínica esquizoanalista e esquizodramatista da Clínica Devir, mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro e autora de capítulos de livros na área de História.

Ettore Fonseca Scalon: Graduado em Psicologia pela Universidade de Uberaba (UNIUBE), mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Psicólogo Clínico, esquizoanalista e esquizodramatista da Clínica Devir. Também atua como Psicólogo Clínico na Clínica de Psicologia da Universidade de Uberaba.

Jorge Bichuetti: Sanitarista e homeopata, analista institucional, esquizoanalista e esquizodramatista. Médico do CAPS-Maria Boneca em Uberaba, da Fundação Gregorio Barenblitt.

## **2022 janeiro IMERSÃO Formação de Esquizodramatistas**

### **TEMAS**

Ideias para adiar o fim do mundo.  
Ailton Krenak

Vivendo uma vida esquizodramática: O esquizodrama e suas 5 clínicas cruciais.  
Gregorio Kazi e Domenico Hur

Esquizodrama: clínica das 4 ecologias.  
Koram Xucuru-Kariri, Julia Minossi Munhoz, Flávia Resende Guimarães.

Homenagem a Gregorio Barenblitt: bricolagem de encontros e travessias.  
Alfredo Martin e coletivo do IGB

Esquizodrama e Espinosa: os 3 gêneros de conhecimento e a intervenção esquizodramática.  
Patrícia Ayer e Rogério Teixeira

Esquizodrama: Clínica da alegria e a afirmação da vida.  
Patrícia Ayer, Rogério Teixeira e Marcelo Fontes

Esquizodrama e as novas tecnologias: afetar e ser afetado.  
Marcelo Fontes e Rogério Teixeira.

Caos, caosmose, cosmos. Esquizodrama: clínica do caos, caosmose, cosmos  
Gregorio Kazi

Psicoterapia Esquizodramática individual, grupal e coletiva - tratamento, cuidado e crise - trauma, bloqueio, potência. Julia Minossi Munhoz, Marcelo Fontes, Jorge Bichuetti, Maria de Fátima Oliveira, Flávia Resende Guimarães, Rogério Teixeira, Patrícia Ayer, Camila Bahia, Raquel Bessa, Gregorio Kazi, Ettore Scalon.

Esquizodrama: clínica do cuidado.  
 Maria de Fátima Oliveira, Raquel Bessa, Camila Bahia.

Covisão - Psicoterapia Esquizodramática individual, grupal e coletiva.

Covisão - Conversações, trocas e finalização.

## PROGRAMAÇÃO

Sexta-feira:

18h

Apresentação da Imersão e Acolhimento.

18h30 às 19h30

Para adiar o fim do mundo.

Ailton Krenac.

Apresentação: Carmen Macedo

Intervalo 19h30h às 19h45

19h45 às 21h

Vivendo uma vida esquizodramática. Gregorio Kazi e Domenico Hur.

21h às 22h

Esquizodrama: clínica das 4 ecologias. Koram Xucuru-Kariri, Julia Minossi Munhoz, Flávia Resende Guimaraes.

Sábado:

Abertura

9h às 10h30

Homenagem a Gregorio Barembliitt: bricolagem de encontros e travessias. Eduardo Losicer, Alfredo Martin e coletivo do IGB

Intervalo 10h30 às 10h45

10h45 às 13h

Esquizodrama e Espinosa: os 3 gêneros de conhecimento e a intervenção esquizodramática. Patrícia Ayer e Rogério Teixeira.

Esquizodrama: Clínica da alegria e a afirmação da vida.

Patrícia Ayer, Rogério Teixeira e Marcelo Fontes.

Intervalo 13h às 14h

14 às 15h

Esquizodrama e as novas tecnologias: afetar e ser afetado.

Marcelo Fontes e Rogério Teixeira.

15h às 16h

Caos, caosmose, cosmos.

Gregorio Kazi.

Intervalo 16h às 16h15

16h15 às 18h

Esquizodrama: clínica do caos, caosmose, cosmos.

Gregorio Kazi, Ettore Scalon e Carolina Rocha de Carvalho.

Esquizofesta 21h

Domingo:

9h às 10h30

Psicoterapia Esquizodramática individual, grupal e coletiva - tratamento, cuidado e crise - trauma, bloqueio, potência. Julia Minossi Munhoz, Marcelo Fontes, Jorge Bichuetti, Maria de Fátima Oliveira, Flávia Resende Guimaraes, Rogério Teixeira, Patrícia Ayer, Camila Bahia,

Raquel Bessa, Gregorio Kazi, Ettore Scalon.

Intervalo 10h30 às 10h45

10h45 às 13h Esquizodrama: clínica do cuidado.

Maria de Fátima Oliveira, Raquel Bessa, Camila Bahia.

Intervalo 13 às 14h

14h às 15h30

Covisão - Psicoterapia Esquizodramática individual, grupal e coletiva.  
Intervalo 15h30 às 15h45  
15h45 às 18h  
Covisão - Conversações, trocas e finalização.

## PROFESSORES E CONVIDADES

Ailton Krenak: Líder Indígena, ambientalista, jornalista, filósofo, poeta. Também é escritor com dois livros publicados: “Ideias para Adiar o Fim do Mundo” e “A Vida não é Útil”. Doutor Honoris Causa pela Universidade de Brasília e pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Premiado com a Ordem do Mérito Cultural (OMC).

Koram Xucuru Kariri: Pertence à etnia Xucuru-kariri, aldeia Mata da Cafurna em Palmeira dos Índios - AL. Mezinheira e liderança da sua comunidade. Idealizadora do projeto Magia da Terra, que trabalha o fortalecimento da medicina tradicional indígena, usando como ferramentas as ervas, cantos, danças e artes indígenas como cura. Mezinheira, terapeuta holística, mestra em Reiki Xamânico, cura através da respiração e do corpo, terapia com cristais e argiloterapêutica.

Alfredo Martín: Psicólogo, analista institucional, doutor em Ciências da Educação pela universidade Paris VIII. Trabalha desde 1982 com migrantes, refugiados e povos originários. Eduardo Losicer Psicanalista e analista institucional; argentino brasileiro. Membro da Equipe Clínico Política e membro de Ibrapsi-RJ.

Carmen Lícia de Macedo: Assistente Social PUC Minas - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestra em Política Social pela UNB - Universidade de Brasília. Pós Graduada em Educação UFMG Universidade Federal de Minas Gerai. Analista Institucional no Instituto Gregorio Baremlitt.

Maria de Fátima Oliveira: Psicóloga, especialista em saúde mental. Fundadora, presidente e coordenadora da Fundação Gregorio Baremlitt – CAPS Maria Bonita. Supervisora no matriciamento da RAPS de Uberaba. Esquizodramatista, palestrante conferencista em Saúde Mental, análise institucional e direitos humanos. Psicoterapeuta clínica individual e grupal.

Jorge Bichueti: Médico Sanitarista e homeopata, analista institucional, esquizoanalista e esquizodramatista. Médico do CAPS-Maria Boneca em Uberaba, da Fundação Gregorio Baremlitt.

Margarete Amorim: Psicóloga clínica, organizacional e do trabalho (CRP-4967/04), mestre em educação, inventora da pedagogia clínica, consultora, supervisora e professora em políticas públicas e gestão de equipes, análise institucional, esquizoanálise e esquizodrama. Mestrado em educação e doutoranda em psicologia social. Fundadora e coordenadora do Instituto Gregorio Baremlitt/BH. Coordenadora do Curso de Formação de Esquizodramatistas.

Gregorio Kazi: Psicólogo pela Universidade de Buenos Aires (UBA), especialista em Esquisodrama, Esquizoanálise e Análise Institucional pelo Instituto Félix Guattari de Belo Horizonte e Doutorando em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Fundador do Movimento Nacional de Desmanicomialização Argentino, co-fundador da Universidade Popular Madres de Plaza de Mayo, Diretor da Carreira de Psicologia Social da UPMPM, Diretor Geral dos Congressos de Saúde Mental e Direitos Humanos. Professor da Universidade de Uberaba, coordenador da Liga de Saúde Mental da Universidade de Uberaba e Professor do Instituto Gregorio Baremlitt de Belo Horizonte. Autor de diversos livros.

Domenico Uhng Hur: Psicólogo, mestre e doutor em sicologia Social USP, com estágio doutoral na Universidade Autônoma de Barcelona e pós-doutoral na Universidade de Santiago de Compostela (USC), Espanha. Professor Associado de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Autor e organizador de livros de esquizoanálise e de psicologia política, alguns: “Psicologia, Política e Esquizoanálise” (Hur, 2018) e “Psicologia dos extremismos políticos” (Hur & Sabucedo, 2020).

Patrícia Ayer: Psicóloga pela UFMG, antimanicomial, feminista e antiproibicionista, com formação em Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama pelo IGB, mestrado em psicologia clínica pela PUC-SP. Atua como psicóloga da rede de saúde mental da PBH, experiência com grupos e famílias, sobretudo com quadros de psicose e dependência química. Atende em consultório particular.

Marcelo Fontes: Filósofo e Mestre em Literaturas (PUC-MG); Esquizodramatista e Esquizoanalista (IGB); pesquisador pelo núcleo "Pratiques et théories du sens" na Universidade de Paris VIII (2010 – 2015); realiza pesquisa com temas relacionados às novas tecnologias, vozes narrativas e escritas digitais; plágios e panfletagem contracultural eletrônica @deleuzerecombination.

Flávia Resende Guimarães: Psicóloga e esquizodramatista. Atualmente com dedicação prioritária à clínica e a projetos junto ao Instituto Gregorio Baremlitt, trabalhou por 10 anos como psicóloga do trabalho, experimentando o esquizodrama em diversos coletivos e organizações. Graduada em psicologia pela PUC Minas, com formação em Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama pelo IGB.

Julia Minossi Munhoz: Psicóloga (CRP - 15/3431), pela Universidade Estadual de Maringá-PR. Pós Graduada em Esquizoanálise, Esquizodrama e Análise Institucional pelo Instituto Gregorio Baremlitt, em Belo Horizonte-MG. Pós Graduada em Psicologia Clínica Análise Bioenergética, pela Libertas-Recife-PE. Formação Internacional em Análise Bioenergética. Mestranda pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL de Maceió. Psicoterapeuta individual e de grupo, professora e esquizodramatista.

Rogério Teixeira: Psicólogo formado pela PUC-MG, mestre em psicologia social pela UERJ. Atua como professor de psicologia na graduação da UNIBH. Trabalha com análise institucional, esquizoanálise e esquizodrama. Interessado em pesquisas relacionadas às novas tecnologias de informação, comunicação e processos de subjetivação.

Camila Bahia Leite: CRP 04/15158. Psicóloga graduada pela UFMG, especialista em Saúde Mental (UNIUBE), Psicologia Social (CFP), Esquizoanálise/Esquizodrama e Análise Institucional (Instituto Gregorio Baremlitt e Faculdade de Ciências Médicas de MG), Formação em Supervisão Clínico Institucional em Saúde Mental, Álcool e outras drogas (Escola de Saúde Pública de MG), atua como psicóloga clínica em consultório, psicóloga no CAPS Maria Boneca da Fundação Gregorio Baremlitt /Uberaba, Matriciadora na RAPS de Uberaba e Supervisora Clínico institucional de CAPS e serviços de Saúde Mental, Supervisora em Psicologia Clínica e Esquizoanálise/Esquizodrama, Conselheira do CRPMG.

Raquel Bessa M. Andrade: Psicóloga clínica, supervisora, acompanhante terapêutica, especialista em saúde mental, esquizodramatista e esquizoanalista. Psicóloga e acompanhante terapêutica do CAPs Maria Boneca / Fundação Gregorio Baremlitt de Uberaba-MG. Psicoterapeuta individual e de grupo.

Ettore Fonseca: Graduado em Psicologia pela Universidade de Uberaba (UNIUBE), mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Psicólogo Clínico, esquizoanalista e esquizodramatista da Clínica Devir. Também atua como Psicólogo Clínico na Clínica de Psicologia da Universidade de Uberaba.

Carolina Rocha de Carvalho: Graduada em História e Psicologia, Professora na Universidade de Uberaba, Psicóloga clínica esquizoanalista e esquizodramatista da Clínica Devir, mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro e autora de capítulos de livros na área de História.

## **2021 julho IMERSÃO Formação de Esquizodramatistas**

### **TEMAS**

O esquizodrama – um acontecer-devir clandestino  
Margarete Amorim

Eu(reka!). Subjetividades contemporâneas  
Peter Pál Pelbart

Esquizocenia: O Grupo Teatral Ueinzz  
Peter Pál Pelbart

Esquizodrama: Tecno-revoluções moleculares  
Marcelo Fontes, Rogério Teixeira e Margarete Amorim

Linguagens, crítica à representação e outras semióticas no esquizodrama  
Gregorio Kazi

Esquizodrama dos Fractais  
Gregorio Kazi, Ettore Fonseca Scalon, Carolina Rocha de Carvalho

Literatura menor, esquizodrama e as veredas do devir  
Jorge Bichueti

Esquizodrama: Corpaixão e o devir Clarice Lispector  
Jorge Bichueti, Maria de Fátima Oliveira, Camila Bahia, Raquel Bessa

Convergências e contribuições das Artes da cena. Encontrar o outro: máscara, transfiguração, multiplicação da Vida  
Bya Braga

Corpo desembestado: por um performer “mal dito”  
Matheus Silva

Esquizodrama: Entre a rostidade e os corpos embrionários: o devir-acontecimento na produção de outras realidades  
Bya Braga, Matheus Silva

Pinçamentos de experimentações clínicas entre participantes e professores em diferentes campos: educação, saúde, saúde mental, assistência social, na rua, na praça, nas artes, etc. Breves relatos. Patricia Ayer, Flávia Resende Guimarães, Julia Minosso Munhoz

Democracias na América Latina – devires revolucionários  
Domenico Uhng Hür, Casé Angatu Xukuru Tupinambá, Saulo Luders Fernandes, Ana da Hora, Saulo Luders Fernandes, Ana da Hora, Casé Angatu Xukuru Tupinambá, Domenico Uhng Hür

## **PROGRAMAÇÃO**

Sexta:

18h Abertura

Apresentação da Imersão

Tema: O esquizodrama – um acontecer-devir clandestino

Margarete Amorim

Eu(reka!). Subjetividades contemporâneas

Peter Pál Pelbart

Reverberações coletivas.

Intervalo 20h às 20h15

20h15 às 22h

Tema: Esquizocenia: O Grupo Teatral Ueinz.

Peter Pál Pelbart

Esquizodrama: Tecno-revoluções moleculares

Marcelo Fontes, Rogério Teixeira e Margarete Amorim

Sábado:

9h às 10h30 Abertura

Tema: Linguagens, crítica à representação e outras semióticas no esquizodrama.

Gregorio Kazi

Reverberações

Intervalo 10h30 às 10h45

10h45 às 13h Esquizodrama: Esquizodrama dos Fractais.

Gregorio Kazi, Ettore Fonseca Scalon, Carolina Rocha de Carvalho

Reverberações

Intervalo 13h às 14h

14h às 16h30 Tema: literatura menor, esquizodrama e as veredas do devir.

Jorge Bichueti Reverberações (intercessões – com autores alunes) Esquizodrama: Corpaixão e o devir  
Clarice Lispector. Jorge Bichueti, Maria de Fátima Oliveira, Camila Bahia, Raquel Bessa

Intervalo 16h30 às 16h45

16h45 às 18h Pinçamento de experimentações clínicas entre os participantes e professores em diferentes campos: educação, saúde, saúde mental, assistência social, na rua, na praça, nas artes etc. Breves relatos.

Patrícia Ayer, Flávia Resende Guimarães, Julia Minossi Munhoz

Domingo:

9h às 10h30 Convergências e contribuições das Artes da cena: Encontrar o outro: máscara, transfiguração e a multiplicação da Vida.

Bya Braga

Corpo desembestado: por um performer “maldito”. Matheus Silva

Intervalo 10h30 às 10h45

11h às 13h: Esquizodrama: Entre a rostidade e os corpos embrionários: o devir-acontecimento na produção de outras realidades.

Bya Braga, Mateus Silva

13h às 14h: Intervalo

14h às 15h45: Democracias na América Latina – devires revolucionários

Domenico Uhng Hür, Casé Angatu Xukuru Tupinambá, Saulo, Ana da Hora

15:45h às 16:15h: Intervalo

16h às 18h: Clínica: Sonhar-criar: para habitar outros mundos

Saulo Luders Fernandes, Ana da Hora, Casé Angatu Xukuru Tupinambá, Domenico Uhng Hür

## PROFESSORES E CONVIDADES

Peter Pal Pelbárt: Professor titular de filosofia na PUC SP. Publicou o avesso do niilismo: cartografias do esgotamento, e Ensaios do assombro, entre outros. Traduziu várias obras de Gilles Deleuze. E coeditor da 1ª edição e membro da Cia Teatral Ueinz

Bya Braga: Professora Associada do Departamento de Artes Cênicas/EBA/UFMG, no Curso de Graduação em Teatro e no Programa de Pós-Graduação em Artes. Pesquisadora do CNPq (Teatro/Interpretação/Mascaramento e cena física). Pós-doutora em Performance Studies pela New York University. Atriz e Diretora cênica. Integra o Duo Mimexe, Alexandre Brum Correa, atuando em "Dois em laço" (2018) e "Ô, bença!" (2020).

Case Angatu Xukuru Tupinambá: Indígena do Território Tupinambá Olivença (Ilhéus/BA) Taba Gwarini Atã; Docente na Pós-Graduação em Ensino/Relações Étnico-Raciais da Univ. Federal Sul da Bahia; Docente da Univ. Estadual Santa Cruz (Ilhéus); Doutor FAU/USP; Mestrado PUC/SP; História UNESP; Livro: "Nem Tudo Fra Italiano: São Paulo e Pobreza" e Coautor do Livro "Índios no Brasil: Vida, Cultura e Morte", entre outras publicações.

Ana da Hora: Direção estadual do MST-Alagoas, técnica em saúde ambiental e agroecológica. Coordena o Núcleo de Saúde no Assentamento Rendeiras, ativista do Coletivo de Mulheres do MST

Saulo Luders Fernandes: Psicólogo e mestre em psicologia pela UEM. Doutor pela USP. Realiza pesquisas e projetos de extensão na área de psicologia social e política com ênfase na luta e garantia de direitos de comunidades tradicionais, quilombolas, indígenas e movimentos de luta pela terra da região do agreste Alagoas. Professor do programa de pós graduação de psicologia nível mestrado na UFAL. Coordena linha de pesquisa no grupo de pesquisa Psicologia da Saúde intitulada: práticas de saúde, contexto rural e cotidiano. Tutor do PET NESAL.

Matheus Silva: Artista das artes cênicas que performa e pesquisa a teoria bixa (Teoria Queer). Doutorando em Artes na UFMG. Bolsista (CAPES). Mestre em Artes Cênicas (PPGAC) da UFOP. Pós Graduado em Análise Institucional, Esquizodrama e Esquizoanálise na Fundação Gregorio Barenblitt/Instituto Felix Guattari. Bacharel em Interpretação Teatral (2009) e Licenciado em Artes: Cênicas (2007) pela Universidade Federal de Ouro Preto, (UFOP), Ouro Preto/MG Foi professora substituta no Departamento



de Artes (DI ART) da UFOP Por meio do ativismo na arte da performance, investiga o conceito de corpo desembestado, e somado a uma série de dispositivos extradisciplinares, instaura uma existência bufonábica.

Gregorio Baremlitt: Médico psiquiatra, livre docente pela Universidade Nacional de Buenos Aires, psicoterapeuta, analista institucional, esquizoanalista, esquizodramatista, inventor do esquizodrama, professor em três universidades argentinas e quatro universidades brasileiras. Autor de vários livros e numerosos artigos.

Margarete Amorim: Psicóloga clínica, organizacional e do trabalho (CRP-4967/04), mestre em educação, inventora da pedagogia clínica, consultora, supervisora e professora em políticas públicas e gestão de equipes, análise institucional, esquizoanálise e esquizodrama. Mestrado em educação e doutoranda em psicologia social.

Jorge Bichueti: Médico Sanitarista e homeopata, analista institucional, esquizoanalista e esquizodramatista. Médico do CAPS Maria Boneca em Uberaba, da Fundação Gregorio F Baremlitt.

Maria de Fátima Oliveira: Psicóloga, especialista em saúde mental. Fundadora, presidente e coordenadora da Fundação Gregorio Baremlitt CAPS Maria Boneca Supervisora no matriciamento da RAPS de Uberaba. Esquizodramatista, palestrante conferencista em Saúde mental, análise institucional e direitos humanos

Gregorio Kazi: Licenciatura em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires (Uba), Especialista em Esquizoanálise e Análise Institucional pelo Instituto Félix Guattari de Belo Horizonte e Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Fundador do Movimento Nacional de Desmanicomialização Argentino, co-fundador da Universidade Popular Madres de Plaza de Mayo, Diretor da Carreira de Psicologia Social da UPPM, Diretor Geral dos Congressos de Saúde Mental e Direitos Humanos. Professor da Universidade de Uberaba, coordenador da Liga de Saúde Mental da Universidade de Uberaba e Professor do Instituto Gregorio Baremlitt de Belo Horizonte, Autor de diversos livros.

Patrícia Ayer: Psicóloga antimanicomial, feminista e antiproibicionista pela UFMG, com formação em Análise Institucional. Esquizoanálise e Esquizodrama pelo IGB, mestrado em psicologia clínica pela PUC SP. Atua como psicóloga da rede de saúde mental da PBH, experiência com grupos e famílias, sobretudo com quadros de psicose e dependência química tende em consultório particular

Julia Minossi Munhoz: Psicóloga (CRP 15/3430) pela Universidade Estadual de Maringá - PR. Pós-Graduada em Esquizoanálise Esquizodrama e Análise Institucional pelo Instituto Gregorio Baremlitt em Belo Horizonte e Pós-graduada em Psicologia Clínica, Análise Bioenergética, pela Libertas-Recife-PE. Psicoterapeuta individual e de grupo, professora e esquizodramatista.

Domenico Uhng Hur: Psicólogo, mestre e doutor em Psicologia Social USP, com estágio doutoral na Universidade Autônoma de Barcelona e pós-doutoral na Universidade de Santiago de Compostela (USC), Espanha. Professor Associado de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Autor e organizador de livros de esquizoanálise e de psicologia política, entre eles: "Psicologia, Política e Esquizoanálise" (Hur, 2018) e Psicologia dos extremismos políticos" (Hur & Sabucedo, 2020).

Flávia Resende Guimarães: Psicóloga e esquizodramatista. Atualmente com dedicação prioritária à clínica e a projetos junto ao Instituto Gregorio Baremlitt, trabalhou por 10 anos como psicóloga do trabalho, experimentando o esquizodrama em diversos coletivos e organizações. Graduada em psicologia pela PUC Minas, com formação em Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama pelo Instituto Gregorio Baremlitt.

Marcelo Fontes: Filósofo e Mestre em Literaturas (PUC-MG), Esquizodramatista e Esquizoanalista (IGB); pesquisador pelo núcleo "Pratiques et theories du sens" na Universidade de Paris VIII (2010-2015), realiza pesquisa em temas relacionados às novas tecnologias, vozes narrativas e escritas digitais; plágios e panfletagem contracultural eletrônica. (@deleuzerecombination).

Camila Bahia Leite: Psicóloga Clínica graduada pela UFMG, especialista em Saúde Mental (UNIUBE), Psicologia Social (CFP), Esquizoanálise, Esquizodrama e Análise Institucional (Instituto Gregorio

Baremlitt). Atua como psicóloga e supervisora clínico institucional pela Fundação Gregorio Baremlitt/CAPS Maria Boneca, Matriciadora da RAPS de Uberaba, Conselheira pelo CRPMG (CRP04/15158).

Ettore Fonseca Scalon: Graduado em Psicologia pela Universidade de Uberaba (UNIUBE), Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Psicólogo Clínico, esquizoanalista e esquizodramatista da Clínica Devir. Também atua como Psicólogo Clínico na Clínica de Psicologia da Universidade de Uberaba.

Carolina Rocha De Carvalho: Graduada em História e Psicologia, professora na Universidade de Uberaba, Psicóloga clínica esquizoanalista e esquizodramatista da clínica Devir. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro e autora de capítulos de livros na área de História.

Rogério Teixeira: Psicólogo formado pela PUC-MG e mestre em psicologia social pela UERJ. Atua como professor de psicologia na graduação da UNIBH. Trabalha com análise institucional e esquizoanálise, interessado em pesquisas relacionadas às novas tecnologias de informação, comunicação e processos de subjetivação.

Raquel Bessa M. Andrade: Psicóloga clínica, supervisora, especialista em saúde mental, esquizodramatista e esquizoanalista. Psicóloga e acompanhante terapêutica do CAPS Maria Boneca /Fundação Gregorio Baremlitt de Uberaba MG. Psicoterapeuta individual e de grupo.

## **2021 janeiro IMERSÃO Formação de Esquizodramatistas**

### **TEMAS**

Esquizodrama como máquina revolucionária molecular  
Gregorio Kazi

Clínica da diferença-repetição - um devir revolucionário  
Gregorio Kazi, Carolina Rocha de Carvalho, Ettore Fonseca Scalon  
Clínica do corpo sem órgãos e dos "n" novos corpos  
Patrícia Ayer, Marcelo Fontes, Domenico Hur e Julia Minossi Munhoz. Participação especial: Lenine Guevara.

Os estados "alterados" de "consciência" no esquizodrama - análise institucional, esquizoanálise, práticas tradicionais, psicodélicos.  
Margarete Amorim, Jorge Bichueti, Pai Alex.

Clínica dos estados "alterados" de "consciência". Ritual de Pajelança da Jurema  
Pai Alex

Contribuições estéticas ao esquizodrama: A Tragicomediorgia.  
José Celso

A pesquisa esquizodramática e os recursos do esquizodrama na pesquisa.  
Margarete Amorim, Jorge Bichueti e Maria de Fátima Oliveira

Fontes estéticas e clínica: imagem, movimento e tempo.  
Rogério Teixeira e Marcelo Fontes

Fontes e contribuições estéticas ao esquizodrama: imagem, movimento, tempo e novas tecnologias. Rogério Teixeira e Marcelo Fontes

Esquizodrama e resistências, insurgências, movimentos sociais na América Latina – as democracias que queremos.  
Saulo L. Fernandes (Brasil), Gregorio Kazi (Argentina), Alexandra Rodríguez de Ruiz (México), Sônia Guajajara (Brasil)

Klínica – Novas formas de luta e resistência.

Saulo L. Fernandes, Gregogio Kazi, Sônia Guajajara, Alexandra Rodríguez de Ruíz

## PROGRAMAÇÃO

Sexta:

17:50h Abertura do Zoom

18h às 19:45h Boas-vindas, apresentação da Imersão e Klínica de abertura. Margarete Amorim e Flávia Resende Esquizodrama como máquina revolucionária molecular.

Gregorio Kazi

INTERVALO 19:45h às 20:15h

20:15h às 22h Klínica da diferença-repetição. Gregorio Kazi, Carolina Rocha de Carvalho, Ettore Fonseca Scalon

Sábado:

9h às 10:45h Klínica de abertura. Julia Minossi Munhoz e Flávia Resende O corpo no esquizodrama – O Corpo sem Órgãos e os “n” novos corpos. Patrícia Ayer, Marcelo Fontes, Domenico Hur e Julia Minossi Munhoz. Participação especial: Lenine Guevara.

INTERVALO 10h45 às 11h15

11h15 às 13h Klínica do Corpo sem Órgãos e dos “n” novos corpos. Maria de Fátima Oliveira, Camila Bahia e Raquel Bessa.

INTERVALO: 13h às 14h

14h às 16:45h Os estados “alterados” de “consciência” no esquizodrama – contribuições da análise institucional, da esquizoanálise, das práticas tradicionais, orientais, dos psicodélicos. Margarete Amorim, Jorge Bichueti, Pai Alex. Klínica Ritual de Pajelança de Jurema: Pai Alex. Participação de: Ettore Fonseca Scalon, Domenico Hur, Rogério Teixeira e Marcelo.

INTERVALO 16h45 às 17h

17h às 19h Apresentação do convidado.

Julia Minossi Munhoz

Contribuições estéticas ao esquizodrama: A Tragicomediorgia.

José Celso

21h30 Confraternização com show do Diego Moraes

Domingo:

9h às 10:45h Klínica de abertura. Flávia Resende e Julia Minossi Munhoz A pesquisa esquizodramática e os recursos do esquizodrama na pesquisa. Margarete Amorim, Jorge Bichueti e Maria de Fátima Oliveira

INTERVALO 10h45 às 11h15

11:15h às 13h Klínica de abertura Rogério Teixeira e Marcelo Fontes.

e contribuições estéticas ao esquizodrama: imagem, movimento, tempo e novas tecnologias. Rogério Teixeira e Marcelo Fontes Klínica: Imagem, movimento e tempo

INTERVALO 13h às 14h

15:45h Esquizodrama e resistências, insurgências, movimentos sociais na América Latina – as democracias que queremos. Saulo L. Fernandes (Brasil), Gregorio Kazi (Argentina), Alexandra Rodríguez de Ruíz (México), Sônia Guajajara (Brasil)

Intervalo 15h45 às 16h15

16h15 às 18h Klínica – Novas formas de luta e resistência.

Saulo L. Fernandes, Gregogio Kazi, Sônia Guajajara, Alexandra Rodríguez de Ruíz Fechamento, assembleia, mobilizações.

## PROFESSORES E CONVIDADES

Gregorio Baremlitt: Médico psiquiatra, livre docente pela Universidade Nacional de Buenos Aires, psicoterapeuta, analista institucional, esquizoanalista, esquizodramatista, inventor do esquizodrama, professor em três universidades argentinas e quatro universidades brasileiras. Autor de vários livros e numerosos artigos.

Margarete Amorim: Psicóloga clínica, organizacional e do trabalho (CRP-4967/04), mestre em educação, inventora da pedagogia clínica, consultora, supervisora e professora em políticas públicas e gestão de

equipes, análise institucional, esquizoanálise e esquizodrama. Mestrado em educação e doutoranda em psicologia social.

Gregorio Kazi: Licenciatura em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires (Uba), Especialista em Esquizoanálise e Análise Institucional pelo Instituto Félix Guattari de Belo Horizonte e Doutorando em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Fundador do Movimento Nacional de Desmanicomialização Argentino co-fundador da Universidade Popular Madres de Plaza de Mayo, Diretor da Carreira de Psicologia Social da UPMPM, Diretor Geral dos Congressos de Saúde Mental e Direitos Humanos. Professor da Universidade de Uberaba, coordenador da Liga de Saúde Mental da Universidade de Uberaba e Professor do Instituto Gregorio Baremlitt de Belo Horizonte, Autor de diversos livros.

Jorge Bichueti: Médico Sanitarista e homeopata, analista institucional, esquizoanalista e esquizodramatista. Médico do Caps-Maria Boneca em Uberaba, da Fundação Gregorio F Baremlitt.

Maria de Fátima Oliveira: Psicóloga, especialista em saúde mental. Fundadora, presidente e coordenadora da Fundação Gregorio Baremlitt CAPSMaria Boneca. Supervisora no matriciamento da RAPS de Uberaba. Esquizodramatista, palestrante conferencista em Saúde mental, análise institucional e direitos humanos.

Ettore Scalon: Graduado em Psicologia pela Universidade de Uberaba (UNIUBE), Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Psicólogo Clínico, esquizoanalista e esquizodramatista da Clínica Devir. Também atua como Psicólogo Clínico na Clínica de Psicologia da Universidade de Uberaba.

Carolina Rocha de Carvalho: Graduada em História e Psicologia, Professora na Universidade de Uberaba, Psicóloga clínica esquizoanalista e esquizodramatista da Clínica Devir, mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro e autora de capítulos de livros na área de História.

Marcelo Fontes: Filósofo e Mestre em Literaturas (PUC-MG); Esquizodramatista e Esquizoanalista (IGB); pesquisador pelo núcleo "Pratiques et théories du sens" na Universidade de Paris VIII (2010-2015); realiza pesquisa com temas relacionados às novas tecnologias, vozes narrativas e escritas digitais; plágios e panfletagem contracultural eletrônico. (@deleuzerecombination).

Rogério Teixeira: Psicólogo formado pela PUC-MG e mestre em psicologia social pela UERJ. Atua como professor de psicologia na graduação da UNIBH. Trabalha com análise institucional e esquizoanálise, interessado em pesquisas relacionadas às novas tecnologias de informação, comunicação e processos de subjetivação.

Julia Minossi Munhoz: Psicóloga (CRP - 15/3431), pela Universidade Estadual de Maringá-PR. Pós Graduada em Esquizoanálise, Esquizodrama e Análise Institucional pelo Instituto Gregório Baremlitt, em Belo Horizonte-MG. Pós Graduada em Psicologia Clínica Análise Bioenergética, pela Libertas-Recife-PE. Psicoterapeuta individual e de grupo, professora e esquizodramatista.

Camila Bahia Leite: Psicóloga Clínica graduada pela UFMG, especialista em Saúde Mental (UNIUBE), Psicologia Social (CFP), Esquizoanálise, Esquizodrama e Análise Institucional (Instituto Gregorio Baremlitt). Atua como psicóloga e supervisora clínico institucional pela Fundação Gregorio Baremlitt/CAPS Maria Boneca, Mateciadora da RAPs de Uberaba, Conselheira pelo CRPMG (CRP04/15158)

Raquel Bessa M. Andrade: Psicóloga clínica, supervisora, especialista em saúde mental, esquizodramatista e esquizoanalítica. Psicóloga e acompanhante terapêutica do CAPS Maria Boneca/Fundação Gregorio Baremlitt de Uberaba-MG. Psicoterapeuta individual e de grupo.

Patrícia Ayer: Psicóloga - antimanicomial, feminista e antiproibicionista - pela UFMG, com formação em Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama pelo IGB, mestrado em psicologia clínica pela PUC-SP. Atua como psicóloga da rede de saúde mental da PBH, experiência com grupos e famílias, sobretudo com quadros de psicose e dependência química. Atende em consultório particular.

Domenico Uhng Hur: Psicólogo, mestre e doutor em Psicologia Social USP, com estágio doutoral na Universidade Autônoma de Barcelona e pós-doutoral na Universidade de Santiago de Compostela (USC),

Espanha. Professor Associado de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Autor e organizador de livros de esquizoanálise e de psicologia política, entre eles: "Psicologia, Política e Esquizoanálise" (Hur, 2018) e "Psicologia dos extremismos políticos" (Hur & Sabucedo, 2020).

Flávia Resende Guimarães: Psicóloga e esquizodramatista. Atualmente com dedicação prioritária à clínica e a projetos junto ao Instituto Gregório Barenblitt, trabalhou por 10 anos como psicóloga do trabalho, experimentando o esquizodrama em diversos coletivos e organizações. Graduada em psicologia pela PUC Minas, com formação em Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama pelo Instituto Gregório Barenblitt.

Saulo Luders Fernandes: Psicólogo e mestre em psicologia. Doutor pela USP. Realiza pesquisas e projetos de extensão na área de psicologia social e política com ênfase na luta e garantia de direitos de comunidades tradicionais, quilombolas, indígenas e movimentos de luta pela terra da região do agreste Alagoas. Professor do programa de pós-graduação de psicologia nível mestrado na UFAL. Coordena linha de pesquisa no grupo de pesquisa Psicologia da Saúde intitulada: práticas de saúde, contexto rural e cotidiano. Tutor do PET-NESAL.

Sônia Guajajara: Sônia é do povo Cuajajara/Tentehar, que habita nas matas da Terra Indígena Araribois, no estado do Maranhão, Brasil. Saiu de sua aldeia para formar-se em Letras, Enfermagem e fazer pós-graduação em Educação Especial. Reconhecida mundialmente por sua militância indígena e ambiental nos movimentos de base, no Congresso Nacional, pela luta travada em nome dos povos originários. Tem voz no Conselho de Direitos Humanos da ONU, leva denúncias às Conferências Mundiais do Clima (COP), e ao Parlamento Europeu. Faz parte da Coordenação Executiva da Articulação dos povos indígenas do Brasil (Apib), compõe o Conselho da Iniciativa Interreligiosa pelas Florestas Tropicais do Brasil, iniciativa que faz parte de um Programa das Nações Unidas. Recebeu vários prêmios e honrarias no Brasil e no mundo, além de ter sido a primeira indígena a concorrer pela vice-presidência do Brasil.

José Celso: José Celso Martinez Corrêa (Araraquara-SP, 1937) é diretor, dramaturgo, ator e um dos fundadores do Teatro Oficina. Encenou espetáculos considerados antológicos, tais como O Rei da Vela, Na Selva das Cidades, As Bacantes e Os Sertões. Ícone da Tropicália, Zé Celso foi um dos líderes do movimento contracultural do Brasil, que foi prejudicado pelo golpe de 1964. Golpe que provocou a prisão e a tortura do diretor, que depois de solto, vai para o exílio em Portugal e Moçambique. Na volta e para além dos anos que se seguiram, Zé Celso continua participando ativamente das insurreições e dos acontecimentos contemporâneos, inclusive através de uma luta de 40 anos, entre Teatro Oficina e o Grupo Silvio Santos, em defesa de um projeto de urbanismo e atletismo afetivo pelas ruas do bairro do Bixiga, onde se localiza a sede da companhia dirigida pelo artista.

Pai Alex: Pai Alex é babalorixá, juremeiro, trabalha com ervas e plantas de cura. Mestre de cultura afro da cidade de Arapiraca em Alagoas, mestre de banda de pífano e mestre de banda de coco. Último encomendador de almas do agreste e sertão de Alagoas. Presidente da ONG Casa de Caridade. Coordenador da Fazendinha de São José, maior núcleo de jurema do Brasil.

Alexandra Rodríguez de Ruiz: Coordenadora do programa Jauría Trana do Centro Cultural Eorder Agencia de Activismo na cidade do México. Consultora e investigadora independente em sexualidade e gênero. Professora e tradutora de inglês. Estudou nos Estados Unidos e no México. Estudou psicologia na City College de São Francisco. Uma das cofundadoras do programa de empoderamento para mulheres latinas transgênero Translatinas, em São Francisco - Califórnia. Militante pela visibilidade dos migrantes LGBTQIA+ entre México e Estados Unidos, pelos direitos das trabalhadoras do sexo e pelas pessoas que vivem com HIV. Escritora que atualmente escreve o livro "Crucé la Frontera en Tacones: que narra sua experiência como transmigrante.

Lenine Guevara: Performer, docente, ativista da cultura e pesquisadora. Natural de Uberaba-MG. Reside na cidade de Salvador-BA, há 10 anos. Ativista da Cultura atua na ManifestA Coletiva. Documentação de ocupação da política Institucional, compondo a assessoria do Gabinete de Rua da vereadora Maria Marighella, faz parte da Articulação Nacional da Conferência Popular de Cultura e do Bloco de samba DehJa8. Mestre e doutora em Artes Cênicas pela UFBA e professora na Escola de Dança da FUNCEB. Celou o Núcleo A-com/tece e compõe o Coletivo A-FETO de Dança-Teatro. Trabalhadora da cultura, atua também na produção e preparação de elenco para cinema e audiovisual.

## 2020 agosto IMERSÃO Formação de Esquizodramatistas

### TEMAS

A construção de um saber e fazer produtivo-desejante-revolucionário – a esquizoanálise como nomadopraxis revolucionária.

Gregorio Kazi

O paradigma ético, político, estético, econômico, subjetivo, ecológico, tecnológico e maquínico.

Patrícia Ayer e Marcelo Fontes

Klínica dos pulsares – diferença e repetição.

Flávia Resende, Carolina Rocha, Ettore F. Scalon, Marcelo Fontes e Gregorio Kazi

A Análise institucional esquizodramática.

Margarete Amorim

Gênese histórico-social, principais conceitos.

Rogério Felipe Teixeira

Capitalismo, Estado, micro e macrofascismos e esquizodrama.

Domenico Uhng Hur

Klínica das máquinas políticas.

Margarete Amorim, Domenico Hur e Rogério Teixeira

Esquizodrama e Decolonialidade: Decolonialismo. As relações étnico-raciais no esquizodrama.

Julia M. Munhoz

Klínica: Corpos latino-americanos: afetos, devires e insurgências. Intercessorxs: Lucas Veiga, Saulo L.

Fernandes, Andréa B. Flores, Koram Xucuru-Kariri

“No princípio foi a ação”. O corpo. Teoria, Método e Técnica.

Jorge Bichuetti

A língua viva.

Júlia Munhoz

Novas tecnologias.

Marcelo Fontes e Rogério Teixeira

Esquizodrama - Klínica: devir natureza – ressonâncias e linhas de fuga.

Intercessoras: Maria de Fátima Oliveira, Camila Bahia e Raquel Bessa Martins Andrade.

Covisão. Intercessorxs: professorxs e alunxs.

### PROGRAMAÇÃO

Sexta:

18h – Abertura da Plataforma

18:05h às 18:20h: Abertura do Curso: Apresentação do curso, do Instituto, dos professores e da programação Margarete Amorim

1. A Esquizoanálise

18h às 22h 17:55 - Abertura da plataforma

18:20h às 19h A construção de um saber e fazer produtivo-desejante-revolucionário – a esquizoanálise como nomadopraxis revolucionária. Gregorio Kazi

19h às 19:40h e 19:40h às 20h O paradigma ético, político, estético, econômico, subjetivo, ecológico, tecnológico e maquínico. Intercessorxs: Patrícia Ayer e Marcelo Fontes

20h às 20:20h – Intervalo

20:20h às 22h Clínica dos pulsares – diferença e repetição. Intercessorxs: Flávia Resende, Carolina Rocha, Ettore F. Scalon, Marcelo Fontes e Gregorio Kazi

Sábado:

2. A Análise Institucional

9h às 13h 8:55h – Abertura da Plataforma

9h às 9:30h Gênese histórico-social, principais conceitos. Rogério Felipe Teixeira

9:30h às 10h A Análise institucional esquizodramática. Intercessora: Margarete Amorim

10h às 10:30h Capitalismo, Estado, micro e macrofascismos e esquizodrama. Domenico Uhng Hur

10:30h às 11h – Intervalo

11h às 12h – Clínica das máquinas políticas.

Margarete Amorim, Domenico Hur e Rogério Teixeira

12h às 12:30 – Distribuição em salas de pequenos grupos. Intercessores: todxs professorxs 12:30h às 13h – Retorno para a sala principal compartilhamento.

Todxs professorxs

13 às 14h Intervalo

14h às 18h 13:55h – Abertura da Plataforma

3. Esquizodrama e Decolonialidade: Decolonialismo. As relações étnico-raciais no esquizodrama

14h às 14:10 – Apresentação.

Julia M. Munhoz

14h às 16h – Clínica: Corpos latino-americanos: afetos, devires e insurgências.

Lucas Veiga, Saulo L. Fernandes, Andréa B. Flores, Koram Xucuru-Kariri

16h às 16:30h - Intervalo

16:30h às 18h – Covisão.

Professorxs e alunxs.

Domingo:

8:55h – Abertura da Plataforma

9h às 13h 8:55h – Abertura da Plataforma

9h às 10:00h – “No princípio foi a ação”. O corpo. Teoria, Método e Técnica.

Jorge Bichuetti

9:50h às 10:30h - A língua viva.

Júlia Munhoz

10:30h às 11h: Intervalo

11h às 11:30h e 11:30 às 12h – Novas tecnologias.

Marcelo Fontes e Rogério Teixeira

12h às 13h – Contribuições dos professores e alunos

13 às 14h Intervalo

13:55h – Abertura da Plataforma

ESQUIZODRAMA

14h às 16h – Clínica: devir natureza – ressonâncias e linhas de fuga.

Maria de Fátima Oliveira, Camila Bahia e Raquel Bessa Martins Andrade.

16h às 16:30h - Intervalo

16:30h às 18h – Covisão. Intercessorxs: professorxs e alunxs.

## PROFESSORES E CONVIDADES

Gregorio Baremlitt: Médico psiquiatra, livre docente pela Universidade Nacional de Buenos Aires, psicoterapeuta, analista institucional, esquizoanalista, esquizodramatista, inventor do esquizodrama, professor em três universidades argentinas e quatro universidades brasileiras. Autor de vários livros e numerosos artigos.

Margarete Amorim: Psicóloga clínica, organizacional e do trabalho (CRP-4967/04), mestre em educação, inventora da pedagogia clínica, consultora, supervisora e professora em políticas públicas e gestão de equipes, análise institucional, esquizoanálise e esquizodrama. Mestrado em educação e doutoranda em psicologia social.

Gregorio Kazi: Licenciatura em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires (Uba), Especialista em Esquizoanálise e Análise Institucional pelo Instituto Félix Guattari de Belo Horizonte e Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Fundador do Movimento Nacional de Desmanicomialização Argentino co-fundador da Universidade Popular Madres de Plaza de Mayo, Diretor da Carreira de Psicologia Social da UPPM, Diretor Geral dos Congressos de Saúde Mental e Direitos Humanos. Professor da Universidade de Uberaba, coordenador da Liga de Saúde Mental da Universidade de Uberaba e Professor do Instituto Gregorio Barenblitt de Belo Horizonte, Autor de diversos livros.

Jorge Bichueti: Médico Sanitarista e homeopata, analista institucional, esquizoanalista e esquizodramatista. Médico do Caps-Maria Boneca em Uberaba, da Fundação Gregorio F Barenblitt.

Maria de Fátima Oliveira: Psicóloga, especialista em saúde mental. Fundadora, presidente e coordenadora da Fundação Gregorio Barenblitt CAPS Maria Boneca. Supervisora no matriciamento da RAPS de Uberaba. Esquizodramatista, palestrante conferencista em Saúde mental, análise institucional e direitos humanos.

Ettore Scalon: Graduado em Psicologia pela Universidade de Uberaba (UNIUBE), Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Psicólogo Clínico, esquizoanalista e esquizodramatista da Clínica Devir. Também atua como Psicólogo Clínico na Clínica de Psicologia da Universidade de Uberaba.

Carolina Rocha de Carvalho: Graduada em História e Psicologia, Professora na Universidade de Uberaba, Psicóloga clínica esquizoanalista e esquizodramatista da Clínica Devir, mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro e autora de capítulos de livros na área de História.

Marcelo Fontes: Filósofo e Mestre em Literaturas (PUC-MG); Esquizodramatista e Esquizoanalista (IGB); pesquisador pelo núcleo "Pratiques et théories du sens" na Universidade de Paris VIII (2010-2015); realiza pesquisa com temas relacionados às novas tecnologias, vozes narrativas e escritas digitais; plágios e panfletagem contracultural eletrônico. (@deleuzerecombination).

Rogério Teixeira: Psicólogo formado pela PUC-MG e mestre em psicologia social pela UERJ. Atua como professor de psicologia na graduação da UNIBH. Trabalha com análise institucional e esquizoanálise, interessado em pesquisas relacionadas às novas tecnologias de informação, comunicação e processos de subjetivação.

Julia Minossi Munhoz: Psicóloga (CRP - 15/3431), pela Universidade Estadual de Maringá-PR. Pós Graduada em Esquizoanálise, Esquizodrama e Análise Institucional pelo Instituto Gregório Barenblitt, em Belo Horizonte-MG. Pós Graduada em Psicologia Clínica, Análise Bioenergética, pela Libertas-Recife-PE. Psicoterapeuta individual e de grupo, professora e esquizodramatista.

Camila Bahia Leite: Psicóloga Clínica graduada pela UFMG, especialista em Saúde Mental (UNIUBE), Psicologia Social (CFP), Esquizoanálise, Esquizodrama e Análise Institucional (Instituto Gregorio Barenblitt). Atua como psicóloga e supervisora clínico institucional pela Fundação Gregorio Barenblitt/CAPS Maria Boneca, Mantevedora da RAPS de Uberaba, Conselheira pelo CRPMG (CRP04/15158)

Raquel Bessa M. Andrade: Psicóloga clínica, supervisora, especialista em saúde mental, esquizodramatista e esquizoanalítica. Psicóloga e acompanhante terapêutica do CAPS Maria Boneca/Fundação Gregorio Barenblitt de Uberaba-MG. Psicoterapeuta individual e de grupo.

Patrícia Ayer: Psicóloga - antimanicomial, feminista e antiproibicionista - pela UFMG, com formação em Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama pelo IGB, mestrado em psicologia clínica pela PUC-SP. Atua como psicóloga da rede de saúde mental da PBH, experiência com grupos e famílias, sobretudo com quadros de psicose e dependência química. Atende em consultório particular.

Domenico Uhng Hur: Psicólogo, mestre e doutor em Psicologia Social USP, com estágio doutoral na Universidade Autônoma de Barcelona e pós-doutoral na Universidade de Santiago de Compostela (USC), Espanha. Professor Associado de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Autor e organizador de livros de esquizoanálise e de psicologia



política, entre eles: "Psicologia, Política e Esquizoanálise" (Hur, 2018) e "Psicologia dos extremismos políticos" (Hur & Sabucedo, 2020).

Flávia Resende Guimarães: Psicóloga e esquizodramatista. Atualmente com dedicação prioritária à clínica e a projetos junto ao Instituto Gregório Barenblitt, trabalhou por 10 anos como psicóloga do trabalho, experimentando o esquizodrama em diversos coletivos e organizações. Graduada em psicologia pela PUC Minas, com formação em Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama pelo Instituto Gregório Barenblitt.

Lucas Veiga: Psicólogo e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Trabalha com psicologia clínica, análise institucional e consultorias. Pesquisa sobre saúde mental, questões raciais e anticoloniais. Palestrante, escritor, prestador de serviços para instituições, psicólogo clínico, acadêmico e professor. Idealizador e professor dos cursos "Introdução à Psicologia Preta", "O cuidado em saúde mental no contemporâneo", "Frantz Fanon e Esquizoanálise".

Andréa B. Flores: Mulher de Teatro de Belém, Pará. Terapeuta Ocupacional formada pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Doutora em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora efetiva da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA). Atriz, palhaça, diretora de teatro, artista do Teatro do Desassossego. Atua e pesquisa comicidades amazônidas e práticas de cuidado, nas fronteiras entre arte, sentipensares de floresta e esquizoanálise.

Saulo Luders Fernandes: Psicólogo e mestre em psicologia. Doutor pela USP. Realiza pesquisas e projetos de extensão na área de psicologia social e política com ênfase na luta e garantia de direitos de comunidades tradicionais, quilombolas, indígenas e movimentos de luta pela terra da região do agreste Alagoas. Professor do programa de pós-graduação de psicologia nível mestrado na UFAL. Coordena linha de pesquisa no grupo de pesquisa Psicologia da Saúde intitulada: práticas de saúde, contexto rural e cotidiano. Tutor do PET-NESAL.

Koram Xucuru Kariri: Koram Xucuru Kariri Pertence à etnia Xucuru-kariri, aldeia Mata da Cafurna em Palmeira dos Índios - AL. Mezinheira e liderança da sua comunidade. Idealizadora do projeto Magia da Terra, que trabalha o fortalecimento da medicina tradicional indígena, usando como ferramentas as ervas, cantos, danças e artes indígenas como cura. Mezinheira, terapeuta holística, mestra em Reiki Xamânico, cura através da respiração e do corpo, terapia com cristais e argiloterapêutica.

## **OUTRAS PÁGINAS presentes nos textos das divulgações**

### *APRESENTAÇÃO*

"O esquizodrama tem uma finalidade última que é a de inovar. Além da exploração do saber da loucura. Todo mundo tem uma experiência, todo mundo tem capacidades, todo mundo tem uma escolha. Nós temos uma confiança nas potências de cada um." Gregorio Barenblitt

O Instituto Gregorio Barenblitt é uma organização social que tem se dedicado desde a década de 1990 a formações, intervenções clínicas e institucionais, publicações e realização de eventos relacionados ao Esquizodrama, à Esquizoanálise e à Análise Institucional, assim como a teorias e práticas afins. A utopia que move esse coletivo é a intensificação de novos modos de acontecer e devir, que inventem mundos mais livres, justos, fraternos, ecológicos e sustentáveis.

### *ESQUIZODRAMA*

O esquizodrama é uma prática de produção de conhecimento e de intervenção clínica e institucional (podendo ser individual, grupal e coletivo), que tem o objetivo de intervir nos modos de produção de subjetivâncias contemporâneas, buscando intensificar suas forças e potências libertadoras, transmutadoras de realidades adoecedoras e capazes de inventar um bem viver. Seu campo teórico e de intervenção é inspirado em saberes e fazeres como os da esquizoanálise, da análise institucional, das artes, da literatura, dos saberes populares, da loucura, e em todos que têm como utopia ativa o auto-conhecimento e a autogestão de novos mundos. O esquizodrama foi criado na década de 1970, por Gregorio Barenblitt.

### *IMERSÃO Formação de Esquizodramatistas*

Trata-se de uma formação continuada, constituída sempre de uma introdução, para aqueles que estão participando pela primeira vez e de aprofundamento em temas constitutivos deste saber-fazer. Acontece em formato intensivo - imersão, sempre no último final de semana de janeiro e de julho de cada ano.

A imersão é constituída de 4 momentos:

- Apresentação e introdução ao Esquizodrama
- Consolidação de sua teoria-método-técnica/klínicas\*; Vivência terapêutica esquizodramática;
- Acontecimentos históricos-sociais e esquizodrama
- Covisão e avaliação do encontro.

Na Imersão são tratados:

- Temas urgentes da atualidade, em seus aspectos econômicos, políticos, artísticos, culturais, subjetivantes, somáticos, ecológicos. Em suma: modos de acontecer e devir críticos e drasticamente inovadores;
- As diversas contribuições à teoria, ao método e à técnica/klínicas do esquizodrama; • A práxis do esquizodrama: teoria, método e técnica/ klínicas;
- Experimentações em esquizodrama;
- Covisão sobre as experimentações em esquizodrama.

### *PARA QUEM*

Profissionais e estudantes de diversas áreas - de terapias, das artes, das políticas públicas (saúde, educação, assistência social, meio ambiente, cultura, saúde mental, direitos humanos e do planeta etc) de organizações públicas e privadas, de organizações e movimentos sociais, da política, além do público em geral, interessado em refletir e intervir nas realidades e em seu modo de acontecer e devir.

---

\*Klínica: Klínica com K, para diferenciar da clínica tradicional. Tem como etimologia a palavra clinamen, dos filósofos atomistas, que traduzimos como desvio. Os atomistas, para explicar a origem da matéria, diziam que os átomos caíam em paralelo e, no mínimo tempo e máxima velocidade, se desviavam e se chocavam. Tal era o clinamen - esse desvio que produzia uma nova realidade (que denominamos realiteridade – uma outra realidade). O esquizodrama, então, vai produzir desvios do modo de vida dominante em nossa sociedade, apostando em ações micro e macro, sempre com uma abordagem molecular.

A época contemporânea em que vivemos, na que misturam tempos cronológicos com outros aqui presentes e proto futuros, destacamos questões que se mostram como dominantes, ou paradoxos, ou como contradições insolúveis. Não obstante, é frequente vê-las mutar para novas concepções, invenções e/ou criações a partir de fontes e estatutos inimagináveis. Por exemplo, o esquizodrama, criado e desenvolvido por Baremlitt e seus colaboradores, desde 1970. “Essa práxis funciona como um conjunto difuso de teorias, pragmáticas, estratégias, táticas, técnicas e klínicas inspiradas, especialmente, em diversas leituras praticadas na obra de Deleuze e Guattari.” Gregorio Baremlitt

### **CALENDÁRIO Janeiro de 2022**

Introdução à Análise Institucional

Previsão: maio de 2022.

COVISÃO Trata-se da prática esquizodramática do que geralmente se denomina supervisão. Caracteriza-se por ser realizada de forma democrática, sendo a covisora apenas uma facilitadora, buscando que todos os participantes possam se expressar, numa composição coletiva do saber-fazer sobre os diferentes casos/estudos apresentados. Os mesmos podem se tratar de vários campos: das terapias, organizacionais, da educação, das artes, da militância, das políticas públicas e do modo de existir no mundo. Coordenação: Margarete Aparecida Amorim Início: 22/02/2022 Horário: terças-feiras, quizenalmente, de 20:30 às 22h. Carga horária: 15h (10 encontros de 1:30h cada). Valor: R\$ 200,00/ mês ou R\$ 1650,00 à vista. Cotas: [50% das vagas] para indígenas/Negres/Não cis gêneros/PCD. Bolsas para ativistas de movimentos sociais, mediante contato por e-mail.

Introdução à Análise Institucional

Previsão: maio de 2022.

COVISÃO Trata-se da prática esquizodramática do que geralmente se denomina supervisão. Caracteriza-se por ser realizada de forma democrática, sendo a covisora apenas uma facilitadora, buscando que todos os participantes possam se expressar, numa composição coletiva do saber-fazer sobre os diferentes casos/estudos apresentados. Os mesmos podem se tratar de vários campos: das terapias, organizacionais, da educação, das artes, da militância, das políticas públicas e do modo de existir no mundo. Coordenação: Margarete Aparecida Amorim

Início: 22/02/2022

Horário: terças-feiras, quizenalmente, de 20:30 às 22h.

Carga horária: 15h (10 encontros de 1:30h cada).

Valor: R\$ 200,00/ mês ou R\$ 1650,00 à vista. Cotas: [50% das vagas] para indígenas/Negres/Não cis gêneros/PCD. Bolsas para ativistas de movimentos sociais, mediante contato por e-mail.

#### LABORATÓRIO DE PESQUISA EM ESQUIZODRAMA E TEMAS AFINS – LEPE/IGB

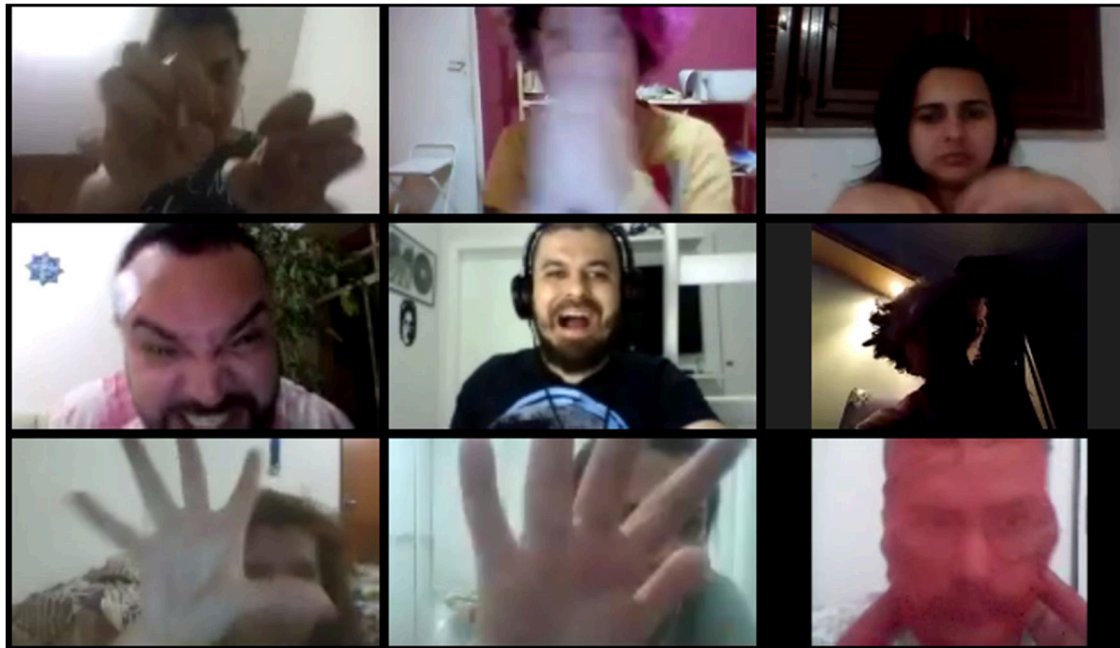
Grupo de esquizodramatistas que se interessam em aprofundar seus estudos e investigação sobre a prática do esquizodrama e temas afins, com objetivo de publicação. Eixos de pesquisa: epistemes do esquizodrama; arte e literatura no esquizodrama; esquizodrama na educação; tecnologias no esquizodrama; políticas, movimentos sociais e esquizodrama; clínicas.

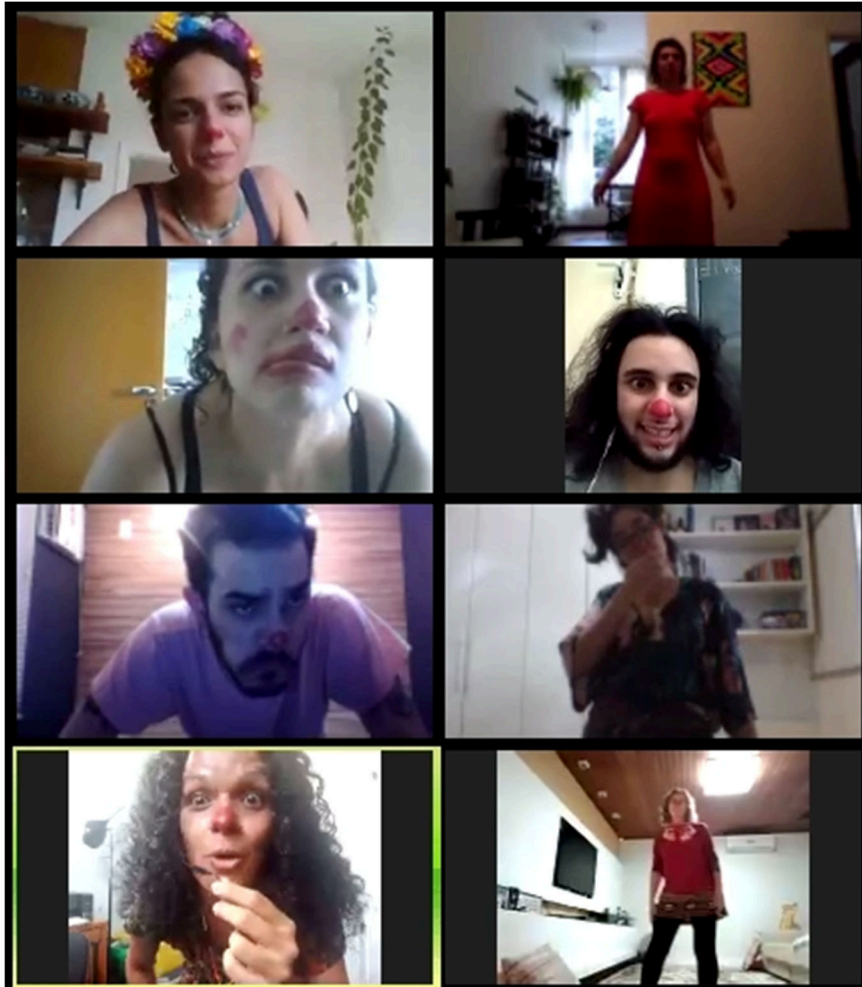
Para participar: ter realizado pelo menos 5 imersões ou experiências equivalentes.

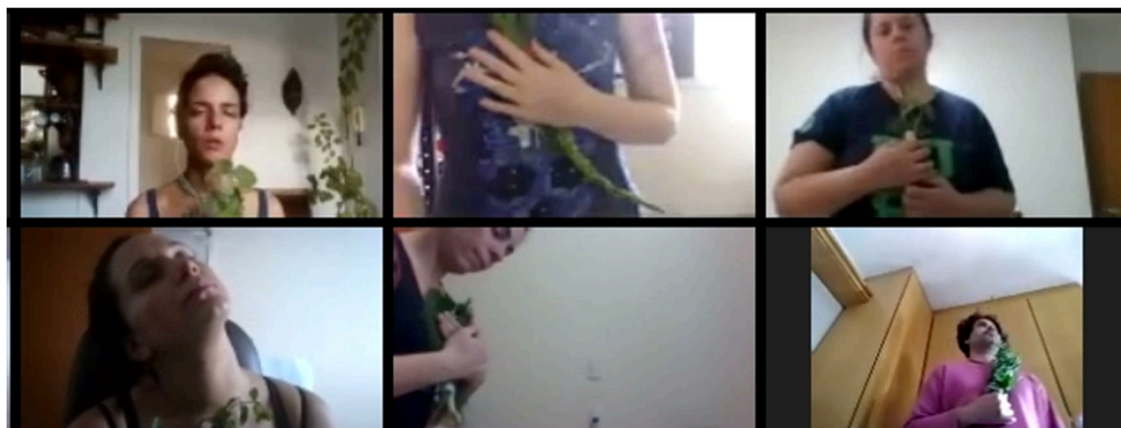
PSICOTERAPIA ESQUIZODRAMÁTICA Individual, grupal ou coletiva: realizada por toda a equipe do IGB – on-line ou presencial.

CONSULTORIA/INTERVENÇÃO INSTITUCIONAL ESQUIZODRAMÁTICA Realizada por demanda de indivíduos, grupos, organizações públicas e privadas e movimentos sociais. LIVROS Pedidos no site [www.igbbh.com.br](http://www.igbbh.com.br) MÍDIAS SOCIAIS Instagram: @inst\_baremlitt Youtube: Instituto Gregorio Baremlitt

**ANEXO 3: Imersões Formação de Esquizodramatistas presencial e on-line****a) Imersão Formação de esquizodramatistas on-line**











**a.1) Convidados Imersão Formação de esquizodramatistas on-line**



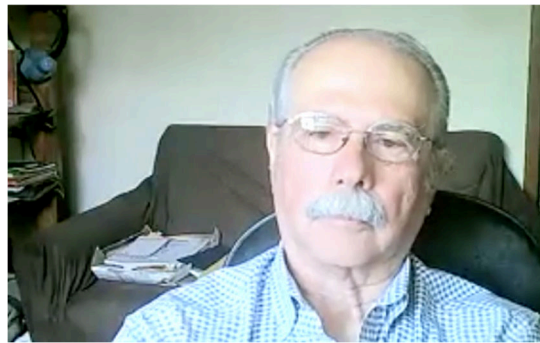
ABRAÃO DE OLIVEIRA SANTOS



AILTON KRENAK



ALEXANDRA RODRIGUEZ



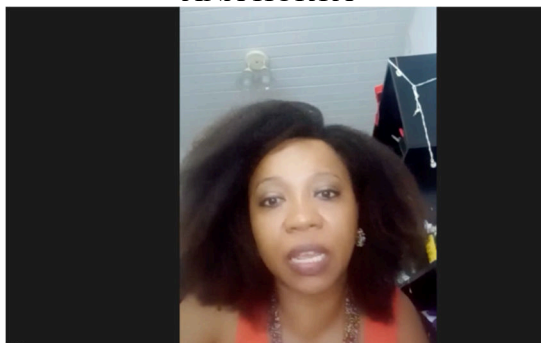
ALFREDO MARTIN



ANA HORTA



CASÉ ANGATU XUCURU



CRISTIAN SALES



DU MACEDO



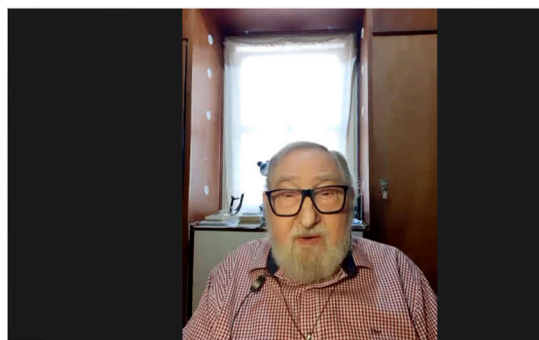
EDUARDO LOCISER



EDUARDO VERAS



GENI NUNES



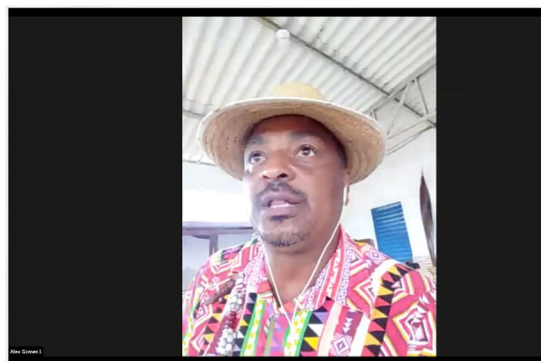
GREGORIO BAREMLITT



KORAM XUCURU KARIRI



LUCAS VEIGA



PAI ALEX



PETER PÁL PELBART



SAULO LUDERS

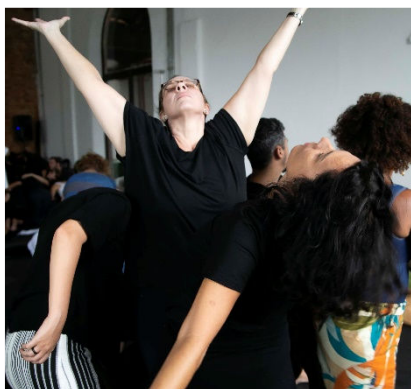
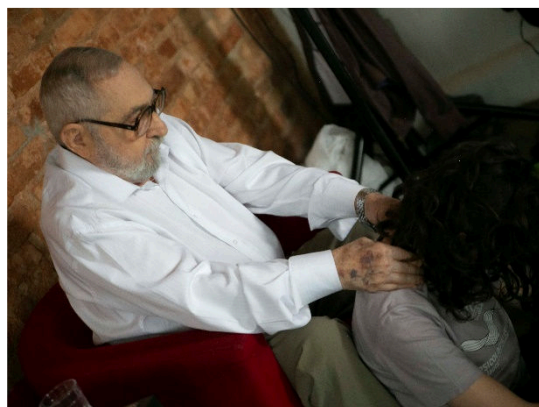
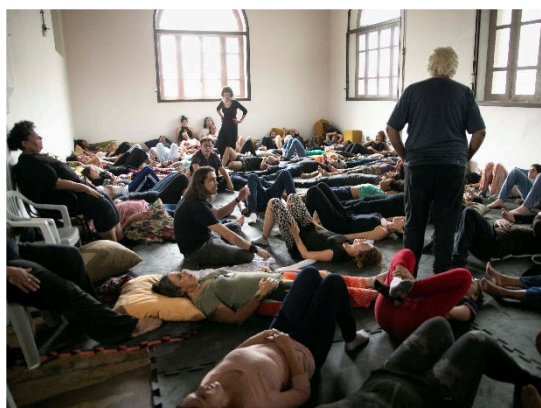


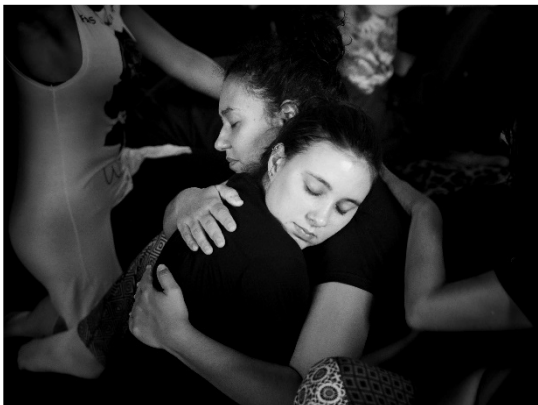
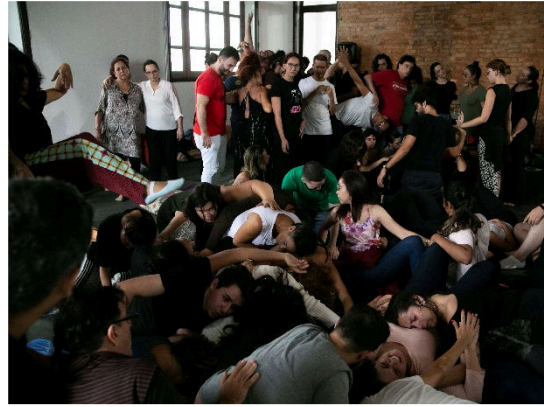
SÔNIA GUAJAJARA



ZÉ CELSO

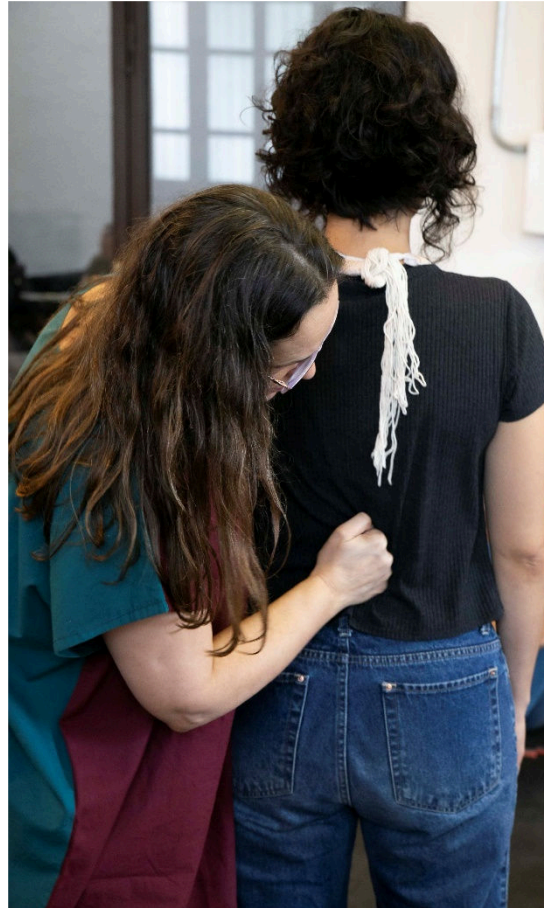
**b) Imersão Formação de Esquizodramatistas presencial**













**ANEXO 4: Caps Maria Boneca – Fundação Gregorio F. Baremlitt**





19:58

73%



## ANEXO 5: Memórias Sempre Vivas





